



CHRONICA DO TEMPO DOS PHILIPPES

AFFONSO D'E. TAUNAY

CHRONICA
DO TEMPO DOS PHILIPPES

12.

TERCEIRO MILHEIRO

1910

CHRONICA DO TEMPO DOS PHILIPPES

CAPITULO I

OS ARRUADORES

Entre uma e duas horas da madrugada de 3 de Maio de 1631, como lobrigassem os tres quadrilheiros que rondavam a comprida rua das Arcas, a approximação de temeroso ajuntamento, vindo do Largo do Rocio, a fazer enorme algazarra, rapidamente abandonaram o posto, tudo lhes denunciando, nos noctivagos fidalgos a modo de se divertirem.

Aquelles prudentes aguazis lisbonenses occorrera, immediatamente, a repetição da scena havida, dias antes, no becco de Ponce de Leão, onde, a dous camaradas, desapiedadamente espancara numerozo grupo de gentishomens, e, de forma tal, que, para maior gaudio dos aggressores, por morto ficara um dos miseros na calçada, safando-se o segundo em lastimavel estado.

Constantes eram as rixas travadas entre noctambuloz de alta gerarchia e policiaes; não ousavam estes —

quasi sempre tímidos e pacatos burguezes — empregar os chuços, alabardas e lanças, com que os armara a ordenança real, procurando, quanto possivel, fugir á sanha dos contendores, apezar de muito lhes prescreverem cartas regias e alvarás o acudirem, com a maxima diligencia, ás « *voltas, arruidos e insultos* ».

Minutos após a retirada dos galfarros chegava, ao ponto desamparado, o terrífico tropel; perplexos estavam vinte e tantos rapazes, que discutiam n'um palavreado vehemente e nada casto.

Dir-se-ia, pelo tom altisono da conversa e a exuberancia da gesticulação, que a maioria dos retardatarios passeantes se achava sob o imperio de prolongadas e copiosas libações; os que não debatiam acompanhavam os bregeiros estribilhos de dous ou tres tocadores de viola.

Pela elegancia e riqueza dos ferragoulos e gibões novos, dos finos corpetes bordados, dos calções de velludo e das meias de seda, apertadas por grandes e françadas ligas de compridos nós, das longas botas de couro claro subindo aos joelhos, dos largos collarinhos de finas rendas, avaliava-se logo a qualidade dos turbulentos.

Grandes chapéus, ornados de longas plumas, traziam alguns, a outros embuçando desabados sombreiros aragonezes; pesada e indolentemente caminhavam, apoiando, sobre o castão de altas bengalas, as mãos cobertas pelos crivos das guarnições dos punhos.

Não primavam, pela illuminação, as ruas de Lisboa; provinha-lhes a luz, geralmente, de pequenas lampadas de azeite, acesas em frente a nichos de Santos, vassados entre janellas; de longe em longe, mortiços lampeões dentro de enormes lanternas, suspensas de ganchos fixos ás casas, relembavam a solicitude dos edis

olisiponenses, em não deixarem os municipes completamente entregues á afflicção das trevas.

Estava, pois, a rua das Arcas immersa na escuridão ; pozera-se a lua, e das casas, hermeticamente fechadas, não coava a minima restea de luz.

— Sigamos pela rua da Concordia, aventou um dos noctivagos, aproveitando momento de relativo silencio.

Contestaram-lhe com maus modos :

— Para que? Porque não por outra qualquer?

— Para que? Para se fazer alguma cousa; parecemos estuporados, a crear raizes nesta esquina.

— Seria tão mais sensato que cada qual recolhesse pacificamente á casa, lembrou, entre bocejos, um amante da tepidez dos leitos. Que frio horrivel, Santo Deus!

Dominando o tumulto das conversas, destacou-se forte e pausada voz, um sotaque diverso do lusitano :

— Optima ideia, que applaudo com todas as forças! Meus senhores! permittam-me que lhes abandone a companhia; já é muito tarde, estou longe de casa, faz um frio insupportavel, e — eis o principal — vou ter amanhã um dia dos mais trabalhosos. Como sabem, o serviço real não me concede a liberdade e as folgas de que gozam os amigos.

— Não! e não! redarguiu, peremptorio, um adolescente de modos e feições adamadas, vestido com extraordinario apuro e exageros de faceiricc.

Seria isso, meu caro Snr. Jorge de Lorena, a mais indigna das deserções. Ao serviço d'El Rei tambem ando eu e, no emtanto — por cousa alguma — renuncio á folia agradavel desta noute.

— Agradavel!? São modos de apreciar...

Indignado, a sacudir freneticamente o indicador direito, verberava o rapazola :

— Agradavel sim! Muito agradavel até!

— A ti talvez e unicamente...

— Alem de tudo, se não és um alarve, precisas responder á amabilidade dos amigos que, para se despedirem de ti, de mim e de Simão de Gouveia, nos acompanham, nestas ultimas horas de Lisboa.

Acaso, no teu selvagem paiz, encontraremos cousa, de longe, comparavel á deliciosa vida que vamos deixar?

Paciente, ponderou Lorena:

— Mas, meu caro D. Francisco, que podemos fazer de divertido neste momento? Haverá prazer em palmearmos estas ruas ermas, tontos de somno... e de vinho, ao menos alguns? E o serviço d'El Rei?

Empertigou-se o rapaz:

— Pelo amor de Deus! Se ainda se tratasse de rei portuguez... comprehenderia esses escrupulos.

— Quer parecer-me que S. M. Catholica... é tanto o nosso rei quanto...

— Presentemente... resmonearam vozes hostis.

— Não pretendo discutir... estou a morrer de somno e de frio e vou deitar-me.

Fitou-o surpreso um dos circumstantes:

— Dormir? Ainda não são duas horas!

— Com effeito! para quem se levanta ás tres, ou ás quatro da tarde...

Tenazmente pugnando contra a desagregiação do bando, insistia D. Francisco a choramigar:

— Compreende-se perfeitamente que te agrade essa expedição ao Brazil, a tua hórrivel terra, para onde me impelle, desesperado, a vangloria de meu Pae... Ah meu Pae! homem de orgulho e vaidade!... Que vou eu buscar á America? a morte, certamente... Sahir deste mundo... tão bom... tão lindo... tão alegre... A ti, pelo contrario... é por isso que te queres deitar... espera a explicação.

Apoderando-se de uma guitarra, poz-se o lamurioso joven a cantar certa xacara.

→ Eis porque, explanou, está o nosso amigo ancioso por ver zarpar, quanto antes, a esquadra do Snr. General Oquendo.

Provocara risota a allusão da trova; irritado reprehendeu Lorena:

— Taes brincadeiras se não partissem de ti, leviano e...

— Qual! deixa-te de basofias! chasqueou um dos noctivagos.

E continuando a cantiga:

— Mas lhe tornava a menina,
Basta! vae-te cavalheiro.

Enfureceu-se o debicado:

— Cala-te! Não me faças...

— Ora! não sejas idiota....

Basta! vae-te cavalheiro.

Avançando sobre o motejador, deu-lhe o brasileiro um safanão, que o derribou, com extraordinaria facilidade.

Acudira D. Francisco:

— Não vês que o pobre diabo está bebado, e mal pode comsigo! És tal qual os teus patricios aymorés e tupinambás. Anda, acompanha-nos!

Envergonhado do rompante, e sem maior opposição, seguiu Lorena ao bando, que, afinal, devido ás energicas instancias de D. Francisco, moveu-se para estacionar duzentos passos alem.

— Mas pelo amor do ceu, onde vamos? recommçou um impaciente. Estou farto de andar sem destino.

Suggeriu alguém, persuasivo:

— Se arriscassemos uns dinheiros á casa do Elias?

— Deus nos livre d'aquelle immundo judeu ! perdição da fidalgaria desta cidade, e minha especialmente.

Entendeu um moralista vituperar o jogo :

— Não comprehendendo porque tanta gente ha de jogar. E bem feito que perca, e muito... Olhem... não toco numa carta.

— Sim, hoje ! Depois de memoraveis acções que devoraram uma fortuna.,.

— O Elias é um miseravel, gemeu o vicioso. Já me roubou um dinheirão. Queira Deus... descubram logo que no seu antro a banca e a baceta têm infernal movimento, e assim o degredem, quanto antes, para a Africa !

— Ingenuo ! não sabes que nunca o molestarão ? Ha dias, disse-me um dos creados que, em certo quarto do fundo da espelunca, se reune gente da (mais importante desta cidade. E, alem disso, estou informado de que, constantemente, empresta grandes sommas aos maiores personagens do Reino ; até á casa real... parece.

Lamentou-se a victima do israelita, entre revoltado e succumbido :

— Bons emprestimos ! o meu rico dinheiro e o de outros coitados ! Que tempos ! Quanta degradação lavra por este Portugal ! Dá-me até vontade de pedir em casamento a filha de algum christão novo rico...

— Ha muito já o deveras ter feito...

— Só o dinheiro vale alguma cousa hoje ! sentenciou o detractor da epoca, addindo ao conceito largo gesto revelador da indignação e repugnancia que o aparte lhe causara.

Fala-se em allianças enxovalhadoras e ninguem se insurge ! Haja dinheiro, o resto é secundario ! Portugal como cabiste !

Até agora, de que me serviram oito seculos de limpida e crystallina linhagem, indestructivelmente entroncada nas mais gothicas e suevas ascendencias da Peninsula ? De que me valem longas filas de ancestres, com nomes arrevezados e rescendentes a chacina, epicos constructores deste paiz : façanhudos Gozendos, truculentos Bermudos, impavidos Ordonhos, implacaveis Sueyros... homericos esposos das castissimas Tarrejas, intangiveis Violantas, inexpugnaveis Elduaras, etc., etc. ?

— E não é pouco, rapaz !

— Todos assim me dizem : contenta-te com os ancestres ! A mim, descendente dos reis godos, por linha incontestavel, nada ajuda o primo de Madrid, o Snr. D. Philippe IV ! Ninguem me soccorre, e os meus leões, mais velhos que a monarchia, lamentosamente urram de fome !

É horrivel !... repugnante sobretudo !

— Vae-te para a India. Quem te mandou atirar pelas janellas tanto dinheiro ?

— Sempre a eterna exprobração de um peccadilho de mocidade ! Rico patrimonio ! Uns magros milhares de cruzados ! Convençam-se meus amigos ! o plano de Castella é desmoralisar, quanto possivel, este já tão sovado Portugal ! E o melhor meio, para isso, consiste na reducção da mais velha nobreza do paiz, á ruina, á extrema penuria. Haveis de ver-me, qualquer dia desses, genro de algum sujeito, que outr'ora tenha usado a carapuça amarella (1).

— Que degradação ! tornou-lhe o interlocutor, numa expressão de nojo.

— Que queres ? não posso viver na miseria, nem

(1) Impunha a antiga legislação portugueza, aos hebreus, o uso constante, em publico, de um capuz amarello.

privar a republica da presença de um dos mais nobres dos seus cidadãos. Pois é como lhes digo! Muito embora, no seu tumulto de Santo Amaro de Poyães, ranjam os dentes da caveira do grande Paio Godins, meu decimo terceiro avô, alcunhado o *Judengo*, pelas muitas perversidades e patifarias praticadas com os israelitas, que lhe cahiam ás mãos, muito embora a indignação avoenga de dezenas de gerações immaculas, e os protestos hypocritas dos parentes, que me deixam tranquilamente morrer á mingua e hão de pretender-se envergonhados com a minha decisão, estou resolvido a tomar por sogro qualquer judeu rico, que me aceite.

Não serei aliás o primeiro, nem o ultimo fidalgo portuguez, que tenha de habituar as narinas com as deliciosas emanações do fartum hebraico.

— Deixa-te de asneiras ! Nunca o farias !

-- É o que pensas ! Se os governadores do Reino desejam evitar a polluição de uma das mais velhas casas portuguezas, porque me não outhorgam um beneficio, uma commenda qualquer ? Agora por exemplo : acaba de vagar a de Villa Franca de Xira...

— Homem, que modestia ! uma das melhores da Ordem de Christo, nada menos de oitocentos mil reis !...

— Pois então ? será pouco preservar oito seculos de tradições, oitocentos annos de diaphana ascendencia, oitocentos annos, pertinaz e pacientemente, accumulados por uma raça, que liga remotissimas e altivolos gerações gothicas ás bastardas camadas contemporaneas ? !

Não é uma honra, para todos nós, a existencia de tal estirpe ! Terá El Rei em seu thesouro tão precioso adereço, quanto um subdito mais nobre que o seu monarcha ? E os amigos acham caro que eu peça modesta commendasinha de oitocentos mil reis, cedendo os

oitocentos annos da minha nobreza, á razão de dez tostões por anno ? !

— Se os apanhasses, hein ? bom negocio para as tavolagens...

Riu-se o vicioso :

— Creio que se fossemos ao Elias, eu recuperaria alguns cruzados, das centenas lá deixados nestes ultimos tres mezes. Tive de vender uma casita ! Estou com enorme fé nos dados, hoje.

Interveio D. Francisco :

— Quando lembras alguma cousa, pode-se apostar : é convite para jogo !

Não quero ouvir falar de cartas, nem de dados. Perdi ultimamente sommas enormes. Até agora, choro um lindo annel, que, ha tres mezes, se finou, graças ao jogo ; um lindo presente do padrinho.

Se fossemos ao Elias, novos duros iriam fazer companhia aos que já te surripinou, e, alem disto, a estas horas, não nos abriria a porta.

Abespinhou-se o apologista dos lances do azar :

— Não abriria a porta ? A mim ? Estás doudo ! Pois experimentemos... custa tão pouco...

— Nada de jogo ! perimiu D. Francisco...

Soltando alvar gargalhada, rompeu um dos rapazes o dique á represada facundia :

— Em cousas de jogo ha historias impagaveis ! Aconteceu-me uma, na tavolagem do Custodio, á rua do Pato ! Já largara uns trinta cruzados, quando, de repente... deu-me uma gana, uma rajva ! Que falta iam fazer-me aquellas ricas moedas, furtadas pelo larapio do judeu !

Estava elle só... com um dos creados... fechei a caranca e fui-lhe logo dizendo : ladrão ! quero o meu dinheiro, e mais vinte cruzados de multa, senão arre-bento esta caverna e vamos juntos ao corregedor !

Pois o lorpa não reagiu gangento, chegando a ameaçar-me?! Começou allegando que o jogo correra honestamente — uma falsidade! — e acabou acusando-me de tentar empalmar cartas!

Enchi-lhe as fuças, e ao lacaio, de bofetadas, espatifei varios cacareus do antro e — ahi é que está a graça — sahi levando — adivinhem quanto? — sessenta cruzados, meus ricos!

E ainda, á porta, pediu-me o sujo que o não denunciasse, que o corregedor de São Nicolau anda morto para o apanhar e applicar-lhe a penasinha: alguns annos de Brazil, após umas boas caricias do vergalho.

Em questões de jogo, nossas leis são verdadeiramente sabias, pois tudo permitem em tavolagens, menos matar.

Começaram a chover as interpellações sobre D. Francisco:

— Que é que se decide? — onde vamos? — Que frio! É nós a vagarmos! — Vamo-nos deitar! é o sensato!

— Uma ideia, senhores! exclamou um moço, cuja face esquerda ostentava colossal gilvaz. Demos caça aos beleguins! É muito divertido, como sabem... os coitados correm... com um medo!

Alem disso, tenho boa desforra a tomar. Ha mez e meio, á rua dos Trapeiros, abriram-me a cabeça, presenteando-me, por cima, com este arranhão da bochecha e quinze dias de cama.

Mas tambem! que tosa lhes applicámos, santo Deus! Eramos seis: Simão de Almeida, Jorge de Sá...

— Não vale a pena, impugnou alguém. É covarde e estúpido! Entre nós estão diversos officiaes, não te esqueças. Desde que, ha dous annos, vi morrer um pobre diabo de aguazil, jurei nunca mais provocar a pessoa alguma.

Contrariou-se o rixador :

— Abriste mão de um nobre divertimento, é o que te affianço !

— Tudo rejeitam os amigos, censurou outro noctambulo ; vamos a ver se serei mais feliz, inspirando uma ideia ; batamos á porta da Maria Sanchez...

— Gente insupportavel, incontentavel ! Vámos á casa da Maria Sanchez, annunciou D. Francisco, peremptorio e respondendo a varios protestos.

— É muito tarde !...

— Melhor seria se por essas ruas afora corressemos a bradar *Fogo ! Fogo!* soltando gritos lancinantes que acordassem aos burguezes, e fizessem apparecer, ás janella, mulheres, encamisadas. Algumas ha realmente lindas !

— Ora lindas ! Onde viste belleza em gente do povo ? !

— E a mulher do armeiro da rua do Forno ? Não te' lembras, talvez, da taponna que te applicou, quando a seguíamos domingo passado ?

Impacientava-se a maioria.

— Que é que se faz afinal ? Inventá D. Francisco ! decide ! Homem sem imaginação !

Com os olhos languidos, a denunciar a insignificante energia que, para dilatadas digressões, lhe deixava a beberronia, expunha o devoto de Morpheu :

— Dormir ! dormir, meus senhores ! eis a unica solução ! Como é bom dormir !

— Se o pobre Fernão de Almeida aqui estivesse, alguma boa pilheria já teria inventado, affirmou um dos rapazes.

— Com certeza ! Coitado ! ainda hontem, soube o seguinte : o Governador do Reino garantiu-lhe ao pae que elle hade cumprir, por inteiro, os tres annos de degredo...

— Como anda este paiz! tamanha pena, só porque o pobre pulou, duas vezes, o muro do quintal das freiras de Santos, para falar á prima! E é filho de uma das mais illustres casas de Portugal! Diga-se, depois, que não ha rigor...

— O peor é que sem elle, andamos como almas penadas.

— Já estou rouco de os convidar para a casa da Maria Sanchez, urrou D. Francisco, furioso. Quem fôr homem me siga!

Poz-se o rancho a caminho, e, descendo a rua das Arcas, atravessou o Terreiro de São Nicolau, para galgar a rua das Cesteiras.

Havia, mais ou menos, no meio desta, grande casa de sobrado, feia e acaçapada, com cinco janellas ao balcão.

— Não façam barulho! advertiu D. Francisco. Vou bater de manso.

Passaram-se dez minutos de improficuos chamamentos; começara o moço por tocar, de leve, na aldraba da entrada, para, depois, violentamente, aos pontapés, assaltar as largas folhas da porta.

Ouviram-se, dentro, abafados gritos, e como que rapida confabulação de diversos individuos.

Pouco depois, das duas trapeiras da casa, despejavam-se baldes de aguas servidas, cuja queda provocou grande alvoroço na calçada.

Percebendo a situação insustentavel, rapidamente se afastou o effractor, acolhendo-o estrondosas gargalhadas, de que destoavam as violentas recriminações das duas ou tres victimas da insolita ducha.

— Caro sempre nos sahem as tuas invenções, arguiulhe uma dellas. Vê lá como fiquei!

— Ah meu velho! respondeu-lhe rindo o rapazola

embora bastante corrido; vae-te quanto antes! Estás tresandando! Fui tão feliz que mé não attingiu uma só gotta... Vae-te, e bem depressa, se não pretendes apanhar serio resfriamento.

Miseravel sujeita! continuou, no auge do furor. Hade pagar-me a brincadeira!

Amanhã mesmo a denuncio, e não descansarei enquanto não a fizer passear pelas ruas, com a enxarvia vermelha (1) até que a embarquem para a Africa, ou Brazil.

— Qual! deixa-a em paz! toda a razão lhe assiste. Estava perdida se commettesse a asneira de nos acolher.

Tomado de subita epilepsia, poz-se D. Francisco a rilhar os dentes de furor, correndo-lhe alva espuma pela commissura dos labios; allucinadamente proferia:

— Vamos pôr abaixo esta porta! Entremos á força!

— Alto lá! Taes caçoadas são graves! contradisse placidamente um joven gigante, louro e rosado, travando-lhe do braço. Queres, acaso, renovar a façanha da taberna do Costa, graças á qual mandaste o pobre diabo do creado *ad patres*?

— Deixa-me! raivava o embargado. Deixa-me, Simão!

— Nunca! ahí está uma asneira que não commettes! Forçar uma porta?! E com que fim?!

— *Indeed!* Certa vez, sahiamos da taverna do *White Swan*, em *Whitechapel*... começou a narrar um pedante, muito pelintra e perfumado.

— Todos nós sabemos que já estiveste em Londres, e não aprendeste o inglez, a não ser uma ou outra pequena phrase, desfructou-o Simão de Gouveia.

(1) Ao pelourinho expunham as proxenetas com uma carapuça vermelha e depois fustigavam-nas.

— Grosseiro! Brutamente! Invejoso! desfechou-lhe furibundo o elegante.

Cahira D. Francisco em grande abatimento, parecendo semi-atoño.

— Anda! ordenou-lhe o hercules, puxando-o como se fôra uma creancinha.

A todos impuzera respeito a rude intervenção; docilmente acompanharam os noctambulos a Gouveia, tão cansados que caminhavam quasi automaticamente; d'ahi a cinco minutos faziam novamente ponto, em outra esquina.

CAPITULO II

INCIDENTE IMPREVISTO

Benefica reacção provocara a marcha em D. Francisco, que, ao cabo de alguns instantes, readquirira a habitual garrulice.

— Ideias, meus senhores ! Ideias ! solicitava com instancia, ao perceber a fatal dissolução do bando, exaustos e entediados.

— Ideias ? com este frio ?

— Depois do ultimo fiasco ?

— Por isso mesmo ! humildemente recorro aos inspirados. Vamos lá, Jorge de Souza, salva a situação !

Reclamou impertinente o instado :

-- Agora ? tendo-se extinto o enthusiasmo geral ? Porque não me attendeste, quando propuz que gritassemos pelas ruas Fogo ! Fogo ! com o fim de attrahir ás janellas mulheres encamisadas ?

— Com este frio ? ninguem abandonaria os lençoes...

Parecia o annunciador de incendios empolgado por uma ideia fixa :

— Assim talvez poderemos avistar a admiravel...

— Que beldade é essa ? Com certeza algum estupor...

— A Anna Francisca, do Terreiro de São Nicolau, a mais linda mulher do Orbe, a obra prima da natureza !

A um gaiato excitara a veia tão grandes gabos :

— Perdão, meus senhores ! a obra prima da natureza é a torre de Belem...

Contava o facecioso que geral gargalhada lhe pontuasse a insulsa pilheria ; como tal não se desse, calouse, de enfiado.

Ruminava D. Francisco qualquer plano ; de repente, após agudo guincho :

— Estamos salvos !

— Como ? Como ? Alguma nova asneira !

— Meus senhores, ser-se intelligente é grande cousa ! Vamos começar saudando a formosa Anna Francisca com suave serenata, que lhe demonstre a ternura dos nossos sentimentos, e a admiração que lhe votamos, á belleza sem par...

Procuremos abrandar-lhe o petreo coração, exprobremos-lhe a incomprehensivel insensibilidade, ante as mais vivas e apaixonadas demonstrações de amor de todos nós, repellidos *in limina*, como dizia meu velho mestre o Padre Braz Duarte...

— *In liminis* ! corrigiu graciosamente, a bocejar, o somnolento.

— Pois seja *in liminis*, a differença é insignificante... repellidos *in liminis*, graças á absurda fidelidade ao marido, ao velho e repellente Mendes, por ella preferido a tudo quanto, nas Hespanhas, existe de mais puro e nobre sangue.

Dia e noute, ante o inexpugnavel redil, uivam os meus lobos, os lobos invenciveis dos Camaras.

Interrompeu-o com grande jactancia, enfezado homunculo de peito sumido e aspecto nevrotico e implícante :

— Fugam os lobos dos Camaras, que a aguia dos Azevedos paira sobre quelle cordeirinho, e breve o arrebatá...

— A aguia dos Azevedos ! pobre corvo ! engrolou D. Francisco, impertinentissimo.

Fez Simão de Gouveia expressiva carreta :

— Ah ? a tua aguia... é a mesma dos Azevedos ?

Exasperou-se o pygmeu :

— Os senhores de Lisboa ! sempre promptos a ridiculisar os fidalgos das provincias, mesmo quando nem de longe se lhes comparem em limpeza de sangue. Eterno vezo !

— Ninguem duvida, homem ! Livre-me Deus de discutir a nobreza dos Azevedos, Azevedo.

— Somos uma e unica familia, em Hespanha e Portugal... já o expliquei mil e uma vezes... Haverá aqui quem conteste a autoridade de João Rodrigues, algum genealogista, desconhecido illustre, que o desmintá ? Creio que a tanto ninguem se atreve... Pois vejam o que diz do nosso brazão... da aguia...

Trouxeram d'alta Allemanha :

— Veio de longe !

— Bruto !

E de Azevedo de Hespanha
Por testemunho e certeza
Da sua alta nobreza...

« E de Azevedo de Hespanha, » notem bem. Amanhã, sob pena de passares por calumniador, has de acompanhar-me á presença do Portugal Rei d'Armas.

Mostrou-se Simão aterrado :

— De D. Martim de Souza ? Deus nos acuda !

Lembras-te D. Francisco, quando lhe pedimos que destrinçasse o nosso parentesco? Só lhe escapamos ás garras após tres horas de sessão. Oh homem terrivel !

— É isso ! bom pretexto para esquivar-se a uma re-tractação! gritou o homunculo, possesso. Por essas e outras, hei de pregar uma bofetada áquelle malcreação de Fernão de Castro...

— E elle já o sabe, continuou o pirracento, pois me annunciou o seguinte : se lhe bateres no rosto, desce-te as calças, põe-te a cabeça entre as pernas e applica-te uma roda de palmadas...

Engasgava litteralmente o anão, sem achar replica, emquanto todos se riam da ameaça.

— Basta ! atalhou impacientado um dos circumstantes. Mesmo que o nosso Azevedo nada tivesse com a aguia em questão, sobram-lhe os meritos para o equiparar El Rei aos primeiros fidalgos de Portugal.

— Naturalmente, concordou Simão, voltando á carga. Sentenciam até os hespanhoes, com grande acerto :

*El brio, el brazo fuerte,
Lettras, virtud y la real potencia
Hazen esta exempcion y deferencia (1).*

Subiu as nuvens o cachetico :

— Insolente, atrevido ! Não é o meu caso ! Quem, como eu, tem nascimento ! nascimento illustre ! Ouçam, vão ouvindo !

Prosequira a questão nobiliarchico-genealogica, se a não abafassem ruidosos protestos.

Pacientemente recommçou D. Francisco :

— Voltemos a tratar da Anna Francisca.

(1) O character, o heroismo, lettras, virtudes e o favor real causam taes disparidades.

— Uma mulher honesta, observou um simplorio, cuja reflexão provocou pesados motejos.

— Acaso julgas, pascacio, que ella proceda, movida pela honestidade ? É uma mulher de gostos depravados ! Eis ahi. Procuremos convencela e, ao mesmo tempo, manifestar ao marido o desprezo que lhe votamos.

— Dize com mais acerto : a inveja que nos causa.

— Bravo ! Bravissimo, Snr. D. Francisco de Mello Coutinho e Noronha.....

— Pelo amor de Deus ! supprimam o resto da nobre ladainha...

— Souza Vilhena e Menezes, rugiu o coro.

— E Vasconcellos da Camara.

Ironico, segredou um dos rapazes ao acclamado :

— Anda bem fraca a tua imaginação ! Não achaste cousa melhor ?

— Já é ser exigente ! Às duas horas da madrugada ? e ainda reclamas ?

— Lopo ! apostrophou Simão a um dos companheiros, tú que, durante os teus doze ou quinze annos de Coimbra, offuscaste ao grande Bacellar, e tanto te gabas de ter sido discipulo do não menos illustre Valasco (1), debes saber qual seja a pena comminada aos que, alta noute, dão musicas.

Poz-se D. Francisco a rir :

— Que perversidade lembrares ao pobre, os innumeros R colleccionados em Coimbra !

Longe de denotar constrangimento, com a rememoração de tormentosos actos de exame, solveu grave-

(1) Antonio Barbosa Bacellar, jurisconsulto e poeta do seculo 17, fol um estudante prodigioso, pelo talento e erudição. Francisco Valasco de Gouveia, filho do celebre Alvaro Valasco, e docente em Colmbra, tinha immensa reputação como jurisconsulto

mente o consultado, assumindo ares de scientista prestigioso :

— Dispõe o livro quinto das ordenações, titulo... artigo... artigo... decididamente não possui a memoria dos numeros... que todos os individuos, encontrados, alta noute, a dar musicas, fidalgos, já se vê — sejam condemnados a quinze mil reis de multa e tres annos de degredo em Africa.

Desencadeou a citação verdadeira tempestade de protestos :

— Não é possivel ! Isto é um absurdo ! Uma imbecilidade !

Com o formal desrespeito dos consulentes, não se mostrou melindrado o ex e brilhante alumno da Universidade conimbricense e, sempre digno e modesto :

— Têm razão ! enganei-me ! Confundi a pena comminada aos tocadores de serenatas, com as applicaveis aos que dizem mentira a El Rei — não ! — aos que arrenegam e blasphemam de Deus e seus Santos... é isso...

— Ainda bem ! curioso equivoco !

— Tão natural...

— E explicavel...

— As situações são quasi identicas...

— E quando a gente muito sabe...

— Confunde-se.

Cerceou D. Francisco aos remoqueos avançando :

— As ordenações não foram feitas para nós outros. Basta lançar-lhes os olhos de relance : se se trata de peão, açoutes, dez annos de Africa ou de Brazil, tratos, pelourinho, morte natural ; se de fidalgo de grande solar : refira-se o caso a El Rei e geralmente tudo acaba ahi. Nada mais justo aliás. Se dellas fossemos ter reccio nunca sahiriamos á rua para nos divertir... Mas quanto tempo perdido !

A muito custo, mais uma vez, pozeram-se os noctambulos a caminho ; o enfartamento e o extremo cansaço mantinham, pela inercia, a cohesão do grupo.

— Senectude precoce entorpece-me os membros, emittiu um rapazola, inteiramente imberbe. *Senecta est morbidus*.

— *Senectus*, asno ! Nunca has de saber cousa alguma, foi-lhe ás mãos o latinista, que á D. Francisco emendara.

— Que adianta o latim quando se tem uns tantos m. cruzados de renda ?

Já alheio ás questões linguisticas, queixava-se o corrector :

— Que vida, meus Santos do Ceu ! Ha dez ou quinze dias, que me não deito antes de seis e sete horas da manhã, sempre a acompanhar D. Francisco, em suas extravagancias. Estou derreado ! Queira Deus : parta a esquadra logo...

— Então tens corrido a valer ?

— Imagina onde fomos hontem parar ? Qual ! não adivinhas ! Assisti a uns tangeres de negros...

— Onde ?

— Nem me lembro ; estava muito atordoado por ter bebido uns copitos. Só sei que o nosso homem dansou e sapateou, no meio de uma sucia de negros e negras, a berrar como um possesso.

E que atmospheria fetida ! Ao sahir, vomitei as tripas, ou ao entrar... não me lembro bem.

Deixando o mutismo em que se concentrara, com a disputa motivada pelo impertinente xacarista, objectou Lorena a D. Francisco, no meio dos dissonantes gritos dos folgazões, e das pancadas que, em caminho, desferiam ás portas e janellas :

— De que servirá fazer barulho em frente á casa da rapariga ? Vamos ter novo fiasco.

— Não custa experimentar. Estou certo de que nos hade apparecer.

— Que falta de senso commum ! Vais fazer peor estenderete que o da rua das Cesteiras... oxalá não leves alguma bala !

— Agora iremos ás ultimas. Somos quasi trinta...

— Ouve bem... vaes provocar alguma historia como a do anno passado... Lembra-te do pobre diabo que, por culpa tua, perdeu a vida...

— Rapaziadas !... meras rapaziadas !

— Seja como fôr ; a mim, não me agradaria muito ter na consciencia um caso desses...

Ia o moço responder-lhe, arrebatado, quando lhe attrahiu a attenção, e a de todos, o subito apparecimento de um homem, que, correndo desabridamente, dobrara uma esquina, cahindo em cheio entre os pas-seantes.

Ao sentir-se rodeado quiz fugir ; tempo não lhe sobrou porem : vinte mãos logo o immobilisaram.

— Meus fidalgos, balbuciou offegante, passados um ou dous minutos ; deixae-me ir, pelo amor de Deus, pela Virgem Senhora Nossa !

— Que significam esta carreira e tanto medo ? perscrutou D. Francisco, severamente. Estavas roubando ou matando algum christão, numa dessas ruas desertas, quando te pilharam e te pozeste a pannos, hein ?

— Não, meus fidalgos ; querem matar-me ! deixae que me vá... senão estou perdido... ahi vem elle.

— Elle quem ? Aqui estás em segurança.

Acendendo pequena lanterna illuminou Simão as feições do preso.

Era um rapaz, de quando muito viate annos, pobre-

mente vestido, e, reunindo á mais absoluta vulgaridade de traços aparvalhado ar, em conjuncto de que se desprendia não vulgar fealdade. Indizível sobresalto lia-se lhe na physionomia ; forte tremor nervoso agitava-o dos pés á cabeça, mal lhe sustendo as pernas o peso do corpo.

Indicava o completo desalinho dos trajés que ás pressas se vestira, procurando escapar á sanha do denunciado perseguidor.

— Que te succedeu, homem ? Porque tremes tanto ? Fala ! interpellavam-no de todos os lados.

Nesse interim, á esquina, surgiu outro vulto de homem que, ao perceber o ajuntamento, estacou, nelle reconhecendo os arruadores, com immensa surpresa, o marido da tão admirada Anna Francisca, o ourives Antonio Mendes.

Vendo a rua cheia de gente, ia retroceder quando o deteve, sorrateiramente, Simão de Gouveia, cuja herculea compleição denunciava descommunal força muscular.

— Onde vai assim, mestre, a deshoras e nesta carreira ?

Como resposta, á indiscreta pergunta, vibrou Mendes uma cacetada de que, agilmente, se subtrahiu o importuno detentor.

Agarrado pelo pescoço, e sacudido com rudeza, cahiu pesadamente o joalheiro ; deixando-se tombar sobre elle desarmou-o Simão, com a maior facilidade.

— Vinha com certeza atraz daquelle patife ! conjecturou D. Francisco, apontando o fugitivo, que tres ou quatro rapazes arrastavam á presença de Mendes, apezar de desesperada reluctancia.

Ao avistalo fez o ourives tão inequivoco movimento

de inexprimivel odio, que o reteve Simão, com toda a força de que dispunha.

Delirava D. Francisco, de jubilo e enthusiasmo :

— Como foi acertada a nossa demora aqui ! Estupendo incidente !

— Com certeza, tentou alguém explicar, estava o traste roubando a loja do ourives.

— Paspalhão ! Pois não percebeste ainda ? O que nenhum de nós conseguiu, o que eu — eu ! — não alcancei, obteve-o o maroto, homem ! Quer o marido vingar-se, e nada mais ! Vamos, mestre, prosequiu, insinuante e convidativo, conta-nos a historia...

Conservava-se mudo o supposto marido ultrajado...

— Fala, mestre, fala ! Explica-nos porque estás a perseguir aquelle pobre diabo. Se não contares o que se passou, aqui te prendemos algumas horas, soltando já e já o teu inimigo. Se falares o sujeito te será entregue e delle farás o que quizeres... Vamos... que silencio é esse ?... estás entre 'amigos... só entre amigos... vamos, mestre... começa...

Após alguns minutos de anciosa expectativa e de instancias, que a superexcitação da curiosidade geral assanhava, abruptamente, entre expressões de desespero, e pausas motivadas pelas lagrymas, que em golfões lhe corriam, principiou Mendes a narrativa, como a falar para si :

— Uma desgraça dessas, meu Deus ! sobre um pobre homem... que vive a penar no trabalho ! Que mulher ! pobresinha como Job... tudo lhe dava eu e á familia... por ella me cansava a mourejar dia e noute ! Desde Março... quantos tormentos ! como custei a desconfiar e afinal a crer... Meus pobres filhinhos !... Agora... não sei se a matei ; dei-lhe de rijo. . e vim para a rua atraz...

Exultou D. Francisco ruidosamente :

— Tudo isto está excellenté ! admiravel ! Contou, confirmando os meus prognosticos ! Que sorte tivermos ; nunca mais nos succederá fortuna igual ! Agora o que é preciso, é aproveitar tudo o que este incidente nos pode fornecer...

Resumiu Lorena o sentimento geral :

— O misero está inconsciente, para assim nos revelar a sua vergonha e a sua desgraça. Acto de extrema justiça será entregar-lhe o miseravel, que lhe acabou com a vida, e alli está a tremer, como um indigno poltrão...

— Muito bem ! apoiaram quasi todos.

— Perdão, opinou Gouveia, isso seria injustissimo: nada temos com taes historias. Leve o aprendiz a vantagem de minutos que alcançara, e deixemos ir.

— Melhor seria apresentalos ao Corregedor de São Nicolau.

— Eis uma proposta absurda ! protestou D. Francisco que, desde alguns minutos, se conservara alheio á discussão, remoendo pensamentos que lhe pareciam causar vivo interesse, pois sorria e monologava, gesticulando muito.

— Que nos importam, a nós, as infidelidades da mulher do mestre Mendes ? Não são fidalgos, nem ella, nem o marido e, ainda menos, o amante, portanto, nada aparentados com gente da nossa gerarchia.

Ah ! ainda mais ! — mulher e marido são christãos novos... ou mesmo judeus...

Nosso unico fito, senhores, deve ser tratar, do modo mais agradavel possivel, de preencher a noute, até agora tão semsaborona, da minha despedida de Lisboa. Procuremos divertir-nos á custa da extranha aventura a que nos ligou mero acaso, e não nos arvore-

mos em provedores da justiça real, a que nada nos prende.

Fez o orador ligeira syncope, para verificar se a assemblea o ouvia attentamente, e, verboso :

— Justiça, aliás, vou distribuila agora : acclamo-me juiz no presente feito ; vereis que sentencio melhor do que todos os senhores desembargadores das relações de S. M. e os mais famosos jurisconsultos das Hespanhas.

— Antonio Mendes, adiantou o improvisto magistrado, com grande volubilidade e fazendo calar, impaciente, os aparteadores, que iam surgindo, soffreu, como todos sabem, grandissima affronta.

Nada mais natural do que elle reclamar e lhe concedermos formal desagravo.

Occorre, porem, ponderosa circumstancia : consiste o insulto que lhe fizeram em verdadeira reparação da sorte, o troco do sequestro, aos olhos dos fidalgos de Lisboa, de uma das mais bellas mulheres do mundo.

É innegavel : foi tyrannico, monstruosamente egoista, e teve o que mereceu.

Hade, pois, succumbir o nosso vingador, por lançar em terra tão culpaveis pretensões ?

— Que acervo de disparates ! commentou Lorena.

— Silencio ! Não admitto interrupções ! Acompanhai attentos o fio do raciocinio.

Será ao mesmo tempo admissivel que se não castigue, feramente, a impudencia de um individuo, vulgar villão, cujo facil triumpho é um escarneo aos nossos continuos cercos e inuteis assaltos ?

A solução do caso, senhores, é difficil. Esclarecei-me a consciencia de julgador imparcial.

Entre colossaes deslocamentos de mandibulas alvitrou alguém :

— Merecem ambos uma roda de pau, e das boas !

— Basta de loucuras e deixemolos ir, adduziu Lorena, entediado.

Antes que lhe suggerissem outros alvedrios, proclamou o afouto juiz :

— Ahi vae o accordão :

Caberá ao acaso a resolução da pendencia : recorreremos ao que outr'ora se chamava o julgamento de Deus, segundo me ensinou o P.^o Braz Duarte, dos costumes de nossos maiores, os Suevos ou os Hunos... ou os Cimbroz, não me lembro bem.

Reclamo a maxima attenção : os dous inimigos, munidos de bordões, contenderão, até que se lhes esgote o furor, ou um fique visivelmente pisado.

Para a satisfacção da justiça, será o vencedor condemnado a vinte valentes pranchadas, que lhe applicaremos, e, logo após o combate, irão ambos parar ás mãos da justiça d'El Rei. Nenhum deste modo terá corrido risco de vida, e, impedindo provavel morticínio, nossa conducta torna-se meritoria.

Tanto enthusiasmava a sentença ao magistrado que mal podia conter-se ; resumbrava-lhe hyperintensa alegria no rosto, nos gestos e palavras.

— Que admiravel divertimento vae proporcionar-nos uma lucha tremenda entre rivaes encarniçadissimos ! Espectaculo sem par !

Ruidosos applausos, abafando protestos de Lorena e, frouxas expressões de opposição, de dous ou tres mais, cobriram estas ultimas palavras.

Os prisioneiros, que não haviam ouvido a decisão do seu julgador, foram trazidos para dentro de um circulo formado pelos folgazões.

Fazendo derradeira tentativa, garantiu Lorena :

— Estes homens, por maiores que sejam o odio de um e a covardia do outro, nunca lutarão como dous gallos.

— É o que já vamos ver! rebateu D. Francisco. Que mania a tua! Um judeu e um peão! ou dous judeus! Isso é lá gente!

Dirigindo-se ao artifice, e dando-lhe a arma que designara, ameaçou-o :

— Olha patife! Vaes brigar, a pau, com o ourives! Cuida pois em lhe bater de rijo! Caso não malhes direito, consentiremos que te cosa ás facadas.

Olho vivo e força nas bordoadas, para matares, se for possivel! malha deveras! senão... estás em pessimos lençoes, que o mestre é um tigre e quer beber-te o sangue!

Arrastaram dous dos algozes ao pobre diabo, esparvorido, enquanto Simão continha ao joalheiro, ausente e inerte.

— Sentido! É agora! soltem os cães! mandou D. Francisco.

Dando violentissimo empurrão ao ourives, atirou-o Gouveia de encontro ao contendor, a quem, de seu lado, os que o retinham excitavam a pelear esforçadamente :

— Trata de defender-te, biltre! bradaram-lhe ao impellilo, cambaleante e semi-allucinado pelo terror.

CAPITULO III

O DUELLO

Com a sacudidura, quasi rolara Mendes aos pés do adversario, que, obedecendo ao instincto de conservação, lhe desferira furibundo golpe no hombro esquerdo.

Ao uivo de dor do ferido responderam ferozes e entusiasticas acclamações.

— Boa lembrança ! excellente invenção ! applaudiam a D. Francisco.

— Reparem como a cousa surtiu logo effeito ! repetia este, no auge da alegria.

Batiam-se, com effeito, os dous homens furiosamente.

Cego de dor e odio, procurava o ourives, a todo o transe, prostrar o contendor, dando-lhe pauladas continuas e arrasadoras.

Frenetico, advertia-lhe um espadachim :

— Compasso mixto ! Trata de ganhar alguns graus ao perfil ! Linha em cruz !

— Isto não é jogo de espada, meu amigo, zombava alguém. Queres que esses labregos conheçam *il punto e il reverso* (1) ?

(1) Passes da escola de esgrima italiana, de todas a mais famosa, nos seculos XVI e XVII.

— Talho e revez ! Aproveita ! atroava o esgrimista. Oh que estúpido ! perdeu uma occasião magnifica ! anda bruto ! chamar e estreitar ! Uma empanada agora !

Mendes atacava sempre, aparando-lhe o rival as pancadas, a principio com algum custo, depois com calma e pericia, reveladora de habilidade, como jogador de varapau.

Cruzavam-se as chufas, as expressões de incitamento e de mofa da galeria, a pontuar, com gritos e remosques, as vantagens e desvantagens que cada duellista ia obtendo.

Com a tremenda algazarra que se levantara, varias janellas se haviam illuminado e entreaberto ; muito a medo, espreitavam cabeças os successos da rua.

— Que estão ahí a olhar ? Todos para dentro, e janellas fechadas ! intimavam do bando aos novos espectadores da pugna.

Ante as ameaças, recolhiam os curiosos, persistindo porem as luzes, a passar pelas frinchas dos postigos encostados. De instante a instante, ganhava o joalheiro terreno ; alguns dos tremendos golpes atirados ao contendor haviam-lhe acertado na cabeça e no tronco ; exausto recuava este, a mais e mais, offegante, com os olhos esbugalhados, mal podendo resistir á furia do inimigo.

Ambos luctavam em silencio, que, quando muito, abafadas imprecações e surdos gemidos de dor interrompiam ; empolgada pelas peripecias do duello, tambem emmudecera a assistencia. Estava imminente o desenlace ; subito, abandonando o cajado, deu Mendes um grande passo para a frente, e, apezar de formidavel bordoadada recebida na cabeça, conseguiu cingir violentamente o artifice.

Durante minutos, entrelaçaram-se os dous corpos, num abraço em que os ossos estalavam; dominado pela grande superioridade muscular do ourives, lentamente vergava o mesteiral.

Rolaram á calçada; enterrou o rapaz os dentes no pescoço do adversario, que, soltando desesperado urro, fez prodigioso esforço para desvencilhar-se, e, afinal, conseguindo-o, procurou esmagar-lhe o craneo de encontro ás lages do pavimento.

Separalos não foi facil tarefa; aproveitando esse momento de atropello, saltou o artezão á cinta de D. Francisco e, arrancando-lhe o punhal, num relance, embebeu-o até ao cabo, no peito de Mendes, que, como fulminado, cahiu de costas, com os braços abertos.

No meio do geral assombro, fugira o assassino em desapoderada carreira. Percebia-se a marcha de forte patrulha, que, á luz de archotes, acudia com grande estrepito, como para dar aos arruadores tempo de se dispersarem.

Abriam-se as janellas, umas após outras, enchendo-se de curiosos que tentavam divisar alguma cousa, no negrume da noute.

Possuidos de panico, debandaram os noctambulos para todas as direcções. Demorara-se Lorena, alguns instantes, a examinar a victima, que já parecia morta; tornando-se perigosa, porem, a permanencia naquelle ponto, partiu entre apostrophes e insultos, que das casas lhe dirigiam, estugando o passo, em busca do domicilio, atravez de um dedalo de obscuras vielas.

Andara cinco minutos, cuidadosamente evitando o caminho mais curto, pela rua dos Douradores, onde, com toda a força, se faziam ouvir os gritos de « Preadam da parte d'El Rei » quando encontrou D. Fran-

cisco, a defender-se de dous galfarros, a quem, aos berros e ameaças, procurava intimidar.

Ante a approximação do inesperado reforço, afastaram-se prudentemente os esbirros.

— Não fosse a tua chegada, confessou o soccorrido, abraçando expansivamente o amigo, sabe Deus o que me teriam feito aquelles bandidos. Num delles, reconheci certo algarvio que, á rua dos Torneiros, espancamos a valer, e, nessa occasião, desfechou formidaveis chuçadas em Antonio de Goes, a ponto de lhe descoserm um hombro.

Fui eu quem o derribou, dando-lhe por traz e nas pernas. Hoje me hospedas, sim? as ruas todas, por ahi, andam cercadas e até receio que alguns dos nossos estejam presos. Tambem grande mal lhes não succederá!

— Vem depressa! annuiu Lorena, melancolico. Que dirão de mim, official das armadas de Sua Magestade, quando souberem que tomei parte nas scenas de hoje?! Como me arrependo de te haver acompanhado, eu que, desde muito, desde cinco annos, não me envolvera mais em rapaziadas!

Quebrei esta noute solemne protesto.

Espinhou-se D. Francisco :

— Dou-te os pezames, meu caro. Ah lá isso dou-te! Esperdiçaste grande parte do melhor tempo da vida.

— Pezames, merece-os. És cúmplice do assassinato de um infeliz, digno de toda a commiseração.

— Terá morrido? E que tenha! não exageremos as cousas: culpa me caberá da trahição do tal sujeito? Nenhuma! E depois, quem sabe se até não prestámos ao morto relevante serviço? Iria, de ora em diante, e cada vez mais, viver ralado de desgostos... amoroso como era... pobre diabo!

Alem de tudo, marrano impenitente...

— Perdão! conheci-o bem... não era judeu...

— Christão novo judaisante! dá no mesmo... Mais dias menos dias, acabaria mal. Pode agora a mulher, se conseguiu escapar-lhe á ira, casar-se com o assassino ou qualquer outro, menos sujo e rebarbativo do que o defunto, e... até ser felicissima.

Miseravel sujeita! indignas preferencias!

— És simplesmente feroz! exprobrou-lhe Lorena, indignado com tanta despreocupação e crueldade.

Após grande rodeio, chegaram os dous á rua Nova dos Ferros, cujo socego os tranquilisou, e d'ahi, sem maior novidade, á porta de uma casa da rua do Cura, subindo, então, aos pequenos commodos que o brasileiro occupava, no sobrado.

Do patamar, D. Francisco, como se subita ideia lhe acudisse :

— Estupidos que fomos em deixar escapar o tal individuo! Seria tão simples entregalo á ronda, que contra nós nada tinha!

Qual dos corregedores se atreveria a duvidar do que lhe contássemos? Assim poríamos o traste no Limoeiro, e, dahi a alguns dias... coitado! ás voltas com o potro ou qualquer outro instrumento.

É certo, porem, que o prenderam, não achas?

Ora, vamos dormir! philosophou o pouco impressionavel gentilhomem.

Venham amanhã os remorsos! concluiu, ao avistar o leito do amigo, para onde, com o maximo egoismo, como pesada massa se precipitou, sem se dar ao trabalho de tirar a roupa, quasi immediatamente adormecendo.

Encostado a uma vidraça, cahiu Lorena em profunda scismaria, recordando as scenas tempestuosas da

noute, desde a orgia do alcouce da Sevilhana até o assassinio do infeliz esposo ludibriado.

Acudia-lhe vivo arrependimento de se ter deixado levar a assistir a taes despropositos e, sobretudo, contribuido, pela inercia, para o tragico desfecho do combate ideiado por D. Francisco.

Pasmava-o a innata deshumanidade daquelle adolescente que, placidamente, repousava, quando acabara de provocar um homicidio, praticado em circumstancias de clamorosa injustiça.

Baça claridade, surgindo dentre o nevoeiro espesso, denunciava o dia; refrescara o vento, fortes lufadas omeçavam a enxotar as brumas da madrugada.

Inteiramente absorto, poz-se Lorena a rememorar, nesse final de noute insomne, a sua carreira, desde a partida do Rio de Janeiro, aos doze annos, quando, pelo pae, fora entregue a um parente, commandante de um galeão real.

Annos e annos, quinze, haviam decorrido; muito navegara e combatera nesse lapso de tempo... sorria-lhe immenso voltar ao Brazil, á Bahia, onde já estivera com a expedição restauradora de D. Fadrique de Toledo.

Fixou-se-lhe a attenção no evocar venusino rosto, risonhos projectos lhe occorreram...

O estridulo chamamento dos clarins, que tocavam á alvorada, despertou-o, sobresaltado, da prolongada meditação.

Preparou-se para sahir e, não ousando acordar D. Francisco, que dormia beatificamente, desceu á rua, fazendo-se em direcção á Ribeira das Naus, a dous passos de casa, para embarcar no *Nossa Senhora dos Prazeres*, navio de alto bordo, de que era official, e que, com os demais vasos da esquadra de D. Anto-

nio de Oquendo, General do Mar Oceano (1) por Sua Magestade Catholica, estava de verga d'alto, prompto a singrar no rumo da Bahia, de novo ameaçada pelos neerlandezes, conquistadores de Pernambuco.

(1) No seculo XVII dava-se o titulo de General ao commandante chefe de uma esquadra, e o de Almirante ao seu immediato.

CAPITULO IV

A CHEGADA

Alegre amanhecera, para os habitantes de São Salvador, o dia 13 de Julho de 1631, claro e radiante de sol, em que o intenso azul do firmamento se alliava á pureza e transparencia da atmosphaera.

Desde pela madrugada, fundeara no porto a esquadra de D. Antonio de Oquendo, que fôra lançar o ferro nas immediações do forte de São Marcello, juntando as salvas ás das baterias e fortalezas da cidade.

Desperta pelo ribombo dos canhões, correra toda a população a assistir, das praias e do alto das collinas, á chegada da frota, unindo á voz da artilheria ruidosas acclamações de enthusiasmo e reconforto.

A vinda de tão poderoso armamento parecia mover insuperavel obstaculo não só ás tentativas, innumeradas vezes annunciadas, dos flamengos contra a capital do Brazil, como tambem á sua permanencia em Pernambuco. Já muitos falavam da guerra como cousa acabada; recebesse Mathias de Albuquerque os reforços que lhe eram destinados e, com a maxima rapidez, expulsaria das capitancias do Norte, os temidos e abominados hereges.

Não se fartava o povo de admirar a bella armada, os cincoenta vasos do almirante Oquendo, os bojudos galeões, com os seus grandes castellos e diversas cobertas, onde as portinholas escancaradas deixavam ver as boccas cinzentas dos canhões, as caravellas de alta mastreação, as disgraciosas e pesadas urcas, as esguias tartanas, os pequenos patachos, todos com o velame ainda desferrado e os convezes regorgitando de gente.

Nos topes dos mastros balouçavam-se as flammulas e insignias dos chefes, tremulando, á popa da capitania, o estandarte real de Hespanha, escudo coroadado em campo branco, com as armas de Castella e de Leão; num dos angulos inferiores da bandeira estampava-se o braço do almirante, circumdado de uma tarja azul.

A ré dos vasos portuguezes fluctuava, ora o pavilhão real, branco, com as quinas ao centro, ora o da Ordem de Christo, branco tambem, trazendo a cruz vermelha caracteristica.

Alem dessas bandeiras, muitas outras se desfraldavam, quer lusitanas, quer hespanholas, sendo frequentes as que apresentavam imagens de Santos, como supportes de armas, as das ordens militares e as mercantes.

Clarins, doçainas e charamelas não cessavam de tocar, rufando os tambores em acompanhamento aos estrepitosos vivas das guarnições, impacientes pelo desembarque. Debruçados ás amuradas, officiaes e soldados avidos contemplavam o panorama da cidade, illuminado pelo brando sol de Julho, a casaria branca despejando-se das collinas e de onde emergiam, aqui e acolá, as torres das igrejas.

A bordo do *Nossa Senhora dos Prazeres*, trocavam

impressões D. Francisco da Camara, Simão de Gouveia e, o immediato do galeão, Jorge de Lorena.

Concentrava-lhes a attenção um grande escaler de doze remos que, largando de terra, atracara á capitanea partindo, na volta, em direcção ao *Prazeres*.

Pouco depois, surgia, no portaló, um moço ricamente trajado, envolto em larga capa de chamalote branco e trazendo, á esquerda, sobre o hombro, as armas de Portugal, bordadas a ouro.

— Gonçalo ! exclamaram jubilosos, e ao mesmo tempo, D. Francisco e Simão.

— Em pessoa ! Que viagem intermina ! Já aqui pensavamos em algum desastre da esquadra : naufragio ou ataque dos flamengos. Aproveitei a ida de meu primo Fernando de Sá a bordo da capitanea, onde o Snr. Governador Geral o mandou saudar o Snr. General...

Conservando-se Lorena arredio, chamou-o D. Francisco :

— Deixa-me apresentar-te meu primo, Gonçalo de Sá e Barros, official de milicias, não é?

— Exactamente, respondeu o interpellado, cumprimentando.

— Espero que muito has de estimar ao amigo Jorge de Lorena, nosso commandante e sobretudo nosso amigo. Estendeu Gonçalo cordialmente a mão, que o immediato apertou, com sympathia.

— Como soubeste que vinhamos na armada?

— De Lisboa escreveram-me...

Interrompeu-o D. Francisco, plangente.

— Não me parece famosa a tua Bahia. Fica-lhe Santarem a perder de vista.

Riu-se o bahiano :

— Não fales mal de minha terra. Olha que nem sequer desembarcaste.

— Seria de admirar, meu caro Gonçalo, se teu primo elogiasse a Bahia, acudiu Simão. Já de Portugal a via abominavel. E se lhe ouvisses as lamurias durante a viagem ! Passou estes dous mezes a queixar-se do pae, que o obriga a vir ao Brazil, para que os hereges o matem, e assim cresça a fama da familia dos condes de Louveira, com esse sacrificio do seu morgado pelo Rei e pela Igreja, e, tambem, para que o irmão mais moço deixe os beneditinos de Pombeiro, passando a herdar da casa.

Não imaginas os despropositos que diariamente nos dizia ! a ponto de lhe angariarem essas leviandades a reputação de homem sem coragem, e descendente degenerado dos Camaras e Vasconcellos, que, com sangue generoso tanto regaram todas as terras por onde se estendeu Portugal.

Acrimonioso contestou o increpado :

— Minhas queixas são muito naturaes. Para quem pertence a uma das maiores casas da Peninsula, tem vinte annos, invejavel saúde e dinheiro a contento, vivendo a vida alegre de Lisboa, direitos lhe sobram de lastimar-se, quando o forçam a fazer uma campanha que pode durar um anno, senão dous ou tres, e, ainda por cima, no Brazil !

— Dignas palavras de quem, tambem, perdeu tres tios em Alcacer Kibir !

— Tres em Alcacer, seis em Aljubarrota, doze em Ourique, ouviste ? por meu gosto, porem, por mais que já houvesse vivido seculos e seculos, nunca arriscaria a pelle, nem em Alcacer, nem em Aljubarrota e ainda menos em Ourique.

— Se tal tivesse sido possivel !

— Naturalmente imbecil !... nem onde quer que fosse, e sobretudo neste paiz selvagem.

Se ao menos me mandassem para Flandres, onde ha tão lindas mulheres... mas para a America !

Insistente, proseguiu o pyrrhónico Simão :

— Até o velho aio que, por ordem do pae, o acompanha, anda indignado com tanta falta de senso commum.

— Basta de recriminações, pediu Gonçalo. Que modos de receber a visita de um amigo, apos tão longa ausencia ! Aqui vim para dizer-lhes, e ao Snr. Capitão Lorena — que, com a maior satisfação, conto hospedar aos tres.

E apromptem-se para o assalto em regra, desde muito preparado pela minha curiosidade.

Vivo anciado por noticias e novidades. Quando a armada partiu, qual era a mais falada nova, que por Lisboa corria ?

— Um celebre julgamento de Deus, ideiado por D. Francisco, informou Simão.

Fez o morgado constricto gesto e apressando-se muito:

— As manobras infructiferas do pobre Rodrigo de Mello, na sua jornada ao Minho, aos solares dos parentes ricos.

De todos os lados o escorraçaram as taes primas herdeiras, de que tanto se ufanava...

— De modo que ?

— Anda de novo em Lisboa, mais endividado que nunca...

— Coitado ! Porque não passa á India ?

Cauteloso, ajuntou Gonçalo, diminuindo o diapasão da voz :

— E que faz o Snr. D. João de Bragança ? Por aqui se falou... Desanimo por toda a parte, não ?

Tomando gravibundo ar enunciou o interrogado :

— Que faz o Snr. Duque de Bragança ? muitas cousas notaveis, mas muitas ! graças ás quaes a posteridade o collocará ao lado de D. João I ou de D. Affonso Henriques, se não lhe der maior realce do que a elles.

Faz muitissimas cousas ; *verbi gratia* : dias e dias passa-os á caça, em suas bellas tapadas, tão celebradas em prosa e verso, e, ao mesmo tempo, exerce as funcções de chantre da Sé de Villa Viçosa ; compõe motetos e tonadilhos — dizem que como organista é extraordinario... chegando a exceder ao famoso Alvarado de Lisboa.

— Deixemos de tolices, retorquiu contrariado o bahiano ; mostra-se o duque satisfeito com o estado de cousas ? Parece-me impossivel ! Por aqui só se ouvem queixas e quasi ninguem acredita na possibilidade de so restaurar Pernambuco. Admira-me como em Portugal, todos se resignem, definitivamente, á dominação castelhana...

— Pois olha, o Duque anda satisfeitissimo !

Eis um pretendente que nos libertará de Castella, renatou com desprezo o censor, amigo de violeiros e de meninos de coro !

Pobre Portugal ! Reles pretendente ! Também, coitado, tem-se em tão alta conta que a nada aspira... Contenta-se em ser a unica « Excellencia » dos reinos e senhorios de Portugal, e pensa muito bem, porque é quanto merece.

Ah ! é verdade ! faz parte dos pouquissimos, dentre os portuguezes, que possuem o precioso direito de endereçar as cartas a Sua Magestade Catholica da seguinte forma : « A El Rei meu Senhor. » Para o neto do Barbadão é demais.

— Então não se pensa... não ha esperanças... ainda ?

— Ainda ? Se o Duque de Bragança fosse o irmão, o Snr. Infante D. Duarte talvez... mas qual !

☉ Snr. D. João está predestinado a arrancar das garras de Castella a coroa de Portugal, e hade fazelo, pelos seus meritos de cantochoquista.

Quem, até hoje, em Madrid, ligou a minima importancia ao pobre conego chantre de Villa Viçosa ? Eis patente prova...

— Dizem que a Duqueza...

— Ora, a Duqueza !...

Interveio Lorena impacientado :

— É muito facil censurar a torto e a direito, e, mais ainda, quer parecer-me, arrebatado Portugal, poderoso e bem preparado como está, das mãos do rei de Hespanha, infimo monarchasinho, que se não compara em poder nem a um margrave allemão. Pasma como o Snr. D. Francisco, com a influencia de que dispõe, entre o rapazio de Lisboa, não haja promovido a restauração, cingindo a coroa mais gloriosa da christandade. Estou convicto de que o Duque seria o seu mais fiel vassallo, compromettendo, para servilo, a regia situação da sua casa, uma das maiores do mundo.

A chegada de pequena embarcação, que encostara ao *Prazeres*, atalhou a replica do joven fidalgo.

Nella vinha um religioso, usando o habito dos freires de Christo, homem de certa idade, muito alto e espaúdo.

Bradou-lhe Lorena, acenando com os braços :

— Suba, Padre, suba !...

— Suba, Frei José ! secundavam Simão e D. Francisco. Não seja preguiçoso !

— Que tal a viagem ? Boa ? Ninguem morreu ? Bem ! não façam tanto barulho, que vou subir para abraçalos um instante, prometteu o clerigo, prazenteiro.

— Tomem o escaler do padre, que tão cedo não me sahe de bordo, emquanto eu não puder desembarcar, aconselhou Lorena aos tres moços.

— Isto é uma violencia ! uma coacção !

— É inutil protestar. Não me sahe de bordo ! Aproveitem o barco do padre : o Snr. Capitão Cosme do Couto autorisou-me a deixalos partir, quando houvesse occasião, como aliás já lhes disse.

— Quem são os superiores de V. M^os ? inquiriu Gonçalo.

Explicou D. Francisco :

— Mandaram-nos para o terço de D. Alvaro de Mello, como alferes. Viemos, porem, neste galeão, com licença especial. Nosso serviço deve começar na Bahia.

Jovial, notou Fr. José :

— Militares ainda pouco experimentados, filhos de boas casas e a quem se fazem favores...

Um quarto de hora mais tarde, singrava o batel do freire as aguas do porto, levando os tres officiaes, a quem o religioso e Lorena haviam emprazado para um encontro, á tarde.

— Quem é esse Lorena, que não conheci em Lisboa ? indagou Barros, durante a travessia.

— Um brasileiro como tú, do Rio de Janeiro, porem, official das armadas de Sua Magestade e homem de grandissimo valor.

— De boa casa ?

— O avô paterno era um fidalgo beirão de excellente linhagem, emigrado para o Brazil ; pela mãe apparenta-se com as melhores casas do Douro.

— É' um heroe ! addiu Simão, convicto e entusiasta. Se soubesses o que elle e aquelle frade fizeram, num galeão desarvorado, e prestes a submergir-se, pasmarias.

— Onde isso ?

— Em Cuba, ha uns tres annos, quando ambos serviam na esquadra de D. Juan de Benavides. Não ouviste falar da enorme preza, effectuada pelo famoso corsario hollandez Pedro Peres, a do comboio do Mexico, a esquadra da prata, no valor de não sei quantos milhões de ducados ?

Pois não conheces a Pedro Peres ? ! um valente que trouxe a castelhanada afflicta e chorosa, durante muito tempo ?

Epocas houve, em Portugal, de só lhe falarmos nas proezas ; que satisfacção causou o aprisionamento da esquadra da prata ! parecia tratar-se de heroe portuguez.

Andas alheio aos factos do mundo civilisado !

— A quem o contas ? não sabes que o mesmo Pedro Peres muito nos perseguiu por aqui ? que o temiamos como ao demonio ?

Pieter ou Piet Heyn, additou Gonçalo, sorrindo, e fazendo praça de conhecimentos linguisticos ; assim lhe ouvi frequentemente chamarem os prisioneiros hollandezes, após a restauração de 1625. Era um terrivel pirata !

— Pois com elle tiveram de avir-se os nossos dous amigos. Conta-se que os flamengos ficaram de tal modo assombrados, com a bravura de ambos, que, não só lhes pouparam a vida como ainda, cuidadosamente, lhes pensaram as feridas. E sabe Deus como são carinhosos para com os papistas prisioneiros, sobretudo se se trata de *tonsurados*, como dizem, e ainda mais, quando frades ou jesuitas. Haja visto o meu pobre tio, o Padre Lourenço de Vasconcellos, da Companhia, por elles torturado atrozmente e depois afogado, faz um dez annos, nos mares de Malacca ; um santo, meus caros ! não tarda a figurar

no calendario, onde aliás encontrará boa e numerosa parentela : Fr. Manuel de Jesus, frade trino, e outro tio, martyrisado em Marrocos, Fr. Antonio da Visitação, dominicano, tambem primo, naufrago do galeão *Santa Maria*, e devorado pelos cafres, quando voltava das missões do Japão, Fr. José de S. Antonio, franciscano, primo co-irmão de meu pae...

— Que familia de santos ! Com certeza escapas ás unhas de Satanaz, graças a esse parentesco... ao menos valha-te isso, porque senão...

— E mulheres então ? temos umas dezenas de santas... só de primeira grandeza... freiras, beatas, donas... Se Portugal fosse Portugal, algumas dellas já andariam processadas em Roma... pelo menos uma minha tia avó, Soror Francisca do Ceu, que viveu cincoenta e nove annos reclusa em Chellas, onde se finou em cheiro de santidade, operando milagres sem conta...

Emfim, não quero gabar-me, mas, francamente... minha familia tem tal copia de santas e santos, que poderia ceder alguns a outras casas menos favorecidas...

Tomando a allusão como pessoal, azedo respingou Simão :

— Trata de agarrar-te a esses celicolas, a ver se te arranjam o perdão para o caso do judeu, e deixa-te de basofias ! Eu, por mim, já perdi uns dez tios e primos, padres e frades, martyrisados nas missões de Malacca e do Japão, na Ethiopia e não sei mais onde, e nem por isso delles faço alarde... e note-se : não se fala de gente desconhecida : o Padre Gonçalo Cardoso, que os abexins assassinaram, quando pregava no reino de Dembé, era meu primo ; ha um anno puz lucto por outro primo, Fr. Vicente de S. Antonio, agostiniano, que, em 1629, degolaram em Nagasaki E basta... não pre-

tendo vangloriar-me... sou dos que acham indigno da gente de linhagem, andar apregoando a excellencia de sua raça, como fazem certas pessoas que não deveriam, nem precisariam dar-se a tal ridiculo... Isso é bom para aquelles de quem se diz « hontem vaqueiro, hoje cavalleiro » porque são os unicos capazes de esclarecer os mysterios de sua genealogia recente.

Não retorquiu D. Francisco ás censuras, e continuou pirracento :

— Uma tia de minha mãe, a beata D. Helena de Souza, do convento de S. Catharina de Evora, attingiu tal perfeição...

Interveio Gonçalo para cortar essa discussão, que ameaçava eternisar-se, entre os dous hagiologos.

— Toleirões ! Que disputa idiota ! Que creanças ! Ha de adiantar-lhes muito toda essa parentella santa, se continuarem a merecer o inferno como até agora succede. Em vez da enumeração de personagens celestes, prefiro que me expliquem como não encontrei em Portugal, nem o capitão Lorena, nem o Padre Fr. José.

Aproveitou Simão o ensejo para deixar a discussão :

— Pudera ! Se nessa occasião estavam em Hollanda, onde passaram dous annos, desde que os prenderam em Cuba...

— Como recuperaram a liberdade ?

— Graças ao marquez de Spinola, que por elles deu uns tantos flamengos prisioneiros.

Ambos falam perfeitamente a lingua dos hereges...

Ia o escaler vogando junto aos vasos da esquadra, cujos convezes se apinhavam de soldadesca; ouviam-se, a todo o instante, vozes de commando e o trilar dos apitos da manobra.

Tendo afinal abicado, desembarcaram os tres passa-

geiros ; Gonçalo lepido e firme, os outros hesitantes e a titubear.

Coalhara-se a praia de povo, que, com extrema curiosidade, observava os recém-chegados ; no meio do ajuntamento, sobressahia um bando de moços, elegantemente vestidos, que Gonçalo apresentou aos dous amigos, formalidade para varios desnecessaria, a deduzir-se do modo, festivo e familiar, com que acolheram Simão e D. Francisco.

— Recepção principesca ! proferiu este ultimo, satisfeittissimo. Nunca imaginei cousa igual !

— Então vaes tendo melhor impressão da malsinada Bahia, que, já de Lisboa, te arrancava pragas e ditos de desdem ? perguntou Ayres de Barros, irmão de Gonçalo.

— Ah ! chegaram-te aos ouvidos as minhas imprecações ? Verdade é que não fazia mysterio, desabafava-me com todos. Vamos vêr !

Como se passam as noutes nesta terra ? Não haverá meios de se arranjar algum divertimento para a de hoje ?

— Faltam por aqui, provavelmente, os ourives judeus, chasqueou Simão, rancoroso.

— Grosseiro e estúpido ! Se continuares com esses gracejos brutaes, cortamos relações. Que culpa me cabe daquillo ? Acaso pensas que carrego algum peso na consciencia ? Nem de leve !

— Mesmo com temporal, como aquelle que apanhámos perto do Cabo Verde ?

— Simão ! ameaçou D. Francisco, fora de si, e sem levar em consideração o escandalo causado. Ainda um dia perco a paciencia e...

Interveio Gonçalo, reprehendendo-os :

— Com effeito ! continúa a rusga ? Que judeu é esse, cuja lembrança tanto enfurece D. Francisco ?

— Nada ! uma ninharia... logo te contarei tudo... tra-temos agora de cousa seria ; não haverá meios de passarmos agradavelmente esta noute ?

— Não como em Lisboa, bem entendido. A cidade é tão pequena... e depois... já que tanto aprecias os judeus...

— Tú também ? Que perseguição ! Realmente, ás vezes me recordo da cara do pobre diabo, a cambalear com o meu punhal cravado no peito. Emfim, como não fui eu quem o matou !

Haviam os moços alcançado, após penosa subida de ingreme ladeira, uma grande praça, muito animada pelo concurso de povo, que a ella constantemente affluia.

— Eis o nosso Terreiro do Paço, gracejou Gonçalo. Aqui estão o Palacio do Governador, o paço do Senado da Camara, a Alfandega, a Cadeia... Que tal ?

— Aquelle velho e feio casarão é o palacio de S. S. o Governador Geral do Brazil ? Um primor ! Em todo o caso prefiro-lhe os nossos modestos Paços da Ribeira...

Entre a multidão se operara um movimento de curiosidade :

— O General alli está com o Snr. Governador, asseveraram diversos.

Convergiam todos os olhares para uma janella de balcão do palacio onde, em animada conversa, se mantinham tres ou quatro personagens.

— Vejam o Sr. general Oquendo, apontou D. Francisco.

— Quem é ? — Qual é ? — Qual delles ?

— Aquelle homem de meia idade, grisalho, alto e corpulento. Á direita está o Donatario de Pernambuco, que comnosco também veio.

-- Hoje, á noutinha, no *Te Deum*, encontraremos

todos esses homens illustres, annunciou Ayres de Barros. Por emquanto, cuidemos em alojar-tee a Simão.

Tomando a longa rua dos Mercadores, dahi a pouco paravam os recém-vindos e sua comitiva, á porta de uma grande casa de sobrado.

Despediram-se os moços bahianos, affavelmente comprimentando os novos conhecidos; Gonçalo lhes repetia os nomes :

— Duarte Coutinho de Menezes...

— Meu primo, provavelmente, reparou D. Francisco Somos alliados aos Coutinhos.

— Lopo de Aguiar e Mello...

— Aguiar e Mello ? Da casa da Travanca ?

— O actual morgado é meu primo em oitavo grau.

— Primo, portanto, pelo lado de minha Mãe, e ainda proximo...

— Fernão de Lemos e Souza...

— Dos Souzas de...

— Do solar de Turquel.

— A quem se prende minha casa, por uma trisavó, caro parente. Que prazer, que surpresa magnifica, encontrar neste paiz tão bons fidalgos, e gentis parentes !

— Não te apresento os demais, porque descobres, logo, um nunca acabar de parentescos, protestou Gonçalo.

Saudando aos acompanhadores, fez D. Francisco um cumprimento geral, com a maior elegancia e distincção.

— Primos, até á noute ! Sem falta !

— Primo ! tornaram-lhe rindo, até á noute !

CAPITULO V

CONFIDENCIAS

Após haver percorrido a casa hospitaleira, estirou-se D. Francisco em um sofá, e, convidando o primo a imitalo, encetou animada conversação :

— Tenho uma pergunta de tal ordem a fazer-te... coisa que me escalda os labios.

-- Ah ?

— Tão séria que a anteponho a todas as mais, aliás muitas e importantes, como sobre os divertimentos da Bahia, etc., etc.

— Pois então desentranha... Não gosto de reticencias...

— Paciencia ! trata-se de materia que, desde Lisboa, decidi tirar a limpo, completamente, com a minha estada aqui...

Subitamente, precisou o curioso :

-- Conheces a Leonor de Avila ?

Teve Gonçalo pequeno sobresalto :

— E tú ?

— Se a conheço !... ficaste um pouco perturbado ? Pois, meu amigo, conheço-a muito bem.

.. Duas vezes a vi, e, na minha abalisadissima opinião

de homem de gosto, afianço que mulher mais bella não existe em todo o globo; é realmente diabolica a somma das tentações que della se desprendem.

— Então esteve em Portugal? Onde a encontraste?

— Num sarau em casa da prima Mecia de Sampaio, a velha prima Mecia, com quem meu Pae tanto demanda, por causa da herança do primo João de Vasconcellos, e de quem vai tendo crescente odio, a medida que lhe correm, de mal a peor, para as injustas pretensões, embargos e agravos. E isso apezar das gordas quantias que os ratos do foro lhe tem sugado e hão de sugar ainda.

Tanto dinheiro, que bem podia vir-me ás mãos!

Para ver a tua incomparavel patricia, arrotei a colera paterna, alem de grave perigo — a possivel suppressão da mezada! — Fui ao baile, e sem que de modo algum me convidassem.

— Que disse a velha, ao avistar-te?

— Nada: « Como vae teu pae, o avarento? » Vingou-se com pouco. Toda a razão lhe assiste. Meu pae é de um agarramento! Sabes quanto me dá mensalmente?

Assumira o queixoso o mais lamentavel dos tons:

— Cento e vinte cruzados, meu caro! ouve bem: cento e vinte cruzados! um homem cujas rendas passam de trinta mil! Ah se não fosse a pobre da mamãe supprir-me de vez em quando! pobresinha!... como é boa...

Indignou-se Gonçalo:

— Cento e vinte cruzados! Mas é colossal! Um rapazola da tua idade! Que despropósito, que exorbitancia!

O Governador Geral do Brazil ganha duzentos e cinquenta! Mas tu falas demais... enfias digressões

sobre digressões. Conta-me a historia do teu encontro.

Obedeceu o narrador, complacente :

— Já varios me haviam falado, da sua belleza incomparavel. Acabara eu de comprimentar a velha Mecia, quando, justamente, ella entrou na sala. Foi um assombro !

Ficaram todos extaticos, deslumbrados ; homens e mulheres, com os olhos nella cravados, não a deixaram mais toda a noute. Que modos de falar, de pisar ! como dansava ! que porte real ! Parecia uma rainha e uma deusa ! E se visses como estava vestida ! Queres que lhe descreva o vestuario ?

— Não, dispenso... e com empenho... Foi assim tão forte a impressão geral ?

— Incalculavel ! prodigiosa ! Não tivesse eu tão frio espirito, que iria augmentar o numero dos fascinados. Não avalias o afan com que lhe disputavam as voltas de dansa ; houve até rixas entre os candidatos. Ao sahir do baile, foi Diogo de Castro aggedido pelo conde de Xereda, castelhano, official do terço de D. Luis Fajardo. Noute memoravel !

Queriam todos saber quem seria tão espantosa creatura. A prima Meçia apresentava-a como parenta, viúva de um fidalgo hespanhol, que, de volta para o Brazil, sua patria, e após longa viagem pela Europa, decidira passar uns dias em Lisboa. Viúva ! bastou isso para que tantos pretendentes surgissem quantos a haviam visto. Não se calcula que despeito reinava pelas damas de Lisboa presentes !

Visivelmente fatigado com a loquela do primo, perguntou Gonçalo :

— Quanto tempo demorou no Reino ?

— Nunca mais lhe puz os olhos em cima, apesar dos esforços feitos nesse sentido. Contou-me Christovão

de Almeida que a avistara, ás cinco horas da manhã, com o manto cahido sobre os olhos, em companhia da velha Mecia, dirigindo-se á igreja e precedendo innumeravel sequito de creadas e escudeiros, segundo o interessante habito portuguez, de que tanto mofam, e com toda a razão, os estrangeiros.

Só mesmo em Portugal é que essas cousas se vêm ! Já prohibiu El Rei, duas ou tres vezes, que as mulheres andem *tapadas* (1) mas qual ! só se lhes enxergam os olhos, e o resultado desse absurdo costume é uma serie de lastimaveis equivoscos ! Quanta megera velha, de talhe franzino, que a gente segue, pensando que se trata de uma moça, pelo menos soffrivel... Só a mim já succedeu umas poucas de vezes...

Impacientado, batia Gonçalo, com o cabo de um chicote, no espaldar de uma cadeira :

— Que tagarella ! Não te afastes do fio da historia !

— Basta de contar ! A meu turno quero saber alguma cousa. Comecei pedindo noticias, com tanta soffreguidão, e deixei-me levar a fazer tão longas confidencias. Quem é afinal essa Leonor ? Correm a seu respeito tão encontradas versões ! Será mesmo, como dizem, de excellente casa, e até comnosco meio aparentada ?

— O paé é um tal D. Fernando de Avila Mascarenhas, que, desde muito, vive retirado, em suas terras de Itaperande, a trinta leguas daqui, e cuja tataravó era prima terceira da minha, e, portanto, da tua quinta avó, D. Joanna de Mello. Em moço, segundo contam, teve mil e uma aventuras, gastando na Europa rios de dinheiro. Nunca ouviste nomear-lhe o filho, o doudissimo Carlos de Mascarenhas, que tanto viajou e foi morrer em Veneza, assassinado ? Só lhe resta essa

(1) Embuçadas.

filha, a quem deve deixar enorme fortuna, pois mudando de habitos, constantemente enthesoura, entregue á mais sordida avareza.

Bocejava D. Francisco, com estrepito :

— A biographia do velho é realmente interessante...

— É isso ! tu te massas quando não podes falar.

— Voltemos a Leonor. Morou sempre na Bahia?

— Não, nem aqui nasceu; o pai trouxe-a pequenina; aos quinze annos, ao voltar novamente da Europa, onde se educara, era de peregrina formosura, requestando-a, perdidos de amor, os nossos primeiros fidalgos. Soube-se um bello dia, com geral pasmo, que ia desposar um velho hespanhol, um tal D. Juan Cristobal de Acuña, presumpçoso, grosseiro, insolente, feio como os sete peccados mortaes, repugnante de fealdade e que, por si, apenas tinha possuir fortuna (aliás menor do que apregoava).

Foram-se os dous para a Hespanha, creio ; dizia-se aqui que o velho se ralava de ciumes e a encarcerava; um anno mais tarde já não existia.

Desde essa epoca, viveu ella a viajar e lá se vão tres ou quatro annos... ou mais ainda...

— Não se casou novamente?

— Nem se casará ! Não quer que lhe tolham a liberdade, disse-me Belchior de Lemos, ao relatar a seu respeito as mais espantosas cousas.

— Ora Belchior de Lemos ! conheci-o bem em Lisboa ! uma vibora ! calumniador como poucos. Quem lhe pode dar credito ? Mas afinal, onde se acha actualmente essa mulher extraordinaria ?

Riu-se Gonçalo :

— Homem, esse teu interesse !... descansa... nada consegues... por mais que estejas empolgado...

Assumindo ares de philosopho invulneravel ás pai-

xões mundanas, e, levantando os hombros, desdenhoso e soberbo, retrucou D. Francisco :

— Empolgado, eu? Não sabes quem nós somos?! haverá no mundo gente mais insensível do que a minha? gabo-me, meu caro, de não ter degenerado! — acaso ignoras que a casa de Louveira prosperou, e tanto, pelo muito amor que os meus avós sempre manifestaram ás mais horrendas herdeiras de Portugal? houvesse dinheiro, muito dinheiro, que elles em troca offerciam amor purissimo... Gente fina! Mas isso não vem ao caso. Está ou não está na Bahia?

— Após tão longa ausencia, aqui parou dous dias, no mez de Abril, em casa de uma velha tia solteirona, D. Maria de Aguiar; ninguem a enxergou porem, visto como, sob pretexto de molestia, não quiz receber visita alguma. Por pouco esteve a cidade a morrer de curiosidade insatisfeita. Soube-se que ficara umas semanas no engenho do velho Mascarenhas, e, ha uns dias, da sua partida para a Europa, tendo embarcado no Rio de Janeiro, ou em São Vicente, onde estivera a negociar uma propriedade, pois, com as contínuas viagens, gasta fabulosamente.

É o que pelo menos se diz na Bahia. Não se resigna a viver em Itaperande, á espera do dia em que, do pae, deve receber uma fortuna de dez ou quinze mil cruzados de renda. Mas qual! ella abomina morar no Brazil...

— Gonçalo, como a comprehendo! como me cresce a já tão grande admiração pela sua pessoa!

Fez Barros um gesto demonstrativo da nenhuma moza que, aos seus sentimentos de susceptibilidade patriótica, causava a impertinente franqueza do primo :

— Agora, meu caro senhor, juro que nem mais uma só palavra obterás, se, não explicares a causa da tua

curiosidade. Podes afixar o que quizeres : amas...

— Achas que amo ? Pois seja !

— Bem o percebera ! Tanta insistencia !

— Já que assim o queres ! Para não perdermos mais tempo, porem, vou explicar-te a cousa : a tua Leonor escravisa completamente o meu pobre amigo Lorena.

— Quem ? o teu commandante ?

— Exactamente. Por sua causa muito tem soffrido.

— Devéras ?

— A historia é curta, pois embora se saiba que elle vive amargurado por furiosa paixão, ninguem jamais lhe ouviu uma unica palavra a esse respeito.

E não ha quem se atreva em lhe falar em tal ; o homem desvaira !

— Curioso ! Quando tenho qualquer affeição, a primeira cousa que faço é procurar um confidente. E quanto mais forte, mais falo !

— Imagina um individuo, desconfiado como um brasileiro, violento, impenetravel, dominando-se perfeitamente, porem, ciumento como um turco, e, ao par disso, mais timido do que qualquer creança de nove annos, incapaz de seduzir a mais facil das mulheres, apavorando-se ante a idea de tratar com uma dama, de cujo sexo faz um conceito cuja elevação só corresponde á falsidade...

— Viveu, desde pequeno, dizes, sobre as taboas do seu navio de guerra, e é muito natural que prefira enfrentar uma duzia de hollandezes do que os artificios e maleficios feminis.

— Põe no coração de um homem desses um amor inextinguivel, avassalador, por uma mulher a quem só Santo Antão saberia resistir, e verás que supplicio lhe inflinges, sobretudo se, como supponho, andam sempre os horizontes annuviados.

Eis um homem desarmado, inteiramente a mercê da mulher, e a accitar todos os soffrimentos que della provêm, a reconcentrar essa chaga no fundo do peito, sem uma expansão que venha trahir o supplicio.

— Qual! estás a ennegrecer um quadro idyllico. Se teu amigo é, como pretendes, impenetravel, como chegaste a taes conclusões?

— Observando-o! se ha quem saiba observar é este teu primo. Descobri a cousa no baile da velha Mecia, sorprendendo-lhes a inquietação. Por vezes trocaram olhares carregados de paixão; conhecem-se visivelmente, e de longa data. De onde, ignoro totalmente. Quiz falar-lhe, e elle me respondeu de tal modo, que nunca mais pensei em abordalo sobre o assumpto.

Tenho quasi certeza que, fora do sarau, não se viram em Lisboa. A ancia com que trabalhou no aparelhamento da esquadra, faz-me crer que espera encontrala aqui.

Não sahia de bordo, auxiliando os aprestos, não só do seu como dos demais vasos, numa dobadoura infatigavel. Todos nós soubemos logo do caso...

— Acredito bem! trataste de o divulgar por toda a parte.

— Não! abri-me com dous ou tres intimos apenas. Não sou indiscreto como pensas, pelo contrario! Nesse periodo a que me refiro, custosamente conseguimos arrancalo de bordo, ou do serviço, duas ou tres vezes; uma dessas, na antevespera de nossa sahida... passámos a noute em desordenada alegria. Deu-se então o incidente com que Simão me pirraça... uma ninharia... pequena briga entre dous judeus.

Bellas e saudosas folias de Lisboa!

— E afinal?

— Apesar do cuidado com que occulta o violento af-

fecto, sentirá, estou convencido, real commoção ao saber que a infiel voltou á Europa. Vai padecer muito, o pobre.

— E quanto soffrimento não lhe está ainda reservado, prognosticou Gonçalo, suspirando. Que mulher perversa !... ouve os sinos ! já é tarde, vamo-nos preparar para o *Te Deum*.

Espreguiçou-se D. Francisco, distendendo as pernas com força, de modo a lançar ao chão uma cadeira em que tocara :

— Não me contaste ainda as invenções de Belchior de Lemos ; que calumnias forjou aquelle scelerado ?

— Os mais estramboticos boatos ! Segundo elle viram-na, em Hespanha, frequentar a ralé dos ciganos, judeus e mouriscos, a ponto de se tornar suspeita. Retirando-se para a Hollanda, ou para a Inglaterra, parece que lá andou muito amiga de hereges e da heresia... e não é só... cousa curiosissima...

— Absurdo ! E como pôde o sicario informar-se ?...

— Pretende ter sido seu amante... e muitissimo querido.

— *Absurditas !* como me dizia, a cada passo, o meu bom e velho mestre.

Uma mulher como ella nunca se chegaria a tão repellente individuo ; que tentasse selo não duvido, mas aposto como foi rechassado. Agora procura vingar-se.

— Qualquer cousa houve entre os dous ; ah, com certeza ! Se soubesses como elle se exprimia ! como a insultava, e amaldiçoava, a paixão furiosa com que a ella se referia ! Parecia louco, inteiramente fora de si !

Quantas vezes o ouvi, completamente desvairado, ameaçala de morte, arrependido de a não ter assassinado ! Acho que seria muito capaz de matala, pois é um homem de paixões violentissimas.

— Não estejas a ennobrecelo. Não passa de vulgar scelerado... e nada mais. Onde vive agora ?

— Partiu para a India, ha cerca de um anno, o que me parece muitissimo significativo...

— Que felicidade ! dê-mhe por lá, quanto antes, cabo da pelle !

Se nisso tudo houvesse algum resquicio de verdade, comprehendes bem, já teria tido a nossa heroína séria querela com o Santo Officio, a quem nada escapa neste mundo, e não é para graças. Enfim como não ha cousas impossiveis...

Apenas, quanto a mim, posso afiançar que ella appareceu em Portugal, aos vinte annos, radiante de belleza, com uns olhos que ninguem pode fitar... até parece algum ente sobrenatural.

— Na realidade, não passa de pessoa completamente insensivel de coração, glacial, governada pelo mais extravagante dos caracteres, falsa, devorada de cubiça... Tenho-a como aloucada...

— Ora, meu amigo, acabas de trahir os teus sentimentos. Foste uma das suas victimas...

la Gonçalo desmentir a asserção, quando o irmão surgiu na sala. Interpellou-o D. Francisco :

— Chegas a talho de foice, meu caro Ayres ; anda o Gonçalo a negar-me que se tenha deixado suggestionar pelos encantos de D. Leonor de Avila. Não estará faltando á verdade ?

— Pobre Gonçalo ! Imagina que em tempos idos pretendeu pedila em casamento ! Nosso pae, ao saber de taes projectos, cnfureceu-se ao ultimo ponto, e mandou-o para a Europa, onde o conheceste, hypocondriaco, e, ao mesmo tempo, a levar a mais alegre das vidas, divertindo-se prodigiosamente.

— Ah ? inexplicavel severidade !

— Provocada pela razão muito simples de que não ha quem tenha conhecido a illustre progenitora da Snra D. Leonor e de seu irmão Carlos. Pisam, todos, o terreno das conjecturas. Provêm ambos, dizem alguns, de certa cigana, judia ou mourisca de Granada, com quem viveu D. Fernando; afiançam outros que se trata de uma comica hespanhola, os indulgentes falam de uma siciliana ou florentina, raptada ao marido, fidalgo pertencente a não sei qual das casas illustres da Italia.

Eis porque, sendo filha de quem é (pelo lado paterno) herdeira de grande fortuna — pretendem alguns, aliás, que o velho Mascarenhas nunca a legitimou — e prodigiosamente bella, não houve, entre os nossos melhores gentishomens, quem se abalançasse a lhe pretender a mão.

A ideia de uma sogra ledora de *buena dicha*, ou mesmo rainha do palco ou na melhor hypothese, esposa transviada, a todos assustava. Supponhamos que lhe desse á gana conhecer e frequentar o genro !

— Provavelmente já morreu...

— Quem sabe lá ? Por aqui nunca appareceu, creio, mas... quem sabe lá ?

— Então só o nosso Gonçalo ?

— Só o nosso Gonçalo, com o seu coração ternissimo é que se deixou influenciar. Mas quando se atreveu a falar no assumpto, viu o Papae semi-suffocado e roxo de ira, quasi espancalo. Tambem pouco durou a crise: este meu irmão, é bom sabelo, já esteve fulminantemente apaixonado onze ou doze vezes... Ainda agora...

— E a menina ? prestava-lhe attenção ?

— Qual ! nunca lhe ligou importancia, desde muito namorando os escudos e os annos avançados do velho D. Cristobal. Passemos, porem, a assumpto muito mais

importante como actualidade. É tempo de te preparares para o *Te Deum*; não percas essa occasião de ver todas as notabilidades, tudo quanto a Bahia de bom possue.

— Muito me alegra a noticia... ha tanto assim que se observe?

Susceptibilisou-se o joven bahiano, replicando formalizado:

— Certamente! as modas e costumes do Reino são aqui estrictamente observadas. Haveremos de nos encontrar, á sahida da Sé. Vae-te arranjar, que já é tarde, e não aborreças o infeliz Gonçalo, com as historias da detestavel Leonor de Avila, que, ainda em Junho, lhe bateu a porta á cara, com toda a semcerimonia...

Serviu a advertencia para mais excitar a D. Francisco, bastante incredulo das asseverações do primo.

— Como é linda Gonçalo!

— Que olhos profundos, que cilios espessos e franjados! Já reparaste como ás vezes fita um pouco desvairadamente? E que cabelleira! que esbelteza de estatua!

— A mim o que mais assombra é o seu modo de falar, os gestos divinos, a voz deliciosa! E a luz que se lhe desprende dos olhos, numa irresistivel força persuasiva?

— Quem lhe ouvira palavras de amor!

— O velho castelhano, boa duvida! Belchior, o amigo Lorena e muitos outros, provavelmente, grazi-nou D. Francisco.

— Como pode tão perversa alma encerrar-se naquelle envolucro admiravel?

— Já que desististe da sereia, trata, como consolo, de acreditar nas historias de Belchior de Lemos.

Gonçalo, meditativo, não respondeu.

Vinha cahindo o crepusculo, rapidamente diffun-

dindo-se a sombra, na grande sala onde os dous conversavam.

— Não tarda o *Te Deum*, lembrou Barros, levantando-se. Já os sinos da Sé estão a repicar.

— Pois vamos; quero porem que, mais tarde, me contes, por miúdo, os teus amores com essa Leonor... muito de observar-se, com effeito... Pobre Jorge !

Que homens tambem ! tú e elle, capazes de vos entregardes á paixão ! apherismou o adolescente, num tom de profundo scepticismo e commiseração.

Riu-se Gonçalo de modo tão franco, que todas as duvidas possiveis se esclareceram :

— Apaixonado?! não percebes qual seja o genero de decepções que me faz lastimar ter sido repellido pela linda viúva ?

— Sahe-te d'ahi... sahe-te d'ahi ! resingou D. Francisco, meio arrependido de, tão depressa, haver philosophado sobre a similitude que pretendia estabelecer entre o caso do amigo e o do primo, e, um tanto enfiado da sua precipitação deductiva.

CAPITULO VI

O TE DEUM

Não obstante a amplidão das suas tres naves, regor-
gitava de gente a Sé Cathedral da Bahia, assim como a
praça que lhe ficava fronteira, onde formara, em con-
tinencia aos altos personagens que deviam concorrer
ao *Te Deum*, o terço do mestre de campo D. Vasco de
Mascarenhas.

A' testa do regimento, immoveis sobre dous soberbos
corceis, acobertados de ferro, quedavam o mestre
de campo e o seu sargento mór, vestindo corpo de
aço inteiro, braçaes, coxotes e fraldilhas, e trazendo,
em vez das grevas, que lhes completariam a armadura,
finas e compridas botas de couro.

Immediatamente atraz, fardados de gala e em-
punhando a gineta, manoplas calçadas e cabeça desco-
berta, mantinham-se de pé, os capitães das companhias
do terço, tendo ao lado pagens, que lhes carregavam os
capacetes.

Perfilava-se depois a soldadesca, a principiar pelos
piqueiros, com os cossoletes espelhantes, completa-
dos pelas espaldas, escarcellas, braçaes, manoplas e
morrião — restos medievaes de armas defensivas que

breve haveriam de desaparecer — limitando-se-lhes o poder offensivo ao uso de longas alabardas e pesados sabres.

Seguiam-se-lhes os arcabuzeiros, armados de espada e adaga, presas a um cinturão, de onde tambem pendiam, sobre a coxa esquerda, o frasco das escorvas e os morrões, e, sobre a direita, a bolsa dos pelouros, e o polvarinho, ao hombro descansando o arcabuz.

Perfaziam os mosqueteiros a formatura, carregando, alem da espada e da adaga, a pesada arma que lhes dava a designação, e a forquilha, onde a apoiavam para disparala ; larga coura protegia-lhes o peito.

Eram sete horas quando os atabales soaram, annunciando a chegada do Governador Geral e de seu sequito.

Agitou-se a multidão que, respeitosa, abriu alas á passagem de tão illustres figuras ; á frente do prestito caminhava o Governador Diogo Luiz de Oliveira, ladeado de D. Antonio de Oquendo, do almirante D. Francisco de Vallecilla, do Conde de Bagnuolo, commandante do reforço chegado na esquadra, e destinado ás capitancias do Norte, e do Conde e Senhor de Pernambuco, Duarte de Albuquerque, que da Europa viera visitar a sua capitania, invadida pelos batavos. Acompanhavam n'os os altos funcionarios da colonia : o sargento mor do Estado do Brazil, o provedor da fazenda, o ouvidor-mór, o escrivão dos contos, os juizes e vereadores do conselho, o alcaide-mór da Bahia, innumerous officiaes das companhias de ordenança, das tropas recém-vindas de Portugal, dos navios da armada, numa enorme variedade de trajos e uniformes, desde a simples capa, com as armas portuguezas bordadas a retroz, da milicia bahiana, até os grandes mantos, as lobs e sobrepelizes, onde se des-

tacavam as insignias das ordens militares de Christo, São Bento de Aviz e São Thiago, Calatrava e Sant'Iago.

Á porta da cathedral, cercado de numerosa cleresia, e tendo á testa o Arcediago, vaga, como desde alguns annos se achava, a cadeira episcopal da Bahia, com a morte do heroico Bispo D. Marcos Teixeira, aguardava o cabido ao cortejo. Grande alvoroço á entrada, superexcitou a assistencia, impatientissima; momentos depois, voltava o cabido ao côro, junto ao altar-mór, precedendo o governador e seu sequito; nos rostos femininos, sobretudo, a maior curiosidade se acendera; rapidas observações trocavam-se em voz baixa, ao passar alguém digno de maior attenção.

Attrahia Oquendo todos os olhares, graças, não só á elevação da sua patente, como ao nobre e marcial porte, ao riquissimo vestuario de velludo negro, realçando magnifico collarinho de finissimas rendas, identicas ás enormes guarnições dos punhos. Cahia-lhe do pescoço grossa corrente de ouro, que sustinha o carneiro, insignia da Tosão de Ouro, brilhando-lhe ao peito, a cruz vermelha de Calatrava, ornada de flores de liz.

Apezar da frouxa illuminação da nave, deslumbrava o aspecto da assembléa.

Junto ao altar-mór, mais de cem ecclesiasticos entremeavam as amplas cogulas negras dos beneditinos aos habitos brancos dos dominicanos, as roxas murças dos conegos aos pardos bureis franciscanos, aos sombrios manteus jesuiticos, ás grandes capas de lã branca, tendo á esquerda a cruz vermelha, dos freires de Christo; logo abaixo, luziam centenas de fardas de gala, apertando-se, na parte reservada ao publico, as nobres senhoras da Bahia, luxuosamente trajadas de sedas e velludos, e cobertas de joias de alto preço.

Entoou o Arcediago o primeiro versiculo do *Te Deum*, e, immediatamente, reboaram as abobadas da igreja, com o estrugir de milhares de vozes, que repetiam a grandiosa acclamação de Santo Ambrosio e Santo Agostinho ao Todo Poderoso, fazendo-lhes coro, fóra da cathedral, o povo apinhado no Terreiro da Sé.

Findo o cantico de jubilo e triumpho, ao pulpito surgiu um pregador, muito velho, magro e esguio, feições de missionario ardente, o jesuita Nicolau Vaz que, entre os confrades, era tido á conta de homem de excepçionaes virtudes.

Rispido encarando a reunião, pareceu, pela insistencia com que fixava o ponto onde se sentara o seu Provincial, esperar uma demonstração de assentimento do superior, e, após dous ou tres minutos de silencio, deixou, com a maior lentidão, asperamente cahir as syllabas do argumento.

— *Et videns civitatem flevit super illam* (1)...

Ao enunciar do texto, sorpresos entreolharam-se os assistentes ; em vez da esperada acção de graças, severa homilia annunciava-se.

Significativo meneio de cabeça fez Diogo Luiz a Oquendo e Vallecilla.

Principiara a pratica :

— Meus Irmãos !

Ha alguns annos, em Pernambuco, vaticinou um santo monge da religião do Patriarcha São Domingos, como vós todos sabeis, que *Hollanda abrazaria Olinda*.

Os maus que o ouviam, lançaram-no fora do pulpito, e da igreja, com injurias e maus tratos, mas veio Hollanda e abrazou Olinda, falando Deus pela bocca de seu servo. Veio Hollanda e a Bahia e Pernambuco

(1) E contemplando a cidade, por sua causa poz-se a chorar...

pagaram um tributo de sangue e de dor ! continúa o herege a affligir e a despropositar nesta terra catholica, e não será tão cedo que, no Brazil, o rei Catholico hade restabelecer o seu dominio e o da Santa Igreja, muito embora os grandes armamentos e as grandes frotas.

Peccatum peccavit Hierusalem, propter ea instabilis facta est (1).

Fez o orador uma pausa, e, lançando torvo olhar sobre o grupo do Governador, continuou, em tom sinistro :

— É que a divida dos povos do Brazil para com o demonio é immensa, e muito custará a vencer-se! E o unico causador de tantas miserias, destruições e captiweiros é o peccado ! estes mesmos, que hoje se lastimam e arrepelem, amaldiçoando a sorte, cheios de jactancia desafiavam a colera divina : *dicebant montibus : cadite super nos* (2) !

Submerso num fluxo torrencial de palavras, verbejava o Padre Vaz :

— Devem-lhe, a Satanaz, os povos desta colonia, em que as causas das viúvas, e dos orphãos, não entram em casas de juizes, nem de advogados, onde só se vêem humanos respeitos, soberbas ameaças, infinitos insultos, desprezo dos infimos e desacatos ás pessoas e cousas religiosas. Quem, no Brazil, reclamar o que lhe fôr proprio será escandalisado !

Os devedores não são, porem, unicamente os povos e sim, sobremaneira, os officiaes d'El Rei, porque vivem dos abusos e fazem causa commum com os perversos, a quem acoroçoam.

Entre esses — ahi teve o jesuita ligeira hesitação,

(1) Jerusalem peccou e, por esse motivo, está sendo attribulada.

(2) Desafiavam aos montes : desabai sobre nos.

para depois redobrar de acrimonia — estão os Governadores, Delegados Reaes que deixaram e deixam florescer as lascivias, os faustos, os regalos, as usuras e emulações, as aleivosias, vinganças e odios, que sempre souberam dar toda a força aos perseguidores da Igreja de Deus, aos que escravizam os miseros indios, arrancados ao paganismo pelos missionarios, hoje, como desde muito, constantemente, vilipendiados e ameaçados de morte !

Eram, e são, esses Governadores os mesmos que, systematicamente, fecharam e cerram os olhos ao enorme incremento que, nas partes do Brazil, vae tomando a horrenda malicia hebréa.

Que terra catholica é essa, em que os christãos novos vivem, quasi ás claras, a seguir a lei de Moysés ? Denunciam-se os factos, uns sobre os outros, e, no entanto, os officiaes d'El Re não se movem.

Sabem-no e parecem applaudilo !

Para quem, a peso de assucar, pode comprar a complacencia dos grandes, esta terra é sua !

Se, acaso, ante tão tremendas e diabolicas desordens, protestam os bispos, ninguem lhes faz conta das palavras, quando os não desattendem brutalmente, desde o primeiro, o que acabou repasto de anthropophagos; os prelados do Rio de Janeiro, esses, um é expulso e morre envenenado, outros tem de abandonar a prelazia, para homisiar-se, e fugir á sanha dos lobos cervaes, os mercadores de christãos neophytos, sustentados por quasi toda a população.

Pelas enrugadas faces do jesuita deslisaram algumas lagrymas, que promptamente apagou, procurando dominar a intensa commoção, que lhe ia tornando, cada vez mais vibrante, a voz syncopada.

— Que ha de admirar que hereges devastem e exter-

minem, quando portuguezes e catholicos investem com reuniões de christãos, ferem os padres que, de cruz alçada, lhessahem ao encontro, pedindo misericordia, e assassinaam milhares de innocentes, recém-remidos das trevas da idolatria ! « Não faz mal, estão baptisados ; podem morrer que vão para o ceu. »

Em Ceylão, a tanto não chegaram os calvinistas !

Meus irmãos eu vi ! os marcos da estrada que os matadores seguiram, eram milhares de ossadas de conversos á nossa Santa Fé ! Eu trilhei essa via dolorosa ! e assisti á chegada, em S. Paulo, de mil e quinhentos famelicos e esqueleticos captivos, dos dez mil arrancados, aos aldeamentos de Guayra !

Subito, um golfão de lagrymas embargando-lhe a voz, poz-se o padre a soluçar alguns instantes, em meio do enorme constrangimento da assistencia, empolgada pelo espectaculo daquella dor.

Reinava na igreja tumular silencio.

Afinal, pôde o jesuita proseguir, e, passando a uma grande exaltação, continuou a terrivel diatribe, accusando e ameaçando, em nome de Deus, predizendo mil desgraças, que, por intermedio dos hollandezes, despenharia o Ceu sobre o Brazil.

Não houve particularidade esquecida ; tão vehemente arguiu governadores como governados, nobres como peões, homens como mulheres. Num grande brado terminou :

— *Hierusalem ! Hierusalem ! convertere ad Dominum Deum tuum (1) !*

Esvasiava-se a Sé, retirando-se o Governador Geral, a conversar com Oquendo e os demais officiaes superiores.

(1) Jerusalem ! volta-te para o Senhor teu Deus !

Não obstante a sua contenção, notava-se que a virulencia das apostrophes e das accusações do Padre Vaz o encolerisara fortemente :

Commentavam todos a austera pratica :

— Para nós que vimos da Europa, nunca commetemos crimes no Brazil, e portanto, nesse particular, nada devemos ao diabo, não foi o sermão de bom agouro, galhofou, intempestivo, o Conde de Bagnuolo.

— Esquece-se V. M^{ca} que, em 1625, já por aqui esteve, acudiu rindo o almirante Vallecilla.

— Em todo o caso, não tivemos sermão de regosijo, como se annunciara, expendeu o Donatario de Pernambuco.

Assegurou Oquendo gravemente :

— Se eu fora V. S., levantara-me e sahira logo ás primeiras palavras, Snr. Governador, e, agora, exigira do Provincial da Companhia que, rigorosamente, admoestasse o Padre, pela intemperança da inconvenientissima predica.

— Seria illusorio, Snr. General, objectou Diogo Luiz ; não percebeu V. S. como a todo o instante procurava o pregador, no olhar do Provincial, o incitamento para os seus ataques ? Julga acaso que se atrevera a tal descommedimento de linguagem, se não houvesse obtido a approvação do superior ?

— Fosse como fosse ! garanto que me teria retirado immediatamente. Admiro-lhe a paciencia e longaminidade !

— Seria um escandalo ; o melhor, em casos taes, é não lhes ligar demasiada importancia. De pregadores, em regra geral, tudo se deve supportar, e este, por cima de tudo, passa por santo. Nunca ouviu V. S. de um frade, grande orador, que, vendo entrar na Sé de Lisboa o Cardeal Alberto, Vice Rei de Portu-

gal (1), apostrophou-o com um texto da sagrada Escrip-tura em que lhe dizia : *pega nos teus andrajos e põe-te no olho da rua ! ?*

Que heide fazer, em S. Paulo e no Rio de Janeiro, com essas eternas discordias dos colonos e dos padres da Companhia, quando as forças de que disponho mal chegam para attender ás capitánias invadidas? quando a propria Bahia não está a coberto de nova aggressão?

— Não se incommode com o destempero do pregador; V. S. dedicado, como sempre tem sido, ao serviço d'El Rei, está ao abrigo de qualquer intriga.

Impresionado e tristonho, sentenciou o Governador :

— Quando um jesuita fala, seja em que canto fór da monarchia, repercute no Escurial o echo de suas pala-vas. Este Brazil tem-me sido um calvario... nelle perdi um irmão querido e atravesso annos penosíssimos, cheios de sobresaltos e attribuições.

Paciencia, é o que peço a Deus.

— Isso lhe sobeja, Snr. Governador, redarguiu Oquendo. Só a que hoje revelou... o padre esteve ter-rível!

Á porta da Sé, e a lembrar topicos do sermão, grande numero de moços, entre os quaes os irmãos Barros, D. Francisco e Simão, esperava a passagem das damas, observando as pessoas que se retiravam.

— Tudo poderia ter o padre dito, menos falar tão brutalmente das nobres senhoras brasileiras, criticou D. Francisco. Como é que do pulpito se proferem enormidades desta ordem : « Quem se atavia como as mulheres deste paiz, senão as barregãs caçadoras de homens ? »

(1) Ao retirar-se de Portugal, que acabava de incorporar á sua coroa, deixou Philippe II, como Vice Rei, o archiduque Alberto d'Austria, cardeal arcebispo de Toledo, que governou de 1583 a 1598.

Foi demais! tocou ás raias do despropósito!

— Meu caro, contrariou o pirracento Simão, os homens como o P^o Vaz, podem enunciar tudo o que á cabeça lhes acode, e ninguém lhes deve fazer reparos, e ainda menos levar-lhes a mal os ditos e opiniões, porque fala Deus pela sua bocca.

A chegada de numeroso grupo feminino impediu que D. Francisco contestasse o aphorisma.

Moças e matronas, com summo interesse, fitavam os rapazes, trocando commentarios acerca da elegancia e real distincção de D. Francisco, e do aspecto de Simão, apollineo e herculeo.

Rasgavam-lhes os observados profundos cumprimentos, inclinando o busto até arrastar no chão as plumas dos chapéus.

Numerosas cadeirinhas, carregadas por lacaios negros, trajando ricas librés, surgiam á porta da Sé; saudando novamente os cavalheiros, que com a maxima cortezia e respeito lhes correspondiam, afastavam-se as damas nos palanquins.

— D. Luiza de Azevedo! D. Joanna de Mello! enumerava Gonçalo aos companheiros, acrescentando pormenores, á medida que se retiravam as indicadas. Não achas linda esta Paula de Menezes?

— Quanto de dote? averiguou D. Francisco, secca e prosaicamente.

— Infelizmente pouco, muito pouco mesmo. Mas é uma belleza!

— Ah! a tua duodecima? Queres um bom conselho? Não te deixes captivar por formosuras sem vintem! Sê mais positivo menino, mais pratico. Se ainda fosse como Leonor de Avila! Esta sim, merece sacrificios...

Em vinte minutos ficara o adro deserto; retiraram-

se os quatro companheiros, tomando a direcção de casa, lentamente, a palestrar animados.

— Nunca suppuz aqui encontrar damas tão bellas e elegantes, como as que acabamos de vêr, declarou D. Francisco. Não nos dará o Governador algum sarau?

— Não creio; neste momento está a cidade tão deserta...

— Pois é pena, muito estimaria conhecer, de perto, a sociedade da Bahia.

Cheio de amaveis intenções, ponderou Simão :

— Só com as damas que assistiram ao *Te Deum* o palacio se encheria... Sinto-me realmente pezaroso com a noticia. Pasmei-me da belleza de tuas patricias e da opulencia de seus trajés. Quanta sedal quanto velludo! Hollandas e brocados em espantosa profusão!

— Não ha duvida; permite-me porem, meu caro Gonçalo, ligeira observação, nem com ella te offendas, pronunciou D. Francisco. Pelo que hoje pude notar, aqui andam as modas um tanto antiquadas.

Fazendo signaes de formal desassentimento e a chamar-lhe a attenção, para a indelicadeza das reflexões, vivamente rebateu Simão :

— Tua censura é totalmente descabida; direi ainda, absurda, revelando a mais absoluta deficiencia de criterio e espirito observador.

— Como? protestou assomado o aggredido, gravemente offenso no amor proprio. Terás o topete de afirmar que, em Lisboa, estão em moda vasquinhas cheias de pregas, desde a cintura até aos babados? E os cabeções? que velharia! verdadeiras marquezotas, dessas que minha avó usava nos tempos do seu namoro com meu avô, o Conde D. Lourenço! Hoje, as guarnições são totalmente diversas, e os abanos á balona. Os

das damas bahianas estiveram em grande voga pelos tempos do Cardeal Rei. E as...

— Realmente, atalhou Ayres de Barros, não sei para que nasceste fidalgo. Darias admiravel alfaiate...

— É justamente o que me faz notar, respingou D. Francisco irritado, que, apesar de tua recente estada no Reino, andas, em materia de vestuario, atrazado de duas decadas, pelos menos.

Não se deu Ayres por achado, dizendo com bonhomia :

— Significa essa tua descoberta que me visto com as roupas que, aos seis mezes de idade, deveria ter usado.

— Significa somente, dogmatizou, indignado, o defensor da intangibilidade das modas, no meio dos risos que a pilheria provocara, que, do bico dos sapatos á pluma do chapéu, tudo em ti é immemorial, obsoleto. Essas calças de tufos e golpes direitos, com uma horrenda pestana de velludo, cheiram ás pragmaticas que tresandam (1).

E as mangas ? as tuas mangas ? Este teu chapéu de feltro branco... que monumento !

— Bem ! basta de futilidades e sobretudo de gentilezas para com amigos que tanto te obsequiam, perimiu Simão.

Poz-se o reprehendido a resmungar, encolerizado e infantil :

— Não sabem, nunca poderão vestir-se bem...

Preparava-se para dar a energica resposta que julgava devida, quando, inesperadamente, appareceram Lorena e um religioso, o mesmo que de manhã estivera a bordo do *Prazeres*.

(1) Diversas vezes legislaram os monarchas hespanhoes e portuguezes, no sentido de refrear o luxo, por meio de *pragmaticas*. Philippe III e Philippe IV cuidaram do assumpto, com rigor.

CAPITULO VII

AGRADAVEL ENCONTRO

— Olá Lorena ! Fr. José ! exclamou D. Francisco alegremente, sem mais se lembrar da disputa. De onde vêm ?

— Do *Te Deum*, respondeu o freire. O pregador esteve admiravel de crueza. Recordou-me um dos meus sermões, o de São Lourenço, ha annos pregado em Goa.

— Injusto, Padre.

— É indispensavel, certas vezes, usar de rude severidade. Aos grandes males... não ?

Tendo o religioso avisado que iria dormir a bordo do navio de que era capellão, resolveram os cinco moços levalo ao ponto de embarque.

— Que sabe, Fr. José, das intenções do Snr. General ? inquiriu Ayres.

— Nada por enquanto ! acabámos de chegar !

— Se V. R. vivendo na intimidade dos chefes, ignora...

— Nada ainda está assentado ! Creio que o proprio General não formou plano algum, dependente como está dos alvitres do Governador Geral. Em todo o caso, muito breve, teremos encontro com os hereges. Em Pernambuco ha uma grande esquadra, que, com cer-

teza, virá atacar-nos. Mais uma vez, meu caro Jorge, vamos encontrar os amigos flamengos.

— E recordar as façanhas do nosso valente *San Blas*.

— Bom navio ! tú te recordas quando os dous holandezes, que foram os primeiros a saltar no nosso convez, correram para mim gritando *perro padre?! Também, logo atiraste um ao chão, em bem mau estado !*

— E o segundo ? nada de falsa modestia, Fr. José ! conte-nos como V. R. lhe fez beber, com a maior presteza, pela borda afora, uma pouca de agua salgada. Parece-me ainda presenciar o momento, em que a turba dos assaltantes nos dominou, arrastando a V. R. de baixo de rija pancadaria.

— Pobres costas ! santo Deus, como ficaram ! No porão do *Hollandia*, metteram-me a valer o calabrote ! Pretendi, a principio, não dar áquelles endiabrados calvinos o gosto de me verem gritar, mas qual ! urrei como um louco furioso, e, afinal, cahi sem sentidos, tudo isso sob a saraivada de improperios do commandante, que, de todos os modos, me injuriava numa algaravia terrivel : *spera cane di fraile ! io vado te hacer dansar, ahora mismo, al fino de una corda !*

Já não dava quasi accordo de mim ; fiz, porem, um esforço e esperei resignadamente a morte, recordando, para fortalecer-me o animo, os exemplos de meu confrade e grande amigo, Fr. Vicente de S. Antonio, atrocemente torturado, nos mares do Japão, ha uns dez annos.

— E como conseguiu V. R. escapar á sanha dos barbaros ?

— Milagrosamente ; foram por certo Nossa Senhora e o Senhor São José que me salvaram. Passando a bordo da almiranta, para falar ao chefe dos piratas, o fa-

moso Pedro Peres, o meu algoz, que tomara tremenda carraspana, cahiu ao mar, afogando-se.

La proseguir o freire na narrativa do seu captiveiro; vendo, porem, virem-lhe ao encontro dous individuos calou-se, á espera dos interruptores.

Vestia um delles a roupeta jesuitica, ao passo que o outro, homem athletico de estatura media, cujo rosto largo chapéu desabado encobria, trajava muito simplesmente, á secular.

Expansivo, interpellou o jesuita, ao grupo :

— A quem simultaneamente encontro ! Ao meu patricio Jorge de Lorena (quantos annos lá se vão que não nos avistamos) e ao meu reverendo Padre Mestre Fr. José de Sant' Agueda, antigo e caro condiscipulo (embora muito mais velho). Quão distante estava de suppor que na esquadra viriam !

Longe de mostrar grande reconhecimento pelo carinhoso trato, pareciam constrangidos os dous saudados.

— Será possível que me não tenha V. R. reconhecido e tampouco o meu patricio, com cuja familia, no Rio de Janeiro, tanto me dei ?

— O Padre Manuel de Moraes, da Companhia, proferiu Lorena.

— Servo de V. M^os.

Talvez ignorem que Fr. José frequentasse, algum tempo, o collegio da Companhia, em Evora, de onde, não sei porque, sahiu... digo mal... impellido por ardente vocação para o claustro de Thomar⁽¹⁾... Não acreditam ? para provar que pretendeu vestir a roupeta ahi está a perfeição dos seus estudos classicos. É ca-

(1) O convento de Thomar era cabeça e Ballio da Ordem de Christo » e o seu Prior « verdadeiro Prelado no espirital della ».

paz de recitar Virgilio e Horacio, de traz para diante.

Tivemos duas ou tres contendas... uma formidavel punhada que me applicou certo dia, addiu a rir o clerigo.

Notando que as reminiscencias do Padre Moraes soberanamente desagradavam a Fr. José, interrompeu-as Lorena :

— Que noticias do Rio de Janeiro e S. Paulo nos conta V. R. ?

Deixou o jesuita o tom de chacota, para imprimir á voz energica inflexão :

— Más ! Pessimas ! Não ouviu o sermão do Padre Vaz ? Tudo o que relatou é a mais pura verdade e queira Deus que se lhe não realise a predicção : a ruina total do Brazil.

O que se passa no Sul é ineffavel. O Rio de Janeiro converteu-se em covil, valhacouto de bandidos. De S. Paulo nem falemos ; a perversidade de seu povo toca ás raias do inacreditavel. Continuam impunes os assaltos ás nossas Reducções e a chacina do gentio ; foram hediondas as ultimas matanças praticadas em S. Antonio, pela gente de Antonio Raposo e Simão Alvares, duas feras com face humana ; indescriptiveis atrocidades ! De nove a dez mil christãos, arrancados aos aldeamentos, chegam a S. Paulo algumas centenas, quando muito ! E no emtanto, aos nossos padres Mancilla e Manceta, que, de longe, escondidamente, acompanhavam a columna, sacramentando os que pelo caminho cahiam, mal lhes presta attenção o Governador Geral, sob pretexto de que não está em condições de providenciar acerca dos negocios da capitania de S. Vicente !

Nada ouviram, ainda, acerca dos horrendos tumultos da canalha de São Paulo, e do Rio de Janeiro, contra nós ?

Se as cousas não tomarem rumo diverso, não sei o

que faça a Companhia. Até agora, felizmente, deixaram em paz os meus indios de Pernambuco.

No sul, mais dias menos dias, hão de assassinar os nossos padres. Ao norte, estão os hereges solidamente implantados ; de lá conseguiremos expulsalos ? Duvido !

Maus tempos correm para estes dominios de Sua Magestade Catholica !

E, aos poucos, deslisando para o remoque :

— Graças a Deus, chegaram-nos da Europa, em momento angustioso, um general como o Snr. D. Antonio de Oquendo, valorosos cabos de guerra do merito do meu patricio Jorge de Lorena e capellães, tanto affeitos ás lides guerreiras quanto ás justas oratorias, como o Rev. Padre Fr. José de Sant'Agueda.

Agastado com o ironico elogio, repontou o freire :

— Mofador como sempre!

— Mofador, não; V. R. é que se não liberta dos exa-geros de modestia e susceptibilidade. Muito se assemelham os nossos caracteres, e eis porque frequentemente rusgamos. V. R. só está bem no meio da agitação dos acampamentos ; nasceu para a guerra, e, em tempos idos, teria sido um templario heroico, como hoje é o typo do verdadeiro freire de Christo; age, combate, e ao mesmo tempo prega, com a eloquencia que o equipara aos principes do pulpito. Ainda estou a ouvi-lo no sermão — bello sermão ! — do glorioso padroeiro do Rio de Janeiro, em 1619, se bem me lembra.

Entre ironico e abespinhado, observou Fr. José :

— Admiravel memoria ! Deve provavelmente recordar-se, tambem, do que, em Evora, a miúdo, lhe vaticinava o Padre Ruy Carneiro.

Riu-se Moraes, com ares de superioridade :

— Era um verdadeiro *minus habens*. Voltando ao ser-

mão, deixe-me lembrar que achei muito descabidas as rudes palavras, que o então Prelado do Rio de Janeiro a V. R. dirigiu, na sacristia da Sé. Bom homem o Dr. Aborim, mas tão irritadiço ! Afinal, a qualquer, identico deslize pode acontecer, tratando-se, sobretudo, de quem, como V. R., estudou os classicos a fundo.

— Snr. Padre Moraes ! reclamou Fr. José indignado. Placidamente, a sorrir, proseguiu o caçoista :

— Não sei mesmo porque reprehendeu o Prelado a V. R., tornando patente pequeno equivoco, que ninguem descobrira. Cumpre ajuntar que explicou o motivo dessa impertinencia : se o Padre confiasse menos na angelica memoria, melhor prepararia os sermões, esquivando-se, portanto, ao quiproquo de attribuir um texto profano á Sagrada Escripura.

Conhecedores da impetuosidade de caracter do mo-tejado, esperavam os assistentes violenta resposta ao galhofeiro, que saboreava o effeito da anecdotia.

Levantando os hombros com desprezo, porem, Fr. José não tugiou.

— Verdade é, exemplificou Moraes, que entre pre-gadores se vêem hoje cousas tão curiosas ! um Diogo Soares, adduzindo, como reforço de autoridades, a opinião de Luthero, note-se que o suspenderam de ordens ; um Fra Paulo de Como, descobrindo em Ovidio a vida de Santo Antão ; um Fray Juan de Palacios, discorrendo sobre o Don Quichotte e o *Amadis da Gallia* ; Fr. Manuel do Couto, sustentando a origem inspirada das asneiras do Bandarra ; Fr. Cornelio, flamengo, estribado em grande copia de doutos, a fazer o panegyrico da sua famosa disciplina ! Epoca de extra-vagancias ! O pulpito perdeu a antiga feição.

Filia-se o nosso Fr. José á escola do immortal Ga-briel Barletta, que tão sabiamente entremeiava o *Livro*

dos Reis e o Palmeirim de Inglaterra, as aventuras de Enéas e a vida do propheta Elias, e isso com o louvavel fito de tornar attrahentes os seus sermões. *Nescit predicare qui nescit barlettare* (¹), dizem os italianos.

Eram por demais pesadas as pilherias ; exasperou-se o freire :

— Snr. Padre Moraes, retorquiui, mal sopitando o furor que o fazia gaguejar, conte tudo o que quizer ; vejo que persiste a velha causa da animosidade que lhe provoca as palavras.

Não passo de humilde, humilimo capellão da armada real, e prego os meus sermões, como Deus é servido. Até hoje, porem, com a graça de Nosso Senhor Jesus Christo, nunca fui ameaçado de penas ecclesiasticas, nem estive encarcerado no meu Mosteiro, nunca tive rixa com o Santo Officio, nem sahi de Portugal a mandado expresso de meus superiores ; tampouco me acho retido e vigiado na Bahia.

Por falta de intelligencia, não pude permanecer na Companhia, cujas glorias V. R. augmenta, com os seus escriptos e sciencia : tambem não me pejo em confessalo. Indigna é, porem, uma discussão destas. Vamo-nos embora, convidou aos companheiros, estufactos ante a feição da conversa.

— Bem dizem os hespanhoes : *del mal que el hombre teme, dese muere.*

É falar-lhe nos sermões e já Fr. José fica fóra de si...

E descambando para a grosseria :

— Fr. José, sinceramente o comparo, e talvez até mesmo o anteponha, aos nossos Fr. João de Ceita, Fr. Christovão Carvão e outros actuaes gigantes do pulpi-

Não sabe pregar quem não sabe barlettar.

to. Na Companhia ninguem : nem os insignes Antonio Vaz de Souza...

Ainda hei de ouvi-lo pregar ! Servo de V. M^os meus senhores ! declarou, sardonico, quando já se afastavam os interlocutores, sem o cumprimentar, deixando-o ao lado do companheiro, que, durante todo o tempo, não havia proferido um unico monosyllabo.

Puzeram-se os amigos do freire a acalmalo.

— Ingrato fado ! dizia encolerizado. Logo, ao desembarcar, encontro quem, a pretexto de dar-me as boas vindas, enche-me de desaforos e faz-me irar muito!

— Para que o ouviu V. R. tanto tempo, com tamanha paciencia ?

— Ora ! philosophou Fr. José, subitamente aplacado e risonho ; forneceu-me elle um exercicio de humildade, ridiculisando-me os fracos ; cada vez menos me ensoberbecerei de meus miserrimos sermões.

Ao voltarem para a cidade, tendo deixado o religioso no escaler que o devia conduzir a bordo, notou D. Francisco :

— Fr. José é um santo homem, mas, incontestavelmente, tem pequena balda ; querer a todo o transe pregar... e quando prega, não vai nada bem. Está meio esquecido de muita cousa. A historia do Padre Moraes não deve ser totalmente falsa, pois sei que o nosso amigo nem sempre traz muito certos os seus textos...

— Nem mesmo o latim, valeu-lhe Simão.

— Isto já é maldade ; as cousas não chegam a tal ponto !

— Pois foi o que, em Lisboa, me garantiu um conego, grande latinista, repisou Gouveia, em tom de profunda veracidade e convicção.

Inflammado, e a todos fazendo calar, invocou Lorena:

— Pois seja isso verdade ! Não nos esqueçamos

que, ha mais de trinta annos, continuamente vive, no meio do fragor da guerra, a arriscar a vida, em toda a parte onde as nossas esquadras pelejam, para salvar os almas e defender os corpos; confessou e ungiu innumerados dos nossos, em Malacca, em Ceylão, Ormuz e Moçambique; foi ferido não sei quantas vezes e feito prisioneiro em Cuba; soffreu horrores; passou dous annos e meio em Hollanda, no carcere; assistiu á restauração da Bahia e, agora, voltou ao Brazil, na sua constante faina de sacrificios e dedicação, e apezar da idade que já tem. Quer parecer-me... Ora, aos heroes, e aossantos, assiste todo o direito de esquecer algum tanto o latim... e até mesmo trocar um ou outro texto, menos commum, de vez em quando!

CAPITULO VIII

A TABERNA

Estava repleta a unica sala do *Leão de Castella*, em cujas mesas se acotovellavam officiaes de mar e terra, muitos moços da fidalguia bahiana, bebendo e conversando animadamente.

Copos e picheis esgotavam-se com rapidez, custando os tres ou quatro creados a attender aos pedidos e chamamentos, que, de todos os cantos, lhes choviam, de envolta com chufas grosseiras e reclamações insolentes.

Procurava o taverneiro, gordanhufo e avelhantado hespanhol, regularisar o serviço, esbravejando com os empregados, para informalos do destino das bebidas entregues ao balcão.

Muito se fumava na tasca, envolvendo azulada e espessa nuvem quatro mortijas e fuliginosas candeias, pensas do negro forro.

Parte dos circumstantes se entretinha em seguir os lances dos dados; repetiam alguns, em surdina, infinitas vezes, as mesmas toadas de viola; a maioria porem, conversava com calor, falando e rindo ruidosamente.

Notavam-se tres grupos, acentuadamente separados

de um lado os hespanhoes, de outros os italianos e do terceiro portuguezes e brazileiros ; havia, porem, bastante cordialidade entre todos, interpellando-se amistosos, os officiaes das diversas nacionalidades, apesar de se não terem reunido indistinctamente.

A um canto, ouviam alguns moços a um velho marujo portuguez, Lourenço Mousinho, discorrer acerca de factos de sua longa carreira e preleccionar sobre tactica naval.

— Está muito cansativa e seccante a historia deste mathusalem, segredou ao vizinho da direita um joven capitão, por nome D. Antonio de Mendonça.

Contava o velho :

— Ia o Marquez de Santa Cruz bloquear Lisboa...

— Ah este Marquez de Santa Cruz ! resingou o joven, em voz baixa.

— Deixa-te de inconveniencias, reprehendeu-o o convida da esquerda ; trata-se de um homem digno de todo o respeito.

— Não o nego, meu caro, mas com mil diabos ! — justamente agora, que pilhámos pequena folga, será occasião de falar e repisar materia de que estamos fartos, batalhas navaes e terrestres, abordagens, enforcamento de corsarios, assaltos de flibusteiros e outros assumptos do mesmo teor ? Ah ! louvado seja Deus, olhem quem chega ! ahi vem quem nos vae libertar da biographia do nosso impavido macrobio. Gonçalo ! D. Francisco ! Simão ! depressa ! aqui ha lugar !

Levantara-se D. Antonio, bracejando freneticamente para os recémvindos, parados junto á porta e perplexos ante o atravancamento da taberna. Incitado pelo continuo prurido depreciativo, promptamente barafustara D. Francisco :

— É esta a melhor bodega da Bahia ? Homem ! a

mais sordida e ascorosa casa de pasto da Moiraria⁽¹⁾ não a comparo com esta cafurna, a quem só faltam umas fregonas, immundas como éssas paredes gordurentas e esse tectó negro, esse forro mais sujo do que o interior de uma chaminé velha, esses bancos e mesas, nem sequer desbastados, esses picheis esborcelados ! Que alfurja !

— Pondo de parte a tua exaggeração, que não quero rebater, objectou Ayres de Barros, tomo a liberdade de lembrar-te, de novo, que não estamos em Lisboa.

— Infelizmente, suspirou D. Francisco, mas...

— Vamos para a mesa de D. Antonio, que se esbofa em nos chamar, alvitrou Lorena, cortando-lhe a resposta. Se te não agrada a sala, é simplicissimo, recolhe á casa e deita-te.

Puzeram-se os cinco em movimento, e, saudando á direita e á esquerda, falando a uns e outros, gastaram alguns minutos para se installar onde, tão insistente, os attrahia D. Antonio de Mendonça.

— Até que afinal ! enunciou este, alegremente. Estavamos aqui enfasiados, a valer, e não ha tédio que resista á simples presença de D. Francisco.

Risonho, retribuiu o elogiado :

— Amavel conceito !

Persistia o velho lobo marinho :

— Certa vez, ha dez ou doze annos, embarcara-me na esquadra do capitão-mór, D. Gonçalo da Silveira, que, por ordem do Conde Viso Rey, cruzava no estreito de Ormuz, dando caça aos pimenteiros⁽²⁾ quando...

Levantou-se D. Antonio, rabujento :

— Oh Snr. Capitão ! basta de pelejas e narrativas

(1) Antiga suburra lisbonense.

(2) Contrabandistas de especearias.

guerreiras ! Adivinha-se, perfeitamente, o fim da historia : D. Gonçalo e V. M^{cs}, ou antes, V. M^{cs} e D. Gonçalo, apanharam uns poucos de barcos pimenteiros, mandando tomar fresco, ás vergas, a cafila dos contra-bandistas, não é assim ?

Não me leve a mal dizer-lhe essas cousas. Deixemos hoje, de lado, os assumptos que tanto tempo de vida nos tem tomado e ainda hão de tomar... Carregue-me o demo se a elles não anteponho, mil vezes, umas boas historias alegres ! por exemplo maridos enganados e por cima de tudo espancados, ridiculizados.

— Ah ! não ha duvida ! com isso se passa uma noute, sem que a gente perceba, apoiou D. Francisco.

Longe de mostrar-se magoado, bondosamente desculpou-os o veterano.

— Muito bem ! conversem V. M^{cs} á vontade ; permittam porem que d'aqui me mude ; os meus sessenta annos não se acham muito a gosto, em rodas occupadas com a discussão de aventuras amorosas, maridos ridiculizados, etc.

— Que allivio ! murmurou D. Antonio, ao afastar-se o marujo.

— Foste brutal com o pobre velho, criticou alguém.

— Qual ! é um bom homem ! e não se offenderá com a minha franqueza ; alem de tudo já tem bastante idade para comprehender que o seu lugar está entre pessoas do seu tempo e posição, e nunca entre alferes e rapazes.

— Se elle gosta de educar a mocidade !

— **Bom methodo** : o de enfadala com historias interminaveis e desenxabidas !

Indicando um moço, fardado com o uniforme dos terços italianos, e, á extremidade da mesa, sentado im-

movel, com a face sobre as mãos, e os cotovellos fincados na taboa, nomeou Simão :

— Olha o coitado ! incorrigivel ! pôz o pé em terra e, logo, achou meios de ficar completamente bebedo ! Pobre Barão de Cortebuoni !

— Não fales tão alto, que elle ouve.

Levantando os hombros, proseguiu Simão :

— Não comprehendo como pode o conde de Bagnuolo conservar no seu terço tal borracho !

— Não sabes que pertence a uma das mais ricas e illustres casas da Sicilia ? É por isso, certamente. Pobre diabo ! deixa-o socegado ! Que bom rapaz é !

— Não ha duvida, coitado ; uma perola !

— Conheci-o de perto, em Lisboa, corroborou Lorena, e garanto que poucos lhe terão a nobreza de maneiras e sentimentos. É um fidalgo ás direitas. Considero-o victima de sombria fatalidade.

— Alguma paixão infeliz...

— Quem afinal, perguntou um rapazola de seus dezoito annos, contará um caso que realmente nos divirta ?

— Então tú, fedelho, já aos quinze annos, queres regalar-te com historias picarescas ? Que diria, se tal ouvisse, o Snr. Conde do Redondo, teu illustre Pae e meu nobre Tio ?

Ora, menino, ainda cheiras a cueiros, concluiu D. Francisco, após umas tantas pilherias pesadas, que provocaram intensa ruborisação do motejado, cujo enleio augmentava a risota geral.

— Quasi ainda uma creança de peito ! mais um como eu ! veio ao Brazil para o avultamento da gloria de sua casa ; se morrer, bem desejo ver a cara do Tio Miguel... só tem este filho !

— É por isso que o agouras, com tão lugubres conjecturas !

— Bom, insistiu D. Antonio, despachámos o velho, pelo muito que aborrecia com suas historias sérias, para descambar no terreno do lucto e dos maus presagios. Que gente !

— E o tempo vòa !

— Só ha um remedio : darmos a palavra a *Messer Spigliotti*, que por ahi perto ronda, a alegrar a sala.

— Como elle ninguem; mais espirito no narrar casos e historietas, sempre impagaveis, é impossivel.

— Com effeito ! Lembram-se da do vizir do Grão Turco e do prisioneiro de Lepanto ?

— Fez-me chorar de tanto rir...

— E a do marquez florentino ?

— Admiravel ! mas onde estará o homem ? hade ser difficil encontralo.

Pôz-se quasi toda a roda a atroar os ares, tentando dominar o tumulto da taberna.

— Spigliotti ! Spigliotti ! *Messer Spigliotti ! Barone della Rampa !*

— Não sei, censurou Lorena, como se pode apreciar a companhia de tal sicario !

— Ora ! que nos importa a sua vida ! queremos somente que nos distraia, e para isso, está a mil leguas acima de ti !

— Spigliotti ! continuavam os gritos.

— É estúpido chamalo assim aos berros, no meio desta algazarra. Vou trazelo pelas orelhas, se preciso fôr, annunciou Simão.

Numa das extremidades da sala, quasi junto ao balcão, estava um individuo, muito baixo e extremamente gordo, de pé, a falar imperturbavel, apezar da estrepitosa hilaridade dos ouvintes.

— Lá o tens, mostrou D. Francisco, e sempre a fazer rir !

Ao lhe bater Gouveia, nas costas, voltou-se o espirituoso, e, respondendo ao convite, com um gesto obsceno e innumerados tregeitos, fez signal de que o esperasse, provocando esses modos novas tempestades de riso.

— Um instante, Vasco da Gama! deixa-me acabar! resingou. Aprende a ter paciencia, *corpo di Bacco!* e maneiras!

E voltando-se para os interlocutores:

— Ora, meus senhores, justamente, como de proposito, chega-nos um portuguez, um viriato legitimo! Falavamos, illustre D. João de Castro, da pratica da cortezia entre os diversos povos. Quem, dentre italianos, francezes, hespanhoes e portuguezes, pode pretender á palma da galanteria com as damas?

— Isso não se discute! blasonou um hespanhol.

Soltanto descommunal gargalhada de desdem, applicou Spigliotti uma serie de palmadas no ventre do jactancioso ibero:

— Era de esperar! os catelhanos! É boa! É boa!... mas é optima!

Agora, nobre e ingenioso *hidalgo*, ouça-me e prepare-se para ser esmagado, esmigalhado, esborrachado, esfarelado, espapaçado...

Dividirei a minha argumentação em duas partes, se é que se pode dar o nome de argumentação, ao que está archiprovado. Bem se exprime, nesse sentido, o grande Marco Tullio: *in perspicuis rebus*, etc.

(Interrompo a citação, porque, aqui, ninguem a comprehende).

Será a primeira parte, portanto, referente á elegancia e distincção proprias ao povo castelhana, representado pelo que elle tem de mais nobre, os requintados cortezãos de Madrid; na segunda, dissertarei

sobre a amenidade do trato hespanhol, quando presentes senhoras de alta gerarchia, e, até, Suas Magestades Catholicas.

— Vamos a ver só isso... contestou-lhe, arrogante, o peninsular.

— Appello para o testemunho de todos os que já residiram em Madrid, encetou Spigliotti, austero como a Verdade.

Aos domingos, de manhã, a azafama dos concorrentes ás missas é extraordinaria, na cidade. Acompanhemos a multidão que se comprime na mais aristocratica das igrejas madrilhenas, á missa das oito e meia, *en la iglesia de la Encarnación*, e lembremos, de passagem, que a assistencia se compõe, quasi exclusivamente, de grandes de Hespanha...

— É exacto, confirmou o castelhano.

— Ainda bem !... o marquez de tal, oitenta e oito vezes grande; o duque de tal, cento e vinte e oito vezes grande, no minimo; a condessa viúva de tal, grande por si cento e noventa e duas vezes, e pelo defunto duzentos e vinte cinco vezes e sete oitavos, etc., etc. Gente alevantada em grandeza !

Nem falemos na fidalgaria miúda, nos Vega y Blasco y Luna y Espinosa y Gusman y Lara y Silva y Toledo y Hernandez y Carbajal y Hurtado y Rojas y etc. y etc. y etc. Uff ! Ah ! é verdade : ainda falta, e sobretudo o que é tão lindo : y Blanco y Blanco y Vargas y Vargas y Mendoza y Mendoza.

Dessa gente de nome comprido anda a Hespanha apinhada. Que estaes ahí a pensar ? fidalgaria illustre, meus amigos, sahida da coxa de Jupiter, e, com especial carinho, contemplada no testamento que o santo varão Job redigiu, quando vivia sobre o seu oloroso montão de esterco.

Satisfeito com o exordio, entrou em materia o reparador :

— Observemos como ouve missa a côrte de Madrid. Logo á porta, separam-se as damas dos cavalheiros, que se accumulam no fundo da igreja. Principia a cerimonia; immediatamente dão os nossos castelhanos dez voltas ás capas e ajoelham-se com devoção.

Sacando logo depois os lenços, começam a esfregar o rosto, que provavelmente não lavaram ao despertar, a compor o collarinho, a prender o laço do chapéu, endireitar as ligas, escovar o fato, operação feita a piparotes, delicados e elegantes — em que o indicador levanta nuvens de poeira — porque se neste mundo ha gente desmazelada, ninguem leva a palma aos hespanhães.

— Aceiados são os teus patricios, comedores de piolhos, retrucou o hespanhol, muito estomagado.

— Imbecil ! Não provas esta asserção ! desafiou-o um dos officiaes italianos.

Fez o hespanhol menção de tomar aggressiva attitude, levantando-se, tambem, o seu contestante, ameaçador.

A ambos abraçando, acalmou-os o truão :

— Vocês são uns brutos ! Os argumentos convencem mas não as pancadas ! Gente selvagem, que logo recorre á violencia ! Discute-se, homens ! Fala-se, prova-se, contesta-se, replica-se e rebate-se !

Dando o hespanhol mostras de que ia retirar-se, cingiu-o Spigliotti, affectuosamente :

— Ora, amigo, que é isso ? não te vás embora. Não percebes que, se na roda não houver algum hespanhol, a minha historia perde metade da graça ?

Ora, amigo Cervantes, revela-te um espirito superior ! Está bem ; como desististe de sahir, prosigo. Findos os

preliminares a que me referi, começam os nobres hidalgos a limpeza das luctuosas unhas, cujas largas tarjas negras são atacadas pelos esverdinhados e limosos dentes.

Emquanto isso, annuncia-se o Evangelho; levantam-se todos, passando a inspeccionar as mimosas chancas, espanando-as, então, com os perfumados lenços, que, logo depois, durante o *Credo*, têm o habitual emprego, pois, por toda a parte, só se ouve o estrepito — digo mal — a doce melodia dos narizes que se assoam, desde as fragorosas notas que certos appendices lançam ás abobadas do templo, até a suavidade musical com que outros se alliviam.

E é só de ver-se, como, nesta occasião, a galanteria castelhana resumbra e resplandece !

Passam os lenços pelo mais acurado estudo, como se perolas ou diamantes fossem os preciosos estillicidios ! Com que demorado prazer, contemplam aquelles grandes de Hespanha, e aquelles *Dons* de sessenta nomes, os inestimaveis productos das narinas ! Chega o *Sanctus*: voltam-se os nossos gentishomens para os bigodes descompostos pela operação anterior, e nelles trabalham, furiosamente, até o *Pater*; nesse momento acham opportuno tirar do bolso o rosario, sempre de envolta com as enormes fitas de um laço, com que fingem atralhar-se, e simulam querer esconder, quando alguém os mira.

— Notavel observador este Spigliotti ! bem se vê que foi lacaio do embaixador de Veneza em Madrid, chalaceo o hespanhol.

— ~~Este~~ furioso, hein ? Isso é signal de que a cousa te cala fundo no peito, pela veracidade ! Tudo podes dizer, menos contestar-me. Bem ! continúo :

Siguem-se, ás fitas, os cumprimentos — escusado

contar que ninguem acredita na authenticidade das taes faixas — invariavel é a resposta : « Sciu ! meu caro, mysteriosissima aventura ! com uma dama de altissima gerarchia » quando, quasi sempre, senão sempre, as victimas desses cavalheiros são cozinheiras, creadas de quarto, quando muito *dueñas*, de velhas carnes coriáceas.

— Antes assim ! replicou o hespanhol triumphante ; ao menos, em Hespanha, as mulheres casadas não aco-dem ao primeiro signal dos transeuntes, como em certo paiz...

— Fala quanto quizeres, mas ouve, tornou o narrador, desdenhando rebater-lhe a affirmação insultuosa.

Acabada a missa, levantam-se os *Dons*, limpam os joelhos com toda a affectação, como se tivessem tocado o solo ; sacodem-se tal qual os cães que tomam banho, e lá se vão, aos magotes, postar-se á porta da igreja, para namorar as patricias, esgueirando olhares na mais ridicula das composturas ; e, tudo isso, num vozear, num alarido, capaz de despertar os mortos.

Trabalham as viperinas linguas no meio dos *carambas* ! a todo o instante pronunciados. E que destempero desses individuos, quando elogiam as senhoras ! Dizem-lhes ás bochechas : *Mas que muchachita ! Que linda ! Que ojos, que seños !*

Seguem as toleironas, sorrindo ás chalaças, gratas e envaidecidas ! Mesmo quando acompanhadas de marido ou irmãos, ouvem pelas ruas as mais salgadas pilherias.

Quantas vezes não vi façanhudos castelhanos estacarem deante de casaes, para dizer aos maridos : *caraco hombre ! quien me diera ser el padre de tus hijos !* e mil outras cousas desse jaez ? !

E ninguem pense que taes despropositos valessem

algun castigo; pelo contrario! Continuava o casal o seu passeio, sorridente e rênhecido.

Uma pouca vergonha, uma indecencia, inaudito desbragamento!

Interveio novamente o castelhana, reparando com a maior displicencia:

— Spigliotti, se hoje á tarde, já não tivesses levado aquellas bengaladas de D. Juan de Xereda, pela eterna mania de maldizeres dos hespanhoes, eu seria muito capaz de applicar-te, agora, ou amanhã, uns pares de taponas.

— Á falsa fé, talvez, como o teu patricio, que me descarregou, pelas costas, tal bordoadada na cabeça, que cahi atordoado, permittindo-lhe essa perfidia espancar-me impunemente. Não perderá, porem, por esperar!

— Á falsa fé?! antes das bengaladas, tomaste tremenda bofetada! Tambem D. Juan não sabia com quem tratava; affiançou-me que nunca mais se incommodará em reprimir-te as liberdades; á sua vista, podes inventar o que quizeres; se te castigou foi por ser novo entre nós.

— Castigou! isso não são modos, advertiu o truão, insolentissimo.

Se V. M^{ce} tem character e coragem, intimo-o a que aceite um cartel de desafio. Amanhã ha de entender-se com os meus padrinhos.

— Está dito. Mando meu ordenança entender-se com os teus padrinhos. Não, nobre barão della Rampia, não quero duellar contigo; receio a tua durindana; o que desejo é ouvir a continuação da historia.

Ar sobranceiro tomou o farcista, olhando para a assemblea, como quem atemorizara e fizera recuar o contestante:

— Passo á segunda parte, que a primeira está esgotada.

O nosso Hernan Cortés, aqui presente, vai ficar furioso e protestar contra as minhas palavras, com aquella abundancia de juras de que dispõem os castelhanos. Preparemo-nos pois para ouvir desmentidos *por el apostol divino Sant' Iago ! por los corporales santos de Daroça ! ou por el cuerpo de Santo Alfonso que está en Zamora ! etc., etc.*

Pouco importa, porem. Quem convive com os hespanhoes, aprende em tres dias cinco mil novecentas e sessenta e quatro pragas e juras.

Até eu, tenho certa predilecção por uma dellas, que, em Napoles, constantemente, ouvia de um alferes biscainho : *Si ! por la oreja sagrada de Malchus, sanada por la mano de Nuestro Señor Jesus Christo !*

— Começa, homem ! começa ! pediram os assistentes, enfiados com a nova digressão.

— Pois bem, começo. Escusado me parece frisar que tudo o que se vai ouvir é limpida verdade. *Si, ó reniego de las que tengo en la cara !* como, a todo o instante, repetia o gravibundo Don Alonso Hernandez, glorioso e venerando veterano de Lepanto, que conheci em Milão (entre parenthesis), um dos individuos mais mentirosos que jamais existiram á luz do sol.

— Vamos ! Vamos !

— Está bem ! não se impacientem.

Não ha dous annos, negocios diversos levaram-me á soberba capital de *Castilla y de Leon*, á sumptuosa, e sobretudo perfumada, rainha do Manzanares, onde me detive oito mezes...

— Entre as grades de uma prisão...

— Exactamente ! foi o que me proporcionou o ensejo de te ver marcado, com ferro em braza, no pateo da cadeia, — e por ladrão !

oTdas as tardes, sahia a passear, ao Prado, para as-

sistir ao desfile dos coches e cavalleiros, o que, incontestavelmente, é um espectáculo agradável, embora bem característico do atrazo dos costumes locais ; basta dizer que, quando as damas convidam os namorados a acompanhalas, no passeio a carro, põem-n'os de pé, nos estribos, e, arreando as cortinas, escondem-se totalmente, ás vistas dos taes paspalhões! — Quando é que um italiano, ou francez, seria capaz de supportar obstaculos que lhe vedassem a vista da dama a quem estivesse galanteando? Mas os hespanhoes, são gente lá a seu modo...

— Graças a Deus ! se fossem como os napolitanos...

— Não seriam selvagens. Ah isso com toda a certeza !

Cheguemos agora ao essencial. Desejo demonstrar o seguinte: mais que nenhum povo, sabe o castelhano respeitar a presença das damas e dos Reis. Certo dia, duas semanas após a minha chegada a Madrid, vi, sempre no Prado, um caso typico :

Ía o Adiantado Mór de Castella, a cavallo, e, á portinhola de um coche, seguindo uma senhora, quando o Duque de Oruba, Camareiro Mór e seu rival, veio fustigar-lhe o ginete, para conquistar a agradável collocação. Não fez o Adiantado uma nem duas : sacando da espada, applicou no importuno tão formidáveis cutiladas, que lhe abriu logo a cabeça e o prostrou, da montaria abaixo, em petição de miseria.

E note-se que o carro d'El Rei ia a uns cem passos d'alli !

Houve gritos de mulher a desmaiar, praguejou o Adiantado como um carroceiro, e o cortejo seguiu, sem maior perturbação, transportando os creados do Duque, ao amo, para a casa, como se se tratasse de alguma moafa.

Pasmei-me, mas, com a continuação dos tempos, perdi esse sentimento admirativo. Raro era o dia em que não succedessem scenas dessa ordem, entre os primeiros nobres de Hespanha ; chego a acreditar que as damas castelhanas espicaçam o prurido bellicoso dos adoradores : vi, muitas vezes, estacarem carruagens, cujos cocheiros esperavam que dous peralvilhos, esmurando-se a valer, acabassem de brigar ; subia o vencedor ao suspirado estribo, muito ancho da victoria que lhe custara serios arranhões, pondo-lhe as ventas em papas. Gente mais brutal do que os hespanhoes, não ha neste mundo, isto afaço eu.

— Que audacia ! Que descarro mentir assim ! esbravejou um ibero, que da roda se acercara.

Atalhou-o Spigliotti, a falar torrencialmente :

— *Señor, no haga Vuestra Merced burla de nuestra nación, que, voto a Dios, basta decir español para decir hombre valeroso, Hidalgo y noble ! Y hablando de mí, entienda Vuestra Merced, si no lo sabe, que soy hombre honrado, hidalgo de la Montaña, tan bueno como El Rey, y muchos hay con el titulo de Don que no son mejores que yo !*

Puzera-se o hespanhol a cobrilo de insultos. Triumphava Spigliotti :

— Que dizia eu ? Ouve lá amigo... *Por toda la perdición del mundo te lo juro...*

Esquecido da missão de que se incumbira, e muito divertido com o furor do castelhano, ria-se Simão, a bandeiras despregadas.

Piscando os olhos, resmungou Spigliotti :

— Espera um pouco Camões, que já não tardas a rir e com mais gosto ainda.

— E os portuguezes ? E então os portuguezes ? Espelhos de galanteria, meus caros ! Em Portugal mirem-

se as nações ! Como em Portugal nunca houve cavalheiros !

Já ouvistes, certamente, falar no celebre D. Simão da Silveira, em quem se reflectiam os fidalgos lusitanos, ha uns tantos annos.

Pois bem, vou contar-vos, acerca desse D. Simão, deliciosa historieta que, ultimamente, innumeradas vezes me repetiram em Lisboa, e sempre com enormes gabos ao heroe, tido e havido como o mais perfeito gentilhomen da peninsula, e do mundo, irreprehensivel cavalleiro, verdadeira flor da cortezia lusa — tudo isso pelos compatriotas, entenda-se. — Ah os portuguezes ! esses sim ! eis ahi gente fina e polida ! Mas vamos ao caso, deveras interessantissimo :

Estava o nosso D. Simão a atravessar o Terreiro do Paço, em Lisboa, quando o avistaram umas damas da côrte, que, desde muito, desejavam experimentalo. Correram pois aos balcões do palacio, interpellando-o, gentil e amistosamente.

Parou o fidalgo, conservando-se, como era natural, de chapéu na mão, ao sol abrazador de Julho e do meio dia, enquanto as lindas interlocutoras lhe dirigiam inexgotaveis perguntas.

Qualquer italiano, ou francez, inclinando-se em profunda reverencia e pedindo respeitosas desculpas, seguiria tranquilamente o seu caminho ; mas as regras da cortezia portugueza, subtis e complicadas, não permitem que um cavalleiro se afaste, antes que a dama o despeça, de modo que o illustre lusitano, dentro em pouco, ante a persistencia das açafatas, viu-se na imminencia de ser fulminado por fatal insolação.

A afrontar a morte, sempre deschapelado, impavido e sorridente, desterindo mil galanteios e ditos de espirito, lançou mão de admiravel estratagemas, graças

ao qual manteve intacto o renome de homem primosamente educado: á socapa ajustou uns tantos garotos, ordenando-lhes que apedrejassem rijamente os balcões...

Por essa não esperavam as damas ! tão subito e violento foi o assalto que, a uma levou duro seixo dous ou tres dentes, a outra cortou-lhe a face agudo calhau, escapando as pedradas de vasar o olho a uma terceira e esborrachar o nariz a uma quarta.

Fugiram pois, espavoridas, sob a furibunda saraivada e assim pôde o grande D. Simão sahir do sol, e entrar triumphante no Paço, sem ter infringido as normas da velha e celebrada galanteria lusitana, d'ahi lhe provindo notavel acrescimo da já immensa fama e prestigio, não só perante os coevos, como aos olhos dos posteros !

Enfiara Gouveia, sobremaneira, ao passo que os italianos e hespanhoes gargalhadeavam estrondosamente.

— *Ed i napoletani ?* repontou em acintoso tom.

Redarguiu-lhe promptamente Spigliotti, basofio e superior :

— Ah ! sabes falar o italiano ? Dize pois, meu caro, *E gli italiani ?* porque a verdadeira cortezia só se encontra na Italia, sendo commum a todos os peninsulares. Portanto, illustre viriato, a tua observação pecca pela base...

Apparecera D. Antonio de Mendonça impaciente :

— Que demora é esta ? Que falta de consideração para comnosco...

Custaram os presentes a consentir que o galatô se afastasse ; foi preciso fazer-lhes formal promessa de que logo voltaria.

Acompanhou Spigliotti aos dous portuguezes, em

atenção a D. Antonio, a quem, constantemente, pedia dinheiro.

Visivelmente contrariado, fez Simão reparos ao ouvido do companheiro.

— Pois não conheces o sicario? contentou-se o outro em responder-lhe. Ainda hoje o sargento mór Lucio Orilla me disse: é um opprobrio, para nós outros italianos, a presença deste miseravel.

Como truão, tem carta branca para falar o que lhe passa pela cabeça, e, por esse motivo, ninguem lhe liga a menor importancia, aos despropositos. Nunca o viste em Lisboa?... então?

Afinal aboletou-se Spigliotti, entre os que tanto lhe desejavam a companhia, sendo incontinente instado para que encetasse inedita narrativa do seu repertorio colossal e fescenino. Muito baixo, obeso e ventrudo, com um circulo de cabellos ralos e grisalhos a cercar-lhe enorme e casposa calva, tendo a bocca quasi completamente desguarnecida, e onde só appareciam uma ou outra ponta negra de dente esquirolado, olhos gazeos e esbugalhados, enormes bigodes de um amarellado sujo, rubro nariz adunco, era o chocarreiro absolutamente repugnante.

Usava o distinctivo do terço do Conde de Bagnuolo, dando-lhe o pessimo estado do vestuario a mais perfeita impressão do relaxamento, levado ao excesso, aspecto, esse, realçado pelo repellente conjuncto dos traços physionomicos.

Vil e sordido, bajulador e fanfarrão, por todos desprezado, pela covardia, não deixava comtudo de inspirar certo temor a prodigiosa e perfida habilidade com que sabia urdir intrigas e propalar calumnias.

Muito intelligente e instruido, falando perfeitamente o hespanhol e o portuguez, dispunha de immenso re-

positorio de historias immoraes, que, com espirito e animação, contava, no meio do maior desbragamento de linguagem e de gestos, dando-lhe esta balda entrada em certas rodas de officiaes, onde muito o apreciavam. Assim é que a sua simples presença tornava risonhos alguns dos que á mesa de D. Francisco se sentavam.

Vendo-se tão requestado, tomou o thesrito ar de gravibunda importancia, lançando olhares de complacente protecção aos que, com tanto empenho, lhe haviam solicitado a prosa.

CAPITULO IX

O THERSITO

— Então querem V. M^os uma historia que os faça rir, um caso cabelludo, bem salgado, hein ? para depois sahirem por ahi dizendo : aquelle Spigliotti, que porcalhão, que indecente ! repulsivo individuo, ascoroso sujeito ! É isso ! pedem-me, quasi pelo amor de Deus, que lhes narre os meus casos e desancam-me sem dó nem piedade ! Tambem nunca mais me apanham,..

— Ora deixa-te de pieguices ! aconselhou D. Francisco.

Desatara um dos moços da roda em gargalhadas :

— Este Spigliotti é das Arabias ! Começa sempre assim e depois inventa cada uma !

— Alem disso, meus caros, jantei formidavelmente em casa de um amigo, rico e generoso fidalgo brasileiro, de modo que a veia se me acha meio paralysada ; estou, como diz o poeta : *vino ciboque grabatus* (1), sentindo-me atordoado pelas fumaças dos nectares, que, em minha honra, se desarrolharam.

— Ah ! fez alguém, em tom de profunda duvida. E quem é esse feliz possuidor de tão bella adegá ?

(1) Repleto de vinhos e alimentos.

Não offerecendo a cidade da Bahia, com as suas restrictas dimensões, grande latitude á imaginação do banqueteador, para que podesse crear verosimil amphitrião, ficou sem resposta o pedido de informação.

— Portanto, meus senhores, se me quizerem ouvir, estou prompto a relatar graves cousas, cheias de ensinamentos praticos e moraes, episodios da minha agitada carreira, ou, então, descrever-lhes alguma das grandiosas solemnidades a que assisti, como as festas com que o Serenissimo Duque de Ossuna foi recebido em Napoles, quando nomeado Vice Rei das Duas Sicilias, ou as magnificentes cerimoniaes religiosas e folguedos theatraes, havidos, em Roma, por motivo da enthronisação do Santo Padre Urbano VIII, gloriosamente reinante.

— Qual ! tudo isso, festas e procissões, não nos interessa, exprimiu D. Francisco, enfastiado. Quem já viu tres ou quatro vezes o cortejo de *Corpus Christi* no Porto, com a concurrencia de todos os officios da cidade, infinito numero de andores de Santos e figuras de prophetas e patriarchas, dansas de satyros, nymphas, bogios e ciganos, e não sei quantos esplendores mais, não pode achar graça em descripções desse genero. Caro barão ! queremos jovialidades.

Secundou ao mancebo outro lusitano, impertinente e cheia de empafia :

— E quanto á recepção do Viso Rei de Napoles, lá poderia ter excedido á que Lisboa fez a El Rei D. Philippe II, que Deus tenha, quando em 1619 visitou Portugal ?

Aquillo sim, foi deslumbrante ! Nunca, em parte alguma do mundo, houve divertimento theatral magnifico como a tragicomedia representada pelos Padres da Companhia, no seu collegio de Santo Antão, em

presença de Suas Magestades, dos Infantes, da melhor fidalguia de Portugal e numerosa grandeza de Hespanha.

Enthusiasmando-se recordou Simão, embasbacado :

— Com effeito ! que deslumbramento, que assombro ! Lembras-te daquella galera, apparecida em scena com toda a cordoalha e enxarcia, alem de dez peças de bronze, a dispararem — no palco ! ? no palco ! !

— E a riqueza das figuras ? El Rei D. Manuel, vestido como para apresentar-se em audiencia solemne a um imperador ! Vasco da Gama com um collar de ouro e de diamantes, avaliado em mais de sete mil ducados ! E só a assistencia ? as mais bellas damas, os mais nobres fidalgos de Portugal ! qual, *messer Spigliotti* ! nunca viste, nem verás, cousa semelhante, que em Madrid, nem em Paris, nem em Roma, nada jamais se fez de longe comparavel a essas maravilhas...

Rasgando um gesto de solemne desprezo, contestou o cateclisado :

— Impagavel pretensão a de falar-se em theatro portuguez, e ainda por cima jesuitico ! Deus me livre dos autos e mysterios da Companhia, em geral, e em particular dos portuguezes. São bons, quando muito, para meninos de collegio, soporiferos, insupportaveis, e alem de tudo de uma perfeita idiocia ! Convençam-se meus caros : theatro, só na Italia ! Quem já ouviu a immortal Andreini, o grande Lelio, o Beltrame, a deliciosa Florinda, a Lydia ! a Lydia ! o inimitavel capitão Rhinoceronte e os mais da sua companhia não pode — ah isso não ! — aturar as moxinifadas hespanholas e portuguezas.

As nossas comedias, sim ! recheiadas de espirito e erudição, em que, a todo o instante, se misturam o francez e o veneziano, o tudesco e o bergamasco, o napo-

litano e o hespanhol e não sei mais quantas linguas ! Isso é que é theatro ! que comedias ! A *Centauro* ! a *Sultana*. Oh primores !

— Umas peças immundas ! acoimou um dos presentes. Pretendes acaso que os padres da Companhia as offerecessem a El Rei ?

— Porque não ? uma cousalhes garanto : aos autos portuguezes só irei como penitencia ! Terriveis estopadas !

— Vamos snr Spigliotti, rogou D. Luiz Coutinho, o adolescente, primo de D. Francisco, faça-nos rir um pouco.

— Muito boa essa ! Por quem me toma ? acaso, *giovinetto*, sou algum jogral ? Tão arrogante encarava ao rapaz, que este perdeu as estribeiras, não sabendo como responder, para acalmar o amor proprio offendido do interlocutor.

— Bem ! condescendeu afinal o truão, magesticamente, por puro comprazer vou relatar-lhes alguns incidentes do horrivel, do tremendo cerco de Breda. Certa manhã, já desanimaramos de conquistar a praça, e o grande Spinola falava em levantar o sitio ; recolhera-me para tomar algum descanso, de trinta horas passadas, a fio, nas trincheiras, quando ás pressas me vieram chamar, da parte do General. Achei-o entregue á mais forte das excitações ; apenas me viu mostrou-me, pallido e tremulo, um papel com o sello real, que de Madrid acabara de receber, trazendo as simples palavras : *Marqués de Spinola tomad a Breda !*

— Que faremos ? consultou-me, acabrunhado.

Violento sussurro, de denegação e duvida, acolheu a narrativa ; Spigliotti, estomagado, resingou :

— Se não quizerem acreditar, paciencia ! Isso porem não me furtam : a amizade com que sempre me tratou o illustre Spinola.

— Esta historia de Breda é como a da conspiração de Bedmar, adduziu Simão. O nosso barão, ao partir para Veneza, ouviu do Governador de Milão o seguinte : filho ! muita prudencia ! Se nos faltares tudo irá agua abaixo !

Beatando o discurso, com a maxima frescura, pormenorizou o agredido :

— Ah, essa conspiração de Bedmar ! Com que tenacidade me perseguiram, e procuraram prender, os esbirros do Conselho dos Dez ! Mil vezes me vi irremediavelmente perdido, predestinado aos *pozzi* e aos *piombi*. Quanta astucia, intelligencia, sangue frio e paciencia precisei desenvolver para lhes escapar ás garras ! E a policia veneziana, meus caros senhores, é extraordinaria, a primeira da Europa, a unica ! Que momentos Santo Deus ! Sinto arrepiar-se me a carne toda, quando recordo esses transe : cinco dias passados entre um forro e um soalho, certa vez... quatro horas entalado num armario, outra... Nem quero lembrar-me.

Ostentando reminiscencias classicas, declamou Simão :

— *Infanda regina jubem...*

Soltou Spigliotti agudo guincho, acommettendo-o um frouxo de riso :

— Admiravel erudição ! *jubes*, animal ! *infandum* !

Propagara-se a hilaridade, graças ás gargalhadas do truão ; teve o proprio Simão, meio despeitado, de lhes fazer coro :

— Basta ! exclamou afinal, imperativamente, e dando tão forte murro na mesa que fez tombar uns tantos copos.

Acalmando-se, recomeçou Spigliotti :

— Corria o anno de 1618 ; achava-me em Florença...

— Oh descabellada mentira ! arguiu-lhe um official. Pois tens a coragem de affiançar que, em 1618, estavas

em Florença, quando, ainda hoje, contaste que, de 1617 a 1620, viveste em Argel, captivo de certo mouro rico, cuja mulher raptaste ao fugir ? Appello para o testemunho de Duarte de Eça.

— Garanto, avançou outro official, que o nosso *della Rampia*, nessa epoca, não esteve em Argel, pois a mim, ha uns pares de dias, relatou mil aventuras de sua permanencia em Flandres, de 1615 a 1625, onde até serviu sob as ordens do actual Governador Geral do Brazil.

— Emquanto o barão soffria todas as inclemencias do cerco de Breda, diariamente o avistava eu, aqui na Bahia, alferes que então era, do terço do Marquez de Cropani.

Innumeras pilherias provocavam essas successivas revelações ; ouvia-as Spigliotti com extremo desdem, olhando para os denunciadores de suas patranhas, com ar de quem lhes não ligava a minima consideração :

— Muito e muito me pasmo em ver a minha biographia tão bem conhecida e estudada, anno por anno, dia por dia, quiçá minuto por minuto !

— Pudera ! se continuamente nos abarrotas os ouvidos com a narrativa de teus actos, gestos e feitos, retrucou-lhe um mocinho, que ainda se não envolvera na conversa.

— Ah ! ah ! Ah ! ah ! ah ! solfejou o italiano, em escala descendente.

Tú que andas tão bem informado a meu respeito, diz-me lá : que fazia eu, em Março de 1612, na tua terra, em Elvas, em casa de tua familia...

Gaguejou o moço, desnorteado :

— Como ? em casa de minha familia...

— Ora, deixa de falsos enleios e acanhamento ! Em Março de 1612, rapaz... Dize-o... tú sabes, filho... ora filho ! em Março de 1612...

Frisava Spigliotti o epitheto, e, fingindo uma remi-niscencia que lhe escapara :

— Agora vejo que te não podes lembrar... só nasceste em Dezembro desse mesmo anno de 1612...

Desferindo colossal gargalhada, deixara-se o jogral cahir sobre um banco, satisfeitissimo com a facecia, ao passo que o seu contrariador, enfurecido, sacudia-o exigindo explicações, para a dubieza da historia.

— Pois ainda o tomas a serio, falava-lhe Simão, acalmando-o e impedindo um pugilato. Não vês que esse pretenso caso mysterioso é uma legitima palhaçada?

— Administro-lhe amanhã tremenda roda de pau, prometeu o joven, levantando para retirar-se.

— Isso sim, acquiesceu Simão, serenamente. Magistral ideia !

Deu-lhe Spigliotti umas palmadas no ventre, continuando a rir :

— Qual dos dous pirraçou ao outro ?

— Toma cuidado ! o rapaz está disposto a esfarelar-te os ossos.

Ligeiro espasmo contrahiui as feições ao ameaçado :

— Pois venha ! Hade saber o idiota que não sou nenhum armazem de pancadas !

— Então passaste a homem de character ?

— Isto é insupportavel, bradou D. Francisco, ultra impacientado. Estás aqui, ha um seculo, a taramelar... Começas ou não ?

— *Começas ? Estás aqui ?* Desde quando, meu joven, principiou a nossa amizade, para que V. M^{cd} me atue ? Mais respeito, ouviu ?

— Ora vae deitar-te, convidou D. Antonio de Mendonça, estás agora a fingir-te formalisado e graúdo !

Fizera D. Francisco uma serie de bruscos movimentos, motivo pelo qual, prudentemente, da mesa se afas-

tara o chocarreiro ; vendo porem que os gestos do moço não proseguiam, principiou a declamar em tom de conferencia :

— Quereis, illustres convivas, a relação de algum caso recreativo e deleitoso. Vou fazer-vos a vontade, narrando uma historia do maior alcance moral, que em si encerra altas e preciosas lições. Portanto, *favete linguis* (1) !

Os vicios e as paixões, senhores, são a causa da ruina de milhares de existencias ; o amor desvirtuado, o grande propulsor das maiores desgraças.

Todos nós temos as nossas fraquezas ! exarou o orador, sentenciosa e melancolicamente.

— Entremos em materia, aparteou D. Antonio ; estás agora ahi a pregar uma homilia... É o que faltava...

— A fraqueza ! eis a essencia do homem ! emittiu Spigliotti, enigmatico e profundo ; vede alli, vede alli, sublinhou, procurando armar o effeito, vede o herdeiro de uma das mais ricas e nobres casas da Sicilia ! o barão de Cortebuoni !

E apontava para o ebrio, que se mantinha atono e immovel.

Está incapaz de fazer o minimo movimento, apezar de perceber perfeitamente tudo o que se lhe passa em torno ; é a embriaguez mais exquesita que jamais vi, verdadeira catalepsia. E faz tempo que bebe, pobre diabo !

Notando, porem, novos e fortes movimentos de impaciencia no auditorio, cansado das longas e continuas digressões, decidiu-se o bufão a entrar em materia :

— Ha tres annos, estava eu em Palermo...

(1) Calai-vos.

— Deveras ? interrogou um incredulo...

— Se me interromperem uma só vez ainda, juro retirar-me incontinentemente. Ahi fica o aviso, irrevogavel !

Estando pois em Palermo (onde frequentava as melhores rodas, como aliás por toda a parte é o meu habito) tive occasião de estreitar relações com um fidalgo, rapaz de vinte e poucos annos, moço de maneiras encantadoras, cheio de excellentes qualidades e filho de riquissimo gentilhomem, tão rico quanto avarento.

Vivia a desfructar pequena fortuna, herança materna, e, matava o tempo divertindo-se, como em geral fazem todos os nobres, e como tanto fiz : em rixas, orgias, duellos e jogo, horror aos livros sagrados e profanos, objectos que, não obstante a minha estirpe millenaria, etrusco-latino-greco-gothico-franco-normanda, sempre prezei e venerei, por signal que até sou membro de uma serie das mais notaveis academias poeticas : a *dei Fantastici* de Florença, *dei Ombrosi* de Milão, a *dei Misanthropi* de Bolonha, etc. Entre as pequenas folgas que o serviço de Marte me concede, escolho algumas horas para cavalgar Pegaso, e sorver a lymphá deliciosa de Hippocrene, que, entre parenthesis, está muitissimo acima do barrento caudal das Tagides, emborcado pelo mediocre cantor dos *Lusiadas*.

Se não fora a modestia, diria até que algumas de minhas composições são popularissimas na Italia, em toda a Italia, entre outras o soneto, que me abriu o severo, o inflexivel recinto dos *Misanthropos*, cenaculo
* de genios e celebridades, valendo-me os maiores elogios do divino Marini :

Cupido ! l'acuitá dei strali tuoi..... (1)

(1) Cupido ! a acuidade de tuas settas.

Só esta rima em *oi* exige copiosa veia poetica, para vencer-lhe as difficuldades.

— Pelo primeiro verso avalia-se perfeitamente o valor da joia, declarou Simão.

— Ainda bem ! Como os amigos estão vendo, não pertenço ao numero dos que pensam que os livros foram inventados para os ecclesiasticos e os burguezes ; herdei a esse respeito as ideias paternas. Era meu pae homem de excellentes letras, amante das Musas, e um dos maiores amigos do illustrissimo poeta, de quem já com certeza ouviram falar... talvez — o Tasso, Torquato Tasso... meu padrinho de baptismo... autor do poema... immortal...

Notando que o nome glorioso não causara a minima impressão, levantou Spigliotti os hombros, com desprezo, resmoneando injurias contra tão ignaros ouvintes.

— Era o joven fidalgo, proseguiu, muito temido por ser das melhores, senão a melhor, lamina, não só da cidade, como de toda a Sicilia, alem de possuir extraordinaria coragem.

Um bello dia, chegou a Palermo grande bando dramatico, bem apreciavel, mesmo para os que estavam acostumados á perfeição dos *Gelosi* e dos *Fedeli*, da companhia do grande Lelio, mais tarde comico da côrte de França.

A mais notavel particularidade do bando era a presença de uma rapariga hespanhola, de vinte annos quando muito — uma belleza ! uma Venus ! mas que belleza ! duvido que algum dos que aqui estão jamais haja visto formosura igual — eu, que sou exigentissimo, fiquei apaixonado e todo a cidade commigo. Não houve a quem não fascinasse ; de longe vinha gente vela... Como artista nada valia... perfeita pataqueira... Mas, que espantosa creatura !...

Machinalmente observou D. Francisco :

— É que não con'hecera...

— Silencio ! impuzeram os circumstantes, interessando-se pela narrativa.

— Diziam-na hespanhola e dava pelo nome de *Juana*. *La Juana*, não tinha outro nome. Ardente como era, ficou o nosso fidalgo loucamente rendido de amores pela mulher, afastando por completo todos os competidores, entre os quaes até eu; quem poderia resistir a semelhante mata-mouros ! já puzera — e por questões de nonada — dous ou tres esgrimistas de fama no campo santo !

Queria dinheiro a mulher, muito dinheiro, e o pobre, para satisfazela vendeu os poucos haveres de que dispunha; exgotaram-se-lhe os meios, rapidamente; tentou então arranjar empréstimos, sob a garantia da rica successão paterna, mas, os cincoenta annos do velho e a sua saúde de ferro assustando por demais aos usurarios, ninguem lhe adiantou um só baiocco.

Dispunha-se o rapaz a fazer alguma grande asneira, quando o pae, que, entre parenthesis, tanto o estimava quanto eu ao meu bom primo Estevão Carcano, que me poz na cadeia por causa de mil e quinhentos miserraveis ducados, o pae, dizia eu, *alieni appetens*⁽¹⁾, arranjou com o Vice Rei de Napoles que lhe trancafiassem o filho.

— Reles progenitor ! commentou alguém.

— Reles, com effeito !... Esteve o pobre diabo, após terrivel resistencia, quasi um anno encarcerado, não sei onde, abatendo-se de forma tal que lhe vaticinaram rapida morte.

Ao sahir da masmorra, doudamente correu em busca

(1) Appetecendo o alheio.

da rapariga ; mas já ella desapparecera, fazia bastante tempo, após haver, durante dous mezes, deslumbrado a cidade, com o fausto pago pelo velho avarento, a quem completamente virara a cabeça, custando-lhe grandes sommas ; fugindo com um actor da companhia, conta-se que ainda lhe furtara quinhentos ducados.

— Infame pae...

— Infamissimo... attendam bem, agora, para a moralidade do caso, que vou desenvolvê-la.

Parece que a tal *Juana* era dissoluta como uma bacchante, perversa e insensível, verdadeiro demónio, cujos olhos fascinavam, para sempre, quem de perto lhes ousasse fitar a angelica expressão. De que escapei

— De que escapaste !...

— De escapar...

Sem responder aos depreciativos commentarios, seguiu avante o narrador :

— Quanto á pobre victima, evitando horrorisado a presença do repulsivo progenitor, sahiu da Sicilia, e, como em Milão estivesse inteiramente sem recursos, alistou-se nas tropas que, em Flandres, iam servir, sob o grande Spinola...

— Então não procurou encontrar a comica ?

— Não o consegui, ou ella não o quiz mais, talvez por falta absoluta de dinheiro. Certo é que o conheci em Antuerpia, totalmente degradado, a beber diariamente como um odre, e, quando bebedo, a conversar com o retrato da hespanhola, que sempre ao peito, num medalhão, trazia, a dizer-lhe cousas de infinita ternura...

Faz dous annos que assim vive o misero... Vede agora, senhores, a que excessos levam desregrados appetites carnaes...

Interrompeu-o D. Francisco, bruscamente :

— Ora, senhor Spigliotti, onde está o espirito do caso ?

— Espera, homem ! Deixa-me continuar com as considerações philosophicas.

— Com effeito, reforçou Simão, nunca foste tão desenxabido ! Bem podias cá não ter vindo !

— Que conto idiota !

— Factos tão communs, insignificantes !

— Sem a minima graça ! estás positivamente com serio principio de decrepitude !

Furioso com a saraivada dos commentarios menos-preziveis, queixou-se o increpado :

— Senhores ! Descabida severidade !

O espirito do caso é o seguinte : seu protagonista foi... o Barão de Cortebuoni, alli sentado.

— A historia da *Juana* ! Trata-se da tua *Juana* ! gritou Spigliotti ao ebrio, que lhe não respondeu, embora no rosto lhe transparecessem vivos signaes de commoção.

Completamente embrutecido ! e no entanto comprehende tudo o que se fala aqui. Nunca presenciei phenomeno tão curioso ! Fica com os movimentos inteiramente paralyzados, mas em perfeita lucidez de espirito.

Em tom denunciador de mal contida colera, intimou Lorena :

— Senhor Spigliotti... retire se... e, quanto antes ! Vá contar allures as suas ascorosas anedotas !

Já ! Já ! gritou, dando largas á indignação.

— Ascorosa anedota ! Que audacia ! Se a historia lhe era desagradavel para que a ouviu ?

— Basta ! a divulgação do doloroso segredo do seu infeliz compatriota, a quem todos nós queremos muito,

e cuja má estrella lastimamos, não cabia a um covarde, a um miseravel !

Fingindo não ter percebido os insultos, replicou o truão petulante, manifestamente inquieto, porem, e muito pallido.

— Meu rico senhor, quer então V. M^{ce} que me retire? eu, Francesco Spigliotti della Rampia, *barone* della Rampia, gentilhomen de antiquissima e nobilissima progenie etrusco-latino-greco-gothico-franco normanda, sobrinho de Bohemundo e de Tancredo, ajudante de ordens, durante largos annos, do nunca assaz celebrado Ambrosio, Marquez de Spinola, o primeiro general do seculo, o annibal genovez? E quem é V. M^{ce} para fallar-me neste tom? por favor, digam'o ! Que serviços lhe deve Sua Magestade Catholica?

E quer impor as suas impertinencias, *jure aut injuria* (1) a um veterano carregado de campanhas, a um militar encanecido no fragor das batalhas e dos cercos, em todas as guerras destes ultimos vinte e cinco annos !

— Retira-te ! exigia o brasileiro, contido pelos visinhos.

— Retira-te?! receia então que lhe conte as aventuras e malaventuras? Pretende acaso intimidar-me com algum *argumentum baculinum* (2). Quer esbofetear-me? faça-o ! levante-se e faça-o ! continuou, rindo nervosamente, e apertando com a mão direita o cabo do punhal, em quanto a esquerda coffava o basto bigode. *Quid times, scelerate?*

Tendo afastado os que o detinham, preparava-se Lorena para lhe saltar em cima, quando subito silencio se operou em toda a sala ; assomara á porta da entrada

(1) Por bem ou por mal.

2) Argumento do bastão.

o Conde de Bagnuolo, acompanhado de varios officiaes altamente graduados.

Foram-lhes ao encontro o velho Lourenço Mousinho e alguns commandantes mais ; fez-lhes o Conde recommendações, sahindo, logo depois, com o seu estado-maior.

Nesse interim, Spigliotti, cuja pusillaniedade a presença do General tranquilisara, dando largas á insolencia e ao resentimento, proseguira com as chalaças, quasi imperceptiveis, para os que lhe não estavam ao lado :

— É impagavel a audacia que certos individuos ostentam, suppondo aterrar aos demais, com os seus arreganhos e cataduras !

Quanto a mim, em todo o caso, enganam-se redondamente, pois sei applicar, á risca, a receita hespanhola : *para el perro, que es traviesso, bueno palo valiente y grueso...*

Pretendem taes ferrabrazes impor a vontade, a afeição, a pessoas que os não podem supportar. Haja visto certo brasileiro, a vigiar de perto, em Lisboa, uma dama sua compatriota, segundo me informam com toda a segurança, a arvorar-se em Roldão, ameaçando quem, por acaso, parece querer tocar-lhe na armadura : isto é meu, ninguém lhe bula !

« *Nessun la muova*

Que star non possa con Orlando a prova (1), »

como diz o nosso grande Ludovico Ariosto.

Verdade é que a dama pouco caso fez de tal tutella e os gentis fidalgos portuguezeslhe não desampararam a casa, até que um bello dia se foi embora, deixando o fanfarrão a ver navios.

(1) Nella ninguém toque, a menos que não queira enfrentar Orlando...

Apprehensivos, esperavam os circumstantes terrivel desabafo do insultado ; Spigliotti, convulso, premia a guarda da adaga, semi-desembainhada.

Espreitava Lorena a sahida do Conde, e apenas viu desaparecer o ultimo official do sequito, saltou por sobre a mesa, com espantosa agilidade, attingindo em cheio o insolente.

Desviando-lhe a dextra, com que procurava acutilalo, torceu-lha, fazendo-o largar a arma e grunhir de dor ; applicou-lhe, então, a mais retumbante das bofetadas, que á assistencia arrancou vivos applausos.

Tres ou quatro pessoas interpuzeram-se ao pugilato, contendo o aggressor que ainda não satisfizera a sanha.

Com os olhos fuzilantes de odio, approximara-se Spigliotti :

— Insultastes mortalmente a um gentilhomen, a um official dos exercitos de Sua Magestade Catholica ; deveis-lhe reparação em combate leal.

— Seja isto já, apressou D. Francisco, que se divertira immenso com a scena.

— Era o que faltava ! exprimiu Simão. Quem é que se bate com um tratante destes ?

— Acima porem de nossas questões particulares, invocou o jogral, com a maior dignidade, estão as do Rei de Hespanha, de quem somos ambos subditos e servidores. A America viemos combater os inimigos d'El Rei ; não podemos expor as vidas senão ao serviço real ; quando, porem, chegarmos á Europa, desforra me caberá tomar e saberei tirala, terminou trovejante.

Tudo isto foi dito tão grandiosamente que os espectadores da disputa ficaram estupefactos.

— Vae-te cobarde ! contentou-se Lorena em lhe

dizer; assassina-me pelas costas, qualquer noute dessas, mas faze-o com dextreza, senão heide arrastar-te a uma forca...

— Sou fidalgo e official de Sua Magestade, queira não esquecer... e alem disso...

— Então não vaes? interpellou-o o brasileiro, renovando o gesto de opprobrio, com que o assaltara.

Safou-se Spigliotti, rapidamente, abancando-se em outra mesa, onde, em breve, ria e chasqueava, entremeiando as gaifonas e chocarrices de olhares carregados de colera, dirigidos ao grupo que abandonara.

Pesava sobre a taberna desagradavel atmospheria; subira a conversa a um tom muito elevado, irritante e aggressivo. Ás cabeças exaltadas pelo alcool fugia a prudencia; pequenas discussões, travadas aqui e acolá, estavam na imminencia de provocar serio conflicto geral. Insignificante fôra a impressão produzida pela pendencia que as revelações acerca do barão de Cortebuoni haviam provocado: eram tão numerosos os que já tinham tido a occasião de castigar a intemperança de linguagem e a insolencia do thesita!

CAPITULO X

RIXA

— Ora a Italia! vociferava, furibundo, um hespanhol de truculento aspecto, em torno de quem se aggrupara grande numero de ouvintes.

Digam-me: que é a Italia? que vem a ser a Italia? Terra de gente sem patria, ora tudesca, ora franceza, hoje hespanhola e amanhã turca, se o Grão Senhor tivesse meios de a conquistar ao Rei Catholico!

Pobre do Santo Padre! como se aviria se o rei de Hespanha lhe não garantisse a posse de Roma?

Immensa celeuma provocaram estas palavras; no meio da algazarra, vozes indignadas exigiam:

— Retire as insolencias! Peça desculpas!

Investira Spigliotti com o injuriador de sua nacionalidade, deblaterando como um possesso:

— Alto lá, senhor dom hespanhol! raciocine um pouco sob pena de passar por imbecil... olhe o que os latinos diziam... *sapiens nihil affirmat quod non probet*... nada de generalisações, pois; não englobe toda a Italia que claudicará gravemente.

Lembrem-se por exemplo os castelhanos de con-

quistar o ducado de Saboia ! ou a republica de Veneza ! Experimentem fazelo !

— Pobre duquesinho ! um coitado que vive a tremer, agachado ante o nosso governador de Milão ! De que valem esse soberano espectro e mais ainda a caduca republica serenississima de Veneza ? Pifia rainha do Adriatico ! nunca se atreveu a denunciar o Marquez de Bedmar, que, ha uns poucos de annos, quasi lhe deu cabo dos cascos ! nunca ousou fazer ao governo de Madrid a menor queixa de D. Pedro de Toledo, seu inimigo figadal e ostensivo, sempre a procurar prejudicala e hoje, como ha não sei quanto tempo, nosso administrador do ducado de Milão !

Pois não heide saber dessas cousas, vivendo, como vivi, quinze annos, na Italia, em Napoles, Palermo e Milão ?

— Mas se assim é, nobre Cid Campeador, porque não incorpora a Hespanha aos seus dominios tão bellas regiões ? Creio que cidades como Genova, Florença, Turim, Pisa, Sienna, e tantas outras, são bem appeteciveis.

— Que é isso para um monarcha senhor do Orbe, da America, da Asia e da Africa ? acudiu outro ibero, a blasonar soberbo, ao passo que o compatriota continuava a commentar :

— E se Veneza assim age, que hão de fazer os miseros duquezinhos de Parma, Toscana, Modena *et reliqua* ?... Receber o dinheiro que o nosso Rei lhes manda de esmola. É o mais sensato.

Admiro-me, até, que estejas aqui a contradizer-me ; tua patria, o reino de Napoles, é terra quasi tão hespanhola quanto a Estremadura ou a Galliza.

Contendo com largo gesto a indignação dos conacionaes, e voltando á habitual loquela, allegou Spigliotti :

— Fructos da desunião dos italianos, meu caro !

Fructos de uma fatalidade que sobre nós outros pesa! É um fado inexoravel: *ita diis placuit* (1). A Italia, a mais rica terra do mundo, a patria dos mais altos engenhos da especie humana, herdeira do imperio Romano, a mais bella, a mais culta, a mais civilisada parte da esphera terraquea, ornada com os mais notaveis monumentos do globo, habitada por um povo...

— Que mais receia a guerra do que os gatos a agua...

— Illustre campeador, não diga asneiras... Attenda ao meu raciocinio, translucido como agua de fonte: nós que já expulsamos da Italia os gaulezes de Brenno, os epirotas de Pyrrho, os carthaginezes de Annibal, os cimbro de Boiorix, os teutões de Teutobocchus, os godos de Alarico, visigodos e osthrogodos, suevos alanos e gepidas, quados e marcomanos, burgondes de Radagasio, vandalos de Genserico, hunos de Attila, herulos de Odoacro, sarmatas e avaros, arabes e sarracenos, gregos de Belisario, francos de Carlos Magno, tudescos de Barbaroxa e de uma duzia de imperadores, francezes de Carlos de Anjou, de Carlos VIII, Luiz XII e Francisco I, não poderemos enxotar uns pifios hespanhoes? É o que faltava! os italianos são Ieões!

Um borborinho admirativo pontuou a erudita, embora não muito exacta, exposição de Spigliotti; contemplavam-no alguns dos ouvintes, com o respeito devido ás grandes illustrações e ás altas mentalidades, e elle, apaixonando-se, gozava do triumpho, a estalar de vaidade.

— Mais eloquentes, mais vehementes não podem ser as provas que adduzi.

— Isso não impede, obstinou-se o ibero, rompendo de frente com toda e qualquer conveniencia, que os

(1) Assim approve aos deuses,

italianos façam nas armas, hoje, pessima figura ; venceram os carthaginezes de Annibal, os hunos de Attila, etc., mas neste momento, exactamente agora, correm aterrados dos aventureiros tudescos de Furstenberg, e nem sequer ousam defender os infelizes habitantes de Mantua, da implacavel soldadesca allemã !

— Sim, mas vocês, hespanhoes, quando não andam sob generaes italianos são sovados que não sabem onde metter-se : Avalos, Prospero Colonna, Manuel Felisberto, o grande Alexandre Farnese : eis os generaes de Sua Magestade Catholica ; ha pouco Spinola, que valia tanto quanto trinta e cinco mil infantas castelhanos ; agora mesmo, sucia de fanfarrões, se não fosse Piccolomini eu quereria ver como vocês tomariam bordoada dos protestantes allemães !

— Pois seja ! com tão illustres cabos de guerra e tão denodadas legiões de guerreiros, porque não nos expulsam vocês da Italia ?

— Os maus precedentes, a desunião, as intrigas e rivalidades e, sobretudo, a inercia, eis a unica razão, o unico motivo que na Italia mantem os castelhanos, porque, alem de tudo, a Hespanha de hoje não é a de Carlos V, e sim um corpo descarnado e anemico, um gigante tabetico, cuja espinha dorsal se desvia e decahe, senil e decrepito, desde que a febre de Flandres o enthesicou.

Bem nos diz o poeta, apregoando grande verdade :

*Vuota d'abitatori è Spagna tutta
Di gemme esausta e di tesori asciutta* (1).

— Se os italianos não estivessem desmoralizados, com os seculos de servidão que lhes pesam ás costas,

(1) Falta de população, vê-se a Hespanha sem thesouros e com as riquezas esgotadas (Fulvio Testi).

seria excellente a occasião para nos enxotarem, commentou um hespanhol.

— E não tarda a ser aproveitada, asseverou um italiano... apesar da infelicidade que sempre nos persegue, arrebatando-nos, agora, o grande duque de Saboia Carlos Manuel. Sei porem que o duque de Parma e o de Mantua ameaçam, de acordo com Veneza e o Santo Padre...

— Duques, não! Reis de Parma e de Mantua! Como em Madrid hade tremer o duquesinho de Hespanha, ao receber a declaração de guerra desses poderosos monarchas!

— Não fallecesse o grande Carlos Manuel!

— O grande Carlos Manuel! um misero que levou tanta pancada, de nós e dos francezes, que até veio a morrer de vergonha! olhe! quando voltarmos á Europa já não haverá mais nem ducado de Modena, nem de Saboia, nem de cousa alguma. Tudo terá engulido a Hespanha...

Não queria Spigliotti que a attenção se desviasse de sua pessoa; intimando ao patricio que cessasse com a discussão, derivativa do sentimento que pretendia monopolisar, continuou:

— Senhor Gonçalo de Cordova, não se furte aos meus argumentos irrespondiveis. Qual! não o largo, illustre Cervantes; seria uma tolice, agora que *teneo lupum auribus* (1)!

Então passou V. M^{ce} quinze annos na Italia? pois eu vivi quatro em Hespanha, e vou descrever brevemente a sua nobre patria:

Comecemos pelas suas cincoenta e duas magnificas cidades (a maioria com uns duzentos fogos, se tanto).

(1) Mantenho o lobo pelas orelhas

Que architectura preciosa e artistica a dessas *urbes splendidæ, magnificæ, ornatissimæ, ornamentissimæ* (1) de pau a pique e taipa, naturalmente para fazer sobre-sahirem os grandiosos edificios publicos, quasi sempre em projecto de construcção...

E o povo dessas agglomerações urbanas ? Que ar de nobreza se lhe evola dos andrajos ! Quem vir uma reunião de mendigos castelhanos terá a impressão de uns tantos Marios, apromptando-se para chorar sobre as ruinas de Carthago...

— E os teus parentes, os *lazzaroni* ?

— Bom, bom ! não me interrompa !

Deixando as cidades, sigamos as ferteis campinas da Galliza e do Aragão, onde, por toda a parte, nas areias vermelhas, brotam os uteis cardos e o perfumoso rosmanninho, as bellissimas planicies da Estremadura e de Leão, em que as habitações se contam pelos dias de viagem ; as uberrimas serranias penhascosas da Catalunha, das Asturias e da Navarra, as doces collinas recamadas de seixos, das duas Castellas e da Biscaia, onde, pela ausencia quasi completa de aguas, a natureza indica que alli se devem crear camellos, e assim teremos descripto o jardim do mundo : a grande e bella Hespanha !

Que juizo falso o do poeta quando nos assevera :

Giace tra la nevosa alta Pyrene

E tra il vasto Ocean terra infecunda (2) !

Não fôra Spigliotti quem falara e já grave conflicto surgira. Ninguem porem o tomava a serio, respondendo os hespanhoes, por estridula rinchada, á lisongeira pintura da patria.

(1) Cidades esplendidas, magnificas, grandiosas, magnificentes.

(2) Entre os nevados Pyreneus e o vasto Oceano terra infecunda existe

— Mais alguns versos do mesmo vate, chanceou um d'elles.

— Pois não, caro *cardenal* Ximenes de Cisneros ! Conheço-os aos centos. Sobre a Hespanha ou sobre os hespanhoes, cem vezes superiores aos dos Garcilaso e Ercilla, Lope de Vega e não sei mais quantos poetas-tros, que só na penuria da litteratura castelhana encontram razão de applauso.

— Sobre ambos os assumptos...

— Então, lá vai primeiro contra a Hespanha : traduzo depois, porque vocês são uns asnos, que nem sequer conhecem a propria lingua...

*Sterili i campi sono, e la natura
Ció ch' altrove dispensa ivi disperde,
Colá non giunge april, ne s'assicura
Quei deserti giammai vestir di verde (1).*

Com a rubra caraça de embriagado a transudar a colera, e sacudindo o recitante pelos hombros, a ponto de quasi o derribar, urrava um hespanhol :

— Traduze ! traduzo, se fores capaz !

— Silencio, louco ! deixa-o ornejar ! reclamavam os circumstantes.

A custo afastaram o ebrio ; imperturbavel, concertando o amarfanhado collarinho, proseguiu Spigliotti, em attitude tragi-comica :

*Da regione si inospita e si fiera
Per satollar la non mai sazia fame
Sul italiani scese la gente ibera
Pronta a furti, a rapine, a frodi, a trame (2).*

(1) Estereis são os seus campos e a natureza o que a outros concede a elles nega ; não os visita a primavera e ninguem é capaz de afiançar que esses desertos algum dia tenham verdejado.

(2) Oriunda de tão inhospitas e adustas regiões, com o fim de sa-

Isto é para os hespanhoes, esses heroicos cavalheiros errantes, que, acostumados a viver de pão cosido ao sol, de cebolas e raizes, a dormir ao relento, largam as sandalias, e o barrete de zagal, para se pavonear em nossas bellas cidades italianas, fingindo-se superiores ao resto da humanidade, mas no fundo abysmados da nossa civilisação e da sua barbaria, porque entre os italianos e qualquer dos demais povos ha o abysmo, que dos subditos de Xerxes separava os Gregos.

E nós outros temos a incrível ingenuidade de os suppor invenciveis matamouros !

Tambem que lhes custa arriscar a vida, quando a levam tão estúpida e selvagem !

— *Eppure, signore barone Rampia degli Spigliotti — scusate ! — Spigliotti della Rampia*, aparteou um official hespanhol, em italiano macarronico, pronunciado com sotaque achincalhador : *questi sono quelli che spaventano l'Italia* (!) !

Desmontara um tanto o aparte ao napolitano, que o havia acompanhado estrondosa rinchavelhada ; ia redarguir, quando, de repente, tomou a disputa feição inuito mais seria.

Subira ao banco, onde, até então, elle estivera a discursar, malencarado hespanhol, de desmarcada altura e magreza, que, com toda a arrogancia castelhana, logo, ás primeiras phrases, poz a sala em reboliço :

— Sabemos de sobra, nós outros hespanhoes, quanto nos detestam os italianos, portuguezes e flamengos, o que pouco nos incommoda aliás, pois, muito maior que o odio é o medo que inspiramos aos nossos subditos !

clar inextinguivel fome, sobre os italianos desabou a gente ibera sedenta de roubos e rapinas, fraudes e roubalheiras.

(1) E no entanto são esses os que aterram a Italia.

— Subditos ! a essa palavra quasi toda a assistencia saltara, rugidora e accesa em colera.

Rapidamente, dous grupos se destacaram : de um lado os italianos, portuguezes e brazileiros, de outro os hespanhoes ; choviam, de todos os cantos, os insultos e os desafios, attingindo ao maximo a algazarra.

Espavorido, e soltando agudos guinchos, fugia o mulherio, imitado pelo taberneiro e seus auxiliares, que se retiravam, sobraçando pilhas de copos e mais vasos destinados ás libações.

Dominando o tumulto, com o seu vozeirão acostumado a se fazer ouvir no fragor dos temporaes desencadeados, procurava Lourenço Mousinho impor silencio, auxiliando-o nessa tarefa varios commandantes e officiaes idosos, que, de pessoa em pessoa, recomendavam calma e serenidade :

— Tenho ordens expressas do Snr. Mestre de Campo General, para dissolver esta reunião, desde que se mostre turbulenta.

O Senhor Conde de Bagnuolo castigará, com a maior severidade, quem introduzir a sizania entre os officiaes da expedição, por meio de disputas acerca da primazia de nacionalidades e questões de igual jaez.

— Reconhece então V. M^{ca}, interpretou D. Antonio de Mendonça, exaltadissimo, que nós outros somos subditos da nação hespanhola ?

— Aqui só ha uma qualidade de subditos, os de Sua Magestade Catholica, rei dos Napolitanos e de outros Italianos, na qualidade de herdeiro da casa de Aragão ; soberano dos Portuguezes, como neto que é d'El Rei D. Manuel, de onde lhe assistem direitos á coroa de Portugal...

— Herança conferida a seu avô Philippe II, pelos exercitos do Duque d'Alba, rememorou insidioso aparte.

— E confirmada, nas aguas dos Açores, pela esquadra do Marquez de Santa Cruz, a quem tão dedicadamente scriuiu V. M^o, contribuiu alguém, raivosamente.

Triumphavam os hespanhoes, que riam homericamente, applaudindo com frenesi e fazendo toda a sorte de observações desagradaveis.

Desapontara Mousinho ; esquecendo, assomado, o papel de mediador, para repellir a insinuação, que tão directamente o attingia, e como impellido por algum remorso :

— Sim, com effeito, servi nessa esquadra ; tinha, porem, quinze annos e era um homem do povo, emquanto commigo navegavam dezenas de fidalgos da maior nobreza de Portugal, partidarios do rei estrangeiro.

— Mas tambem, em compensação, houve centenas, senão milhares, de portuguezes que souberam morrer nos campos de batalha, e encostar a cabeça ao cepo dos cadafalsos, preferindo a morte ao dominio dos forasteiros, argumentou o segundo interruptor do velho commandante, homem idoso, de cabellos niveos, modestamente trajado, que do fundo da sala se adiantara.

E bem sabe V. M^o, já que esteve sob as ordens de Santa Cruz, que, ainda, outros muitos não fraquearam ante os tratos dos algozes hespanhoes.

Descera o tumulto da sala a um ligeiro borborinho ; avidos, procuravam todos ouvir as vehementes recriminações do ancião.

— Já está o Matheus mettido na contenda ! disse D. Francisco, fazendo um gesto de desanimo.

— Que Matheus é esse ? averiguou Gonçalo, curioso.

— Aquelle velho, que discute com o capitão Mousinho ; foi meu aio e acompanha-me como escudeiro.

É sebastianista frenetico, e seguiu sempre ao Prior

do Crato. Quando se fala na conquista de Portugal, o homem quasi enlouquece de raiva.

Chammejante, tornara o sebastianista:

— Em Alcantara, onde os castelhanos nos esma garam com o seu enorme exercito, havia milhares de peões...

— Estás doudo ? increpou-lhe D. Francisco, assustado com taes imprudencias.

Inteiramente entregue á paixão patriotica, não ouvia elle :

— Ao nosso lado combateram muitos e muitos fidalgos; outros, porem, e não poucos, comprados pelo ouro hespanhol, marchavam nas fileiras dos invasores da patria...

Pouco affeito a controversias, e tendo a replica difficil, ficara Mousinho confuso, invocando, a modos de justificar-se :

— A primeira fidalguia do Reino acclamou o rei de Hespanha.

— Não digaes, nunca, que Philippe II foi feito rei de Portugal por ser neto d'El-Rei D. Manuel !

— Cala-te Matheus, recommendou-lhe baixo D. Francisco. Arriscas algum castigo.

Desculpou-se o aio :

— Não posso ouvir portuguezes lembrarem taes cousas ! Ferve-me o sangue e preciso desabafar-me.

Quiz Mousinho dar por findo o incidente :

— O que se passou já passou, e não deve, de modo algum, ser lembrado. Nosso rei legitimo...

— Deve ser o Snr. D. João IV, Duque de Bragança, insistiu a mesma voz zombeteira que já o aparteara.

— Ah se D. João pudesse !... isto é se Portugal pudesse ! Os viriatos se assanhariam, chalaceou Spigliotti, que se intromettera no grupo dos hespanhoes.

— Infame ! rugiram os portuguezes, com tal expressão

de furor, que o truão, aterrado, fugiu para o lado da janella, prompto a saltar á rua.

Interpozeram-se, de novo, os conciliadores, ora com pedidos, ora com ameaças, a todos procurando vencer da necessidade de se retirarem da tasca.

— Meus senhores ! uma ultima observação ! pediu alguém, em momento de relativa tranquillidade.

Quem falava era um homem de vinte e poucos annos, baixo, athletico, com traços regulares, quasi imberbe, tez abaçanada, e a cuja physionommia vivissimos olhos davam intelligente expressão ; typo acabado de mame-luco.

Chamara D. Francisco a attenção aos compa-nheiros :

— Este sujeito é o que acompanhava o Padre Mo-raes.

— Vamos ver o que diz o negro, escarneceu Simão. Como é que se admite tal individuo entre nós? Que terra, esta !

— É verdade ! tambem que se pode esperar de um logar de degredo ?

— Bem sabe Sua Magestade Catholica, sentenciou o mestiço, que os seus subditos lusitanos são os mais leaes e affeioados de toda a monarchia, muito mais que os Catalães e Biscainhos, aliás hespanhoes.

— Muito bem ! é essa a verdade ! applaudiram os espiritos voltados á paz, surpresos com o rumo do discurso.

— E seriam-no mil vezes mais, rematou o mameluco, pausado, e alçando constantemente a voz, no meio de estrondosa manifestação dos hespanhoes, mais do que os proprios hollandezes, se Portugal não fôra unido á Hespanha, por meio de cento e cincoenta leguas de fronteiras !

Uma explosão de berros, injurias e applausos, pontuou as ultimas palavras ; transformara-se a taberna em verdadeiro pandemonium, attingindo o tumulto a inimaginaveis proporções.

Imperturbavel, não se dignava o mulato responder aos apodos e ameaças, crescentes de violencia, com que o crivavam os portuguezes, e sorria aos castelhanos, entusiasmados com as suas ironias.

— *Bene ! Pulchre ! Recte !* Bravissimo ! atroava Spigliotti, com o seu agudo regougo, e a cavallo no peitoril de uma janella. Quem é esse cavalheiro de espirito tão arguto ?

Subindo a um banco, cambaleante e rouquenho, declamou un hespanhol :

— *Portugueses, mantenga-vos Dios !
Y vos guarde de las manos
De los crudos castelhanos...*

Vouu um copo ao peito do recitador, que, com o choque, pesadamente ruiu.

Procedendo com a maxima energia, ainda pôde Mouzinho adiar o inevitavel conflicto.

— Silencio ! Ordem ! reiterava aos brados. Prendam este homem ! Ponham-no a ferros !

— Sou official de milicias, contestava o mestiço. Falta-vos autoridade para...

— Ah negro ! cuidado com as orelhas ! explodiu D. Francisco, rilhando os dentes de furor.

— Has de engulir os insultos ! bramava Simão, rubro de colera, e fazendo menção de aggreidir o mame-luco.

Exasperado com a resistencia, e como se perdera a cabeça, poz-se o velho maritimo a vociferar :

— A ferros ! Levem-no e mettam-lhe o calabrote!

Procuraram alguns officiaes executar estas ordens, levantando-se outros para proteger ao ameaçado.

D. Francisco, delle se acercando, e a vergastar-lhe a face, com um pequeno rebenque :

— Toma... pela graçola...

Mal teve tempo, porem, de concluir a phrase ; num relanze descarregou-lhe o infamado, com uma garrafa que lhe ficara ao alcance, tão terrivel golpe que o estendeu em terra, como fulminado; da larga brecha, no alto do craneo, jorrou-lhe logo o sangue, aos borbotões.

De adaga em punho, precipitou-se Lorena sobre o mulato, procurando traspassar-o ; neste momento, sacaram-se as espadas, travando-se verdadeiro combate na sala da bodega.

Com espantosa agilidade, desviara-se o mameluco e, abrindo caminho, no meio dos contendores, com o atirar ao chão dous ou tres que lhe embargavam o passo, desapareceu por uma janella. Fóra gritavam, de modo ensurdecedor :

— O Sur. Mestre de Campo General !

Grande panico se apossou dos rixadores ; golpes desfechados aos lampeões partiram-n'os ; trevas absolutas reinaram, ouvindo-se então, ao par do tropel dos que precipitadamente se despejavam pelas portas e janellas, fundas queixas e furiosas imprecações.

A' entrada da tasca, pouco depois, surgia Mousinho, guiando, á luz de archotes, numerosa patrulha :

— Boa ideia a de se annunciar a presença do Snr. General ! Loucos ! iam matar-se, graças á bebedice e áquelle maldito negro ! Ah se o pilho ! pagará caro ! Felizmente não demorei, e, logo, pude encontrar uma escolta. Mas ha mortos... santo Deus ! D. Francisco da Camara...

Voltava Lorena da perseguição ao mestiço :

— Não está morto, rectificou, observando o amigo desmaiado ; apenas malferido, com uma tremenda pancada na cabeça. Será obrigado a ficar muito tempo de cama... se não morrer...

Quiz ver se lhe prendia o assassino, mas qual ! corre mais que um gamo ; em menos de dous minutos, perdemolo de vista. Quem será ? Mestiço e official de milicias ?

— No apice de tempo em que me ausentei, quanto sangue não correu aqui, expendeu o marítimo, mostrando rubras poças no soalho. Um cadaver ! alli, á esquerda do banco !

Sem sentidos, sob uma mesa, jazia realmente um official hespanhol, com a farda ensopada em sangue, e a quem quatro soldados transportaram para a rua.

Soltava D. Francisco, de vez em quando, quasi imperceptiveis gemidos.

— Onde estará aquelle velho sandeu, que, com as suas asneiras, tanto contribuiu para assanhar os animos, inquiriu o capitão. Deu certamente as de Villa Diogo.

— É o aio de D. Francisco, e muito dedicado á sua casa. Admira-me que tenha fugido.

— Não fugi, Snr. capitão, negou lamentosa voz, a um canto, onde dous corpos se estiravam.

Correram a acudir a essas victimas da rixa ; com esforço sentara-se Matheus.

— Creio ter a perna quebrada. Fui derrubado e muito pisado.

— Sirva-te isto de lição, velho caduco ! advertiu Mousinho, asperamente.

— Saiba que me bati pelo Snr. D. Antonio!... Ah sim, meu Deus ! E D. Francisco ? Ferimento leve, não é ?

Vi quando lhe desfecharam o golpe ; corri a soccorrello, mas, nesse momento, levei uma queda de que me não pude levantar.

Dous homens mais foram retirados de sob as mesas, um alferes italiano, bastante maltratado, e o barão de Cortebuoni, completamente ebrio, illeso porem.

Fôra D. Francisco posto numa rede, e carregado, devagarinho, á casa dos irmãos Barros, partindo Gonçalo, e Simão de Gouveia, á procura do Dr. Antonio Dias, tido e havido como o mais notavel dos physicos da Bahia, e cirurgião habilissimo em todos os generos de *anatomias*.

CAPITULO XI

OS PHYSICOS

Apezar de já o sino da Sé haver batido as doze badaladas de meia noute, ainda havia luz em casa do licenciado Antonio Dias.

É que, desde nove horas, se empenhara elle numa formidavel controversia scientifica, com o antigo collega de Coimbra, o Dr. João Rodrigues, que, na esquadra de Oquendo, viera ao Brazil, na qualidade de physico-mór. Corria velozmente o tempo, e nem por isso, no acerbamento da discussão, davam os dous litigantes.

Muito a medo, e de vez em quando, pela frincha da porta, vinha a creada do medico bahiano, que nunca vira o bonachão do amo tão exaltado, observar o duello daquelles gigantes da sciencia, feramente justando a golpes de deducções e argumentos, provas e raciocinios.

Não haviam os vinte annos passados na Bahia diminuido o cabedal scientifico do Dr. Dias, solidamente implantado em seus conscienciosos estudos de Galeno e Avicenna, a principio em Coimbra, depois em Salamanca, onde o attrahira a immensa celebridade do

Dr. Francisco Sanchez, e completara a formação universitária.

— Meu collega, obtemperou a uma insinuação do Dr. Rodrigues, que alludira ao seu longo afastamento dos grandes centros da sciencia coetanea, estou, em verdade, a muitas leguas das universidades e do convivio dos sabios e dos mestres ; mas, para quem não é totalmente pecco, quer parecer-me, que a esse distanciamento suppre a observação diaria dos factos clinicos, e o estudo das grandes autoridades. Abra, por favor, as minhas estantes e veja se não possuo as ultimas novidades medicas do mundo.

Note alli, bem á direita : *De complexu morborum*, do Dr. Estevão de Castro, luminar da Universidade de Pisa ; *Opera Medica*, de Giovanni Baldi, o grande archiatro da côrte papal ; *De Intentionis Chirurgicis*, de Gaspar da Camara, todas as tres obras de hontem, pode dizer-se.

Leia agora, a partir da segunda prateleira : *El tratado de las siete enfermidades*, que o famoso Aleixo de Abreu acaba de publicar.

Tenho, até, o monumental *De medicorum principum historia*, do grande Zacuto, ha oito mezes, quando muito, vindo á luz em Amsterdão. Não acha que ando ao par dos progressos da sciencia ?

— Certamente, meu caro confrade, mas...

— Affirme agora, Snr. Dr., proseguiu o Dr. Dias, no arrebatamento causado pelo amor proprio offendido, que nestes trinta annos, desde que nos liceneiámos, pouco, ou quasi nada, progrediu a medicina e gostosamente concordarei.

Ninguem adiantou um passo ao que nos ensinaram os velhos e gloriosos mestres : Guevara, Jubera, Sardinha, Coriolanus, Serrão, o grande Quereetano...

Pode o medico compor a sua bibliotheca, exclusivamente, com o *Medicus Politicus*, *De Arte Curativa*, *El Tesoro de la verdadera cirurgia* — qual ! bastam-lhe as obras do prodigioso, do immortal Sanchez, de quem fui humilimo discipulo — nada mais lhe fará falta.

Cheio de descrença e azedume, avançou o sceptico facultativo :

— Nosso tempo é esteril em grandes engenhos. Quem substituiu a Fallopio ? já nem falo de Vesalio !

Digo e repito-o á saciedade : basta-me em medicina Sanchez, em cirurgia Alcazar.

Ironico, acoimou-o o Dr. Rodrigues :

— Só ? *Homo unius libri* (1) !

— *Homo unius libri* ? Não, Snr. Dr., *homo libri præstantissimi* (2) ! Responda-me agora : qual a grande descoberta dos ultimos tempos ?

— E a circulação do sangue ? É pouca cousa ? Uma extraordinaria revolução em toda a medicina ! Um asombro !

— Espero que os mestres se definam. Acho a hypothese muito arrojada, e até mesmo inaceitavel. Concorro plenamente com Gassendus.

Num gesto de desdem pelo interlocutor, imperceptivelmente levantou os hombros o Dr. Rodrigues :

— Tudo em summa se reduz a Hippocrates, Galeno, Celso e os demais classicos ; mas tambem se nos restringirmos tanto, ninguem mais escreverá, nem se farão observações novas, e o resultado hade ser o estacionamento da sciencia, e o dominio de theorias erroneas e absurdas.

Por exemplo, o que V. M^{ce} avança sobre a superexci-

1) Homem de um livro só !

(2) Homem de optimos livros !

tução dos humores crassos está sendo, desde quinze annos, triumphalmente desbancado por grandes autores. Leia Carpo, Salmão e os modernos da escola de Bolonha. O proprio Zacuto inclina-se...

Recahira a contenda no terreno de onde se levantara; folheando immenso calhamaço, nervosamente convidou o aggreddido :

— Pois leia V. M^{ce} tambem, senhor licenciado, leia-me este texto ! E quem lho vae dizer é um dos maiores luzeiros de Salamanca, o Dr. Antonio Suares : *La fiebre resulta ordinariamente de dos humores, que entrambos, aunque sean en si contrarios, se mesclan y de su corrupcion...*

— Babozeiras !

— Isto se escreveu em 1629, ha dous annos...

— Babozeiras, repito ! não precisa ler mais ; sei o que se segue : tudo isso rebateu-o, magistralmente, o sabio Villalva.

Suffocado de indignação, tartamudeava o Dr. Dias :

— Babozeiras ? ! Então Suares...

— Certamente ! tolices, insignificancias, trivialidades. Na Europa, os espiritos adiantados desprezam e ridiculisam essas antiquallhas, desmoralisadas pelos mais profundos mestres.

Ignorará o meu collega as modernas e vencedoras doutrinas acerca dos tres principios activos, a que, em *ultima ratio*, se reduz a nossa machina humana ?

Ria-se o Dr. Dias, com escarneo e mau humor :

— Ora os tres principios ! os tres principios !

— Certamente : sal, sulphur e mercurio ! Pode rir, mas não contestar. Na Europa, ninguem mais duvida, pelo menos os perspicazes. Os sabios de ultramar, os scientistas americanos, esses...

Enrubescera o medico bahiano, a ponto de apresen-

tar reflexos de fogueira, e, retomando a compostura, raivosamente replicou :

— Prove-me o que avançou ! Quer V. M^o, de autoridade propria, derrocar uma medicina muitas vezes secular? legada á Europa pelo genio dos Gregos e dos Arabes? baseada na observação pura e simples dos phenomenos naturaes? seguida e professada pelos maiores engenhos humanos ? Falta-lhe o prestigio, snr Dr., para...

— Provas ? Para que ? Respondam-lhe Schneiderius, Rubini e dezenas de outros grandes nomes. O meu confrade parece entrincheirar-se ao abrigo de irreductivel galenismo, quando essa erronea e mal architectada theoria, que a ignorancia dos gregos e dos arabes nos legou, está decadente e quasi aniquilada. Por mim, sou fanatico paracelsista ! blasonou o Dr. Rodrigues, a exsudar pedantismo.

— Então repudia o que os nossos grandes mestres de Coimbra...

— Por certo ! viajei, percorri a Italia, Snr. Dr. ! estive em Basiléa, em Heidelberg, em Paris ! fui expressamente ouvir em Lovaina o grande Van Helmont ! Sigo, á risca, os principios do seu admiravel livro : *Febrium doctrina inaudita*. Eis o que o collega precisa ler ! Portanto, Deus me livre de Galeno e Avicenna !

Em Portugal, chamam-me louco, que importa ! sou louco, porque os que me attribuem alienação mental são ignorantes e atrasados !

Quem pode hoje, por exemplo, negar que as febres terças sejam devidas á simples exacerbação do principio sulfureo de nossa natureza ? o homem morbifica...

Fizera o D. Dias violento gesto de denegação, que o seu contendor rebatera, com outro de autoridade e opposição de silencio :

— Não sou quem o affirma, avançam-no os grandes mestres da medicina contemporanea.

Supponhamos, continuou preleccionando, que se pernaturalise o acido do nosso principio mercurial, hydrargirial. como diria Aristoteles. Qual a consequencia ?

Segundo a exaltação do Acido adquirirá o sal natural naturezas diversas : de sal arsenical ! de sal de vitriolo ! de sal gemma ! de pedra hume, Snr. Dr. ! e de outros muitos saes ! tanto do reino animal como do vegetal, vindo, em consequencia, o nosso microcosmo a padecer varias enfermidades, segundo os diversos fermentos que se seguem a tanta diversidade de saes. D'ahi, senhores, concluiu triumphantemente o Dr. Rodrigues, esquecendo-se de que só falava a um ouvinte : *parlesias, hydropesias, reumas, edemas, ptyalismos* e todas as demais molestias congeneres. A pernaturalisação dos acidos é o maior inimigo de nossa vida, pois, consistindo esta em o movimento circular do sangue, impede a circulação.

Estivera o Dr. Dias, durante essa exposição physiologica a procurar, em colossaes *in-folios*, argumentos para continuar a pugna ; ao ouvir as ultimas palavras do contendor levantara a cabeça.

— Duvida ? respingou este, interpretando o gesto attento como denegação de suas asserções. Vou apontar-lhe esmagador exemplo : tome um gato, metta-o sob um cocho e dentro inflamme um pedaço de enxofre. Perde logo a vida, com a maior facilidade...

— Pudera ! Morre suffocado !

— Mas porque ? Tudo tem explicação ; é porque, meu prezado collega, communicando-se o espirito sulfureo acido aos bofes do animal causa a repentina coagulação, em todos os liquidos, que por seus canaes circulam.

Ria-se o Dr. Rodrigues, com a risota impertinente de quem se attribue incontestada superioridade.

— Nego ! bradou energico o seu controversista ; ouça-me agora neste exemplo frisante, que Sanchez descreve, tratando da febre humoral synoquia putrida e paragmastica...

Violentas pancadas, á porta da rua, impediram-lhe que encetasse a refutação das theorias do physico-mór da armada ; logo ao entrar, puzeram Simão e Gonçalo os dous medicos ao par da situação de D. Francisco, pedindo-lhes prompto auxilio.

Pela primeira vez, concordaram os esculapios :

— É grave, parece ser muito grave... objectou o Dr. Dias.

— Qualquer golpe na cabeça ! Bem diz o aphorisma : *Vulnera capitis...*

— *Si levissima sint, non sunt aspernanda.* Prestem attenção... por mais leves que sejam as feridas, não são desprezíveis.

— Perfeitamente ! acquiesceu o physico-mór.

— Não temos tempo a perder, lembrou-lhes Gouveia. Sahiram os quatro, em demanda da rua dos Mercadores.

— O perigo dos golpes de fissura — como este que V. M^os explicaram parece ser (queira Deus não tenhamos o caso gravissimo que os gregos appellidam *alphi-tedon*, nem mesmo alguma *apothrause*) — expunha o Dr. Rodrigues aos dous leigos, está na commoção do cerebro, ou aturdimento dos espiritos animaes, pois vem interromper a livre comunicação do succo nervio. Com certeza já o doente teve vomitos.....

— Frequentes !

— É natural ; communica o cerebro os seus affectos ao estomago e este os seus ao cerebro ; explicou o cli-

ico, a bocejar, cansado do ignaro auditorio. Collega ue faremos ?

— A começar pelo principio : lavar-lhe a ferida com inagre destemperado.

— Pelo amor de Deus, senhor licenciado ! Vinagre in feridas de damno profundo, no craneo ? Permitta-te que lhe diga : é uma terrivel imprudencia, quasi insa-ia ! Impõe-se nestes casos a untura de oleo ofancino.) mais é arriscar a congestão dos paniculos do cerebro.

Azedamente, redarguiu o Dr. Dias :

— Não sou nenhuma creança, nem medico *idiota* (1) . alem disto, não é a primeira nem a centesima vez ue trato commoções cerebraes. O oleo só serviria ara provocar a escandescencia do cerebro e prolongar vertigo. Mesmo quando a duramadre está á vista, não uz mal o vinagre : leia Celso, Gerardo Dorneo...

— E Albucasis ? será uma autoridade desprezível ? aranto-lhe que o uso do vinagre é um contrasenso.

Tardos, caninhavam os dous facultativos, ruscando valer, e surdos ás instigações dos companheiros.

— Pobre D. Francisco ! está morto ! pois se não abem o que hão de fazer, segredou Simão a Gonçalo.

— Matam-no, com certeza, tornou-lhe este, para que m não fique a invejar ao outro a satisfação de o ter irado.

Á porta dos irmãos Barros, formalizado e solemne, eclarou o Dr. Rodrigues :

— Retiro-me, collega, tanto mais quanto não fui o anado; nunca consentiria, aliás, que, á minha vista com menosprezo de todas as indicações dos magnos estres da sciencia medica, se empregasse o arrisca-ssimo processo que me acaba de ser exposto.

1) Curandeiro.

— Como quizer! Tenho fé em Deus que hei de salvar o rapaz, retorquiu o velho clinico bahiano, enfiando pelo saguão.

Quando, porem, subia a escada adiantou-se o outro medico, emburrado :

— Decido-me a entrar, pois quero ver o que se vae fazer. Juro, no emtanto, não proferir uma unica syllaba a respeito do que quer que seja !

CAPITULO XII

O RECADO

Corriam dias de Agosto, continuando a esquadra ancorada no porto de São Salvador.

Apparelhado para nova e longa campanha, esperava Oquendo zarpar, com rumo ao Norte, apenas lho permitisse o Governador Geral.

Accrescida de um comboio de numerosos navios mercantes, a quem devia proteger, levava a armada, ainda, dez caravellas destinadas ao transporte do reforço ás guarnições de Pernambuco e da Parahyba. Cansados da longa estada na restricta e monotona capital do Brazil, onde nada lhes quebrava a uniformidade dos dias, anciavam officiaes e soldados pelo momento da partida.

Achava-se a cidade quasi deserta ; sabia-se que no Recife preparavam os hollandezes uma expedição com o fim de a atacar, e que, talvez, mesmo dentro do porto, tivesse a armada luso-hespanhola de avir-se com a do batavo Adriano Pater, commandante de poderosa divisão naval.

A lembrança das façanhas do terrivel Piet Heyn que, em 1627, durante mais de um mez, dominara o Recon-

cavo, e impunemente bloqueara São Salvador, pondo a pique, ao alcance das baterias de terra, grande numero de embarcações, tornava muito plausivel o temor com que a população imaginava vêr, de momento para outro, tremular, a algumas amarras da praia, o pavilhão tricolor das Provincias Unidas.

Em muito má disposição de espirito, passara Jorge de Lorena as ultimas semanas, abatido e isolado : ao engenho dos primos Barros, fôra D. Francisco convalescer da affecção provocada pelo golpe, que o puzera ás portas da morte; para o Rio de Janeiro, partira Gouveia, em commissão militar, acompanhando-o Fr. José, desejoso de visitar um irmão, alli estabelecido.

Gastava o moço os dias, melancolicamente, ora a bordo, ora no casarão da rua dos Mercadores, entregue á guarda de dous velhos escravos negros.

Minava-o a furiosa paixão a que haviam alludido D. Francisco e Spigliotti ; quanto cruel o desapontamento, ao saber que o objecto do seu amor não estava no Brazil, quando nessa esperança residira o alento da viagem !

O desengano fora dos mais rudes ; afastados os calculos de felicidade para o plano do irrealisavel, chegava, nos momentos de maior desanimo, a desejar que uma bala hollandeza lhe viesse dar o repouso.

Rompendo formaes compromissos, voltara á Europa a voluvel apaixonada, para, de vez, delle se desencontrar.

Tambem como achava irracional e infantil a sua timidez ! essa cruel e aniquiladora feição de espirito, de que não podia libertar-se e, desesperado, maldizia.

Estava convencidissimo da inefficacia dos seus modos de proceder, emquanto se limitasse a dobrar ante a dominadora mulher, e, no emtanto, não reagia,

parecendo-lhe impossivel desvencilhar-se do imperio da sereia, que o transformara em juguete de seus caprichos.

Certa noute, ao penetrar no saguão de casa, alguém, muito de manso, lhe pronunciou o nome; voltando-se, avistou uma mulher envolta em grande chale, que, sem dizer palavra, lhe entregou um papel, fazendo menção de esquivar-se.

Attonito, reteve-a:

— Quem me manda isto?

— Minha ama D. Maria; não tem resposta. Devo ir-me logo; ha uma hora, aqui o espero, de pé.

— Quem? Quem é essa D. Maria?

— Uma prima da Snra. D. Leonor, que V. M^{ce} bem conhece.

Ficara o moço estupefacto, e prendendo o braço da portadora com tal violencia que a fez gritar:

— Então Leonor.....

— Não senhor! deixe-me o braço e leia a carta que lhe escreveu, ao partir para a Europa, confiando-a a minha ama.

— E D. Maria só se lembra de a mandar-me um mez após a minha chegada? e a estas horas! Estás mentindo desavergonhadamente!

Depois mais brando:

— Conte-me a verdade! Para que tanta demora?

— Lá sei! Motivos deve ter havido...

Bem! o negocio complica-se; V. M^{ce} a mostrar-se muito inquiridor; sempre me cansei em dizer que pessoas de idade se não devem intrometter em questões de amores.

Aliás, senhor official, não lhe comprehendo a frieza, nem o procedimento! Lembre-se, tambem, que durante o mez, aqui passado, nunca se deu ao minimo tra-

balho para procurar a sua amada. Disseram-lhe que fôra para a Europa, e com isso contentou-se !

E, agora, nem sequer fez um gesto para romper o sinete da carta, e no emtanto pretende ser...

— Vaes contar-me onde está Leonor, intimou Lorena, apertando-lhe furiosamente os dedos.

Desferiu a recadista tão agudo guincho que o official, perturbado, lhe deixou a mão; aproveitando o ensejo, velozmente correu para a porta, por onde, num relance, escapou, fechando os batentes com estrepito.

Quiz Lorena perseguila, mas, encaixando-se um dos ferrolhos na cavidade da soleira, perdeu tempo, até que o levantasse, de modo que, ao pisar na rua, a ninguem mais encontrou, nas immediações de casa.

Á vista do insuccesso, decidiu entrar de novo, para abrir a carta; muito commovido, hesitou alguns instantes em romper o sigillo, lendo afinal estas poucas palavras :

Bahia, junho, 15, 1631.

Para siempre olvidad a Leonor de Avila.

Tanto maior foi a decepção quanto lhe surgira momentaneo reviver de esperanças; prodigiosa colera incendeu-lhe o animo; acudiram-lhe em revista todas as phases da sua infeliz paixão, no amargo rememorar dos poucos momentos venturosos que proporcionara; quanto intensos, porém, repassados de immensa, illimitada felicidade !

Immovel quedou largas horas, procurando injuriar a perfida amada, quando, apenas e inconscientemente, aos labios lhe occorriam phrases de amor, que a ella muito e muito repetira...

Passou-se uma semana, sem que a mysteriosa iris desse o minimo signal de vida.

Sempre de acordo com os seus habitos esquivos e a extraordinaria timidez, procurou o official, com toda a discreção possivel, informar-se acerca da tia de Leonor, vindo a saber que se tratava de uma velha e rica solteirona, D. Maria de Aguiar, irmã de D. Fernando, residindo, quasi sempre, no seu engenho de São Jeronymo, onde na occasião sesteava. Sua morada na cidade, largo sobrado com dez espaçadas janellas de frente, correspondendo a oito, ao rez do chão, e a um enorme portal ao centro, estava constantemente fechado.

Transferira-se Lorena para bordo, de onde quasi não arredava, entregue a intimos embates.

De si para si, dizia que tudo acabara ; não daria o menor passo para o lado da moça, e ella, caprichosa como era, indubitavelmente faria o mesmo.

Quanto, porem, lhe custava habituar-se a essa ideia ! Quanto lhe sangrava o coração torturado !

Diariamente, esperava a esquadra o signal de suspender o ferro ; tergiversando, porem, advertia o Governador Geral a Oquendo que ainda não era tempo de largar.

— Que espera V. S. ainda ! perguntou-lhe arrebatado, em consellio de guerra, o Donatario de Pernambuco ; deseja que cheguemos ao arraial do Bom Jesus, quando a Mathias de Albuquerque houverem os flamengos morto o ultimo soldado ?

— Não o cegue o amor fraterno ! serenamente observara Diogo Luiz ; o soccorro que a esquadra leva a Pernambuco é capital ; como quer V. M^{ce} que as tropas sigam desfalcadas ? Não posso prescindir do reforço, que do Rio de Janeiro está a chegar. O proprio Mathias me dará razão.

Ao dissolver-se a reunião asseverou-lhe Duarte :

Participo a V. S., com toda a lealdade, que heide

communicar ao governador do Reino o que se está passando com esta encantada expedição.

— Isto equivale a dizer que eu estaria demittido, se o Snr. Conde de Basto se deixasse guiar pelas opiniões do genro. Não pense aliás V. M^{ca} que eu tenha grande apego ao lugar de Governador do Brazil ; elle não me paga os constantes sobresaltos e as difficuldades diarias de minha vida. A todo e qualquer momento, estou á disposição do Conde. Despeça-me, pois, a bem do serviço real !

Separando-se de Oquendo, a quem acompanhara, bateu Lorena á porta dos irmãos Barros, pouco antes de dez horas, abrindo-lha o caseiro que, no mesmo instante, e visivelmente enleiado, apresentou-lhe um papel lacrado :

— Um bilhete, para V. S...

Suspeitando novidade de vulto, sem indagar da procedencia da missiva, e soffrego partindo a obreia, leu o moço :

Señor capitan,

(con toda la reserva)

Desea mi ama hablarle, muy particularmente, para darle algunos recados, que su sobriña le encargó de transmitir a Ud. Sirva-se, por tanto, esperar-me en casa, hoy, viernes, a las diez de la noche, en punto.

Muy respetosamente le besa sus manos.

G. H.

(Giralda Hernandez — Dueña.)

Subita e frenetica alegria o invadiu :

— Quando chegou a carta ? averiguou ancioso.

— Hoje, meu senhor, ás ave-marias.

— E como não m'a entregaste ? E se eu, por acaso, aqui não viesse esta noute ?

— Mas, meu senhor, hoje não seria possível mandala, excusava-se o servo...

Enleiou-se o preto, numa serie de explicações confusas e contradictorias; tão absorto estava, porem, o official, que não proseguiu na inquirição, para maior tranquillidade do famulo, já a divisar o momento em que seria obrigado a confessar o suborno, a uma creada grave, de quem recebera a gorgeta de meio tostão, para só entregar o bilhete ás nove horas da noute.

CAPITULO XIII

A *Dueña*

Eram dez horas, em ponto, quando á porta tocaram de leve.

Correu o official a receber o visitante, nelle reconhecendo a mulher que lhe dera a primeira carta; levou-a á sala, offerecendo-lhe risonho uma cadeira :

— Tanta pontualidade D. Hernandez, parece-me excellente agouro.

— E constitue um dos attributos das damas de companhia, das *dueñas* como nós outros hespanhoes chamamos; fazemos timbre em que os amantes, quer afortunados, quer malaventurados não esperem um quarto de hora sequer, respondeu, alambicada, D. Hernandez, a falar correntemente o portuguez, embora com indefinivel sotaque, ora hespanhol, ora italiano.

Á luz de uma lampada, percebeu Lorena que a *dueña* era gorda e baixa, nada descobrindo o enorme mantó em que se embuçava, e apenas lhe não encobria os olhos.

Pareceu ella adivinhar a curiosidade do interlocutor :

— Não faça V. M^o maior empenho em me ver o rosto: sou uma velha creada grave, velha e feia, e alem

de tudo malvada, perversa como ás *dueñas* assenta.

Desgraçadas damas de companhia ! expendeu a suspirar e emittindo uma mó de conceitos, sem attender á impaciencia do moço.

Não ha quem as não calumnie, insulte e ridiculise !

Onde intervienen dueñas non puede haber cosa buena, affiança um proverbio idiota, que em Hespanha corre ; somos a praga da sociedade, só servimos para carcerreiras de moças, tyrannisadas por velhos maridos ciumentos a quem detestam, ou então, para (sempre a troco de gordas pagas) dar a deshoras, entrada a namorados e amantes, pelas janellas. Cahem-nos emcima os autores, com as suas comedias e tragedias, desde Lope até o mais reles dos escrevinhadores, que, famintos e andrajosos, encham as ruas de Madrid.

Debalde, tentou o official interrompela ; estava a velha accessa na defensão do prestigio da classe.

— O estúpido *Quijote*, por exemplo, que alguns palermas tanto apreciam, quando não passa de um amontoado de sandices e disparates... V. M^{ce} já o leu ?

— Gabo-me de o conhecer a fundo...

Amavelmente levantando os hombros, num gesto de pouco caso, continuou a desaffecteda de Miguel de Cervantes :

— O tal *Quijote* nos ataca sem dó nem piedade ! Pela bocca do louco que pintou, retratando-se, insulta-nos o autor : *caterva dueñesca, inutil para ningun humano regalo ! por ventura hay dueña en la tierra que tenga buenas carnes ? etc.*

Tambem não sei que graça encontramem tal livreco ! Falem-me d'*El Gran Tacaño* (1) ; eis uma obra espi-rituosa, moral, de leitura deliciosa...

(1) *Historia y vida del gran Tacaño llamado Buscon*, romance de

Riu-se o official, das preferencias litterarias e da indignação da melindravel dama de companhia, que, com o calor do protesto, se desembuçara, mostrando avelhantada e antipathica physionomia, cheia de rugas e pés de gallinha.

— Muito tem lido a Snra D. Hernandez !

— Em hespanhol, italiano, portuguez e francez, jactou-se a aia, gangenta. Tambem viajei tanto, antes de me prender á Bahia, por causa de minha ama a Snra D. Maria ! Mas não é que me ia esquecendo do recado? V. M^{ce} tem uma paciencia evangelica ou é muito indifferente : deixou-me falar tanto tempo ! Saiba, senhor capitão, insistiu abatando um protesto do moço, ás ultimas palavras : eduquei D. Leonor e amo-a, como, se minha filha fora, e ella me estima muitissimo.

— Mas não a tem acompanhado á Europa...

— Não pude : pediu-me que não me afastasse da velha D. Maria, sua tia e madrinha muito querida.

Agora diga-me com toda a franqueza ; minha ama tem uma carta para V. M^{ce} ; ha porem o que me espante e muito : sendo Leonor minha filha adoptiva tudo me conta, e, no emtanto, nunca me lembro de me haver falado de V. M^{ce}...

— Lembre-se D. Hernandez, lembre-se ! suggeriu-lhe ironico o moço, armando-se de paciencia e escorregando-lhe, como a brincar, tres dobrões. Não me faça dizer com o *Don Quichotte* : *por ventura hay dueña en el orbe que deje de ser impertinente, fruncida y melindrosa ?*

Formalisou-se a megera, embora a namorar avidamente as moedas :

— Susceptiveis todas são, e em excesso. Julga V. M^{ce}

genero burlesco, de Quevedo y Villegas, publicado em 1626 ; livro que fez enorme sensação.

que eu aceite dinheiro, em troco dos segredos de minha filha? Isso de aias que recebem gratificações, senhor capitão, só se vê no theatro. Não procure indispor-me com a sua pessoa, fazendo-me perder as sympathias que lhe dedico.

Assustado com a ideia de angariar tão poderosa animadversão, afanou-se Lorena :

— Não se offenda, senhora D. Hernandez, estou a gracejar. Conte-me alguma cousa acerca das intenções de Leonor, quando daqui sahio; porque não me esperou? referia-se frequentemente a mim?...

— Uma unica vez; pediu-me que deitasse umas cartas.....

— Ah? então sabe a senhora adivinhar pelas cartas? Optimo! vai fazer algumas sortes a respeito do meu futuro.

— Eu, meu senhor? Deus me livre de tal. Quer V. Me^o conduzir-me á cadeia, e mandar-me talvez á fogueira?

— Sou a prudencia e a discreção personificadas. E depois não estamos em Portugal. Mas onde estudou a cartomançia D. Hernandez? indagou, disposto a adular a velha.

— Na Italia, onde passei vinte annos de minha vida; lá se vêem verdadeiros prodigios! Ah! a minha mestra, *Monna Eurydice*! como era versada nesses assumptos!

Voltando o official a perigosos motejos, não pôde xiuir-se a unia observação, que lhe escaldava os labios :

— E em venenos?

— É possível, acquiesceu distralidamente a aia. E o marido, Jacopo Andreotti? grande astrologo! que horoscopos infalliveis! que precisão de prophcias! e como lia nos rostos!

A *Monna Eurydice*, bastava-lhe lançar as vistas para as palmas de alguém; logo lhe dizia toda a vida, passada e futura.

— Admiravel, com effeito! Preciosa sciencia!

— Como Andreotti! nunca houve quem, como elle, destrinçasse os caracteres pelo estudo do rosto, cousa que aprendi perfeitamente. Quer ver? Ao primeiro aspecto, percebo em V. M^{ce} mil cousas: vejo-o honrado, incapaz de quebrar a palavra, bravo como um heroe, magnanimo e esplendido, generoso, sobretudo generoso, dotado de profundo engenho, apto para a alta posição que o futuro lhe reserva... sempre generoso...

— Muitissimo obrigado. E onde descobre tudo isso?

— Na concurrencia das duas linhas, jovial e solar, nitidas, de inexcedivel pureza. Ah! uma ligeira obliquidade, á esquerda, revela-me ainda tenacidade, aliada a grande timidez, mas, apesar disso, muito successo em amores. Homem feliz!

— Vamos, D. Hernandez! Já estamos a conversar demais. Que quer de mim D. Maria? ainda nada sei...

— Pouca cousa, entregar-lhe uns papeis... Mas, como ia dizendo, era insigne a minha mestra, das mais sabias, ou talvez, mesmo, a mais sabia da Italia.

E é preciso ir á Italia para se ter noção do que vem a ser a *Sciencia*... Em Portugal e Hespanha, os que se dizem entendidos não passam de uma corja de imbecis, como os taes *saludadores*, com as suas estupidas veronicas e benzeduras, e os que estudam o futuro com o auxilio de varinhas!

— Mas, senhora D. Hernandez, atreveu-se Lorena a lhe relembrar: e o recado de D. Maria?

Indignou-se a harpia:

— O recado?! nós outras, damas de companhia, geralmente nos reservamos para transmittir recados, em

ocasiões opportunas, aos que se mostram interessados em saber das cousas.

V. M^{co}, frio, mudo e indifferente, desdenhando um meio seguro de conhecer se a sua apaixonada o ama, como esse das sortes de cartas...

Protestou o censurado, com energia :

— Não absolutamente. Ia promptamente pedir-lhe um vaticinio. Somente estou desesperado por avistar-me com D. Maria. Alem de tudo, já é tão tarde ! Diga-me ; não lhe faltam as moedas de ouro indispensaveis para se lançar a adivinhação ?

— Pretendia falar-lhe nisso, porem como não acredita...

— Que ideia ! creio piamente. Quantas precisa ?

— Cinco dobrões, annunciou a hesitar a cartomante.

Percebendo, porem, que o tosquiado não recalitrara emendou :

— Dez, enganei-me.

Resignado annuiu o moço :

— Vou buscalos ; volto já.

— Bem ! breve os restituirei, affiançou a velha a sorrir, e tomando, dahi a momentos, uma bolsinha, que, rapidamente, desapareceu nas profundezas de insondavel algibeira.

Agora, tendo-se V. M^{co} transformado, escute : minha ama aqui me mandou para pedir-lhe, muito em segredo, sob solemne juramento da maxima discreção, que, de sua propria bocca, vá ouvir as recommendações deixadas por Leonor, e receber, de mão a mão, importantissima carta.

CAPITULO XIV

A ENTREVISTA

Sahiram, e, durante minutos, caminharam silenciosos, atravez da noute trevosa.

— Tenho um medo! declarou a aia; se me encontrasse a passear, a estas horas, a gente perversa que aqui ha me accusaria de algum bruxedo, ou visita ao cemiterio. Que perigo para uma senhora... sahir tão tarde!

— Como?

— Quanta dedicação! e geralmente tão mal recompensada!

Achavam-se os dous em frente á casa já conhecida do moço; de leve bateu D. Giralda, no martello da porta, e esta abriu-se, deixando ver vasto saguão, quasi ás escuras, no fundo do qual havia larga escada, que, após alguns degraus, se bifurcava.

Por ella subiram, e, atravessando envidraçado vestibulo, apenas esclarecido pelo reflexo das estrellas, foram ter a um grande salão, onde, sobre braços de ferro, fixos ás ombreiras das portas, tochas de cera branca ardiam.

— Sente-se senhor capitão, recominendou a *dueña*; queira esperar um pouco; minha ama virá dentro de

alguns instantes. Vou prevenila. Ah ! é um pouco surda, cousas da idade ! setenta annos !

Não se esqueça da promessa de absoluta discreção ; que diriam as más linguas desta terra — tantas quantos os habitantes — se soubessem da entrada de V. M^{ca} aqui, ás dez e meia da noute ? Bem observei a D. Maria... mas as velhas... quando teimam...

Retirou-se D. Hernandez, atirando um beijo ao official, bastante perturbado, com esse desenrolar de complicados incidentes.

Que lhe iria dizer D. Maria, naquella insolita e extravagante entrevista ?

Tão forte era a impressão recebida que se deixou cahir num sofá, sem, sequer, examinar o vasto aposento, merecedor, no entanto, de alguns olhares de attenção, desde o apainelado tecto, coberto de florões e laçarias — e cuja almofada central sustinha quatro grinaldas douradas e entrelaçadas, no encontro das quaes passava um lustre de metal amarello, com grande numero de braços e dezenas de candelabros de diaphano crystal — até as alegres tapeçarias francezas, representando scenas venatorias e festivas, que cobriam as paredes descendo das molduras do forro aos rodapés do soalho.

As portas e janellas guarneciam ricas e pesadas cortinas e sanefas de damasco, tomando-lhes os vãos antigos e severos guadamecins, um tanto envelhecidos e desbotados na douradura das folhagens. Ao chão alcatifava espesso tapete de cores apagadas, onde já mal se distinguiam os contornos de um bando de nymphas, personagens da composição principal. Acentuada disparidade reinava entre os diversos elementos ornamentaes, alguns a resplandecerem de novos, outros usados, gastos pelo tempo ; de entre bellos e artisticos objectos surgiam disgraciosas vulgaridades.

Á sala atravancavam moveis de estylos heterogeneos; contadores de frente arredondada, amplos bofetes cobertos de maguifico damasquilho verde, sobre os quaes se ostentavam largos jarrões, redomas de crystal, cofres de tartaruga, vasos de porcellana chineza; enormes cateis, sofás de pernas baixas, cujo assento se compunha de um tapete esticado, com os espaldares cheios de finos crivos; grandes cadeiras de assentos e encostos estufados, onde se desenhavam assumptos mythologicos; tamboretos carmezinados, bancos de rija madeira preta guarnecidos de couro, pilhas de almofadas, mesas de jacarandá com os pés extravagantemente torneados, colossaes bahús, revestidos de lavrada moscovia, tudo em verdadeiro desalinho.

Ao lado de ricas laminas, representando imagens de Santos, e de velhas telas escurecidas pelos annos, retratos de personagens ancestraes, pendiam esplendidos espelhos venezianos.

Em cima de elegante aparador figurava esmaltado relógio de Inglaterra; compridos e disgraciosos ponteiros faziam sombra num lago, onde, em torno de um bote tripulado por dous namorados, cheios de ternura, magestosamente nadavam varios cysnes brancos; ao lado, enorme tinteiro, quasi um alguidar, com os seus apetrechos: aparador, frasquinho de areia dourada, pennas de ganso-surgia dentre a confusão de mil objectos diversos: bocetas de tartaruga, bolsinhas de velludo, tesouras, espevitadeiras, canudinhos de crystal contendo reliquias, tabaqueiras, duas guitarras e uma cythara, de envolta com luvas, fitas e lenços de baptista, sumptuosamente bordados.

Sobre a tampa de um cravo, de amarellecidas teclas, dous castiçaes de prata serviam de estante, a um caderno de musica manuscripta, onde, em rebuscada

calligraphia se destacava o titulo : *Proserpina rapita, opera di Claudio Monteverde.*

Duas portas se abriam no fundo da sala, encobertas por pesados reposteiros de procedencia franceza, de uma suavidade de colorido e delicadeza de desenho admiraveis.

Nelles viu Lorena motivos de excellente agouro. No primeiro, linda nympha, ajoelhada sob frondosa arvore, á margem de um rio paradisiaco, esperava risonha, que Cupido a traspassasse com a flecha de seu arco retezado; da mão lhe pendia uma fita com a inscripção : *Tant le désire*, que se repetia innumeradas vezes, no entrelaçamento dos ornatos da cercadura; na segunda, a nympha, com o braço varado pela setta, sorria docemente a um caçador apollineo, no centro de um quadro cuja moldura trazia o mote : *D'aullre ne veulx.*

Decorreram dez minutos de quietação absoluta; já se espantava Lorena do isolamento em que o deixavam quando lhe appareceu, sorridente, a dama de companhia, falando com voz sumida :

— Agora sim ! alviçaras, senhor capitão ! Custei um pouco a convencela : é tão exquesita ! Mas como V. M^{ce} está pallido ! não vá desmaiar ! Sinceramente, nunca encontrei ninguem com tamanha boa fé !... pois não percebeu logo que todas essas historias eram por demais entrincadas e mal urdidas ? essas cartas e a intervenção de D. Maria ? pobre velha...

Passos abafados vieram suster a inexgotavel parolagem de D. Giralda, que, rapidamente, se esquivou, desapparecendo momentos antes de surgir, a um portal encostado, donoso vulto de mulher :

— Tú ! tú aqui ! balbuciou o official, no auge da commoção.

Era Leonor de Avila de prodigiosa belleza.

Alta, admiravelmente esbelta, sustinha-lhe a cabeça o mais airoso dos pescoços; contrastava-lhe o alabastro da pelle asssetinada, com os negros e bastos cabellos crespos, as arqueadas sobranceiras e os longos e franjados cilios de azeviche.

Illuminavam-lhe o rosto grandes e faiscentes olhos verde escuros, completando o venusto semblante, idealmente oval, impeccaveis olhos e nariz, rubros labios, pequenina bocca, a esconder eburneos dentes.

Sorrindo, achegara-se ao apaixonado, estendendo-lhe a dextra; apoderou-se elle da mimosa mão de dedos esfusiados, beijando-a perdidamente, até que ella a retrahisse.

— Tú aqui ! tú aqui ! repetia, sem achar outras palavras.

— Não contavas ver-me !

— Não ! e isso me matava ! para que me fazes soffrer tanto ? ! Has de ser sempre a mesma, sempre a suppliciar-me, quando sabes que estou escravizado a ti ! abusas de teu imperio, porque tens a certeza de que não posso romper a cadeia, que carrego e me suffoca...

Para que usares tão perversamente de teu dominio, causando-me dias de aniquilamente e de martyrio, mezes e annos de supplicio e sobresalto, de todos os minutos, de loucas esperanças e desillusões atrozes... se ao menos me concedesses alguns momentos como este, pelos quaes tudo daria, tudo !... estaria prompto a soffrer dez vezes mais. Dize-me : para que és tão insensivel ? como é que sendo bella com um anjo, tens um coração tão duro ? Dize-me, dize-me...

— Estás muito exaltado, meu caro Jorge, respondeu-lhe ella, com argentino timbre de voz. Quantas recriminações, quantas queixas ! Soffreste tanto assim ?

— Ainda m'o perguntas ? contestou o moço com os

olhos rasos de lagrymas. Olha Leonor, apesar das tuas innumeradas perversidades, todas as vezes que me repellires, bastará um aceno de chamamento e eu heide correr para junto de ti, esteja onde estiver.

Tomando-lhe de novo a mão, recomeçara a cobrila de beijos, entrecortados de exprobrações, docemente murmuradas num tom de creança magoada :

— Malvada ! perversa ! como tenho medo de ti !

Muito suavemente lhe contestava Leonor :

— Não ! não sou má !

— Não és má ? E o que me fizeste.....

Riu-se a moça...

— Um bello dia fugiste, quando te suppunha inteiramente entregue a mim.

— Se ficasse, era o que me acabava succedendo...

— Ah ! então confessas ? antes nunca o fizeras ; não era só a bocca que me dizia palavras de amor.

— Como estás exaltado ! pareces fora de ti !... assim é desagradavel. Voltaste a Portugal muito triste ? E quando soubeste de minha chegada a Lisboa ?

— Fiquei aterrado... e já nessa epoca começava a recobrar alguma tranquillidade, após atrozes momentos.

— Não fui eu quem, então, te mandou chamar ? E na nossa entrevista, á rua Nova, quanto te não desenganei ? Não me podes accusar de perfidia... rompemos de vez, e no emtanto, logo depois, quasi mataste a um pobre rapaz, por me haver cortejado com insistencia, em casa da velha primã Mecia !

— Mas tambem, quasi immediatamente não me avisaste que te procurasse, renovando-se o nosso amor ? Que dias esses ! E a tua partida ?

— Ao embarcar deixei-te uma carta...

— « Breve nos haveremos de ver, no Brazil ; fico a

tua espera. Não faltes, e quando a Bahia chegares, de forma alguma, tentes ver-me, antes que te mande recado. »

— Decoraste o bilhete ! exclamou a moça, sorrindo.

— Foi o que me fez trabalhar desesperadamente no aparelhamento da armada. Como custou a preparar-se ! O General não fixava o dia da partida ! e os interminos sessenta e tantos dias de travessia, a longa estada aqui ? nada, porem, como o desapontamento, a afflicção logo ao por o pé em terra, sabendo-te de volta á Europa !

— Devéras ? Pensavas que eu tivesse voltado á Europa ? Precisei passar dous mezes no sul, e, como detesto os falatorios da Bahia, desembarquei, bem em frente ás terras de meu pae, em Itaperande, ha uns doze dias.

E tú a acreditares em abandono, definitivo, talvez....

— Não te conhecesse eu ! na realidade tú me desprezas e aborreces...

— Como são cansativas as tuas recriminações ! Palavra ! esperava um desabafo de outra ordem... Se te aborresse não te teria chamado... Pela ultima vez quiz prôvar a tua affeição...

— Pela ultima vez... promettes-me ?

— Juro-o até.

— Já em Lisboa disseste cousa igual.

Ajoelhara-se o moço, e agarrando-lhe a mão, com toda a força, falava-lhe baixo, no tom da mais intensa paixão :

— É exacto ? é bem verdade o que me promettes ?... Se me faltares de novo... Porque não respondes ?

Ladeando o assumpto, replicou-lhe Leonor :

— Se te fizesse um pedido...

— Pede-me tudo o que te puder dar... menos a vida... que sem ella não te veria mais.

— A ideia não é má para um madrigal ! Estás nos casos de compor no mais puro *estilo culto* (1).

— O pedido ? solicitou Lorena impaciente.

— Se te pedisse... que abandonasses o serviço real...

— Amanhã começaria a cuidar nisso...

— Irias cortar a carreira ; o teu apego á vida militar...

— Se em troca a ti possuísse.....

— Quando te fartasses de mim, voltarias ao mar.

Esboçou o official doloroso gesto de denegação.

— Se te fizesse outro pedido... a este não attenderias... não annuirias... não falemos...

Quasi imperceptivelmente, terminou ella :

— Não me posso ligar.

— Enuncia-o, ao menos...

— É impossivel... se te explicasse... nunca o aceitarias, repisou ainda diversas vezes, com força. Não ! Encarando-a, notou o apaixonado amante que seu rosto tomara nova expressão ; incendiaram-lhe as pupilas intenso fulgor, dominando-lhe o aspecto physiologico certo desvairamento.

— Que tens ? Se dahi depende a minha felicidade ou eterno desespero, quero, desde já, sabelo... Mas como estás mudada...

Continuou a rogar, instante e humilde, que lhe confiasse o segredo ; ouvia-o ella, distrahidamente, e, passados alguns minutos, levantou-se sem lhe contestar :

— Daqui a dous dias mandarei chamar-te ; preciso reflectir muito, antes de te provar...

Estendendo a mão, que com presteza subtrahiu a novas demonstrações de affecto, dirigiu-se para o lado da porta, por onde entrara, mandando-lhe imperativo adeus.

(1) Preciosismo.

— Não nos veremos mais, vaticinou Lorena, angustiada.

— Por que motivo has de temer-me tanto? Tú que és um leão ! gracejou Leonor, ao atravessar o reposteiro.

Apareceu, logo depois, a *dueña*; acompanhou-a o moço, e, embora furioso com o resultado da entrevista, poz-lhe, ao passar pelo saguão, algumas moedas nas mãos.

— Pague Deus a tão generoso cavalheiro ! agradeceu D. Hernandez.

Mas diga-me, senhor capitão, continuou impacientada, que homem é V. M^{ca}, que não sabe lidar com mulheres ? Não se desculpe — é inutil — ouvi-lhes toda a conversa.

Pois ainda não se convenceu, tanto a conhecendo e tantas desfeitas della tendo recebido, que assim com humildade e choramigas, não lhe alcança senão o pouco caso, e, afinal, o desprezo ?

Encolerisou-se o advertido :

— Dona Hernandez ! limite-se ao papel de portadora de recados e cartomante ; escute atraz das portas, mas não vá alem... é isso o que ás *dueñas* cabe.

— Como quizer, senhor official ! respingou, arrogante e insolente, a creada grave. Maltrate quem lhe dá bons conselhos e rasteje aos pés da sua amada... Hade tirar grande proveito...

Emfim ! tenho-lhe *sympathia* e quero abrir-lhe os olhos, repetindo um adagio de minha terra: *al hombre que es tímido ó poltron, las mujeres nunca tienen afeccion.*

CAPITULO XV

NOVA ENTREVISTA

Sem saber o que deduzir da entrevista, e a suspirar pela aproximação do novo encontro marcado, parecendo-lhe interminaveis as horas, passou Lorena agilmente o dia immediato ao da visita.

Qual seria esse pedido mysterioso que a moça, não obstante a sua insistencia, recusara transmittir-lhe ; obrigalo a deixar a carreira das armas, para o ter junto a si, nas constantes peregrinações, que, por assim dizer, lhe constituíam o modo de vida ?

Fosse como fosse, tomara a firme resolução de lograr totalmente ás exigencias da tyranna, pois sentia que, sem ella, a existencia lhe correria intoleravel.

Não queria raciocinar muito : via abrir-se insondavel vortice, e, resolutamente, preparava-se para se ançar a elle.

Gastou o dia nesses tormentosos embates, cuja violencia á noute recrudescceu, quando, da propria bocca le Oquendo, soube que, dentro de tres dias, zarparia a squadra.

Pediu licença para desembarcar, e baixou á terra, spavorido com a ideia dessa campanha de longos

mezes, em que se ia envolver ; até alcançar dispensa do serviço, quantas apprehensões lhe custaria o voluvel objecto do seu amor ?

Voltavam-lhe, constantemente, aos ouvidos as recommendações da *dueña* ; modificar a attitude para com Leonor era-lhe, no emtanto, impossivel ; vencer a fraqueza insuperavel obstaculo.

Conhecendo-o perfeitamente, não se intimidaria ella, reprimindo com facilidade qualquer revolta.

— Heide vencela pela doçura, heide lhe fazer penetrar no espirito a consciencia da força de meu amor, falava de si para si, embora descrente na efficacia desses meios de conquista, pela humildade e subserviencia.

Crescente angustia acompanhou-lhe as horas do dia fixado.

Às nove e meia, antecipando um pouco, batia á rua da Palma.

Abriu-lhe a porta a dama de companhia.

— Boas noutes, senhora Dona Hernandez, saudou amavelmente.

Muito secca tornou-lhe ella :

— Boas noutes!

Julgou o recipiendario de boa politica dissipar os resentimentos provocados pela aspereza da resposta aos conselhos da antevespera, e recorreu ao argumento, já duas vezes empregado com successo. Foram excellentes os resultados colhidos. Com muitas recommendações, no sentido das já ministradas, e agora religiosamente ouvidas, levou-o a *dueña* á presença de Leonor.

Todas as queixas e exprobrações, accumuladas durante as largas horas anciosas, esqueceu-as ; sahiram-lhe dos labios, unicamente, entrecortadas palavras de ternura e obediencia.

— Estavas assim tão impaciente ? indagou a moça, depois de ouvir infindos protestos de amor.

— Impaciente, não ; desesperado, achando interminos os minutos. Tanto soffrimento merece grande recompensa...

— Merece... concordou ella, arrastando as syllabas.

— Então porque não me queres ? porque continuas com eternas tergiversações ? És de uma dureza de coração ! Diz-me lealmente, de uma vez para sempre, que não me amas.

— Para que ?

— Para te livrares de mim. Não te importunaria mais.

— Se t'o dissesse ficarias desapontado...

— Sirvo-te de juguete...

— Tú te recordas do que te contei, ha mezes, acerca da correspondencia do teu affecto ? pronunciou Leonor, rispida.

Mostrou-se elle constrangido.

— Vou dizer-te, de novo, o que se dá commigo. Se podesses...

— Que é ? o teu pedido ? Exprime-o agora...

— Ainda não me convenci da violencia do amor com que me acenas sempre.

— Que heide fazer para imprimir-te essa convicção ? em nada acreditas, as maiores demonstrações...

— Fora eu quem por ti estivera assim..... poderias imitar o heroe de uma tragedia, que, em Londres, ouvi...

Perseguido pelo affecto de uma dama, a quem outr'ora amara, quando só pensa em vingar-se do rei seu tio, que lhe assassinara o pae, desdenha um principe á pobre-sinha, que soffre a ponto de enlouquecer e atirar-se a um rio.

Brutalmente lhe diz : « Outr'ora vos amava. Ide-vos agora, para algum convento... » O drama é bom, mas ex-quesito... muito tragico... Confesso que nessa occasião bastante pensei em ti, additou Leonor a rir.

— Perversa ! Sempre a mesma !

— Que theatros os de Inglaterra ! continuou, reprimindo um gesto de desanimo do apaixonado interlocutor. Publico turbulento, palcos detestaveis ! scenarios ridiculos e miseraveis, quando os ha !

E que actores ! Em França, tambem, como é grosseira a comedia, que differença com a Italia ! lá sim ! que bello theatro o dos italianos !... Quanto deve ser feliz uma mulher como a Florinda, acclamada em triumpho, desde Turim e Milão, até Napoles e Palermo. Ah ! como a invejo ! como a invejo !

— Viajaste muito !

— Ainda bem ! deixemos a paixão um pouco de lado. Estive muito tempo na Italia... em França... na Inglaterra... algum em Flandres, explicou, sorrindo expressivamente, em Bruxellas...

Poz-se elle a divagar sobre varios assumptos ; ouvia a Lorena, silencioso, acalentado pelas suas doces palavras e melodiosos dizeres ; contentava-se em lhe não desprender do rosto chammejantes olhares, absortos na contemplação da sua belleza prodigiosa.

Calara-se afinal.

— Fala-me agora de teu pedido, reiterou-lhe o apaixonado, retomando um tom supplice.

— Meu pedido ? despertou sobresaltada. Mais tarde !

— Quando ? se daqui a tres dias vou partir ! declarou, esperando que a noticia causasse funda impressão.

— Partes ? proferiu ella, absolutamente impassivel.

— Não ha o que te commova ! exprobro-lhe, desesperado.

— Mas... se eu... não te amo...

Inclinando-se, porem, sobre o hombro do official segredou-lhe :

— De hoje em diante... serei tua para sempre... se me quizeres ainda.

CAPITULO XVI

O QUARTO DE PRIMA

Do porto de São Salvador, desde alguns dias, zarpara a esquadra, contemplando os habitantes da cidade — ao mesmo tempo que os commovia a partida da frota e alentava a esperança de que breve se aniquilaria o poder hollandez — a magestosa sahida dos vasos do General Oquendo, com o panno desferrado, marinhagem nas vergas, guarnições formadas, ao troar dos canhões, que salvavam alegremente.

Na conserva dos galeões seguiam as caravellas, que, a Pernambuco, levavam Bagnuolo e as tropas sob o seu commando.

Cahira o vento para o sul, e, após oito dias de navegação, afastara-se bastante a armada da derrota escolhida pelo conselho de guerra; a onze de Setembro achava-se nas proximidades dos Abrolhos.

Desde o crepusculo, soprava ligeira brisa: ia a noute adiantada, fresca e balsamica; sentia-se o cheiro da terra, tão proxima estava, diziam os marujos experimentados.

Reinava absoluta calmaria; á superficie espelhante das aguas esparzia a lua, quasi cheia, a sua luz fosca

e suave; arfavam os navios brandamente, fazendo tremeluzir os pharoes e signaes multicores, dependendo dos laes das vergas.

À extremidade da prôa do *Nossa Senhora dos Prazeres*, junto ao gurupés, dous homens conversavam em voz baixa, tão absortos no assumpto que lhes prendia a attenção, que pareciam ausentes do lugar e do tempo.

Um delles era o velho escudeiro de D. Francisco, Mathcus Ribeiro, o outro o mestre do galeão, Antonio Gomes, antigo maritimo da carreira das Indias, em cuja tez bronzcada impuzera o sol africano indelevel ferrete.

— Trazem-me os annos constantes decepções, affirmou o veterano. Sempre que um se escoa reflecto: é impossivel que, neste agora, não se faça a cousa... qual! espero ha cincoenta annos, heide morrer sem enxergar a liberdade... Cada vez mais, traz Castella a Portugal em dura servidão!

— Pois eu não desanimo! pelo contrario! professou o ardente Matheus; estou-me chegando aos setenta, e, se Nosso Senhor Jesus Christo me fizer a esmola de mais dez annos de vida, verei Portugal liberto; se m'os não der, paciencia! morrerei com a certeza de que pouco me faltou para attingir o grande dia; a privação desse gozo immenso me será levada em desconto, de grandes e numerosos peccados.

— Dez annos?! enunciou Gomes, em tom de profunda duvida...

— Dez annos, sim! V. M^{ce} vai convencer-se, e já, com os meus argumentos. Diz-nos, pela voz de Bandarra, o Espirito Santo:

Trinta dous annos e meio
Haverá finaes na terra,
A escriptura não erra
Que assim faz o conto cheio...

Ouçã bem ! Toda a attenção !

*Um dos tres, que vem arreio,
Demonstra grande perigo
Haver aceito o castigo,
A gente que não nomeio.*

— Trinta e dous annos e meio já se vão longe ! suspirou o mestre... desde 1580 !

— Escute-me, senhor mestre; siga bem o meu raciocinio. Se a prophesia diz, em lettra redonda, *trinta dous annos e meio* quer referir-se a todos os lapsos de tempo, menos a esse proprio periodo, porque senão deixaria de revestir o character prophetico, que é mysterioso por excellencia.

Fez o marujo um signal de assentimento.

— Isso que V. M^{ce} me objecta, continuou Matheus persuasivo, e não passa da applicação de uma regra primordial, no estudo das interpretações propheticas, rebati-o, ha muitos annos. Alguns dos meus companheiros de exilio, em França, confiantes na phrase do Bandarra, esperavam grandes acontecimentos em 1610 ou em 1612. Desilludi-os sempre, e o tempo deu-me razão. Nunca se mostrou Portugal tão resignado ao captiveiro, como nessa epoca. Verdade é que estudei com afinco a arte, e com alguém que a conhecia profundamente.

— Em Portugal ?

— Em França, com o Snr. D. João de Castro (1) meu companheiro, durante vinte annos. Ler entre as linhas, eis o grande segredo ! prestar a maxima attenção ás minimas minudencias, embora pareçam despreziveis...

Na trova de que falamos, distingo duas allusões cla-

(1) Celebre apostolo do sebastianismo.

rissimas : aos desastres de El Rei D. Sebastião e de Portugal, e á queda da dominação hespanhola. Por isso diz ella : *haverá finaes na terra.*

Precisamos pois attender a duas contagens de tempo. Façamos a primeira : trinta dous annos e meio e não trinta e dous annos e meio, diz o Bandarra. Trinta dous ou trinta vezes dous: sessenta, e mais meio ou metade de trinta, quinze, addicionados a sessenta dão setenta e cinco.

« Um dos tres, que vem arreio » pode ser o terceiro ou o primeiro ou o segundo ; tres e setenta e cinco, setenta e oito ! eis ahi a data da batalha de Alcacer, 1578! Tudo isso é claro como agua e nolo confirmam os ultimos versos :

*Demonstra grande perigo
Haver aceito o castigo
A gente que não nomeio.*

Quem pode ser essa gente, senão a portugueza, não nomeada por evidente ?

Agora : attendendo ao fito especial de Bandarra, que é de annunciar a volta de D. Sebastião, outra explicação é necessaria. O castigo refere-se tambem á gente hespanhola, e o prazo deve ser contado como de sessenta e meio annos : *Trinta dous annos e meio* ; portanto, em principios de 1639, ou em fins de 1640, fatalmente, termina em Portugal a dominação castelhana. *A escriptura não erra*, affiança o sapateiro santo.

Um tanto incredulo allegou o maritimo :

— Occorre-me terceira explicação que, com certeza, já acudiu tambem a V. M^{cd}.

Trinta dous annos e meio não serão trinta vezes dous, e mais metade de sessenta, noventa ao todo ? Nessas condições, como pede V. M^{cd} apenas mais dez annos

de vida, para ver os castelhanos fóra de Portugal?

— Já esperava por esta ! redarguiu triumphante o escudeiro. A indicação do numero noventa é, tambem, clarissima, mas refere-se a terceiro ponto : ao anno de graça de 1590...

— De 1590 ? repetiu Gomes em extrema surpresa. Porque 1590 ? Que tem essa data com o nosso caso ?

— Um anno notabilissimo, que não podia deixar de attrahir, e attrahiu, as referencias dos descobridores do futuro. Pois não se recorda V. M^{ce} de sua mocidade, de quanto o temiamos todos, quanto o annunciavam terrivel os mais sinistros presagios ?

Falava-se em grandes cometas, terramotos, innundações, temporaes, descida do Turco na Italia, fuga do Santo Padre, pestes, fomes, apostasia de nações catholicas, calamidades, emfim, a rodo ?

Não nos aterravam os doutos, todos os judicarios ? entre elles leia V. M^{ce}, por exemplo, os grandes Paulo, Principe de la Scala e João de Reggiomonte...

Lembre-se dos transes perigosissimos por que passou a barca de São Pedro, naquelles tempos tenebrosos, a derrota da Invencivel Armada, a victoria dos calvinos de Hollanda, a degolação da rainha Maria da Escossia, a horrenda subversão da França catholica, o assassinato do rei Henrique, a ameaça de um huguenote subir ao throno christianissimo, a terrivel entrada dos turcos na Hungria e Allemanha, o Papa, a morrer, mysteriosamente, treze dias após a sua eleição, e diga-me se a era de 1590, e sua vizinhança, não mereciam chamar a attenção dos que predizem os factos ! 1639 ou 1640, senhor mestre, ao mais tardar, eis o anno determinado pela Divina Providencia, para se reatar o fio do reinado de El Rei D. Sebastião.

Meditativo, e quasi convencido, meneou o interpel-

lado a cabeça ; ia responder, quando veio Cosme do Couto Barbosa, o commandante do *Prazeres*, seguido de Simão, D. Francisco, e mais dous ou tres officiaes, interromper a digressão sebastianista.

— De um momento para outro, observou aquelle, podemos ser despertados e avisados pelos foguetes, que o senhor General fará soltar da capitânea.

E apontava para o bojo sombrio de uma nau, distante de duas centenas de braças.

— Com effeito, annuiu Gomes, a esquadra dos heres deve velejar por estas paragens. Um dos nossos gageiros acredita ter avistado, hoje, navios de guerra. Se amanhã houver batalha, mostraremos aos castelhanos quanto vale o nosso pequeno barco.

— Muito não poderá um navio de trezentas toneladas. Os hollandezes, geralmente, nunca orçam menos de oitocentas, expendeu um official.

Vivamente replicou o capitão :

— Com cento e cincoenta homens, para a abordagem, dispostos a se deixarem picar em pedaços, não ha navio que — em qualquer combate que seja — não represente papel heroico.

Pouco importa ! aqui estamos para defender e recuperar o Brazil, que é uma terra portugueza ; temos a obrigação restricta de fazer muito mais do que os hespanhoes.

Retirara-se Cosme do Couto ; na roda commentaram-lhe o mau humor.

— Chamou-o hoje o General, para uma conferencia, voltando elle carrancudo e enfezado, exprimiu Simão. D. Antonio é violento, talvez hajam discutido, melindrando-se o capitão. Que querem ? desde que passámos a escravos, como a todo o instante amavelmente nolo lembram os hespanhoes, será sempre assim.

Estamos em aguas portuguezas ; no emtanto, mesmo nas minimas cousas, abatem-se as quinas ante os leões, como aliás em toda a parte.

— Por toda a parte, não! protestou Gomes. Na India nem nos lembramos que existe Castella ! Faz-se tanto caso dos capitães e generaes hespanhoes, quanto Pero Gallego ⁽¹⁾ do tal almirante que encontrou e desfeiteou em Cadiz.

Azedo e impertinente insistiu Simão :

— Pois sim ! mas as capitaneas portuguezas, até em dominios da sua coroa, arreiam bandeiras ante o pavilhão hespanhol.

Quando se restaurou a Bahia, não mandou D. Fadrique de Toledo desfraldar, sobre as terras da Sé, o estandarte de Castella, com exclusão do portuguez, muito embora os protestos dos nossos generaes ? Entretanto, não concorrera para o successo da jornada uma enorme esquadra portugueza, trazendo a melhor fidalguia do Reino, tudo á custa dos particulares, dos Bispos, dos fidalgos, e do povo das cidades ? Quando se tratou de guarnecer a praça, apesar de formal e solemne promessa, feita na Europa aos nossos voluntarios, não os obrigou D. Fadrique a ficar no Brazil, levando todos os seus hespanhoes e napolitanos ?

Arrastado pelas reflexões de Simão, insistiu o mestre :

— E o desaforo dos contadores hespanhoes, ao entregarem á nossa gente um material...

— Basta de assumptos penosos ! propoz alguém. Não vale a pena nos amofinarmos com essas miserias.

D. Francisco, como andas melancolico ! Porque será ?

(1) Famoso corsario portuguez do seculo XVI.

— E do amigo Lorena, então ? nem falemos ! acudiu Simão. Nunca o vi tão absorto e hypocondriaco. Parece remoer constantemente alguma ideia fixa ! Sempre a lhe magoarem o coração os funestos e malaventurados amores ! Que constancia ante o insuccesso ! E não ha meio de se lhe arrancar uma unica palavra, ninguem se atreve a tanto...

Ironico, exprobrou-lhe D. Francisco :

— Homem ! se assim falas dos amigos ! Antes inimigo... Como haveriam de lisongear a Lorena as tuas expressões ! Admiravel discreção !

— Contrahida em tua companhia ! resmungou Simão, vexado. Mas vamos lá, a ti não atormentam amores, e, no entanto, andas a mostrar uma cara de quem acompanha enterro.

— Deixa-me !... só abres a bocca para dizer grosserias.

— Eu... me parece que vives com muito medo...

— Imbecil !

— Que é feito dos brazões dos Camaras, cujos lobos se transformam em timidias lebres ? onde as tradições da casa da Louveira ? Que pensarão desse rebento os manes de tantos e tantos heroes ?

— Pensem e digam o que quizerem ! murmurou D. Francisco, deitado de costas sobre o soalho, immovel, a contemplar o firmamento. Só sei que a Portugal não volto mais !

— Como assim ?

— Maus presagios acodem-me ás dezenas ! Parto de Lisboa mal impressionado, e, logo ao chegar ao Brazil, no dia em que piso em terra, põe-me uma unica pancada, entre a vida e a morte...

— Pudera ! com as tuas manias de valentão ! quem e mandou esbofetear o mulato ? não percebeste que era forte como um touro ?

— Soltou o desalentado mancebo fundo queixume :

— Não quero recordar uma serie de acontecimentos, que, a todo o instante, me previnem que os meus dias breve findam !

— Ora deixa-te de asneiras ! Toleirão ! Absurdas superstições ! increparam-lhe de todos os lados.

Com inabalavel convicção proseguiu D. Francisco :

— Ainda hontem, tive aviso formal ! Sumiu-se o meu *Agnus Dei*, e não houve meios de se o encontrar ! uma reliquia preciosissima, que a Mamã me puzera ao pescoço, dizendo, « em quanto o tiveres sobre o peito, filho, nada te succederá ».

Ora, justamente, no dia em que o mulato quasi me assassinou na Bahia, havia-o eu deixado em casa, ao trocar de roupa !

— É tão facil arranjar-se outro !

— Outro ? ! Não será o mesmo, dadiva da Mamã ; uma reliquia pertencente á nossa casa, ha quasi um seculo ; foi São Pedro de Alcantara quem della fez presente a minha bisavó. Vejam o que perdi ! não é mesmo de impressionar ?

— Em todo o caso, apezar de tantos presentimentos, não te appareceu ainda a *Ruiva*, com o seu famoso punhal vermelho, motejou D. Luiz Coutinho, que já encontrámos na sala do *Leão de Castella*.

— É só o que me falta ; mas olha... não brinques muito ... tambem é capaz de visitar-te. Não fossemos primos...

— Desejava bem vela... dizem que é uma bella rapariga e deve selo... todos os meus avós foram homens de gosto.

Intervindo na conversa, reprehendeu Matheus, severamente :

— Snr. D. Luiz, não zombe de cousas serias ! Fique

sabendo que o avô de V. M^{ca} viu esse abentesma, á vespera da batalha de Alcacer, ficando tão impressionado, que, mal pôde contar o caso ao primo, o Conde D. Lourenço, avô do Snr. D. Francisco.

— Abusões !

— Abusões ? ! No dia seguinte perdia D. Lourenço tres filhos na refrega... e nella morria o avô de V. M^{ca}.

— Alem d'elle, muitos outros Coutinhos, descendentes da Condessa D. Violanta...

Nenhum, no emtanto, que eu saiba, avistou o trasgo — a não ser meu avô — cousa que eu, até agora, ignorava totalmente, cumpre confessalo.

— Não tenha V. M^{ca} de velo ! enunciou o velho, a benzer-se.

— Que vem a ser essa incomprehensivel historia ? interrogaram varios.

Dolente, gemeu D. Francisco :

— Antiquissima lenda, referente á minha casa...

— E á minha tambem, rectificou, afouto, D. Luiz Coutinho.

Agastou-se o morgado, tornando ao primo, aspero :

— Ora meu caro ! Bem poderias retirar parte de tuas pretensões ! Muito mais á minha !

— Pretensões ? ! Acaso serás tão insciente em materia genealogica, que ignores o parentesco de teu avô — D. Gozendo Viegas, com o meu, D. Sueiro Mens, quando ambos, eram filhos, e gemeos, de D. Pero Mens e de D. Violanta Sanches ?

— Perfeitamente ; mas aos teus a judia é mais extranha.

— Mais extranha ? Aos teus sim ! só appareceu tres vezes, authenticadas.

— Tres ? Estás louco ? nada menos de quinze ou vinte, inteiramente authenticas.

— Para quem não acredita na historia, estás bem informado ! causticou Simão.

Notando a curiosidade geral, e attendendo aos pedidos de toda a roda, D. Francisco, a quem animara essa disputa, acerca do numero de aparições, com que o phantasma honrara uma e outra casa, decidiu-se a revelar a lenda ancestral :

— Certa vez, em que, acudindo aos chamamentos desesperados dos reis de Hespanha, premidos por innumeraveis hordas de mouros, reuniu um de nossos reis — D. Affonso ou D. Sancho, não me lembro bem — os seus ricos homens, e lá se foi, em gloriosa arrancada, pelejar com a mourisma, um dos seus mais galhardos cavalleiros era D. Pero Mens, tronco de nossa casa da Louveira e casado, havia dous annos, com D. Violanta, filha do Conde D. Martim de Castro — não, D. Garcia ou D. Egas — pouco importa o nome. O facto é que esse conde se apresentou á convocação real com os oito filhos, todos elles feros e illustres guerreiros — oito tios que sinto não ter tido a honra de conhecer, e, com certeza, muito mais dignos de veneração do que o sovino do Tio Manuel de Mendonça — negou-me certa vez cem cruzados ! — e sobretudo do que o pascacio do Tio Jeronymo de Brito; hein Matheus, que dizes ?

— Como te sabe esta erudição historico-geneologica ! commentou Simão. O facto de se collocar o episodio no reinado de quatro ou cinco Affonsos, de um ou dous Sanchos pouco importa ; a essencia dos factos não se altera, tanto quanto, se o avô for D. Martim, D. Garcia ou D. Egas !

Parabens ! está-se vendo que és um novo Conde D. Pedro.

Fez o narrador solenne gesto de desprezo :

— Finda a campanha, dispersa e aniquilada a mou-rama, esteve D. Pero algum mezes, a jornadasear por Hespanha; voltando a Portugal, notou D. Violanta que o marido, outr'ora tão amante, mudara completamente.

Dias e noutes pretendia passalos á caça, abandonando completamente o lar; não se queixava a pobre desamparada, consolando-se com os filhinhos, embora já a tivessem informado, do que, desde muito, sabia a redondeza : o rico homem gastava o tempo em companhia de uma bellissima moura, ou judia, que de Hespanha trouxera, e, por quem estava perdido de amores.

Logo depois se desmandava, a ponto de introduzir a comborça em sua alcaçova de Serpins, obrigando-o ella a encarcerar a D. Violanta, dahi em diante, por ambos diariamente insultada e ameaçada, de modo atroz. Achava-se o fidalgo, evidentemente, sob o imperio de infernal philtro que lhe ministrara a magica.... Informado do caso, um santo monge da abbadia de Arroulos, cujas ruinas ainda hoje existem em nossas terras, exorcista famoso, muito perito em desvendar traças diabolicas, convenceu-se de que D. Pero estava possesso e foi procuralo...

Entre innumeros e sonoros bocejos, articulou Simão :

— Esta tua narrativa está bem massadora...

— Bruto ! desfechou D. Francisco, entre dezenas de outros improperios, ao pouco amavel interruptor, que estalava de riso, saboreando-lhe a furia. Emfim ! desprezo as tuas grosserias, brutamente ! berrou, retomando o fio da historia :

— Tentou a judia impedir que o frade visse o amasio, mas debalde, teve de retirar-se e D. Pero, muito arrependido, atirou-se aos pés da mulher, mandando açoutar cruelmente a *Ruiva* (assim lhe chamavam,

jamais ninguem lhe tendo sabido o verdadeiro nome) e enxotal-a do solar.

— Volveu o clérigo ao mosteiro, certo de que reintegrara o fidalgo no caminho da virtude; cahira este, porem, na mais funda apathia e tristeza... dias depois, voltava a concubina triumphante, á alcaçova, fazendo com que o desvairado expulsasse os filhos e a mulher — a quem a maligna chegara a tocar no rosto — numa noute, em que cahia terrivel tempestade de neve.

Cegos de odio, não tardaram o sogro e os cunhados de D. Pero em desaffrontar a ultrajada esposa; quando, com uns poucos de mil homens, chegaram á vista de Serpins, preparados para assaltar a torre, os escudeiros do rico homem o encontraram morto, no proprio leito, com um punhal cravado no coração.

Desapparecera a moura; graças a rigorosas buscas, acharam-na, porem, no fundo de uma caverna.

Em vão, pretenderam dous afamados esconjuradores expulsar-lhe do corpo a legião de demonios, que nelle se anninhara; submettida, aos mais hediondos tratos, queimaram-na, quando já quasi reduzida a disforme pasta sangrenta.

Ainda assim, provando infernal vitalidade, blasphemava e ameaçava, conservando a voz, até os derradeiros arrancos, para proferir os maiores despropositos. As ultimas invectivas dirigiu-as á rica dona, que quizera assistir a esse desaggravo da honra conjugal, e a quem prometteu perseguir, e aos descendentes.

Acompanhando sinistra gargalhada, gritou, pouco antes de expirar: « vou ajuntar-me ao meu muito amado D. Pero ». O que, porem, á assistencia causou enorme impressão foi o apparecimento, ás suas mãos, entre as chammas, do punhal do rico homem. Quando o procuraram fundira, apesar de ser do mais puro aço de Toledo.

Sempre pirracento, deduziu Simão :

— Deprehende-se, de toda esta semsaborona historia, que o teu avô passou aos quintos dos infernos.

Graças a Deus, tenho a felicidade de não poder affiançar, assim tão categoricamente, que, em minha linhagem, exista algum ancestre, que, para deslustre do nome, haja cahido em dominios diabolicos.

Emfim! isso compensa a legião de santos que engrinalda o brazão dos Camaras.

Tendo-se aggregado á roda, em companhia de Fr. José, ouvira Lorena parte da narrativa ; interessado indagou :

— Cumpriram-se, algum dia, as ameaças ?

— Muitas vezes, senhor capitão, acudiu Matheus, com toda a sinceridade ; apparece o abentesma, frequentemente, em vesperas de successos desastrosos, não só para a casa da Louveira, como para os demais ramos da familia, tambem procedentes da condessa D. Violanta.

— Lendas ! e mais lendas ! uma serie de tolices e de absurdos ! repisou Simão.

— Nem tanto, senhor alferes, denegou o escudeiro, agastado. Por exemplo, ás dez horas da noute de 4 de Agosto de 1578, estava a senhora condessa de Louveira, D. Isabel, recolhida ao oratorio, a rezar pelo marido e os tres filhos passados á Africa, quando sentiu ruido atraz de si ; voltando-se avistou uma mourisca de notavel belleza que, da porta do aposento, lhe fez horrenda catadura, desvanecendo-se immediatamente.

— Não trazia o famoso punhal, refundido ?

Calara-se o velho scandalisado.

— Homem insupportavel ! reclamou D. Francisco, furioso. É melhor que desfaçamos a companhia.

A rir prometteu o zombador :

— Está bem ; calo-me definitivamente.

— Desta visão teve minh'ama tanto susto, continuou o aio, que, como louca, partiu a correr pela casa, brandando que perdera todos os seus, dahi lhe vindo tal molestia, que, por muito tempo, a tiveram por perdida.

— A diversos de meus parentes, referiu a seu turno D. Luiz Coutinho, aconteceu avistarem o phantasma, como me relatou meu Pae, de um tio, e um primo, na India.

— A quem o conta V. Mcê ? Na vespera de Alcacer-Kibir, como já relatei, veio o avô de V. Mcê á barraca do Conde D. Lourenço, meu amo, annunciando que, na noute anterior, pedira uma moura, para lhe falar, a um de seus criados ; quando fôra vela já havia desaparecido. Poz-se o Conde a ridiculisar essas abusões ; notei, porem, que ambos estavam incommodados e apprehensivos.

Verdade é que se marcara a batalha, para o dia seguinte, por expressa determinação de El Rei, custasse o que custasse. E como poucos se illudiam acerca do desfecho da jornada...

Cahira completamente a conversa ; após longa pausa pediu alguém :

— Basta de historias da carocha ! Se a tal *Ruiva* tiver o espirito de apresentar as formosas feições a D. Luiz Coutinho, ou a D. Francisco :

— Em vez do punhal avoengo, avançou Simão triumphante, mostrar-lhes-á o que serviu para o assassinio do infeliz judeu Mendes.

Fazendo um gesto de desanimo, não ousou D. Francisco responder á pilheria, ao passo que Matheus se persignava devotamente.

Vendo que geral reprovação acolhera a grosseira facecia, apressou-se o gracejador :

— Em vez de phantasmas, fale-nos de Alcacer Kibir,

meu caro Matheus. Conte-nos o que viu e o que lhe succedeu em Africa.

Ao nome da batalha, avivaram-se as physionomias, a curiosidade e a commoção vieram estampar-se nos rostos de todos aquelles homens, muito embora conhecessem elles mil e uma minudencias acerca da jornada funesta.

CAPITULO XVII

Væ Portugalizæ !

— Parece-me impossivel que o senhor Matheus haja assistido á batalha, declarou Lorena, surpreso. Está tão moço ainda !

— Pois sou bem velho ! Vou-me chegando aos setenta, e andava pelos meus quinze, quando, á Africa, acompanhei meu Pae, mordomo do senhor Conde de Louveira, D. Lourenço, que, com os tres filhos, servia no exercito real.

— Conte-nos alguma cousa da jornada.

— Para que ? Tudo é tão sabido... não ha pormenor ignorado...

Instante, particularisou Simão :

— Em que momento avistou a El Rei pela ultima vez ?

Quedou silencioso o aio, como a reunir reminiscencias.

De todos os lados lhe pediam :

— Conte ! Conte-nos alguma cousa nova !

Cedeu afinal o velho, e começou absorto, a evocar longinquas e penosas recordações, como que alheio á assemblea, por quem era religiosamente ouvido :

— El Rei ? Fui dos ultimos a enxergalo...

Serviamos, meu pae e eu, ao senhor D. Lourenço, no esquadrão do duque de Aveiro.

Ora, não viera D. Sebastião á Africa para combater defuntos: assim é que, na manhã de 4 de Agosto, nós o vimos galopar num palafrem negro, mettido, dos pés á cabeça, numa soberba armadura de Toledo, a tomar as ultimas providencias para a batalha, que se devia ferir, por exclusiva determinação sua. Como era bello ! como era magestoso, quasi divino !

Quando por nós passou, fez rispido comprimento de cabeça ao Duque, de quem, diziam, desde certa tourada em Enxobregas, tinha ciumes, dando-lhe silenciosamente a mão a beijar ; dirigiu-se depois a meu amo, enthusiasmado :

— Conde ! que lindo dia de sol para uma victoria !

— Para maior gloria de Vossa Magestade, Real Senhor ! acquiesceu o Conde, com os olhos rasos d'agua, orgulhoso e enternecido, ao avistar os filhos no sequito do Alferes Mór do Reino, em torno do estandarte real, todo carmezim, e onde, ao lado da imagem de Nosso Senhor Jesus Christo, bordada a ouro, refulgiam as quinas, encimadas por uma coroa imperial.

E por certo, entre os pagens do guião, não os havia mais gentis e donairosos — D. Alvaro, o morgado, D. Jorge e D. Miguel; teria o mais velho uns dezenove annos, todos os tres louros e corados, fortes e alegres, tão alvos, rosados e formosos, que se diriam tres raparigas vestidas de homem.

— Para a minha gloria não ! objectara El Rei, para a de Deus e de Sua Santa Igreja !

Nesse momento decisivo, tentaram ainda diversos fidalgos, e o Bispo de Coimbra, dissuadilo de pelear ; repelliu-os com a maxima aspereza, como sempre fizera aos melhores amigos, aos velhos conselheiros dos

Avós, e, cravando esporas no murzello, partiu a galope.

— Senhor Duque e Primo, estamos perdidos sem remissão ! disse meu amo. Quer El Rei que todos nós morramos...

— Morreremos pois ! Não se atreveu a declarar-me que se eu tinha medo voltasse a Portugal ! ? Heide lhe mostrar se tenho medo, retrucou o Duque, livido de colera.

— Muitas missas se encommendarão brevemente aos mosteiros de Portugal, prognosticou o Conde de Vimioso. Não haverá mãos a medir !

— Muita commenda vagará ! acudiu um cavalheiro de Christo.

Por toda a parte se ouviam vozes de desanimo ; raros eram os que não enxergavam o desastre ; pairava a tristeza sobre o exercito.

Ao meio dia, apresentaram-se os mouros, cujos batalhões pareciam innumeraveis, em linha de combate, não tardando que a sua artilheria nos maltratasse bastante.

— Que faz El Rei que se não move ? inquiriam de todos os lados.

El Rei parecia extatico, fora de si, como pasmado.

Subito, notei que se rezava a *Ave Maria*, e, logo depois, assisti á arrancada impetuosa do esquadrão real. O vulto de D. Sebastião destacava-se perfeitamente, embriagado pela carreira, a acenar e gritar como um possesso.

— Ninguem se mova que é ordem d'El Rei ! veio um fidalgo dizer ao Duque, da parte do general D. Duarte de Menezes.

— El Rei é rancoroso ! Não nos quer, por minha causa, deixar compartilhar das honras do dia. Permitta Deus que tudo lhe corra bem.

E a principio tudo presagiava feliz resultado ; o es-

quadrão real penetrava no amago do exercito mouro, como um ceifador caminha aavez de um trigal, verdade é que atraz delle se reformavam as linhas do inimigo; partiu D. Duarte a soccorrelo; quasi immediatamente, mandava o Duque que carregassemos, seguiam-nos os aventureiros (1) e alguns outros corpos. Recomendou-me meu pobre pae: « Filho, cuidado! Deus te abençoe! » ultimas palavras que lhe escutei, e senti-me completamente atordoado, com o fragor da lucta. Quanto tempo durou esse estado de inconsciencia não lhes posso, de todo, dizer; ao dar accordo de mim, malhava a torto e a direito, como os outros, berrava e insultava a mourama; parecia-me que ganhavamos terreno; um fidalgo, a meu lado, aconselhou-me: « menino, não te adiantes tanto! »

Lembro-me perfeitamente, porem, dos gritos fataes de *Ter! Ter!* (2) e do panico que debandou os nossos, ao passo que novas nuvens de marroquinos sobre nós se despenhavam.

Percebi o terrivel perigo, e, facto curioso, d'ahi em diante me recordo perfeitamente de tudo.

Devia El Rei estar á frente, junto do seu pavilhão imperial; eramos ainda algumas centenas de homens, que o roldão da enxurrada não desunira, e procurámos resistir.

De entre esses, vejo ainda, neste momento, o Conde de Vimioso, o Barão de Alvito, o Duque, o Conde meu amo, o Bispo do Porto, D. Jorge de Castro, dezenas e dezenas dos maiores fidalgos de Portugal.

— Chegemo-nos a El Rei, alvitrava o Duque, serenamente. O Guião ainda está de pé.

(1) Corpo de fidalgos sob o commando de Christovam Paes de Tavora, valido de D. Sebastião.

(2) Alto!

— Não o enxergo, gaguejou um velho capitão da India.

— Salvemos El Rei, era a grita unisona.

— Ah se o matam !... gemia um angustiado.

— Hão de matar-nos primeiro !

— Mais um esforço ! pedia o Duque. Um esforço, meus senhores ! El Rei vive, haveremos de o salvar !

Grandes claros abriu o nosso assalto, entre os sarracenos, mas, nelle, muitos tombaram para sempre.

— Lourenço, chamou o Duque, afflicto, não se vê o guião !

— Cahiu ! cahiu ! desapareceu ! El Rei está morto ! Mataram-no ! Que horror ! mataram a El Rei ! Portugal está morto ! Morramos tambem ! bradavam de todos, os lados na maior confusão.

— Para a frente portuguezes ! mais um pouco ainda ! El Rei vive ! clamava o Duque, redobrando de energia, embora já muito ferido.

Encontrámos por terra, esvahindo-se em sangue, um fidalgo da casa de Linhares.

— Onde está El Rei ? perguntaram-lhe anciados.

— Alli ! por alli ! informou, semi-desvairado. Já quasi ninguem tinha comsigo... o Prior do Crato... poucos mais... Jorge de Albuquerque... deu-lhe o cavallo... não percaes tempo... salvai-o.

— El Rei ! salvai El Rei ! repetiam vozes de feridos e moribundos, de entre montões de corpos.

Demos uma ultima investida, em que dous terços dos nossos succubiram, e, afinal, chegámos a D. Sebastião, que, em torno de si, tinha uns cem homens validos, se tanto.

Vi então horrorisado levantar o Duque a viseira do capacete, e apresentar ao monarcha o braço esquerdo

decepado, dizendo-lhe : « Veja Vossa Magestade se sou homem a quem o medo faça fugir ! »

Voltou-lhe D. Sebastião o rosto, com allucinada expressão.

— Morro, satisfeito, ao serviço de Vossa Magestade, meu senhor ! contentou-se o Duque em lhe exprobrar, rolando ao chão exangue, e recebendo a absolvição do Bispo do Porto.

Em torno do cadaver, feroz combate se travou ; fez o Prior do Crato prodigios de bravura, ao lado de D. Sebastião, que luctava como um simples soldado.

— Ide-vos, meu senhor ! pedia-lhe o Prior. Aqui ficamos para dar-vos tempo de alcançar o exercito. Não ha um só de nos que não queira morrer para salvar-vos. Ide-vos, meu senhor ! Ainda é tempo !

Eramos muito poucos ; ferido, soluçava meu amo : O meu pobre Miguel !... assassinaram-no á minha vista !... um talho enorme, horrivel, no pescoço ; porque não me mataram ? E os outros, mortos tambem ! El Rei está perdido ! Pobre Portugal ! Segue a El Rei, Matheus, e deixa-me acabar aqui.

Obedeci-lhe chorando. Quasi ninguem mais acompanhava a D. Sebastião ; os infieis, a quem a sua bravura infundira terror, receiavam acommettelo, mas, de todos os lados, nos cercavam ameaçadores.

— Rendei-vos, meu senhor ! rogava o Conde de Vimioso, senão por vós, ao menos por Portugal !

Sacudia o rei a cabeça, machinal e negativamente.

— Lembrai-vos, tornava o Conde, supplice e ardente, que de vossa casa não fica um unico principe ! Ameceai-vos de Portugal, meu senhor !

— Não ! não posso ! tornava-lhe elle.

Em quanto isso raiyavamos contra os marroquinos, que haviam recommçado o assalto, para abrir-lhe

caminho, esgotando-se as nossas ultimas forças.

— Real senhor! quereis mesmo entregar Portugal aos castelhanos? Não! não é possível! Rendei-vos! El Rei quer render-se! El Rei se entrega! El Rei de Portugal se rende! bradava o Conde, em altas vozes, com a esperança de que os mouros o comprehendessem, sustentando os golpes do circulo de ferro, que nos comprimia.

— Não! Nunca! trevejava D. Sebastião, redobrando de furor.

— Louco! increpou-lhe o Conde, no paroxysmo de desespero. Vamos desarmalo á força!

É um doudo furioso! proferiu ainda, quando já o haviam prostrado as cimitarras marroquinas. Cousa sublime ver-se a dedicação, com que todos só pensavam em salvar a vida a D. Sebastião!

Cobriam-no os fidalgos com o corpo, aparando os golpes que lhe eram destinados; assim pôde, durante algum tempo ainda, fazer recuar os inimigos, que fugiam espavoridos do seu terrivel montante.

Lembro-me de um turco gigantesco que, manejaendo enorme espada com as duas mãos, por diversas vezes tentou desfechar-lhe tremendos golpes na cabeça; em uma dellas saltou-lhe á frente um fidalgo, quando, inevitavelmente, ia o Rei ser attingido; abriu-lhe a cutilada o craneo, de meio a meio, vindo-lhe os miolos salpicar o capacete real; mas, tambem, atravessara o pescoço do turco com um pontaço arrasador.

Já eu estava no chão, esgotado com a perda de sangue, occasionada por tres feridas, uma das quaes extensissima, na coxa esquerda; sentia os ouvidos a zunir e a vista turva, mas, ainda assim, pude presenciar a mais espantosa scena: surgiu, não pude saber de onde, um cavalleiro de estatura colossal, encouraçado

de ponto em branco, numa armadura negra e a puxar, pelo freio, magestoso corcel de batalha, coberto por um caparazão cor de azeviche. Chegou-se a El Rei, disse-lhe rapidas palavras e felo cavalgar.

Investiram ambos com os sarracenos ; á frente, abrindo tremenda brecha, ia, a pé, o desconhecido, ao passo que D. Sebastião, do alto da montaria, desfechava tão formidaveis cutiladas, que a mourisma, assombrada, não ousava mais atacalos.

Pareciam invulneraveis e sobrenaturaes.

Em torno delles, porem, pouco depois, se ennovellinou a mó dos musulmanos ; desapareceram.....

Quando voltei do desmaio era noute ; a custo conseguí erguer-me e arrastar-me algumas centenas de passos ; cahi ás mãos de uns arabes, que me não mataram, com a esperança de alcançar bom resgate pela minha liberdade.

O que me reconfortou um pouco o espirito foi ter encontrado a meu amo, que chorava, captivo e ferido, a morte dos tres filhos...

Calara-se Matheus, contemplando a scismar, o Occano.

— Nunca ouvira falar nesse episodio do cavalleiro negro, declarou Lorena.

Em tom de absoluto scepticismo, segredou-lhe Simão :

— Não te esqueças de que o homem, quando avisitou o tal abentesma, estava meio desmaiado, conforme confessou, a esvahir-se por quatro feridas.

— Quem poderia ser esse mysterioso personagem?

— Relatando o caso a um dos meus companheiros de prisão, o santo Fr. Thomé de Jesus, contou-me que talvez São Sebastião, para salvar a vida ao afilhado.

— Como ? se D. Sebastião morreu...

— Não em Alcacer Kibir ! redarguiu o velho, pre-remptorio e irritadiço. Nem em parte alguma, ainda !

Quando d'elle me lembro, no alto do seu corcel, erecto e terrivel, parece-me ter visto o Archanjo São Miguel a devastar a chusma dos infieis, com o seu montante fulmineo ! concluiu o veterano, oppresso e tremulo, a evocar a figura do rei paladino, refulgente de aço e ouro, que á Africa fôra expor a coroa, e a vida, em prol do que entendia ser para maior gloria de Nosso Senhor Jesus Christo, e da Santa Igreja Catholica.

CAPITULO XVIII

OS SEBASTIANISTAS

— Fatal primeira segunda-feira de Agosto! exclamou Fr. José, rompendo o penoso silencio a que sempre reduzia os portuguezes a rememoração da jornada de Alcacer Kibir.

O cavalleiro negro era qualquer fidalgo, que tentou um ultimo esforço para salvar o Rei, e esforço infructifero.

— Infructifero, padre? arguiu Matheus, com vivacidade. Haverá ainda quem acredite na morte de D. Sebastião em Africa?

— Tudo lhe presagiava o fim. Viu-o Santa Thereza, estendido e morto, entre mouros; não ha quem não conheça a historia da visão de Soror Benta d'Aguiar, na noute de quatro de Agosto, a voz que lhe disse: *beati mortui qui in Domino moriuntur*, a apparição do cadaver d'El Rei no campo de batalha, etc..

— Em Barcellos, pelos signaes traçados no ceu, todos se convenceram — immediatamente — do desastre, recordou um dos circumstantes.

— Presagios, houve-os ás dezenas, e sempre sinistros, desde os incidentes da partida até aquelle cadaver

desconhecido, que, em Lagos, appareceu espetado no esporão da galera real.

— Pois eu creio tão firmemente na existencia de D. Sebastião como espero salvar-me, proferiu Matheus.

— De qual delles ? chasqueou Simão. Do de Ericeira, do pasteleiro (1) ?

— Causa-me tanto horror a ideia de que Portugal esteja sujeito a Castella, tornou gravemente o aio, que, assim como segui ao Snr. Dom Antonio, teria acompanhado a esses impostores, se não estivesse em França.

— Em França ? admirou-se Fr. José.

— Pois não sabe V. R. que o nosso Matheus teve uma vida de aventuras, desde que se metteu a servir ao Prior ? inquiriu Lorena.

— Graças a Deus ! ufanou-se o escudeiro.

Fui dos que por elle mais berraram em Lisboa: Real ! Real ! bati-me em Alcantara, contra a gente do Duque de Alba, e, após a derrota, fugi, para casa, disposto a não ficar em Portugal, de forma alguma. Meu amo, que era um portuguez ás direitas, não pudera tomar parte nos acontecimentos passados sob o renegado D. Henrique, — visto como perdera a perna direita em Alcacer.

Pedi-lhe abrigo o Prior, e elle, durante doze dias o asylou, no forro do seu solar de Serpins, mandando-o sob boa guarda, á casa de um parente fiel, o Snr. D. João de Vasconcellos, quando os hespanhoes começaram a apparecer pelas vizinhanças.

Precisava eu de dinheiro para sahir do Reino, e elle deu-me forte quantia, graças, á qual me refugiei em França — era um dos homens mais generosos do

(1) Allusão aos impostores que pretenderam passar pelo heroe de Alcacer Kibir.

mundo : notem que já me pagara o resgate em Africa.

— Ha filhos tão differentes dos paes ! reflectiu D. Francisco, no seu foro intimo, e a suspirar.

— Com grande disposição de animo, pois, embarquei na esquadra que Santa Cruz destroçou, em Villa Franca, devido, como ninguem ignora, a nova infamia dos hespanhoes.

Fugi de novo, sabe Deus como ! mas voltei a Portugal, quando o Prior trouxe os inglezes a Peniche ; esperavamos achar todo o nosso povo em armas, acclamando D. Antonio, e, no emtanto, só encontrámos inimigos por toda a parte, e o Snr. Duque de Bragança á frente do exercito que nos repelliu.

— Ninguem, em Portugal, podia ver com bons olhos um rei filho de judia, apoiado num exercito de furibundos hereges, allegou Fr. José.

— Antes um castelhano, Padre, não ? um monstro, um tyranno ?

— Ao menos era fidalgo, acudiu D. Francisco.

O velho levantou os olhos ao ceu como se quizesse dizer : « Dê-lhes Deus senso commum ! » e proseguiu :

— Voltei para a França e nunca mais deixei o Snr. D. Antonio ; quanta miseria cortida, então ! De longe em longe, muito em segredo, conseguia meu amo mandar-me dinheiro, e assim me ia mantendo, acompanhando a El Rei, até os seus derradeiros momentos.

— El Rei ? indagou Simão surpreso. E. D. Sebastião ?

— A' minha vista jurou um dia o Snr. D. Antonio, interpellado por D. João de Castro, que renunciaria a todas as suas reveindicações, desde que D. Sebastião reapparecesse.

Para mim bastava a sua palavra.

Hoje, porem, tendo certeza da existencia d'El Rei D. Sebastião, cousa que me não succedia naquelle

tempo, não lhe daria de Majestade, como era o habito de todos nós, os seus creados.

— Quantos portuguezes conseguiu o Prior reunir em torno de si, nos ultimos annos ? perguntou D. Luiz Coutinho.

Sorriu o aio :

— Bem poucos ! — como costumam ser os amigos da adversidade — pobres, desalentados, descrentes do successo das suas pretensões. Só elle não desanimava, passava o tempo a reclamar, a protestar, chegando, como todos sabem, a pedir auxilios até ao sultão de Marrocos, em troca da liberdade de um filho.

— E os brilhantes ?

— Já todos haviam sido, desde muitos annos, vendidos ; não tinhamos mais vintem.

Interveio novamente o freire :

— Admiro-me que um homem sensato e piedoso, como V. Mc⁶, pudesse acompanhar o desnortado ambicioso, que chegou a alliar-se aos mouros, depois de ter procurado o auxilio dos hereges de Inglaterra e da Hollanda !

— Padre ! em tudo isto, eu só via uma cousa : a expulsão dos estrangeiros de nossa terra.

Já vão tão longe esses factos que não vale a pena discutilos ! nada surtiu effeito... o pobre principe, abandonado pelos Reis e pelo Papa, acabou sem ter com que pudesse pagar a sua ultima dieta. Seis mezes antes vendera-se o ultimo dos anneis desse misero neto do mais rico soberano do Universo, que, ao morrer, apenas deixava cinco sovados vestuarios e tres pares de botas !

« Matheus, disse sorrindo, na vespera de sua morte, ao fazer-me presente de um pequeno crucifixo de bronze — este ! trago-o sempre ao peito — pouco te pode legar D. Antonio I de Portugal ; muito mais te fica a dever.

Guarda porem a tua nomeação de pagem de minha casa ; talvez te sirva algum dia. »

— Com a sua morte pôde V. M^{cd} tornar a Portugal ?

— Pois sim ! só em 1614, após trinta e tres annos e meio de exilio ! Trinta e tres annos seis mezes e vinte e dous dias, contados...

Mesmo assim, foi preciso que meu amo e meu collaço o Snr. Conde de Louveira, D. Jayme, pae de D. Francisco, alcançasse, em Madrid, uma amnistia especial para mim.

Aliás, quando morreu D. Antonio eu tinha trinta e dous annos e não pensava, um segundo sequer, em voltar... se ainda hoje, aos sessenta e oito, ainda não sinto bastante resignação...

Quando o Prior morreu ficou um tanto desorientado o pequeno grupo dos seus fleis, uma duzia de fidalgos, outros tantos frades...

Começou a dispersão ; cada qual procurou meios de ganhar a vida, aqui e alli, porque quasi todos arcavam com a maior penuria. Foram alguns viver na Italia, em Veneza, sobretudo ; continuei em Paris, trabalhando como impressor e morando com D. João de Castro.

Eramos poucos, mas bem unidos, viamo-nos sempre, conversando eternamente sobre a libertação da patria ; ouviamos D. João provar, com as suas prophcias e os seus autores inspirados, que a volta de D. Sebastião era fatal ; pouco a pouco, adquirira eu, entre esses companheiros de infortunio, uma posição que me não competia assumir, e acabei tratando quasi de igual a igual fidalgos das maiores casas de Portugal, eu, pobre diabo de escudeiro.

De longe em longe, vinha algum incidente avivar a monotonia de nossa vida, aberta para o futuro, sempre á espera do milagre ; ora alguma obra escripta contra

os castelhanos, como o *Speculum tyrannidis Philippi* que seu autor, Fr. José Teixeira, nos lia enthusiasmado, ora um ou outro pequeno facto, como certa vez, em que nos divertiu immenso, uma passagem do mesmo Fr. José, ao pregar na igreja da Magdalena, em presença dos reis e da côrte de França.

Versava o sermão sobre o amor do proximo, e eis que o dominicano, cuja eloquencia arrebatava, exclama: « A todos os homens, sem excepção, devemos vivo affecto, em lembrança do nosso Redemptor, sejam elles gentios, judeus, hereges, mouros — ahi a voz lhe tremeu — e até hespanhoes ! »

A assistencia custou a conter uma gargalhada ; largo sorriso esboçou o Rei ; despertou o Padre da sua distracção, vendo em todos os rostos real expressão de applauso.

Deslisava o velho pelas reminiscencias, falando, commovido, de longinquas e dilatadas epochas de soffrimento e decepção, de privações e esperanças frustradas ; ninguem ousava interrompelo.

— Às vezes havia rugas. Tiveram Fr. José e Antonio Pimentel, certa occasião, tremendo attricto com D. João de Castro — vindo a ficar brigados tres mezes, senão mais, porque este, quando se referia ao Prior, só lhe chamava : *a hyena hyrcana, o açoute de Portugal, o milhafre das Ilhas*, applicando-lhe uma serie de epithetos desentranhados dos velhos livros, que, dia e noute, compulsava e interpretava.

Eu, tambem, me revoltava com esses nomes, pela muita amizade com que servira ao Snr. D. Antonio. D. João, porém, me dizia invariavelmente ! « Cala-te asno, deixa que te inicies um pouco na arte prophetica, que has de ver como tenho razão. »

Corriam os annos, os frades estudavam, escreviam

contra a Hespanha; eu continuava a trabalhar, a aprender alguma cousa, a ler, todas as noutes, com D. João...

— Sempre á espera?

-- Sempre ! retrucou o velho, firmemente. Até hoje...

— Mas é que El Rei D. Sebastião, quando apparecer, deve estar bem velhinho, com os seus quasi oitenta, setenta e sete annos, gracejou D. Francisco. Verdade é que se lhe descontarmos o tempo de encantado...

— O meu bom Matheus, acrescentou, entre zombeteiro e levemente enternecido, lembro-me, como se hontem fora, da sua chegada a Serpins, velho, magro, esqueletico, mal vestido, quasi esfarrapado, ar infeliz e sombrio, desaclimado de Portugal, a falar com pequeno sotaque, após os seus trinta e tantos annos de exilio...

O papá abraçou-o fortemente... a Mamã tambem... elle, muito commovido, chorava, chorava, não cessava de chorar e de beijar as mãos á Mamã...

Eu, pequenito, me admirava daquelle velho lapuz, tão alto e tão magro, com umas grandes barbaças brancas, a soluçar como uma creancinha.

Tambem, nunca mais o deixei — a não ser quando viin para Lisboa, ha anno e meio — nem elle a mim; quiz por força acompanhar-me ao Brazil. Sempre inflammado, a pregar como um apostolo, vivia contando historias, a descrever com tantos pormenores a prisão e a escapula d'El Rei, a ilha de São Borondom!

E eu, que tinha seis annos, me arrebatava, não queria ouvir falar de outro assumpto, embora tudo ainda baralhasse.

O interessante era quando o velho Tio Vicente vinha passar algumas semanas connosco... como dis-

cutiam os dous, dias a fio ! que berreiro, que enthusiasmo !

Lá desabava toda a bibliotheca do Matheus : a *Monarchia Lusitana*, as obras de D. João de Castro e não sei mais quantas, sem falar no eterno Bandarra, commentado e recomentado. E era só de ouvir-se : « Matheus ! pareces nunca ter lido Santo Isidoro ! não dirias tanta asneira, acerca de cousas evidentes... » — « Fidalgo ! tenho lido e relido, dezenas, centenas de vezes não só Santo Isidoro como — cousa que V. S. nunca fez — S. Cyrillo, S. Claudio, Frei Gil, fidalgo ! Pedro de Frias, o Beato Antonio..... conheço-os, a fundo, como aliás conheço Soror Martha, Soror Leonor Rodrigues, etc. V. S. é que, com o perdão da palavra, mostra ignorancia crassa. »

E o Tio Vicente urrava, espumava, acabando batido, constantemente.

Riu-se o escudeiro com modestia :

— Com effeito, o Snr. D. Vicente de Menezes era muito teimoso e precipitado nas deducções ; tudo, porem, lhe provinha do grande odio que dedicava a Castella. Pobresinho ! morreu sem poder enxergar o grande dia da liberdade, elle que só pensava nella !

— Lucrei nesses debates, addiu D. Francisco, aprendendo de cór o Bandarra, e mil outras cousas do mesmo genero.

Com os meus botões, divertia-me a fazer planos de — logo que ficasse homem — tomar um navio, e pôr-me a procurar essa ilha, que, até hoje, nenhum navegante avistou, por mais que a procurem.

Começou a assistencia a dar inequivocas mostras de que não apreciava as irreverentes referencias, a factos tidos e havidos, por muitos, como indiscutivelmente verdadeiros.

— Estes assumptos não são de se zombar de todo ! protestou o mestre dos *Prazeres*. Sei de um capitão que, ha mais ou menos vinte annos, percebeu distinctamente, numa ilha situada a certa distancia das Canarias, e no alto de um penhasco, vultos humanos ajoelhados em torno de um moço coroado, e munido de sceptro. E não foi o unico a avistalos; muitos homens da tripolação — cousa curiosa ! somente os que naquelle dia haviam commungado (era uma sexta-feira) presenciaram o espectáculo, durante minutos.

Subitamente, foram-se as pessoas esmaecendo, até sumir por completo no seio das aguas.

— E como se chamava esse navio alviçareiro ? insistiu escarninho, o incredulo rapaz.

Retorquiui-lhe o mestre, com toda a seriedade :

— A nau *São João Evangelista*, da carreira das Indias.

— E o commandante ?

— Thomaz Correa, de Setubal, e o mestre, Gonçalo Pires, de Aveiro, meu parente.

— A ilha era penhascosa ?

— Assim me relataram.

— Curioso ! isso me espanta ; olha lá Matheus ! nem tudo em São Borondom é tão ameno como pretendes ; ha partes da ilha que não parecem o paraiso terreal.

Pois, meus senhores, esse senhor Rei D. Sebastião — não pode ser outro o homem do penedo — quer fazer jús, durante seculos, ao seu sobrenome de *Desejado*.

Passa uma vida ideal, e nós outros que definhemos por elle !

Quanto a mim, prefiro cousas mais tangiveis e eis o que me leva a gritar, quasi sem repugnancia : *Real, Real!* pelo queixudo de Madrid (1) !

(1) Os monarchas do ramo hespanhol da casa d'Austria distinguia exagerado prognatismo.

— Pelo amor de Deus, Snr. D. Francisco, não dispare tanto ! pediu o mestre, com rudeza. Permitta que o Snr. Matheus nos conte mais alguns episodios da sua atormentada vida.

Annuiu o mancebo, promptamente, cordato e risonho.

— Já que V. M^{co} tanto se ligava a D. João de Castro, e com certeza a Fr. Estevam de Sampaio, não os acompanhou a Veneza, quando foram ter com o calabrez ? perguntou Simão.

— O calabrez, snr. Alferes ? Ousa V. M^{co} proferir semelhante despropósito ? Com que habilidade conseguiram os hespanhes esconder a verdade, e propagar a calummia !

Certa manhã, muito cedo, estava eu deitado, com um terrivel ataque de gotta ás voltas, quando me appareceu D. João, semi-allucinado de alegria : Matheus, Matheus ! *surge et ambula*, meu filho ! El Rei appareceu ! em Veneza, Matheus, em Veneza ! Escrevem-me todos os de lá, dizendo que não pode haver duvida. Antonio de Brito, que a principio não acreditava, confessa-me agora que laborava em erro !

Fiquei estarecido ; infelizmente, só serviu a commoção da noticia para prostrar-me, ainda mais.

Vi, com o coração ulcerado, partirem ás pressas : D. João para a Inglaterra e a Hollanda, afim de communicar, aos governos desses paizes, a grande noticia, e pedir-lhes auxilios para a causa, Fr. Estevam para a Italia.

Quando me levantei, segui D. João a Veneza, onde, a pedido do embaixador hespanhol, acabava a Senhoria de encarcerar a El Rei.

De todos os pontos da Europa, acudiam portuguezes ás dezenas, inclusive um dos filhos do Prior, D. Christovam.

Foram taes as nossas reclamações, e, sobretudo, tão energica a imposição da côrte de França, que o Conselho dos Dez resolveu expulsar o Resurgido, do territorio veneziano.

Alguns dias antes do Natal de 1600, fomos convocados para ir ao encontro de El Rei, que acabava de ser solto.

Era quasi meia noute, quando chegámos a uma miseravel alfurja da casa Contarina, onde, por prudencia, elle se abrigara.

Heide lembrar-me, sempre, da commoção que experimentei, nesse momento, em que o vi e lhe beijei a mão, tremulo, com a vista embaciada e a voz presa na garganta.

D. Christovam apresentou-me, dizendo : Eis um servidor fidelissimo de Vossa Majestade e da Patria, a quem meu pae nomeou escudeiro de sua casa.

Sorrindo, respondeu-lhe El Rei, falando em italiano, por motivos especiaes : *A un servitore cosi fedele, confirmo e aumenteró le grazie concesse dal mio buon cugino D. Antonio.* Puz-me a chorar como uma creança, ajoelhado, sem ousar levantar a cabeça, e, nessa postura fiquei até que El Rei se retirasse do pateo, onde estavamos, para conferenciar com os fidalgos.

Decidira-se a sua partida para Liorne, onde devia embarcar, com destino a Marselha ; em França encontraria todo o apoio do grande rei Henrique, que o promettera a diversos dos nossos ; disfarçou-se pois, e partiu.

D. João de Castro, Fr. Estevam de Sampaio e eu tomámos o caminho de Bolonha ; lá chegamos quando soubemos da terrivel noticia : o indigno Fernando de Medicis, prevenido pelos espiões hespanhoes, mandara prender D. Sebastião em Florença, e o entregara mise-

ravelmente aos castelhanos, que o transportaram, immediatamente, para uma das fortalezas de Napoles e depois para as galés !

Fr. Estevam não desanimou ; correu para Marselha, com o fim de preparar um navio que devia aggreir a galera onde se dizia viver D. Sebastião, acorrentado.

D. João e eu nos disfarçámos, em negociantes, e tentámos chegar a Napoles.

— Conseguiram-no ? inquiriu Lorena.

— Pois não ! embora quasi nos fizesse curioso incidente mudar de rumo : estavamos hospedados em Roma, numa taverna sordida, sempre a falar francez, por precaução, quando certa madrugada, ás duas horas, bateram-nos á porta do quarto, com insistencia. Abrimos assustados : era um homem, muito velho, que nos dirigiu immediatamente a palavra em portuguez, dizendo-se 'compatriota e contando que acompanhara D. Sebastião, numa dilatada peregrinação aos lugares santos, em companhia de diversos escapos da batalha, tendo a viagem sido sempre a pé, desde Marrocos, e em que El Rei nunca desprendera, da cintura, um peso de quarenta arrateis de ferro.

Aconselhou que não nos arriscassemos a essa viagem a Napoles. « Tudo o que os castelhanos fizerem contra El Rei é inutil ; muito breve terão não só de libertalo como de lhe restituir o reino de Portugal. »

— Quem era o velho ?

— Não nos quiz, por cousa alguma, revelar o nome e sahio como entrara ; no dia seguinte debalde o procurámos. Desapparecera e nunca mais o vimos.

Apezar das advertencias do desconhecido, attingimos Napoles sem maior difficuldade ; pouco depois apparecia Fr. Estevam, mas os hespanhoes estavam alerta e fizeram D. Sebastião partir para Barcelona, como

remeiro de uma galé ! Desavio-se D. João com Fr. Estevam, a quem accusou da prisão d'El Rei, em Veneza e em Florença, e resolveu regressar á França, de onde nunca mais sahiu, occupando-se em redigir os seus tão conhecidos discursos, e manifestos, aos estados de Portugal e aos governos da Europa.

Finda esta dolorosa jornada, tornei ao meu antigo modo de vida, em Paris, e ainda estive treze annos no exilio.....

Afinal não podia mais... matavam-me as saudades de Portugal... de minha gente... aos cincoenta annos, apesar de tudo... viver no desterro... isolado... Resignei-me á humilhação a que jurara nunca me submeter.....

Pedi a meu amo que me obtivesse, em Madrid, o perdão da rebeldia, e, depois de esperar dous interminaveis annos, pude voltar. Muitos e muitos houve, pobres diabos como eu, que só alcançaram mercê dez e mais annos depois de mim. E ainda os ha, que não foram, nem serão, perdoados.

Custou-me algum tanto despedir-me de D. João de Castro, com quem vivera dezoito annos, mas elle proprio aconselhou-me que partisse : « Dentro em pouco nos veremos, meu caro Matheus, disse-me quando nos separámos ; os castelhanos tentaram reter a El Rei e bem sabes que elle lhes escapou, como agua pelas malhas de uma peneira ; breve reaparecerá em Portugal ; então, por occasião do seu triumpho, heide rever a patria. »

— Com certeza, expendeu Lorena, foi-se já o pobre, deste mundo, e nada viu.

— Ha cinco annos existia ainda, muito velho, mas sempre firme em suas crenças e convicções. Se morreu, estou certo que, como Moysés, teve a visão da terra promettida.

CAPITULO XIX

O ENCOBERTO

— Costumava meu pae dizer, affirmou Simão, que por pouco se não lançou Portugal a uma perigosa aventura de revolta, por causa do impostor calabrez que nem sequer falava a nossa lingua.

Saltou Matheus, enfurecido :

— Impostor calabrez?! Repito, pasmo e indignado ainda haverá quem, tão ingenuamente, acredite nas mentiras e calumnias dos castelhanos? Então V. M^{ca} não sabe que, visitando El Rei pela terceira vez, os Lugares Santos, veneravel eremita lhe impoz, como a mais rude das penitencias, passar dez annos sem dizer uma só palavra na sua lingua?

Impostor?! Milhares de pessoas viram-no e o reconheceram como o verdadeiro D. Sebastião, tanto na Hespanha como na Italia!

Depois que os castelhanos o embarcaram em Napoles, numa galera em que ia de remador, ao lado de parricidas, sacrilegos, ladrões e assassinos de toda a especie — chusma escolhida a dedo — fizeram com que o seu navio percorresse os diversos portos situados entre Barcelona e San Lucar de Barrameda, isso com

o fito de o desacreditarem, plano que lhes sahiu inteiramente ás avessas.

Quando o duque de Medina Sidonia, e a duqueza, foram, em Cadiz, velo a bordo, elle os assombrou, de modo tal, a contar episodios do passado, das suas antigas relações, que o Duque chegou a dizer-lhe : « Tenho certeza de que não sois D. Sebastião e sim o seu espirito familiar. » Ao que elle lhe tornou : « Tudo pode o demonio inventar, menos um corpo como o meu, pois para tanto lhe falta o poder !

Lembrou á Duqueza certas e riquissimas joias, com que a presenteara, e percebendo a má fé do marido affirmou : « Duque, sou rei, nasci rei e bem me estaes reconhecendo. Deus me manifestará ao mundo ; apenas peço que me leveis a Portugal ; quero ser visto de todo o meu povo. »

A's centenas, o visitavam portuguezes, hespanhoes e estrangeiros, offerecendo-lhe roupas e dinheiro, á vista da sua absoluta miseria. Nada aceitava.

Indo tambem muita gentalha importunallo, calava-se obstinadamente ; uma unica vez, sentindo esgotada a paciencia, tomou de uma espada e quiz acutilar certos hespanhoes, que o insultavam.

Ridiculisando-o um fidalgo aragonez lembrou-lhe determinada mercê, outr'ora concedida, e o homem, pasmo, cahiu de joelhos a pedir-lhe perdão. Ao general D. Pedro de Toledo declarou, mostrando a grilheta : « Estou pagando peccados meus e de meus maiores, mas Deus me hade recompensar. »

Ficou D. Pedro tão commovido, que, constantemente, lhe mandava finas iguarias da sua mesa ; sempre as recusava aceitando apenas os peixinhos que os forçados, seus companheiros, ás vezes lhe podiam offerecer, pois que, verdadeiramente, o adoravam alguns. Vivia

a jejuar e a rezar ; nas galés, nunca comeu carne, pasava a pão e agua, nas quartas, sextas e sabbados ; durante a quaresma de 1602 só se alimentou de hervas disciplinando-se com rudeza, quatro vezes por semana, e trazendo, sobre si, constantemente, um cilicio de duas mãos travessas de largo.

Para o terem a melhor recato, transferiram-no os castelhanos á fortaleza de San Lucar, onde permaneceu algum tempo, num calabouço horrivel, semi-nú, acorrentado e com ferros aos pés.

Fizeram-lhe toda a sorte de infamias, inclusive a de o exorcismarem duas ou tres vezes, como se fora endemoninhado ; sorria, dizendo aos algozes : « Obraí commigo como os phariseus com N. S. Jesus-Christo, fingindo acreditar que tudo quanto pronuncio é pelo poder do Demonio. Deus me livrará de vossas mãos e me restituirá o meu reino. »

Os echos dessas torpezas nos chegavam aos ouvidos, em Paris ; queriamos partir, expor a vida pelo nosso Rei : D. João de Castro nos retinha e acalmava : « Deixae estar, tudo isso determinou a Divina Providencia ; vede como a precipitação de Fr. Estevam foi funesta ! mais facil será a El Rei de Castella fundir o Ceu e a Terra do que tirar um til ás prophecias, e fazer com que se não cumpram. »

E com effeito, na ancia de inflingirem ao pobre prisioneiro os mais infamantes ultrajes, mandaram-no os castelhanos, novamente, para bordo de uma galé, entregando-o á guarda de um faccinora.

Certo dia, exausto, após haver remado horas a fio, como dormitasse applicou-lhe o miseravel varias chibatadas, não conseguindo, contudo, arrancar-lhe uma queixa, um gemido qualquer. Emquanto zunia o azorague orava El Rei fervorosamente, com os olhos postos no ceu...

Do meio dos forçados, homens empedernidos nos mais hediondos crimes, partiam gritos de horror, clamores de indignação; a maioria chorava convulsamente.

Tambem parece que só faltava humilhação tal para se lhe completar a penitencia; á tarde desse mesmo dia, quando a esquadra das galés se dispunha a entrar no porto de Cadiz, subitamente, tomou o navio em que ia D. Sebastião o rumo do alto mar.. O vento enfurara-lhe as velas, impellindo-o com extraordinaria rapidez.

Aterrada, poz-se a tripolação a ferrar o panno, a remar vigorosamente para a terra; tudo se baldou!

Vencendo essas resistencias, corria a embarcação em arvore secca, cada vez mais veloz.

Dos outros vasos da esquadra partiam signaes inquietos; comprehendendo afinal que o milagre se realisava, arreou a guarnição aos escaleres, e, espavorida, tratou de fugir; por mais que, por toda a parte, procurassem o real forçado não o encontraram.

Ficou pois o navio a mercê das ondas, proejando sempre para sudoeste e a conservar constante distancia dos perseguidores; dous dias o acompanhou a esquadilha hespanhola, despejando bandas de artilheria sobre bandas, mas sem conseguir acertar-lhe uma unica bala; á noute, extranha e intensa luz o illuminava ninguem comtudo apparecia a bordo.

Afinal desanimaram os castelhanos, no momento em que, como por encanto, largando-se todo o panno da nau, surgiram as velas marcadas com as quinas, encimadas por uma coroa imperial.

E lá se foi a galé, levando o Rei Encoberto...

Respondendo a esse golpe, vingaram-se os hespanhoes enforcando, em San Lucar, ao pobre Fr. Estevam de

Sampaio, ao franciscano seu companheiro e a diversos grilhetas dedicados ao prisioneiro escapo. Na faina de esconderem a verdade, inventaram um D. Sebastião, na pessoa de misero galé, a quem fizeram garrotear, espalhando, *urbi et orbi*, que o pretenso D. Sebastião, impostor calabrez de nome Marco Tulio, fôra justificado.

Calara-se o escudeiro, cansado do longo discurso; ninguem ousara contestar-lhe o minimo topico da historia maravilhosa; o mestre Antonio Gomes esbugalhava os olhos e parecia possuido de um terror sagrado; embebia-se Fr. José em reflexões intimas, não se atrevendo os moços a fazer objecções, embora, no rosto de alguns se desenhasse ironica expressão de incredulidade. E' que aquella historia, tão sabida de todos, tão repetida, não deixava de causar forte impressão, até aos que mais zombavam das crenças sebastianistas. Conhecedor antigo dos fracos do aio, provocou-o D. Francisco noutro terreno:

— Para nós, que tão rapidamente passamos por este mundo, a espera de encantados e encobertos é por demais longa. Ha seculos, suspiram inutilmente os allemães pelo imperador Barbaroxa, dizia-me o bom Padre Braz Duarte, quando me ensinava o latim.

Retrucou o velho, frenetico:

— Quantas centenas de vezes demonstrei a V. M^{ca} que, acerca d'El Rei D. Sebastião, concordam todas as prophecias em marcar, no maximo, sessenta annos e meio para o seu tempo de encoberto?

Ainda hoje o repeti, e provei-o, ao Snr. mestre Gomes. Por isso, peço a Deus mais dez annos de vida, que tantos me bastarão para ver o resurgimento de meu Rei.

— Ora! é o que diz o Bandarra lá a seu modo...

— E que mais, Sdr. D. Francisco ? O Bandarra tem maior autoridade que V. M^{ca}, quer parecer-me, senão não lhe levaria as trovas, sempre n'algibeira, o proprio D. Sebastião.

— Sim ! mas tambem já o Santo Officio quiz prohibus em Portugal, como cousa de judeus que esperam o Messias, retrucou o rapaz, despeitado. Conheci um christão novo, que se ria, a valer, dos que tomam as prophecias do Bandarra como relativas a D. Sebastião, contando-me que, na synagoga de seu pae, certos rabinos as commentavam de modo muito superior ao de D. João de Castro.

— Eis no que dá o convivio com judeus pagos pelos castelhanos ! acreditar em patranhas...

Notando o modo irado do velho, interrompeu-o Lorenna, num tom acentuadamente sceptico :

— É interessante saber como entende o Snr. Matheus que as cousas se hão de passar em Portugal, quando D. Sebastião voltar.

— Innumeros vaticinios as determinam. Assim, por exemplo, diz Santo Isidoro, na sua quadregesima prophecia, referindo-se á estada de D. Sebastião na Hespanha, durante o captiveiro : *Saxón se hallegará que el Encubierto vendrá en España, cavalgado en cavallo de maderá, y aún estará acá y de muchos no será crido...* Eis ahí a respostao que dizia o pae do Snr. D. Simão... *de muchos no será crido.*

— Assim mesmo...

— Cala-te Simão ; ouve e não digas asneiras, recommendou D. Francisco, arrependido de haver causado o mau humor do velho e fiel creado grave.

— São tantas as prophecias, e tão concordes, continuou Matheus, que é cousa de se ficar maravilhado. Vou expor algumas, apenas, e vos assombrareis.

O cavallo de madeira, ou navio, significa que El Rei chegará por mar, e, como nada é impossivel aos desígnios de Deus, talvez tenha de ir buscalo uma esquadra de hereges, ou até de infieis, convertendo-se esses inimigos da nossa Fé, ao gremio da Igreja, pelos meritos de D. Sebastião.

Assim, pelo menos se deduz de outra passagem de Santo Isidoro : *Después del puerco muerto, cuando las tierras, fin de las tierras llamadas, estuvieran con nuevos insultos, despertará el león de su sueño temerario, causa de tantos daños, y con tigres y lobos hyrcanos vendrá vengar grandes injurias.*

« O porco, dizia D. João de Castro, não é senão o Snr. D. Antonio, Prior do Crato, açoute de Portugal durante quinze annos. »

Para mim — está fora de duvida — não passa d'El Rei Philippe de Castella, que morreu como um porco, coberto de piolhos, dos pés á cabeça (1).

As terras, fim das terras chamadas, é claro, só podem ser as de Portugal; quanto aos tigres e lobos, havendo duas Hyrcanias, a Boreal e a Austral, podem ser os infieis, se vierem do Sul, ou os herejes, se do Norte.

E uma vez desembarcado o Encoberto, todo o poder de Castella ficará nullo, nullissimo; ninguem hade conseguir resistir-lhe : *Domará los fuertes y no avrá fuerzas que igualen las de sus colmillos. El bramido del, en grandes y diversas provincias, se estenderá.*

O rei de Madrid entregará o seu a seu dono, logo e logo, sob pena de presenciar a segunda destruição da Hespanha, muito peor do que a do tempo d'El Rei Rodrigo e da *Cava*.

(1) Nos ultimos tempos de vida, soffreu o monarcha hespanhol de phthiriase.

— E essa será em horrenda batalha, nos campos de Evora, segundo uma velhissima tradição de minha terra, affirmou Gomes.

— Muitas e notaveis autoridades affiançam, porém, que nada ha de succeder, mestre !

Castella, aterrada, restituirá Portugal a D. Sebastião, sem lhe oppor a minima resistencia. Haja visto o que diz Conrado Leonicio, um dos mais famosos judicarios do seculo passado, em livro que se imprimiu em Lyão de França :

« Um principe do Occidente será reconhecido, o qual, sendo mancebo, fizeram-no morto por impostura e trahição dos seus parentes mais chegados. Elle removerá bem as cousas em sua herança ; seus adversarios farão pouca resistencia contra elle e seus vizinhos se unirão com elle, mui depressa, e lhe resistirão, como quem são ».

A prophesia é completa, allude até ao parentesco d'El Rei Nosso Senhor com os de Castella, Philippe II, seu tio, e Philippe III, seu primo germano, que por nfame trahição o manteve preso e mandou servir nas galés.

Que D. Sebastião devia apparecer no anno de 1598, pela primeira vez, não havia duvida ; falando da era de 1590, nota Bandarra :

*Antes que os oitros se cerrem,
Desta era que aqui temos,
Mui grandes cousas veremos,
Que nunca vimos nem lemos,
Ouvimos nem ouviremos.*

— Todas essas prophesias não impediram comtudo que os hespanhoes o prendessem, segundo nos contou

V. M^{ce}. Ora, se isso era tão bem conhecido, para que deixaram os entendidos que El Rei se arriscasse ? objectou D. Luiz Coutinho.

— Para que? respondeu Matheus, raivoso. Para que? Nem que fosse para se realizarem as previsões do Veneravel Abbade Joaquim e dos Santos Angelo e Claudio, com certeza bem mais clarividentes do que V. M^{ce}.

E porque, tambem, não é possivel mudar o curso dos acontecimentos determinados por Deus, em Sua Saboria. Eis ahi !

Os hespanhoes, com effeito, prenderam a El Rei, e ninguem sabe, ao certo, o dia em que elle lhes fugiu, visto como encobriram o facto com o maximo cuidado.

Uma cousa, porém, garanto : mais do que tres annos não lhes ficou ás mãos, pois ha uma prophesia, datanto de mil e cem annos, e attribuida a um santo ermitão, a qual affirma : « *Tres annos durará a prisão do Encoberto*, ajuntando-lhe o Veneravel Abbade Joaquim, que a refere : *Videtur fuisse detrusus per biennium et septimestre et mensem et dimidium.*

— Como é isso em portuguez ? perguntou Simão. O latim nunca foi o meu forte...

— « Parece que esteve preso dous annos e sete mezes e mez e meio. » O que é certo é que a penitencia d'El Rei, nas galés, não podia ser por menos de um anno, pois Santo Angelo, na sua quadregesima oitava, prediz : *Estará o Encoberto em prisão estreita (da qual ha de sahir á liberdade) por espaço ou por tempo de um jubileu composto de semanas, acrescentando-lhe mais duas.*

Sendo cincoenta o numero jubilar, segue-se que a predicção se refere a cincoenta e duas semanas ou um anno.

Ora, em principios de 1602, ainda viu Bernardim de Souza a El Rei, em San Lucar; depois é que elle se encobriu, confirmando-se o que já relatei.

— Já lá vão vinte e nove annos portanto ! exclamou Fr. José, desanimado.

— Que importa, Padre ? ! tornou o exaltado. Se esse periodo está previsto ! não nos diz Santo Isidoro, na sua vigesima setima : *Tiempo vendrá que los dos Leones comeran en un mismo pesebre, aún que bien lejos el uno del otro ?*

Os leões são D. Sebastião e El Rei Philippe; o presépio o reino de Portugal. Ambos reinaram e reinarão ao mesmo tempo, um pelo direito, outro pela força, ainda que bem longe um do outro.

Faltam dez annos agora ! Dé-nos Deus vida !

Em 1640, ou em 1641, ao mais tardar, todo e qualquer dia pode ser o do regresso d'El Rei. Antes não ! é escusado contar com a sua chegada...

— Os hespanhoes hão de saber isso tambem, e tomarão as suas precauções.

— Inuteis ! totalmente inuteis ! São muitos os doutores, astrologos, judicarios e santos a affiançar que o rei de Castella, tocado pelo dedo da Providencia, sem disputa entregará Portugal a seu legitimo senhor; alguns ha que falam em opposição : presenciará pois o mundo, como eu já disse, a segunda destruição da Hespanha, castigo de tanta soberba e perversidade. Logo após o triumpho d'El Rei, entrarão todo o Orbe e a Igreja, na mais horrenda e subita das convulsões.

Os Turcos e os outros infieis, depois de arrasarem o Imperio de Allemanha, de accordo com os huguenotes, invadirão a Italia, á procura do Santo Padre, que hade fugir para Lyão, onde morrerá apedrejado pelo povo francez, entregue aos furores da heresia. O Grão

Senhor entrará, a cavallo, na Basilica de São Pedro de Roma.

Persignou-se, horrorizado, o mestre do *Prazeres*.

— Elegerá o conclave a um frade franciscano, de vinte annos, totalmente desconhecido, e que, aos cardeaes, escondidos num subterraneo, mysteriosamente, se apresentará, sendo então ordenado, para poder exercer o pontificado.

Apenas eleito, quando lançar os olhos em torno de si, só encontrará a Portugal, unico paiz que se conservou catholico, e a seu Rei D. Sebastião ; em todos os demais thronos da Europa hereges furibundos estarão assentados, o culto interrompido e os sacerdotes e bispos encarcerados, e diabolicamente torturados.

Muito em segredo, e disfarçado, passará o Santo Padre a Sevilha, e d'ahi a Lisboa, onde se hade revelar como o Papa Angelico das prophcias, transferindo-se então a coroa imperial, da Allemanha para o nosso Portugal.

Tambem, dentro em pouco, terá o novo Imperador libertado a Hespanha, dos innumerados mouros que a haviam invadido, e, com a sua simples presença, afugentado a heresia da Hespanha, da França e da Italia ; os mais fanaticos hereges serão os primeiros a abraçar a nossa Santa Fé Catholica.

Flandres, e Hollanda, Inglaterra, Escossia, Allemanha, Suissa, Moscovia, o Norte inteiro, todos os paizes que hoje sustentam a heresia, não ousarão resistir ao Imperador ; emfim, na Europa, reinará novamente a autoridade papal, como nos maiores tempos da Igreja.

Quando D. Sebastião conduzir, a Roma, o Papa Angelico, e delle receber, em S. Pedro, a coroa do Santo Imperio Romano, reunirá o congresso dos Nações, para

a grande cruzada, que, sob o seu commando, hade castigar a Marrocos e a toda a Africa, aniquilar o Turco e expulsalo de Constantinopla (onde um imperio catholico se estabelecerá) e, afinal, arrasar, até o ultimo vestigio, a casa da Mecca, extirpando-se do mundo a religião de Mafoma.

Ahi voltará o Imperador a Lisboa, cabeça do Universo, para reinar, na maior gloria, muitos e muitos annos, como Senhor da Terra e Arbitro dos Povos !

E assim se cumprirão as prophcias !

Prolongado silencio acolheu o descortino dos tempos, que o escudeiro acabava de traçar ; mostrava a assistencia benevola incredulidade, ante os prodigios attribuidos á acção de Portugal na balança politica universal, exceptuando-se comtudo o mestre, maravilhado com essas revelações, a quem attribuia verdadeiro character evangelico.

A ninguem, aliás, occorria a baldada empreza de minar as convicções do velho sebastianista.

— Até a Mecca se hade arrazar ? insistiu D. Luiz Coutinho.

Oppoz-lhe logo o aio incontestavel argumento, do seu arsenal de oraculos e factos sobrenaturaes.

— Saiba V. M^o que os embaixadores d'El Rei D. Manuel ao Prestes João, ouviram da Rainha Mãe, D. Helena, pessoa mui santa e versada na arte de prever o futuro, que, entre os Abexins, é corrente, segundo uma prophcia de N. S. Jesus Christo a Nossa Senhora, recolhida nas partes do Oriente, que, na extremidade occidental da Europa, haveria de nascer certo rei Enoberto, a quem estava incumbida a destruição da casa da Mecca, e de toda a linhagem dos barbaros e mahometanos, devendo o Prestes, e a sua gente, alliar-se ás demais nações christãs, para essa grande obra.

Alem disso, se V. M^{ce} fosse amigo dos livros, com certeza já teria visto, nas decadas de João de Barros, o prodigio a que assistiram o nosso grande Affonso de Albuquerque e a sua armada, numa navegação pelo mar Vermelho, a saber : o apparecimento no ceu, por sobre os reinos do Prestes, de perfeita e grande cruz, a da nossa Ordem de Christo, de côr vermelha e largura de dez braças, cruz que foi caminhando, do occidente para o oriente, para se fixar sobre as terras da Arabia, signal patente de que a Abyssinia se ligará a Portugal, quando este desfizer o poderio de Mafoma...

— No mundo, actualmente, não enxergo o minimo signal da vinda desses acontecimentos, interrompeu Simão.

Soltou o sebastianista pequena risada de escarneo :

— Pois parece V. M^{ce} viver fóra delle !

Ha treze annos que o Imperio da Allemanha, atacado pelos hereges e turcos, debalde lucha contra a sua inevitavel ruina. Aindã agora, ao partirmos da Europa, não diziam as mais recentes noticias que o invencivel Gustavo, rei dos Suecos, abatia todos os exercitos catholicos marchando sobre Vienna d'Austria, em busca do imperador? E os turcos, por sua vez, não estavam tambem ameaçando a mesma Vienna? A estes horas, já fizeram junção com os hereges.

Em Flandres, sovam os hollandezes aos hespanhoes, a valer — não lhes doam as mãos, aliás ! — na Italia appareceram ferozes bandos de protestantes allemães, que arrazaram innumeradas cidades e promettem ir a Roma enforcar, o Santo Padre; a França, governada por um Cardeal da nossa Santa Igreja, dá enorme apoio aos hereges, a Inglaterra prepara tremendos golpes, e, até nos confins do mundo, no Japão, os catholicos estão sendo exterminados.

Entretanto, entende V. M^o que á Igreja nada ameaça ! e que o Imperio está indestructivelmente firme ! Eu, por mim, acho que nunca os hereges e os turcos estiveram tão fortes e perigosos !

— Qual ! mas dahi ao que nos disseste, vai longe !

— Em quanto em Portugal não apparecer o Papa Angelico heide duvidar... alli sim, começo a crer em tudo, inclusive na coroação de D. Sebastião, como imperador da Allemanha.

— Se V. M^o fôra um pouco mais velho, Snr. D. Francisco, não proferira palavras tão leviaas. Será D. Sebastião imperador, não da Allemanha, e sim do Santo Imperio Romano, transferido ao nosso Reino ; hade tirar tremendo desforço dos seus inimigos e dos da Igreja, conquistando toda a Africa em seguida :

*Correrá e andará
E fará mui grandes danos,
E os reinos africanos
A todos sojugará.*

acrescentou Matheus, não querendo perder vasa, para encaixar os versos do sapateiro do Trancoso.

— Nunca ! nunca tão alto se elevará Portugal ! gritou Gomes, no auge do enthusiasmo.

— Ah nunca ! nunca ! corroborou o aio, com redobrada vehemencia.

Era tal o arrebatamento de ambos, que despertou a hilaridade dos companheiros de roda.

— Ainda veremos o Matheus triumphar, gracejou D. Luiz. E hade ter uma bella recompensa, que a merece como ninguem mais. Aliás, já possui a promessa real...

— O que apenas espero, Snr. D. Luiz, admoestou-o o escudeiro, muito digno, e sem se mostrar offendido,

é a libertação da patria. As recompensas reaes foram inventadas para os fidalgos.....

— Meus senhores, avançou o mestre, isto é certo, não quedará Portugal, muito tempo, ás garras de Hespanha !

Conheço dous factos milagrosos que são admiraveis presagios.

— Com certeza vai contar-nos o milagre do Campo de Ourique, conjecturou D. Francisco, a bocejar.

Estomagado, redarguiu-lhe Gomes :

— Poderia fazelo ! poderia fazelo ! e por miudo ! mas, como ninguem ousa contestalo, passo a relatar outros, tão dignos de fé quanto esse :

Poucos dias antes de morrer, estava o piedosissimo Snr. D. Theodosio, duque de Bragança, recolhido ao seu oratorio, quando, de repente, lhe appareceram tres anjos, deslumbrantes de alvura.

Os dous escudeiros que o acompanhavam, cegos com a luz por elles irradiada, perderam, em parte, a consciencia, o que lhes não impediu, comtudo, ouvir os celestes mensageiros predizerem ao duque a libertação de Portugal.

Assim pôde elle morrer mais tranquilo, diminuindo-lhe, tal predicção, os remorsos de haver tomado armas contra o Prior do Crato, e a causa da patria.

Falhara, quasi totalmente, o effeito esperado, pouco impressionando á assembléa a visão do duque de Bragança.

— E o segundo facto ? averiguou Simão, exprimindo a incredulidade e a frieza geraes.

— O segundo ainda é mais maravilhoso, e soube-o agora, na Bahia, do velho conego Antonio Viegas, Cura da Sé Cathedral.

— Mas é um visionario ! um fanatico, maniaco, cujo

sebastianismo energumeno leva a propor, constantemente, grandes apostas a todos os que o contrariam, informou alguém, desattenciosamente para o narrador. Ninguem o leva a serio, e ha muita gente que se diverte provocando-o, pois é de se apreciar a indignação em que fica, quando o contradizem. Berra logo : quer uma apostasinha ? porque não aposta ? sabe que perde pela certa, hein ? »

Ainda ha dias, vi-o aventurar um ducatão de vinte mil reis contra dez cruzados, como D. Sebastião chegará a Lisboa, antes do Natal do anno proximo futuro. E como ninguem lhe cobra o ganhado, cada vez mais se inflamma, offerecendo arriscar mundos e fundos.

Cortando as explicações, interveio Simão :

— Vamos ao caso do Cura, que me parece dever ser muito curioso

Com presteza, accedeu o mestre :

— Como de costume, falava o Conego Viegas sobre o assumpto predilecto, a um incredulo que, exaltandose, lhe disse : « Padre, recobrará Portugal a liberdade quando se virem os cavallos andar pelos telhados, como os gatos »; ao que lhe repontou elle gravemente : « Senhor Fulano, se, para demonstrar aos castelhanos que a sua usurpação tem os dias contados, preciso fôr que o ceu os advirta, por intermedio de novos prodigios, fique certo de que, não só, pelos tectos andarão os cavallos, como até, V. M^{ca} poderá ser visto a voar. »

— Bem respondido !

— Pois, meus senhores, não é que, ha tres mezes passados, appareceu, de modo absolutamente inexplicavel, sobre o telhado de uma casa do Terreiro da Sé, na Bahia, um cavallo a correr ? Innumeradas pessoas enxergaram o animal, que, não obstante rolar ao chão, sahiu illeso da tremenda queda. Não é assombroso ?

Riu-se Fr. José :

— Realmente! é o verdadeiro *asinus in tegulis* dos latinos, o burro pelos tectos.

— Ria-se Fr. José, mas pasme-se tambem... Por toda a parte se repetem extraordinarios acontecimentos, e não haveremos de crer na restauração de Portugal?

— Não ! não vejo nos portuguezes de hoje as qualidades dos seus antepassados.

E no emtanto precisariamos, quanto antes, enxotar os castelhanos.

— Ah! lá isso !... respondeu-lhe D. Francisco, exprimindo o consenso geral.

CAPITULO XX

Super Flumina Babylonis.

— Todas essas esperanças não passam de meros devaneios, avançou Fr. José, após longa e pesada pausa geral. Portugal está acabado, e, queira Deus, que lhe não tirem, breve, o simulacro de governo e não o administrem como qualquer provincia de Hespanha.

— Nunca! isso nunca! seria demais! reclamaram de todos os lados. A tanto não se atreverão os hespanhoes.

Riu-se o freire, impertinente :

— Não se hão de atrever? A que se não atrevem hespanhoes? O que nos tem valido até hoje é o auxilio que nos prestam os inglezes, francezes e hollandezes, não deixando a Hespanha descansar.

Algun dia perderam os castelhanos occasião de nos humilhar?

— Até nas minimas cousas, reforçou o mestre. Aqui mesmo, nesta esquadra, não nos inflinge a etiqueta verdadeiros vexames. Não compete á Capitanea portugueza arrear sempre a bandeira, ante a Real hespanhola?

Durante a expedição de D. Fadrique, quantos e

quantos desaforos tivemos de tragar? Insultos, picardias, desatensões de toda a especie...

Até á hora da partida, não mandou o contador-mór da esquadra hespanhola, ao terço portuguez, que, contra toda a justiça, ficara para guarnecer a praça da Bahia, enorme quantidade de cacareus, caixas e caixas de chocalhos, guisos, cascaveis e berimbau?

— E nada se fez a esse insolente?

— Applicou-lhe D. Lopo de Miranda umas bofetadas, quando quem as merecia era o general.

Sempre que um portuguez e um castelhano contendem, não é invariavel que se dê razão a este?

Que fez a Deus o pobre Portugal para que tanto o desampare? Opprime-nos Castella, cujos innumerados inimigos, ainda por mal de peccados, nos assaltam e destroçam. Vae-se nos indo, aos poucos, essa India que tantos esforços, tantas e tantas vidas consumiu!

De que serve o heroismo dos capitães e dos soldados se tudo lhes falta, tudo o que é indispensavel para a defensão das praças e o apparelho das esquadras? Tornam-se inuteis os prodigios dos heroes. Já perdemos Ormuz, de Ceylão nos arrebataram a maior parte, Malacca está ameaçadissima, as Moluccas tambem. Macau, por um triz, nolo tomam!

Corroborando a lastimosa enumeração, acudiu Fr. José:

— E quantas almas perdidas, santo Deus! da Abyssinia expulsam os nossos missionarios, no Japão os assassinam, martyrisam, aos centos. Conseguiram os holandezes, com as suas crueldades e perversas intrigas, arrebatam á Igreja grande imperio.

— Por milagre, ha um anno, pôde Bombaim escapar... Não fôra Ruy Freire... Se elle morrer... então que será?

— E a Africa não vai melhor, mestre ! Veja Moçambique e o immenso risco que correu, ha tres annos ; Angola, constantemente sobresaltada pelas esquadras flamengas... Pois se até os miseraveis mouros da Berberia se riem de Portugal ! Quem sabe se, muito breve, não perderemos os pontos que foram os primeiros marcos da conquista ?

Restava-nos o Brazil, e este mesmo, provavelmente, não se salvará intacto.

Indignou-se Simão :

— Senhores ! a culpa não é nossa, não se esqueçam disso. Portugal está manietado, aniquilado, e, no entanto, por toda a parte, cumprem os portuguezes o dever. Não ! a nossa gente não se abastardou !

Em todos os cantos do mundo, combatem milhares de heroes pela honra das quinas, obrando prodigios.

Mais não se pode, quando o Reino anda tão acobardado.

— O Reino está degradado ! estigmatizou Matheus, com o seu habitual desabrimento.

Os unicos portuguezes que se não dobram ante os castelhanos são os que vivem fora da Europa, porque aos outros, cada vez mais os fustiga o governo estrangeiro, e elles, a mais e mais, se acobardam ante o azorrague.

Um por um, hão de desaparecer os nossos privilegios e é preciso confessalo : os instrumentos de que se servem os hespanhoes, para nos arrancar, são os portuguezes renegados, infame descendencia de Christovam de Moura, os miseraveis da laia do Marquez de Alemquer e desse Diogo Soares que hoje...

Emfim, meu Deus ! toda essa vergonha hade durar pouco... Quem não sabe que, desde muito, trama Olivares contra as nossas ultimas liberdades ? Para que

senão para desarmar-nos, mandou a nossa esquadra affrontar as tempestades que a aniquilaram?

Quando menos contar, verá Portugal uma armada de castelhanos, pelo Tejo acima, e a fronteira atravessada pelos exercitos inimigos.

Logo depois, em Madrid farão nomeações de capitães-generaes para o Douro e para o Algarve, como se fosse para a Galliza ou a Catalunha.

— Isso é pessimismo demasiado, contrariou D. Luiz Coutinho. Nesse dia, a nação em peso se levantará.

— Porque não se levantou, quando viu um rei, caduco e perverso, repudiar a sua casa para adoptar um forasteiro? E' que esperava que os fidalgos lhe mostrassem o caminho. Mas qual! os das maiores 'casas não estavam vendidos aos hespanhoes? não se preparavam para ouvir, sem um movimento de repulsa do pudor offendido, o que o castelhano lhes atirou em rosto, nas côrtes de Thomar: « Se a coroa era minha nada vos devo, pois apenas me destes o que era meu; se não o era alegrai-vos que vos não castigue pelo delicto? »

— Não te esqueças, oppoz D. Francisco, que Philippe II era quasi senhor do Universo.

— Pois morressem todos, até o ultimo, desaparecesse Portugal!

— Escuta, homem intratavel...

Cada vez mais vehemente, invectivou o aio:

— Poucas são as familias illustres de Portugal que, em seus archivos, não guardam os recibos das sommas havidas do trahidor Christovam de Moura, por ordem do hespanhol.

O povo não ganhou cousa alguma, e, nunca quiz o dominio castelhano, desde o padeiro de Santarem, — o primeiro a bradar Real! pelo Prior do Crato — até os miseros peões, que, aos milhares, se fizeram exterminar

em Alcantara e na Terceira, afogar á barra de Lisboa e matar aos tratos dos carrascos. Sim, desde o pobre diabo que, a nado, transportou o Pretendente, fugitivo e acochado, de uma margem do Lima para a outra, até os infimos zagaes e aldeões, que, não obstante horrendas ameaças, e a promessa da enorme somma de oito mil ducados pela cabeça do misero, souberam occultalo e dar-lhe escapula !

Melindrado, na qualidade de membro de uma das maiores casas do Reino, aparentada com os mais altos fidalgos do paiz, entendeu D. Francisco dever repellir a insinuação :

— E' muito facil accusar, accusar sempre, a torto e a direito, mas, no emtanto, quem reflecte um pouco percebe logo quão insensato seria provocar um levante, naquelle como neste momento.

Hoje, por exemplo, não tem Portugal recursos de dinheiro, sua esquadra foi destruida, suas fortalezas estão desmanteladas, os arsenaes vazios — só em Sevilha, dizem, ha nada menos de oitocentos canhões nossos. — Ao passo que no Reino se aquartelam fortes guarnições hespanholas, nossas tropas andam reduzidas e dispersas...

— Perfeitamente ! apoiou Simão. Falaste com admiravel criterio; espanta-me até...

E' isso mesmo ; nestas condições façamos a restauração !

— Ora, o que nos falta é a coragem ! Com muito menos venceu D. João I aos hespanhoes ! garantiu o inconcencivel escudeiro. Já deixámos escapar quatro magnificas occasiões.

O que vale é que, quer queiram, quer não, daqui a dez annos, terão os portuguezes deixado a inercia em que vivem... Quatro occasiões se perderam...

— Occasiões? quando muito oportunidades, apresentando insignificantes elementos de vantagem...

— Sei o que digo, Snr. alferes! Convicto de que ninguém o desacataria, apresentou-se Philippe II, inteiramente só, ás cortes de Thomar, ante a matilha de raifeiros que o acclamara senhor de Portugal.

Facilimo fora então obrigarlo a uma restituição... mas elle sabia com quem tratava!

— Eis uma ideia extravagante! Se acaso vingasse tão insensato plano, o castelhano assignaria tudo o que se lhe exigisse, e, uma vez liberto, nos esmagaria.

— Pois antes assim!

Perdido esse esplendido ensejo, proseguiu imperturbavel o cabeçudo patriota, poucos annos depois esperdiçava-se outro...

Emfim... nem falemos... tudo isso foi escripto pela mão da Providencia.

Confesso, porém, que quando vi o rei castelhano ir a Lisboa, ha doze annos passados, e ser recebido, por toda a parte, como se fôra um mensageiro celeste, até senti nojo de viver, nojo de mim e de minha nação.

Tenho certeza de que, no juramento que os tres Estados do Reino lhe fizeram, nos Paços da Ribeira, com muito mais repugnancia lhe prometteram obediencia e fidelidade os procuradores do povo do que os fidalgos, a começar pelo duque de Bragança.

— E' possível... condescendeu D. Francisco, pensativo.

— Agora é tarde, rematou o velho, com visivel commoção, Olivares hade levar os seus planos a cabo; breve nos escravizará totalmente... mas, breve tambem, soará o dia da resurreição...

— Não sei porque, expendeu Lorena, tenho como que o presentimento de que o Duque de Bragança hade ser D. João IV.

— Quem? o chantre de Villa Viçosa? casquinou D. Francisco, num tom de indizível desprezo, e repetindo conceito anteriormente emittido. Dar-lhe de Magestade, quando Excellencia já lhe é demais?

Cahira a conversa; ninguem ousava defender o pretendente apontado; a todos, parecia tão difficil, qualquer modificação, no regimen, já meio secular, implantado na patria!

Dolente, proseguiu a jeremiada:

— Tudo em nossa terra peiorou, tudo decahiu! proclamou Fr. José. Amesquinham-se seculares e ecclesiasticos, fidalgos e peões, homens e mulheres! Escaldou-nos um sopro de ruindade...

Outr'ora, acima de tudo, prezava o portuguez a sua palavra; hoje o respeito á fé jurada é letra morta. Pelo contagio da basofia hespanhola, alterou-se gravemente a modestia lusitana, infiltrando-se no paiz o pouco amor á verdade que os nossos vizinhos professam.

— E' exacto; bem nos diziam: « De Castella nem vento nem casamento » secundou o mestre. Quanto não andam amollentados os nossos fidalgos, com as modas hespanholas?

— Isto é que é falar! applaudiu Matheus. Hoje, por exemplo, com o uso dos coches, já não ha quasi quem saiba montar a cavallo, quando, outr'ora, todos cavalgavam com lança e adarga... Vivemos em tal prostação que me assombrei com o movimento provocado pela perda da Bahia.

— E a corrupção feminina? emittiu Fr. José. Antigamente eram as portuguezas apontadas, a todas as

nações, como exemplos de honestidade, chegando graves autores a pintar, em suas obras, mulheres vestidas á portugueza, como prototypos de castidade.

As portuguezas, que apenas sabiam sahir á rua para ir á Igreja ! que só depois de casadas ousavam apparecer ás janellas de suas casas, isso mesmo raramente, e ao lado dos maridos, e quando donzellas, não se deixavam tratar senão pelos paes e irmãos !

E hoje ? com a companhia das hespanholas, formigam pelas ruas e praças — lembrem se do mulherio que se encontra em Lisboa a vaguear — mais numerosas que os homens, talvez, tapadas é de meio olho (1), « occasião exposta a grandes desenvolturas em corações mulheris » como, com grande acerto, nos fala certo escriptor notavel, que me lembro de ter lido.

— Ao menos alguma utilidade tem a dominação dos castelhanos, disse D. Francisco, de si para si, contido pelo respeito que lhe inspirava o freire.

— Tudo rebaixaram os hespanhoes ! Consideremos um instante a Igreja de Portugal, espoliada das suas prerogativas, empobrecida pela extorsão de continuas contribuições, dolosamente enganada nos seus rendimentos, amesquinhada pelo systema que obriga os clrigos a intrigar, a mendigar o auxilio dos poderosos para obterem qualquer beneficio, qualquer prebenda, por insignificante que seja. Que confusão lavra nas Ordens !

Na minha, por exemplo : outr'ora quem nella pretendesse professar, que limpidez de genealogia lhe era exigida !

— Nem sempre, Padre ! contrariou Simão. O mal já vem bastante de traz : contou-me meu Pae que, em tempos d'El Rei D. João III, entraram para a Ordem

(1) Embuçadas.

de Christo dous filhos de um christão novo, a quem a casa real devia duzentos mil cruzados, divida que se resgatou com esse favor, apesar do escandalo e dos protestos motivados pela fraqueza do monarcha.

— Ora ! excepções ! Não compares o estado antigo com o actual.

— Se ao menos os judeus se limitassem a invadir as Ordens sem lhes envenenar as fontes, a nossa velha fidalguia..... Quantas das mais velhas casas de Portugal não estão contaminadas ?

Os senhores de Barbacena, por exemplo.....

Aparteando o freire, notou D. Luiz Coutinho :

— É preciso não esquecer que os pobres estavam quasi na miseria. Traziam-lhes dinheiro as judias com quem casaram, e, hoje, são dos mais ricos fidalgos de Portugal.

— E procederam muito bem, acudiu Simão. Agora pergunto eu, que hão de fazer, como hão de viver, de sustentar a sua posição, centenas e centenas de casas illustres, antiquissimas, cujos patrimonios foram desbaratados, para obedecer ás ordens e convites dos reis ? Meu avô, por exemplo, vendeu umas poucas de herdades, para ter com que se preparar para a expedição de Alcacer Kibir. Apareceu em Lisboa com cincoenta homens armados á sua custa, e magnificamente equipados ; pessoalmente apresentou-se como convinha á nobreza de sua casa ; era natural que se não deixasse ficar em posição inferior ; cahiu prisioneiro, foi preciso pagar pelo seu resgate alguns milheiros de cruzados, de modo que o Papae, apesar de muito economico, ficou arruinado quasi. As nossas tres commendas estavam empenhadas por trinta e cinco annos, pelo avô, o nosso solar do Espinho pouco ou muito pouco rendia ; resultado : somos quatro irmãos e tres irmãs ; o Gaspar, o

morgado, vive apertadissimo, sem meios de morar em Lisboa ; a Mãe vendeu a nossa velha casa da rua das Portas de S. Catharina, e foi habitar em sua companhia ; um dos rapazes está em Flandres, no exercito, o outro, o mais vivo, na India, eu, aqui, a mastigar o freio, em troco de um misero soldo ; as raparigas, não podiam casar-se com qualquer, nem tinham dinheiro para fazer bons casamentos ; viviam na aldeia, ninguem as conhecia quasi ; uma, apenas, achou marido ; as outras duas são freiras. Entretanto, tinha o Avô muitos milheiros de cruzados de renda...

Como nós, quantos e quantos ha ? Os que não possuem os nossos sentimentos de respeito pelo nome, que lhes importa que a filiação saia maculada ? Perdem a paciencia, e, cansados de miseria, aceitam os offerecimentos dos christãos novos. Vendem o sangue, já que os Reis os arruinaram e abandonam, nada fazendo para lhes minorar os necessidades e vexames.

— Essa fraqueza da nossa fidalguia hade ser castigada de modo terrivel, avançou Matheus, soturno.

Positivamente nos diz Bandarra, na sua undecima :

*Hade ser bem assentada
A obra dos chapins largos,
A linhagem dos fidalgos
Por dinheiro é trocada.*

— Não percebo a allusão.

— Clarissima aliás, Padre. Em Portugal não usam as mulheres chapins ? pelo dinheiro dessas mulheres não têm, muitos, trocado a nobreza do sangue e da virtude ? Taes costumes. porem, hão de ser inteiramente reformados, com bons fundamentos, que assentem e durem. Assim o explicava D. João de Castro, e eu tenho tal interpretação como evidentissima...

— Evidentissima, não ha duvida, mas de uma obscuridade sybillina, meu caro Matheus, gracejou Simão.

— Ria-se menino ! ria-se que é da idade !

Voltando, porém, ao nosso assumpto : não anda em Lisboa, neste momento, um tal Mendes, christão novo muito suspeito, que, qualquer dia desses, pode o Santo Officio mandar prender, por judaisante, a casar os filhos com gente da melhor linhagem, unicamente por lhes dar grandes dotes ?

— Mas se ha centenas e centenas das mais velhas casas portuguezas reduzidas á miseria ? innumerous fidalgos a quem só falta mendigar ! escaruecidos e desprezados pelo governo hespanhol !

Se algum pede emprego dizem-lhe logo que se aliste nos regimentos hespanhoes, e vá morrer em Flandres, ou na Italia, por um rei odiado, ou, então, que emigre. Que fazer nessas condições ?

Nem todos tem os recursos da casa de Louveira ! Sé menos severo para com os fidalgos pobres de Portugal.

Mostrando que a digressão o enfadava, invocou Fr. José :

— Que respeitassem ao menos as ordens militares, cujos capitulos presidiu El Rei Philippe III, ha doze annos, para a repressão completa de varias irregularidades. Nessa occasião disse eu ao meu Prior : « Verá V. R. que tudo vai peiorar. » E assim foi.

Hoje, qualquer judeu ou mourisco de hontem, que se finja christão e tenha dinheiro, pode alcançar o que lhe approuver ; saiba, para isso, abrir a bolsa.

Coube a vez a Lorena :

— O padre exaggera, mas tem muita razão. No estado militar é peor ainda. Quando estive em Flandres notei as mais escandalosas preterições de officiaes portuguezes cobertos de serviços.

— E com os ecclesiasticos, então ? insistiu Fr. José. A todo o momento, se avolumava o capitulo das queixas, justas e injustas, não havendo quem para elle deixasse de concorrer.

— A Nação está esgotada com as continuas exigencias de Madrid, sempre a pedir homens e mais homens, dinheiro e dinheiro. Portugal é um deserto ; não ha mais lavradores !

— E as espoliações praticadas nos ultimos tempos pelo governo hespanhol ? quantas das nossas mais antigas casas tem sido privadas de remotissimas doações, dos reis portuguezes aos seus maiores ?

Assumindo ares de incontestada superioridade no assumpto, preleccionou D. Luiz Coutinho :

— O peor é que, em Lisboa, não ha côrte e que nós outros, fidalgos portuguezes, nos vamos abrutando, diariamente, com o não aprendermos as bellas maneiras. Deixou a cidade de possuir aquelle cenaculo requintado dos nossos reis, para se tornar insipida e tediosa.

Levam os velhos a apregoar « ninguem mais tem modos, outr'ora sim ! » Como se ás gerações actuaes coubesse alguma culpa nisso. Grande cousa vir a ser bem educado antigamente ! entrava um rapazito para o paço aos sete annos, aos vinte estava escudeiro e formado, sem a menor difficuldade. E hoje ? vá um de nós, que temos brio, aprender cortezias em Madrid !

— De que nos valeria tudo isso, aliás ? allegou Simão. Não andaram os castelhanos afidalgando quanto mandrião havia em Portugal, a ponto de se dizer « hontem vaqueiro, hoje cavalheiro ? É muito comprehensivel, pois, o que certos viajantes modernos tem dito da nossa fidalguia.

Volveu Matheus á carga :

— Se ao menos pudessem salvar-se as damas ! Pobres

damas, as de hoje ! Embora haja excepções muito honrosas, noto-lhes extraordinaria falta de maneiras. Quando, em tempos de minha mocidade, se viu uma senhora tratar por tú aos servidores solteiros ? E quando se lembrariam de atuar-se, duas damas, embora parentas chegadas ? Nunca ! nunca !

Algum dia pensou a senhora condessa D. Isabel, avó de D. Francisco e modelo da antiga cortezia portugueza, em esquecer o *Vossa Senhoria*, quando tratava com damas da sua gerarchia, fossem ellas as mais intimas amigas ou proximas parentas ? Tu era para a gente do povo, e, quando muito, se admittia entre homens.

Em meu tempo, ninguem se atreveria a dizer a uma dama « minha senhora » em vez de « a senhora D. Fulana », sob pena de passar pelo maior dos grosseiros.

— Se as damas portuguezas decahiram quanto as boas maneiras, creio que mais baixo foram parar quanto á instrucção, expendeu Fr. José. Extinguiram-se as gerações das Publias Hortencias, das Luizas Sigéas (1) e outros glorias de nossa terra, e admiração do mundo culto.

— Em Portugal já se não sabe mais dansar, nem montar a cavallo... nem jogar armas... outr'ora affluíam a Lisboa os melhores espadachins italianos, não tendo mãos a medir com os discipulos.

Haja visto *messer* Vitibaldi, que conheci em 1576, a arrebatat a mocidade do Paço, com o seu jogo admiravel e a cujos assaltos El Rei concorria sempre. Entretanto, os entendidos punham-lhe muito acima o famoso Angelo Viggiani, que, duas ou tres vezes, estivera em Portugal, em tempo d'El Rei D. João III.

(1) Famosas litteratas, ou, antes, *bas bleus* do seculo XVI.

— O meu professor, o mestre João Ribeiro, é tão bom como qualquer desses, ponderou D. Francisco.

— Qual! um sapateiro! verdadeiro remendão perto dos grandes esgrimistas de outr'ora!

É como com os mestres de escripta; ouço gabar, a torto e a direito, o Padre Rebolo e pasmo-me.

Só mesmo, havendo como ha, absoluta falta de homens insignes na arte, é que se lhe pode attribuir tão proeminente posição.

Tudo isso, porem, seria somenos, se Portugal, ha bem pouco um dos primeiros povos do mundo, impondo-se ás nações — a ponto de navegarem no Oriente inglezes e flamengos sob a protecção das quinas — não estivesse em petição de miseria, como subdito submisso dos seus mais ferozes inimigos, e á espera de que passe á condição de escravo.

Absorto, como a pensar em alta voz, e evocando recordações de longinquas eras, rematou o velho :

— Não deixa, porem, de haver certa justiça nesse estado de cousas ; muito nos abatemos !

Nos tempos em que Castella nos ajoujou, os netos daquelles heroes de Aljubarrota, que não vergavam ao peso de muitas arroubas de ferro, só caminhavam a arrastar os pés, carregados por escudeiros e precisando de lacaios que os transportassem á sella e lhes puxassem as montarias !

E todos os maus exemplos, todas as miserias e fraquezas vinham de cima ; teve Portugal o que merecia !

Agastado com as increpações ao abastardamento da aristocracia portugueza rompeu D. Francisco, sem se importar com o ferir intimas convicções :

— Agora resignemo-nos e vivamos em paz com os hespanhoes, o que ainda é o melhor.

E já que tanto se citou hoje o Bandarra vou lembrar-lhe uma trova — para mim uma das menos absurdas — profunda desillusão para os que ainda contam com a inexequível restauração :

*Vejo tanta misturada,
Sem haver chefe que mande,
Como quereis que a cura ande
Se a ferida está damnada ?*

CAPITULO XXI

IMMINENCIA DE COMBATE

Brumoso e de calmaria amanhecera o dia 12 de setembro.

Desde a madrugada, espalhará-se na esquadra o boato de que, a leste, fora o inimigo presentido.

A bordo do *Prazeres* eram grandes a anciedade e a commoção ; tendo leve aragem dissipado o nevoeiro, avidamente pozeram-se os olhares a esquadrinhar o horizonte, procurando perceber a frota hollandeza.

— Rebate falso, avançava Fr. José. Mas olhem agora! ajuntou, chamando a attenção do commandante do galeão.

— Isso não é nada ainda, padre. O General dá-nos o santo...

— São ?

— Jorge... Presagio de victoria.

Vieram dous disparos de peça avivar a soffreguidão geral.

— Navios suspeitos! interpretou Lorena. Reparem como do *São Bartholomeu* fazem signaes... amainam a vela da gavela grande... uma, duas, tres... dezeseis

vezes. Pararam... dezeseis navios de guerra. Attendam agora para o signal do laes maior...

— Os nossos gageiros nada avistaram ainda.

— Pudera ! a esta distancia...

— Chama-nos o Snr. General a conselho. Acaba de pôr bandeira na enxarcia da gavea grande e rabo de gallo.

Pouco depois, arreavam-se os escaleres de todos os vasos da armada, indo atracar á capitanea.

Reunidos em torno de Oquendo, na camara do *Santiago de Leste*, concordaram os commandantes e immediatos em esperar firmemente o embate dos neerlandezes.

— Temos, parece-me, ligeira superioridade de forças, expoz o General, e, se os hereges nos atacarem, conto que, com a ajuda de Deus, haveremos de vencelos.

— Elles são audazes, advertiu alguém, mas, quando encontram resistencia séria, esmorecem.

— E alem de tudo, hoje, já não os governa o terrivel Pedro Peres, objectou o almirante D. Francisco de Vallecilla.

— O general que presumimos dever commandalos, passa por um dos seus melhores, senão o melhor, emittiu Oquendo. Quem nos pode informar a esse respeito é o Snr. Capitão Lorena.

— Quando estive preso em Hollanda, Snr. General, ouvi frequentemente dizer que esse Pater é um emulo de Piet Heyn ou Pedro Peres, como lhe chamamos.

— Mas lá não ouviu V. M^{ce} algo do valor do Snr. General Oquendo ? indagou um lisongeiro.

— O momento não é proprio para cumprimentos, proferiu bruscamente o elogiado.

Nada mais, senhores, pretendo recommendar-vos. Conheceis perfeitamente as minhas instrucções e regi-

mento ; resta-me apenas dizer que tenho a maior confiança na victoria, graças á protecção divina e á bravura dos velhos marinheiros e soldados encanecidos no Oceano, que tanto tem feito pelo serviço real, como vós todos, commandantes e officiaes, a quem Sua Magestade Catholica houve por bem entregar os vasos desta sua esquadra.

Continuou Oquendo a aconselhar medidas da extrema hora e ultimar instrucções, religiosamente ouvidas por todos os circumstantes, que, no grave menear das cabeças, demonstravam o respeito inspirado pela capacidade e experiencia do illustre cabo de guerra.

Não houve official a quem deixasse de mencionar, fazendo-lhe elogios e pedindo-lhe a cooperação.

Achavam-se todos os convocados ao conselho no portaló do *Santiago*, promptos a partir, quando o General, absorto na contemplação das velas hollandezas, que já se destacavam nitidas, no fundo do horizonte, terminou as advertencias :

— Está o inimigo a umas quatro milhas de distancia ; temos tempo para nos preparar. Lembremo-nos sempre de que imos pelejar em prol de nossa Santa Religião e pela gloria de um grande monarcha como o rei de Hespanha...

— E de Portugal!... reclamaram energicamente muitas vozes.

— E de Portugal... accedeu Oquendo, enleiado.

Dispunha-se a emendar a mão, quando se deu inesperado incidente.

Impressionadora apparição surgira no alto do castello de proa, a sombria e ascetica figura de um sacerdote, vestindo a roupeta jesuitica, velho, muito velho e muito curvo, de esqueletica magreza, tropego, procurando arrimar-se a um mainel.

Tinha as pernas arcadas e disformes e a cabeça completamente desnudada ; livido personagem a quem, unicamente, davam vida chispantes olhos negros, refulgindo no fundo de cavadas orbitas.

Antigo missionario das terras do Extremo Oriente, fora victima de crudelissimas torturas, inflingidas por piratas calvinistas de quem estivera prisioneiro, e supportadas com a intrepidez dos martyres; tratos por tal forma excessivos que, por algum tempo, lhe haviam causado perturbações mentaes.

Era o padre Gusman tido á conta de Santo e sujeito a arroubos mysticos, sempre ouvidos com verdadeira veneração. Brandia grande crucifixo, apontando para a esquadra batava.

— Ahi vem elles ! os hereges ! clamou com ribombante voz, que ninguem diria sahida de tão franzino peito. Ahi vem elles ! os inimigos do Senhor e da Sua Igreja !

Silencio absoluto reinou no convez do *Santiago* ; a todos empolgara a violencia da apostrophe.

— Eil-os ! Eil-os ! os que cospem á face do Filho de Deus, os que, a troco de algumas moedas, o renegam e espesinham, os que para não perder alguns fardos de mercadorias adoram ao seu inimigo !

Christãos, que, para agradar a pagãos, insultam a Christo e escarram-lhe a Cruz ! Christãos que, nas terras do Occidente, são os sustentaculos da heresia, devoradora da Igreja, e, nas do Oriente, tem feito desaparecer o symbolo da Redempção, já fortemente implantado entre o gentio, para restabelecer o culto dos idolos e de Satanaz ! Christãos, deschristianisadores do Japão, de Malacca e de Ceylão !

Extranha luz se desprendia dos olhos do religioso, entregue á habitual ascese.

— São os mesmos, Senhor Deus ! os ferozes ini-

migos de Vossa Igreja, os que, ainda ha pouco, fizeram martyrisar milhares dos vossos servos do Japão e de Malacca, e nestes, mares do Brazil, deram a palma dos confessores ao Vosso Padre Ignacio de Azevedo e a seus companheiros, os que procuram, em todos os cantos do mundo, exterminar os vossos ministros e os vossos fieis, esses hollandezes que, por odio á Fé Catholica, restituiram á idolatria tantos nações já conversas ao vosso Filho !

Grandes e pesados castigos fizestes cahir sobre nós servindo de instrumento de Vossa colera os proprios inimigos de Vosso Nome.

Grandes, tambem, tem sido as nossas faltas !

Hoje, porém, não deixareis vencidos os que sustentam vossa Igreja e procuram expulsar, das terras catholicas da America, a heresia, perversora da Humanidade redempta.

Meus irmãos ! combatamos com ardor e confiança ; tenhamos fé na victoria da boa causa !

Aos que neste prelio vão morrer, em defeza da Santa Igreja Catholica, muito será perdoado por intercessão da Virgem Senhora Nossa, de Sebastião e de Victor, de Jorge e de Mauricio, e de outros soldados e martyres...

Não ! o dia de hoje será de gloria e triumpho para nós, de furor e desespero para as milicias da heresia !

Quedara o padre silencioso, recabido na quasi constante apathia, e, após alguns minutos de recolhimento, retirou-se.

Logo depois, a bordo de todos os vasos da esquadra havia a maior azafama, activando-se os preparativos de combate. Ás vozes de commando uniam-se os rufos dos tambores e os toques dos clarins.

Marinheiros baldeavam os convezes, procedendo os

fusileiros e arcabuzeiros ao exame das armas; alinhavam-se os pelotões de soldados, dispondo os taifeiros, por todo o navio, nos castellos como nas toldas e cobertas, grandes tinas cheias de agua e de areia; ás gaveas subiam atiradores resguardados por trincheiras de colchões, ao porão descendo os calafates, a transportar estopa, cobertores, trapos e pannos de toda a especie, e á espera da occasião em que tivessem de reparar os estragos provenientes da artilheria inimiga.

Nas cobertas, os artilheiros abriam as portinholas e lubrificavam as peças; em grandes fogareiros aqueciam os serventes as rubras balas incendiarias, carregavam celhas e baldes d'agua, para refresco dos canhões, correndo a receber de guinchos as munições empilhadas em grandes caixas.

Do negrume dos paioes, ininterruptamente, suspendiam as talhas caixões cheios de cartuchos e balas de diversos generos: espheras de bronze, lisas ou munidas de pontas, ora isoladas, ora aos pares, reunidas por barras de ferro ou ligadas por cadeias, adaptando-se as saliencias de uma ás reintrancias de outra, quatro e mais projecteis, ás vezes, immobilisados por varões de ferro, pequenas balas envoltas em estopa breada, tacos de ferro e de madeira, todo o arsenal balistico da epoca, emfim.

Por meio de cadernaes, puxavam os artilheiros aos canhões fora da linha de costado, collocando-lhes, sobre o dorso, as palmetas, anteparos de madeira; nas baterias arrumavam-se os caniquins, grandes fardos de algodão, resguardadores das balas.

Revistavam se os instrumentos: as lanadas, resfriadoras da alma das peças, as cocharras, grandes colheres transportadoras das cargas de polvora, as agulhas destinadas á desobstrucção dos ouvidos, os soquetes com-

pressores das balas e dos tacos, as passadeiras, taboas com furos de diversos diametros, para a verificação do calibre dos projectis, as balanças de pesagem dos explosivos, e os demais utensilios que completavam a ferramenta exigida pela pesada manipulação da artilheria.

Cirurgiões e enfermeiros aguardavam nos porões, a hora em que, pelos guindastes installados nas escotilhas, lhes descessem os primeiros feridos.

No convez, ultimavam-se os aprestos com a manobra do panno, o reforço da enxarcia, o preparo dos arpeus de abordagem e das xaretas, grandes redes de malha destinadas a impedir a entrada dos invasores, no caso de atracação.

Munidos de lanternas, verificavam os cabos de ronda se os calafates se mantinham a postos; nas cobertas, os capitães percorriam as baterias, indo os condestaveis, de caronada em caronada, repisar as instrucções sobre as pontarias.

Fremiam os peitos de impaciencia e commoção, voltando-se os olhos, empanados pela angustia da aproximação de tragicos acontecimentos, para a armada do almirante Pater que, impellida por ligeira brisa, lentamente vinha chegando.

Installado ao pé do castello de popa, conferenciava Cosme do Couto com o seu immediato; a elles aggregou-se o velho Antonio Gomes, o mestre, a quem Fr. José seguia, irrequeto, superexcitado com a proximidade da pugna, pondo-se os quatro a observar a disposição das esquadras.

Segundo as instrucções de Oquendo, havia a frota luso-hespanhola formado em duas filas parallelas, occupando os vasos da segunda os intervallos da primeira, com o fito de proteger, alem dos transportes de

assucar, ás doze caravellas do Conde de Bagnuolo e o soccorro destinado a Pernambuco.

Pouco a pouco, a crescerem de instante a instante, acentuavam-se os perfis dos navios batavos.

Contemplavam-nos os maritimos com avidez, commentando-lhes o apparelho e a construcção ; cessaram porem, gradativamente, todas as conversas ; aos corações constringia a imminencia da batalha.

— Estão parados, affirmou Lorena. Talvez virem de bordo.

— O vento é pouco e por isso quasi não avançam, acudiu Fr. José, mostrando forte contrariedade em admittir a hypothese do adiamento do prelio. Seria realmente pena que nos evitassem o encontro. Temos fortes probabilidades de triumpho ; o proprio general declarou que as dezeseis velas dos flamengos eram pouca roupa para as nossas forças.

— São sempre assim os hespanhoes, padre, atalhou o mestre. Ouvisse V. R. as basofias dos da *Invincible Armada* ! quanto mofavam e desprezavam os conselhos dos nossos marinheiros da India e os dos proprios compatriotas, praticos e envelhecidos na navegação do Oceano !

Julgavam que, com o simples passeio de suas arcas de Noé, pelo canal, ficaria a Inglaterra arrasada, e era maravilha ver-se como aquelles endemoninhados hereges, inglezes e flamengos, se atiravam com os seus chavecos, ás nossas immensas almanjarras — verdadeiros bandos de espadartes a baleias — queimando-as e tomando-as de assalto, com a maior facilidade, tal qual á nossa succedeu, a *Nuestra Señora del Pilar*, onde eu ia de grumete.

— Sim, mas ahi a culpa provinha das ordens reaes.

— E' uma gente perdida de orgulho — e por isso

mesmo — sovada a valer em todas as partes do mundo.

Infelizmente, muitos dos golpes que lhe deveriam tocar, sobre nós cahem, e sobre outros, que, por fatalidade, tambem se acham agrilhoados á coroa de Castella.

Veremos como se hão de desmentir as bravatas do General, que aliás é um maritimo de primeira ordem e vai ser quem mais arriscará a vida hoje. Queira Deus que não nos derrotem estrondosamente; cada um desses malditos flamengos, no mar, vale por tres hespanhoes.

— E quantos portuguezes? inquiriu Lorena, a rir.

— Um apenas, redarguiu-lhe gravemente o lobo marinho, e, isso mesmo, porque os portuguezes são hoje sujeitos a Castella.

— Seja como fôr, rememorou Cosme do Couto, temos o restricto dever de combater, com duplicada energia, em defeza de uma terra, que, antes de hespanhola, pertence á coroa de Portugal.

— Que duvida, senhor capitão! Seria, porem, bem mais agradavel arriscar a vida, longe da visão dos leões de Castella, dominadores das nossas pobres quinas!

Estava a frota inimiga a pouco mais de meia milha percebendo-se lhe, distinctamente, os aprestos de combate; cruzavam escaleres em todas as direcções, mostrando que o almirante convocara os seus commandantes, como fizera Oquendo.

Às nove e meia da manhã chamou Lorena a attenção para os signaes arvorados pelo *Santiago*: bandeira azul no mastro de mezena.

— Sentido! gritou Cosme do Couto, traduzindo-o. Todos a postos!

À primeira voz, preveniu aos dous capitães de artilheria, mandem disparar a toda a bolada.

Já a bordo dos navios neerlandezes se destacavam formas humanas.

Era tal a ancia dos marinheiros e soldados, sobretudo dos recém-recrutados, que, a muitos, pareciam os olhos querer saltar das orbitas; na sua ingenuidade e ignorancia, suppunham as naus inimigas tripoladas por gryphos, carrancas e gorgulhas, toda a fauna monstruosa inventada pelo mysticismo medieval, como caracterisação da teratologia infernal. Nem por menos podiam ser tomados esses adversarios ferozes da Santa Igreja Catholica...

— Olha bem, Joaquim, aquelle ruivão! como tem os cornos á mostra! caçoava um cabo, em roda de soldados, que, piamente, criam no aspecto diabolico dos calvinistas.

— Lá vêm os hereges! lá vem os demonios! repisava machinalmente, gigantesco trasmontano, tão impressionado, que o reflexo do desvario se lhe imprimia no rosto.

— Blasphemos! Renegadores de Christo! Cães! ouvia-se de todos os lados, em ascendente escala de odio e de furor.

— Insultam a María Santissima! lembrava o golias, aterrado.

— Ah meu amor! dizia um artilheiro afagando a sua peça, mata quanto puderes desse canalhada de hereges!

— Na India, poz-se um marinheiro a relatar, tomámos uma nau flamenga, nella encontrando, na praça d'armas, grande crucifixo, de cabeça para baixo, e uma imagem de Santo Antonio com o peito atravessado pela lamina de uma faca vermelha que era...

Interrompeu-o recém-engajado labrego:

— Ahi vem os homens de pés de pato; dizem que dos hereges são os peiores... para matalos, é preciso,

antes de atirar, fazer uma esconjuração... que só assim os deixam seus senhores, Satanaz e Belzebuth... como me contou o Primo Domingos, que andou nas Indias. Chorava um soldado silenciosamente, homem de vinte e cinco annos, herculeo, em cuja physionomia meigador profunda se estampava; pelas coradas faces abundantes lagrymas lhe deslisavam.

— Maricas! apostrophou-o um veterano. Estás com medo de deixar os cascos por aqui, hein?!

— Estou pensando no que será da pobre mulher e do filhinho, do meu Miguelito que já me chamava Papá e me abria os bracinhos... Onde estarão, quanta mi seria não terão soffrido nestes seis mezes? Deus meu! Quando me lembro do pequenito, da mulher!... quem sabe se não morreram de fome... eu lhes era o unico arrimo...

— Mas homem! para que então te engajaste?

Fez o misero um gesto de horror:

— Eu, assentar praça? Eu? pobre como Job, casado, com um filho de anno e meio. A minha historia é muito triste...

Soubemos um dia, pelo Snr. Morgado do Corvo, que breve passaria na aldea uma escolta recrutando gente, para as guerras de Castella com os hereges.

A noticia nos aterrou; viviamos num sobresalto! E que pavor nos causava a possibilidade de servir a esses renegados castelhanos, ao seu rei amaldiçoado! «Tomem cuidado, rapazes, aconselhou-nos o Snr. Morgado, sobretudo tu, Bento! Trata de esconder-te, que, se te vêm, não escapas; com esse corpanzil!

Escondi-me; tive de abandonar um campito arrendado, sabe Deus com quantos sacrificios! uma belleza de lavoura, um trigal que era uma joia!...

A mulher vendeu uns cacareus para se sustentar e

ao filho... tres mezes mais tarde, já eu julgava o perigo passado... soubera da prisão de varios moços da terra... voltei a dormir em casa, umas noites... chegava ao escurecer e sahia de madrugada... cansado de passar ao relento, a morrer de frio, pelos mattos; certa vez cercaram-me a casita... resisti; espancaram-me cruelmente, algemaram-me... eram uns doze homens...

A mulher gritava... punha-se de joelhos... pedia pelo amor de Deus... e elles lhe diziam chalaças... arrastaram-me... o Miguelito gritava, espavorido : Papá ! Papá !... a sua vozinha não me sahe dos ouvidos.... De noute, quando sonho, sempre a ouço... Olhe... não ousei desembarcar na Bahia... com medo de encontrar creancinhas, como o meu Miguelito. Porque não me mataram ? Quanta miseria vai pelas terras de Portugal, Deus meu !

— Alguem, com certeza, denunciou-te aos recrutadores.

— Disseram-me que o Snr. Morgado, sob o pretexto de que falara mal delle... mentira... nunca o fiz... nem de ninguem.

— Ora dize-me lá ! Tua mulher é moça ? é bonita ? philosophou bruscamente o veterano, num tom de indizível desprezo por aquelle homem sem energia.

— Como ? retorquiu-lhe o recruta, surpreso. É moça e linda !

— Toleirão ! Forte idiota ! Pois não vês que o morgado te queria a mulher ? Pateta ! Não te afflijas que, com certeza, tomou conta de tua casa... Tua mulher nunca passou tão boa vida quanto agora. A estas horas está o Morgado a divertir-se com as gracinhas do teu pequeno que provavelmente já lhe chama Papa, tambem. Ora ahi está ! Quando deres baixa trata, ao nenos, de lhe pregares um tiro ou uma facada, ao teu morgado... e outra á mulher...

Distantes de uma e meia amarras navegavam as duas frotas; á frente da hollandeza marchava a capitanea, caracterisada pela flammula, orçando para apresentar o costado e despejar a primeira banda. A subir pela enxarcia do navio chefe appareceu um marujo de porte colossal, que, empunhando um portavoz, bradou :

— *Perros papistas ! Muera el Papa ! Muera los españoles ! Muera los papistas !*

— Espera, herege, cão tinhoso ! Tu és quem morre, cachorro ! contestou-lhe um arcabuzeiro, alvejando-o immediatamente, com uma bala que o fez rolar ao Oceano.

Freneticos applausos e selvagens gargalhadas acompanharam o triumpho do fuzileiro ; em toda a esquadra de Oquendo furiosa grita se levantara :

— *Sant'Iago y cierra España ! São Jorge ! Perros hereges ! Muera los perros ! Cerra ! Mata ! mata ! Morram os calvinos ! Morra a canalha heretica !*

De bordo dos navios hollandezes irrompeu, a seu turno, babelica e atroadora celeuma; feroz vociferação em que, aos timbres germanicos, se superpunham outros, numa orgia de clamores de odio e morte :

— *Dood aan de spaanschen moordenaars ! Dood den honden papen ! Weg met de papen ! Pfaffen gesindel ! Ye, spanish curs ! A bas la canaille espagnole (1) !*

Casaram-se estes gritos ás detonações da fuzilaria e aos primeiros disparos das boccas de fogo, e, dentro em breve, os abafava o troar do canhoneio, ficando as esquadras envoltas em fumarada espessa.

(1) Morram os assassinos hespanhoes ! Morram os cães papistas ! Rua com os papistas ! Fora a padralhada ! Ralé hespanhola ! Fora a canalha hespanhola !

CAPITULO XX

A BATALHA

Refrescando o vento, vieram algumas lufadas dissipar as nuvens de fumaça.

Abalroara Oquendo a capitanea batava, lançando-lhe os arpeus de abordagem ; terrivel duello travaram os dous navios, na troca de cerrada fuzilaria e successivas bandas de artilheria.

Se, das gaveas, faziam os hollandezes grande mortandade no convez do *Santiago*, as baterias hespanholas quasi esmagavam as adversarias ; nas canhoneiras do *Prinz Wilhelm*, varadas pelas balas, mal se podiam manter os artilheiros.

Com a mastreação e obras mortas extremamente damnificadas, Pater, o almirante hollandez, vendo-se em serio perigo, arvorara signaes de instante soccorro e, manobrando com o panno que ainda tinha, tentava desabordar.

Auxiliado por uma nau portugueza batia-se, desesperadamente, com dous grandes galeões, o *Santo Antonio de Padua*, do almirante D. Francisco de Vallecilla. Os demais vasos trocavam disparos, sem se approximar.

Do *Santiago* saltaram sobre o convez do *Prinz*

Wilhelm cerca de cem homens, armados de espadas e machadinhas, suspensas dos pulsos por fiadores, e dirigidos por um official que arrastava a ponta de um cabo.

Feriu-se furioso combate á arma branca, cessando o fogo ambas as parcialidades; tão impetuosa fora a investida que os neerlandezes, levados de roldão, abandonaram a proa do navio; dera o official volta ao cabo, em torno de um mastro, e, logo após, o signal da retirada; solidamente atracado ao navio chefe hespanhol, e acabrunhado pela superioridade do contendor, mal lhe respondia o galeão hollandez ao ataque, cada vez mais encarniçado.

Não obstante vehementes pedidos de soccoro, nenhum dos outros vasos se approximava da capitanea, achando-se Pater em situação angustiosa, quanto possivel.

Moveu-se afinal o pesado *Walcheren* pretendendo abordar o *Santiago*, com o que se reanimou a já quasi desmoralisada guarnição do *Prinz Wilhelm*.

Era então cerca de duas horas da tarde, e, nesse momento, attingira a pugna ao auge.

Empenhara-se o *Prazeres* em fortissimo canhoneio com dous grandes navios, tendo recebido algumas avarias sérias; manobrando com pericia, evitara-lhe o piloto perigosa abordagem, incidente que lhe seria fatal, á diminuta guarnição.

Ao começar a batalha, avistando Lorena a D. Francisco, extremamente pallido, correrá a encorajalo.

— Não hei de enxergar o dia de amanhã, balbuciou o mancebo, procurando reprimir ligeiro entrechocar de dentes.

— Qual! deixa-te de asneiras! não te appareceu a *Ruiva*, e isso é signal de que está furiosa, por prever que hoje muito crescerão as glorias da casa de Louveira.

— Se ao menos o meu *Agnus Dei*...

— Tudo isso já te passa; has de vencer esse ligeiro susto, aliás naturalissimo; não tivesses o sangue que nas veias te corre : lembra-te das façanhas que teu tio Lopo acaba de praticar na India, e anima-te rapaz ! hoje farás cousas muito maiores.

Deixando o moço entregue a seus temores, foi Lorena retomar o posto, assobiando philosophicamente.

Percebera Cosme do Couto a afflictiva posição do *Santiago* ; agredido pelo *Walcheren*, corria Oquendo os maiores riscos, solicitando instante auxilio por meio de successivos signaes :

— Não ha tempo a perder. Vamos abordar aquelle galeão e tomalo.

— Abordagem ! exclamou uma voz cheia de jubilo, pressurosa e tremula.

Era a de Fr. José :

— Quero ser dos primeiros a por o pé na amurada daquelles patifes.

Apezar da violencia do canhoneio que do *Walcheren* soffreu o *Prazeres*, cuja manobra fora comprehendida, com elle conseguiu prolongar-se, embora muito dismantelado, lançando-lhe, sobre o convez, quasi todos os homens validos da guarnição, com Lorena e o freire de Christo á testa.

Ao lado de ambos, praticava D. Francisco prodigios de valor.

— Bravo ! incitava-o Lorena. Estás mostrando que és de raça !

No meio da terrivel peleja immediatamente travada, destacava-se a estatura colossal de Fr. José, brandindo immenso montante, como se ligeiro florete fora.

Em torno delle fazia-se o vasio, fugindo-lhe os holandezes, não só aos arrasadores golpes, como aos berros com que os invectivava, em flamengo.

— Ah hereges! Ah canalhada calvina! Blasphemos do meu patriarcha São Bento! do meu patrono o Senhor São José, da virgem Sant'Agueda, minha Senhora!

Blasphemai dos Santos de Deus, que breve vos tragará o inferno! Blasphemai canalha heretica! Satanaz vos espera!

Ante a terrivel investida recuavam os neerlandezes, cada vez mais, para isso muito concorrendo o pasmo em que ospunha os desafios do freire, em sua propria lingua.

— Que vergonha! exprobrava-lhes o commandante do *Walcheren*; fugirmos de um miseravel frade e de um punhado de escravos do rei de Hespanha!

— O frade não é um homem, objectaram-lhe, é o demonio!

— Mais um pouco e o navio é nosso! alentava Lorena aos companheiros.

— Matemos tudo! mata esta cachorrada toda! bramava D. Francisco, com os olhos esbugalhados pelo delirio do sangue, epileptico e impulsionado pelo explodir de desconhecidos sentimentos atavicos, de heroicas influencias ancestraes.

Reunindo a guarnição a quem incitava, praguejando como um possesso, lançou-as o chefe batavo sobre os invasores, esmagando-os pela disproporção numerica e compellindo-os á retirada; palmo a palmo, num encarniçamento tremendo, defendiam-se os portuguezes, ensopando-se o convez em sangue.

Proseguindo a marcha, devido ao impulso recebido, viera o *Walcheren*, arrastando comsigo o *Prazeres*, encostar-se ao navio de Oquendo.

Acosados de perto refugiaram-se os abordantes na capitanea hespanhola, milagrosamente escapando Lorena e D. Francisco aos tiros que, na confusão da lucta, lhes desfechavam amigos e inimigos.

Ia Fr. José saltar quando uma ondulação das aguas afastou os galeões: de pé, sobre a amurada, gritou adeus aos dous amigos, e, sob uma saraivada de balas que lhe mandavam os batavos triumphantes, ás vagas precipitou-se.

No seu posto, ao pé do castello de popa, nervosamente apertando um oculo de alcance, via Oquendo que as probabilidades de victoria se voltavam para o inimigo.

Assistira ao heroico, embora improficuo esforço do pequeno *Prazeres*, e, sentindo-se quasi incapaz de repellir com o avariado navio, ao assalto do *Walcheren*, mandara um official fazer novos signaes de que corria extremo perigo.

Quando Lorena appareceu o rosto se lhe illuminou :

— Senhor capitão, preciso de um homem como vós; podeis salvar-nos. Ides tomar de assalto a capitanea hollandeza. Conto com o vosso esforço desesperado...

Estavam os dous navios tão proximos um do outro que, de costado a costado, se entrechocavam as joias das peças.

Mesmo assim, nas cobertas, continuavam as baterias a disparar.

Fechando os olhos ao horrivel espectaculo que reinava a bordo do *Santiago*, apinhado de feridos, cerrando os ouvidos aos gritos e lamentos das victimas da batalha, reuniu o official umas dezenas de homens com que varreu o convez do *Prinz Wilhelm*, meio deserto, juncado de destroços, cadaveres e moribundos.

A' proa, penosamente aparando os formidaveis golpes com que D. Francisco queria traspassalo, protestava um joven flamengo, em portuguez :

— Rendo-me! tenho o braço quebrado! Entrego-me, entrego-me!

— Não ha quartel para hereges ! Não te rendes, não! Morres como um cão! rugia o aggressor, tentando varar-lhe o peito.

— Que covardia! invocava o hollandez. Assassinar um ferido! um invalido! Rendo-me!

— Não te dou quartel, covarde! espumava D. Francisco, no auge do exacerbamento e prelibando o goso de coser o inimigo a pontações. Para que me fizeste sahir de Lisboa, bandido! E arriscar o pello por aqui! isso tudo se paga! e paga-se agora!

Acudindo a esses reclamos, interveio Simão que conteve o amigo, e desarmou-lhe o invalido adversario.

A' popa, tenaz resistencia oppunha, ainda, pequeno grupo de marinheiros e soldados.

— Lá deve estar o almirante, conjecturou Lorena. Vamos tratar de o prender e arrear a bandeira dos Estados.

Feriu-se nova e furibunda refrega, corpo a corpo, em que os punhaes e as machadinhas de abordagem raivavam.

Allucinado, coberto de sangue dos pés á cabeça, insultava D. Francisco aos inimigos, attribuindo-lhes os mais obscenos epithetos.

Subitamente, do bojo do *Prinz Wilhelm* immensas labaredas irromperam; desatinados gritos de *Fogo!* fizeram-se ouvir em varias linguas.

Tratou logo o *Walcheren* de desabordar do costado do *Santiago* ameaçado de incendio; esquecidos da inimizade, em tropel corriam hespanhoes e hollandezes refugiar-se a bordo da capitanea de Oquendo, cuja tripolação, no auge do terror, tudo tentava para se livrar da nau em chammas, sem o conseguir porém, desarvorado como se achava o galeão.

Tendo-se apossado do pavilhão neerlandez, retirava-

se Lorena do navio abrasado, quando uma explosão o lançou ao mar.

Instintivamente, ao voltar á tona, abraçou-se a um pedaço de mastro e, durante meia hora, debalde pediu soccorro até que pequeno escaler o transportasse, exausto, para bordo de uma das caravellas do Conde de Bagnuolo, onde já estava o official que Simão livrara da espada de D. Francisco, e encontrado a boiar, seriamente ferido, nas proximidades do ponto em que fora a pique o *Prinz Wilhelm*.

Vinha chegando a noute, fresca e perfumosa, serena e enluarada; o mar nem marulhava; a natureza envolvia os miseros humanos, que se exterminavam á superficie das aguas, com o manto apaziguador da sombra e do silencio. Um ou outro disparo de canhão, ao longe, se ouviam espaçadamente; os hollandezes, abandonavam o campo de batalha, retirando-se para o Norte, vencidos não restava duvida; dizia-se, porem, que o prejuizo da armada fora immenso, não podendo ella, provavelmente, continuar a derrota, tão consideraveis eram as avarias.

CAPITULO XXIII

NOITE DE PELEJA

Cahira totalmente a noute; no Atlantico mergulhara o sol, cujos ultimos e avermelhados raios empallidecera a lua surta das aguas, redonda e esplendorosa.

Cessara o canhoneio; aos poucos se afastava a esquadra hollandeza, no recuo do horizonte, semelhante a um cardume de monstruosos cetaceos alados, cujas azas brancas estivessem rotas e mutiladas.

Atordoado pelas peripecias daquelle dia tragico deixara-se Lorena longo tempo immovel sobre um banco do convez da *Santa Isabel*, a caravella para onde o haviam levado.

Sentia quasi completa exhaustão de forças; resistindo porem á fadiga ankylosadora, procurava pensar na sorte desconhecida de entes que lhe eram caros, mas sem capacidade para o fazer seguidamente.

Sobre os mares reinava absoluto silencio; estivera a *Santa Isabel* um tanto afastada do theatro do prelio, a guarnição, no emtanto, commentava os successos do dia como se acompanhasse as longas horas afflictas dos camaradas.

A bordo dos navios combatentes não se divisava uma só luz, um unico signal; dir-se-ia que cadaveres os tripolavam, ou que as guarnições esgotadas haviam cahido em lethargia.

Annunciaram os vigias a approximação de um escaler, correram todos á amurada, imitando-os Lorena, automaticamente.

Acercara-se o batel; antes que atracasse fizeram-no estacar.

— S. Jorge! gritaram da embarcação.

— Que ha sobre a batalha? indagou o commandante da caravella, exprimindo a soffreguidão geral.

Ao convez subiu Simão de Gouveia, com a roupa completamente dilacerada e a escorrer e um enorme gilvaz sanguinolento á face esquerda; cahiu aos braços de Lorena, num amplexo de commoção e alegria.

Pressurosos, cercavam-no os circumstantes, afflictos por se informar dos amigos e conhecidos.

— Vencemos, como sabeis! noticiou, respondendo a todos, embora com grandes perdas de homens e navios; ficou a esquadra em miseravel estado e maravilha que muitos dos nossos vasos não tenham ido a pique. Vim buscar...

— E o senhor General? interrompeu-o alguém.

— Por milagre escapou! acabo de o encontrar num escaler de ronda. Quem morreu foi o senhor almirante Vallecilla, submerso com o *Santo Antonio*.

— Morreu! Um maritimo de tanto valor!

— Ah! se fosse só elle! Logo ao começar a batalha varou-lhe o peito um mosquetaço; ainda assim, durante horas, até mesmo já quasi moribundo, continuou a dar ordens. Com elle perdemos tambem D. Francisco Lupercio, D. José de Alarcon, defendendo o navio de uma abordagem, e o pobre D. Luiz Coutinho, ainda

hoje de manhã transferido do nosso navio, o *Prazeres*. Foi dos ultimos, quando os hollandezes tomaram o *São Boaventura*.

— Pobresinho! lastimou Lorena num soluço. E Dom...

— D. Rodrigo Porto Carrero? inquiriu alguém, cortando-lhe a palavra.

— Lopo de Mello? perguntou outro a tartamudear, como receiando sahir do terreno das conjecturas.

De todos os lados partiam anciadas interrogações :

— João de Villanova ? Jorge de Magalhães ? D. Carlos de Mascarenhas ?

Não ousava Lorena indagar dos amigos ; correspondendo á angustiada interpellação que nos olhos lhe lia, contou Simão, *ex abrupto* :

— Cosme do Couto foi visto a nadar, após o naufragio do nosso pequeno *Prazeres*... Não sei que fim levou... Fr. José está salvo... com uma arranhadura insignificante no hombro esquerdo... D. Francisco, a'untou após alguma hesitação... vim buscar um physico.

— Como ? proferiu Lorena afflictissimo, D. Francisco ?...

— Vae... bem mal, tornou-lhe o outro, desalentado.

— Então está ferido ? gravemente ?

— Uma escopetada... que lhe fez horrivel chaga no ventre...

— Ah meu Deus ! soluçou o brasileiro. Bem presentia que a jornada lhe acabaria de modo funesto.

Mas Fr. José está vivo e são ?

— Tomou um banho apenas...

— Não ha esperanças de que o misero escape ?

— Poucas, muito poucas ; ainda não foi examinado por nenhum physico, que o nosso morreu, mas segundo me relatou o velho Matheus a cousa é horrenda. Não tive coragem de o ver.

— Vamos já e já, exorou Lorena. Onde está esse cirurgião que não apparece ?

Justamente surgira o esperado medico, homem de feições rudes e antipathicas, que, sem detença, embarcou ao lado dos dous amigos.

O luar esplendoroso que offuscava as estrellas, e, á superficie espelhante do Oceano, fazia os remos da embarcação levantar luminosas resteadas, semelhante a aurea campanula collocada nos bordos de uma placa circular, de um verde esmeraldino, era de inspirar a mais profunda melancolia.

Passaram alguns minutos antes que na embarcação se trocasse uma só palavra.

Puzera-se Simão a narrar o que ao amigo succedera :

— Snr. Dr., são sempre muito graves as feridas no ventre ?

Sentencioso, emittiu o esculapio, o nosso já conhecido Dr. João Rodrigues :

— Como regra geral convencei-vos de que todas as feridas são graves ; acaso ignoraes o aphorisma hippocraticiano ? Umas mais, senhor official, outras menos ; ha tantas circumstancias a examinar !

Distingamos : se a bala atravessou as tripas, se offendeu a espinha, o figado ou os bofes... é preciso attender á alteração vária dos humores circulatorios...

Se o ferimento provem de arma branca a cousa é uma... de arma de fogo, outra, pela diversa natureza das corrupções e podridões resultantes de um modo e outro ; sendo, por exemplo, a arma offensora de aço, ferro ou cobre tudo muda logo, segundo a differença das ferrugens desses metaes que se convertendo em venenos podem engrossar o ventriculo do cerebro, obstruir as raizes dos nervos e provocar uma disso-

lução geral dos humores, causa fatal da morte. Seja como for é bem exacto o texto : *aliquo exterioribus intestinis vulnerato læthale est* (1). E quasi sempre se realisa o conceito dos doutos.

Como ninguem lhe respondesse, continuou o facultativo, jactancioso :

— Tanto tenho trabalhado em cirurgia que, á primeira vista, posso quasi afiançar se se trata de caso perdido ou não ; entretanto, não passo de um pobre physico das armadas d'El Rei !

Não tenho protectores ! Nos tempos que atravessamos que vale a sciencia sem padrinhos?!

Arrenegando a loquela do medico, não ousavam comtudo os dous moços apparentar enfado.

— Quem me dera poder mostrar um accidente destes ao meu collega o Dr. Pedro Fernandes, lente de Avicenna em Coimbra e meu feliz competidor — já se sabe, graças á protecção escandalosa dos padrinhos. E no emtanto sou christão velho e elle não o é como eu. Queria ver como se safara do aperto !

E ao passo que ganha regaladamente dezeseis mil reis mensaes eu, nestes selvagens Brazis, arrisco a vida por tres !

Ah a sorte ! cheia de injustiças ! expendeu suspirando o desfavorecido cirurgião.

— V. M^{ce} já tratou de D. Francisco, creio, enunciou Lorena.

— É exacto ; e tive a occasião de verificar quanto se compraz, ás vezes, a natureza em mudar a ordem habitual e as consequencias dos phenomenos.

Como sabeis, estava esse moço á morte, com uma terrivel fractura do craneo ; fez-lhe o Dr. Antonio Dias

(1) Todo aquelle que receber um ferimento externo nos intestinos morrerá.

a lavagem da ferida com vinagre, apezar dos meus vehementes protestos ! um disparate, uma loucura, quasi um crime ! Cem mil individuos teriam morrido : D. Francisco salvou-se !

— Escapará hoje ? exprimiu Lorena, dolorosamente. Continuara o physico a preleccionar mas não o ouviam os companheiros, agora attentos aos primeiros destroços que o escaler encontrava, pedaços de mastros, lascas de vergas, tiras de velas, taboas e pranchões soltos, restos de toda a qualidade, de envolta com numerosos cadaveres a boiar, uns de bruços, outros de costas fitando o ceu, com os olhos esbugalhados e vitreos, os rostos desfigurados pelos golpes de machadinha e os ferimentos das armas de fogo, entre-meioando-se as louras e ruivas cabelleiras hollandezas ás negras melenas dos mortos da esquadra de Oquendo.

Muito lentamente caminhava a chalupa ; ora era preciso afastar destroços, ora um corpo humano angustiosamente espreitado pelos officiaes, que temiam reconhecer amigos e companheiros.

— Olha alli o pobre Rodrigo Porto Carrero, chamou Simão, quasi em segredo, a Lorena, apertando-lhe a mão e mostrando um cadaver que se achava distante de poucos metros, e cuja face inchada a lua illuminava de chapa.

— Cortaram-lhe o pescoço ! Que horrivel ferimento lhe fizeram !

— Ah meu amigo ! Foi hedionda a lucta no *São Boaventura* ! braço a braço, punhal contra punhal ! Precisamos recolher o corpo do misero.

— Não podemos perder tempo ; voltaremos depois. Digamos um *Pater* pelo coitado...

Cahiram ambos em meditação e recolhimento.

Continuando a derrota, achegara-se a embarcação a uma grande nau, completamente desarvorada e com a linha de fluctuação quasi ao nivel da coberta.

De bordo gritaram :

— Quem vem ahi ?

— S. Jorge !

— Soccorro pelo amor de Deus ! o navio ameaça ir a pique, cheio de feridos.

— Que navio é esse ?

— *S. João Baptista.*

— Onde está o capitão Mousinho ?

— Muito ferido ; mal dá accordo de si.

— E o immediato ?

— Morreu...

— Quem commanda ?

— Eu, o mestre. Somos tres homens validos para mais de cem feridos, quasi todos em mau estado.

Perdemos o nosso batelão, espedaçado pelas balas.

Soccorram-nos quanto antes ; o navio submerge cada vez mais e aqui dentro é o inferno. Auxilio, pelo amor de Deus !

— Agora não é possivel mas não tardará o soccorro.

Ao afastar-se o escaler romperam do galeão imprecações de toda a especie, gemidos, gritos de desespero e uivos de dor.

Parecia que todos os infelizes que o tripolavam ansiosamente haviam escutado o dialogo, dando largas á desesperança.

Afinal se descobriu a massa escura do *Santiago de Leste*, inteiramente desmantelado, adornando para bombordo, com o costado aberto em innumerous lugares, mastreação derrubada e o panno rasgado em longos farrapos ; assemelhava-se a capitanea a um monstro crivado de feridas e prestes a expirar.

O aspecto do convez, sobretudo, era sinistro ; alastravam-no toda a sorte de destroços ; tinha quasi destruidos os castellos assim como as obras mortas.

De uma adriça, presa a derreada verga, pendia funebremente a bandeira castelhana, rota em dezenas de lugares.

Do castello de popa, de que apenas restavam disformes restos, se acercavam os dous amigos e o medico quando se lhes deparou tetrico quadro.

Estendidos ao lado uns dos outros, jaziam dezenas de homens frouxamente allumiados por morticças velas de sebo rodeando um crucifixo, alguns com o rosto golpeado, ennegrecido, horriavelmente desfigurado pela dor e a excruciante approximação da morte, outros, lividos, com a calma physionomia do repouso profundo, outros ainda, tendo os dentes descobertos por violento ricto, as feições monstruosamente entumescidas e os olhos vidrados a querer saltar das orbitas, todos já rigidos, braços unidos ao tronco e pernas hirtas, perfilados horizontalmente nos uniformes dilacerados e tintos de sangue, cabellos grudados ao casco, á espera da encommendação para serem entregues ás ondas.

Velavam-n'os dous marinheiros reclinados no soalho, sobre o cotovello, com a testa baixa e a mão sobre os olhos, rente ás cabeças dos cadaveres, numa attitude de extenuamento absoluto ; um delles, cuja respiração agitava os fios da barba de um homem semi degolado, resonava alto e rythmicamente ; o outro parecia cataleptico.

Traziam quatro soldados novo figurante para a lobrega parada, preparando-se para o deitar ao lado dos camaradas.

Deram-se pressa Lorena e os companheiros, em se

afastar do horrivel espectaculo, descendo á coberta em busca do caro ferido.

Transformada em hospital de sangue não era menos lugubre o aspecto da praça d'armas.

Lá estavam, uns sobre os outros, lançados ao chão, numa obscuridade apenas dissipada pela chamma avermelhada de baço lampeão, cerca de cem homens, gemendo, gritando, pedindo agua, implorando a protecção dos Santos e a misericordia divina, fazendo votos e promessas, praguejando e blasphemando em varias linguas, cada qual mais desesperado do que o outro.

Arrancados das carretas, funebremente jaziam alguns canhões; a um delles bala inimiga esborcinara a boca dando o metal rasgado ás fauces escancaradas da peça a apparencia de monstruosa visagem.

Na maior desordem se espalhavam os apetrechos para o manejo da artilheria e as munições, sendo por toda a parte patentes os signaes de que as balas holandezas, penetrando pelas canhoneiras, haviam dizimado os artilheiros e devastado a praça; em diversos lugares adheriam restos humanos ás paredes e alastravam-se pelo soalho.

Atraz do grupo em que Lorena vinha appareceu Fr. José, que ao amigo abraçou sorrateiramente.

Apezar do quadro que tinham á vista, entregaram-se os dous ás mais vivas effusões de alegria, conservando-se unidos alguns minutos.

— D. Francisco! recordou o monge, emquanto a triste rememoração fazia cahir os braços a ambos.

Não obstante a penumbra distinguiram varios feridos o habito do religioso e começaram a gritar pedindo que lhes acudisse.

— Meu Padre! soccorra-me! vou morrer sem confissão!

— A mim primeiro ! ha tanto tempo que me não confesso !

— Padre, não me deixe ! valha-me ! pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Christo !

— Tenho medo ! bradava um desesperado e esse clamor repetiam-no dezenas de vozes.

— Se ao menos houvesse luz !

— Luz, luz ! Se houvesse agua ! gritou lancinantemente alguem.

— Agua ! agua ! pelo amor de Deus. E' uma obra de misericordia, gente ! dai-me agua !

Exacerbamento geral causara a lembrança do appetido liquido.

— E' o que aqui perto não falta, tentou chasquear um dos miseros.

— Eu a pago caro ! muito caro ! mas venha agua, bem fresca, bem doce ! muito doce ! delirava outro. Como seria bom... se por dentro de mim... pudesse passar um ribeiro... gelado... gelado...o nosso Ceira... do fundo da quinta... tão crystallino... tão puro... com as suas pedrinhas redondas e brancas... a pontesinha... os carvalhos...

Com os olhos esbugalhados pelo tresvario da febre e da dôr rouquejava um soldado, cujas pernas haviam sido esmagadas :

— Miguelito ! olha o papá ! Vem dar um beijo ao teu papá ! meu filhinho querido ! meu filhinho ! Papá, papá ! Encosta a cabecinha aqui, filhinho...

A seu lado, outros desgraçados falavam na familia, chamavam os nomes de pessoas caras, pediam que os matassem, que lhes estancassem a fonte dos soffrimentos, de qualquer modo. Poucos eram os que se mantinham silenciosos ; a communicabilidade das expansões causadas pela dor fazia com que, quasi

todos, procurassem allivio nas lamentações ruidosas.

Vindo do porão, e munido de lanterna, surgiu um marinheiro a perguntar :

— Já chegaram os physicos ?

— Os physicos ! os cirurgiões ! clamaram innumeras bocas de desvairados, como se essa apparição a todos devesse trazer a vida e o remedio para tantos males.

— Salve-me, Senhor Physico !

— Eu primeiro, Sr. Dr., soffro demais !

— Não ! primeiro a mim !

— Jesus, Maria ! um allivio qualquer ou então que me matem já ! Por misericordia, dêem-me um tiro no ouvido !

Julgou o Dr. Rodrigues dever falar :

— Um pouco de paciencia ! já venho curar a todos, dentro de alguns minutos.

— Vai ver o fidalgo primeiro, explicou um soldado que se estorcia, com as mãos applicados ao ventre, entre soluços incoerciveis.

— Primeiro o fidalgo, depois nós !

— Mas todos somos filhos de Deus !

— O fidalgo é o morgado !

— Ao menos fique-nos o padre !

— Qual ! se tambem veio para o fidalgo ! só para elle !

— Fique para absolver-nos ! imploravam os mais resignados.

Lorena e os companheiros pareciam estarrecidos, com o aspecto daquella sala de sangue.

Um grumete, a quem prostrara hediondo ferimento, levantou a cabeça do chão, exclamando em tom de intenso odio :

— O fidalgo tem o medico e o padre, mas, apesar

disso, vai morrer como nós, elles não lhe darão vida.

— Vai morrer, não escapa! repetiu satisfeito e tentando sorrir, outro ferido de feições allucinadas.

— Morrer! morrer! uivava como um cão, terceiro infeliz estendido ao lado de um rapazola que entoara obscena cantiga, com um fio de voz estertorante e de um velho que suppunha guiar uma charrua, gritando aos bois.

— Meu filhinho! meu filhinho adorado! continuava um dos moribundos. Miguelito, olha o teu papá! Vem dar um beijo ao teu papá! Papá! Vem meu filhinho, vem! Eu quero ver a tua carinha, quero beijala!

Tomando rapida decisão, passou o physico, seguido dos companheiros, em busca da camara onde D. Francisco devia estar, continuando Fr. José irresoluto ante os chamamentos continuos e as desesperadas supplicas que de todos os cantos partiam.

— Confessai-me! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora! pela salvação de vossa alma! Não me deixeis abandonado!

— Attendei, Padre, que eu, eu! vou morrer!

— Absolvi-me pelo nosso Padre São Francisco! Sou terceiro!

— Como é horrivel morrer!

— Quem, dentre os que aqui estão, diz temer a morte perguntou, de um dos angulos da praça d'armas, sibilante porem ainda poderoso timbre. Homens timoratos! Homens de pouca fé! Pois vós todos que ides morrer não combatestes e não vencestes hoje as forças das Trevas, em defesa da Santa Igreja de Deus? E não saberá esse Deus Omnipotente reconhecer-vos os meritos?

Arrependei-vos tibios! pensai na eternidade, filhos do mundo! tende a contricção nos corações, implorai

o perdão de vossos peccados, a protecção de Maria Virgem e não vos queixéis : esperai confiantes a hora da reunião com a Igreja Triumphante !

Era o padre Antonio de Gusman que, estirado a um canto, animava os companheiros de infortunio.

Prostrara-o horrivel ferimento; fora-lhe uma das pernas arrancada, mas, nem por isso, se lastimava ou sequer gemia.

— Vamos, meu irmão, confessa-te, offereceu a um soldado que lhe estava ao lado, procurando encostar-lhe o ouvido aos labios.

Esgotara-o porem o esforço e, quasi immediatamente, entrou em agonia.

CAPITULO XXIV

D. FRANCISCO DA CAMARA

Fortissima commoção sentiu Jorge de Lorena ao penetrar no camarote onde, de costas sobre miseravel colchão e envolto em pannos ensanguentados, jazia D. Francisco semi-nú, tresvariado e arquejante; a seu lado o fiel Matheus silenciosamente chorava.

Ajoelhou-se junto ao amigo, soerguendo-lhe brandamente a cabeça.

A custo abrindo os olhos, poz-se o ferido a divagar :

— Meu querido Jorge... vê que cousa horrivel... bem dizia eu... o *Agnus Dei*! estou perdido... não me engano... vou morrer ! Porque não chega o physico.... dar-lhe-ei milhares de cruzados.... meu pae lhos dará.... ás mancheias... para isso é generoso... não ha de regatear...

— Como foi ? quem ? perguntou Lorena, sem ousar concluir a phrase.

— Um maldito herege... daquelle navio que abordámos... Já eu estava no *Santiago*, fugindo ao fogo.... deu-me uma arcabuzada... vi-o perfeitamente.... atirei tambem com a pistola.... mas cahi logo... não acertei o tiro.... não me pude vingar...

— Snr. D. Francisco, não penseis em vingança, proferiu Fr. José tristemente, da porta da camara.

— Ah Padre ! Padre ! estou perdido, não é ? Que cousa horrivel !... aos vinte annos.... onde está o cirurgião... porque não mo trazem... querem por força que eu morra... todos querem.... Eu vou morrer !... acabar.... apodrecer.... ser atirado ao mar ! nem sequer me enterram !

Adiantou-se o Dr. Rodrigues e, a despeito de lhe pesarem nos olhos as vistas chammejantes do paciente, que nelle enxergava aquelle de quem a sua vida dependia calmamente desenrolou de pequeno pacote alguns instrumentos cirurgicos, e, ajoelhando-se, poz-se a desabotoar-lhe a roupa.

Dominado por indizivel terror anciava o padecente pela palavra do facultativo, antevendo a possibilidade de um desengano absoluto que certa esperança contrabalançava, comtudo ; identica sensação de confuso terror a todos os circumstantes opprimia. Continuava mudo o medico, a examinar o ferimento, enorme, interessando todo o baixo ventre e após detida observação, levantou o busto deixando-se pensativo.

Alguns segundos durou a tetrica pausa ; ouviam-se apenas a difficullosa respiração do ferido e os gemidos que vinham da praça d'armas.

— Snr. Dr., aventurou o misero, num tom de infindo pavor e humildade, não é assim... tão grave... não acha ?

Ergueu-se o interpellado, reuniu os ferros e, lançando-lhe um ultimo olhar, voltou-se para Fr. José dizendo simplesmente, a estender o beijo para designalo :

— Padre...

E sem maior alteração sahiu a prestar serviços do lado onde lhe reclamavam a presença, na coberta, e onde a sua chegada provocou grande tumulto.

Ao ouvir o implacavel veredicto, exasperara-se a victima :

— Este homem é um asno... não sabe o que diz !

É falso, não estou ferido mortalmente, protestou, despendendo as ultimas energias e procurando levantar-se, esforços que lhe custaram novas e grandes perdas de sangue.

Interveio o freire, procurando, com palavras de extrema meiguice, convencelo de que se devia preparar para a morte.

Repellia-o o infeliz, desatinado :

— Não, Padre!... se eu morrer... felicite a meu irmão... que de frade passará a conde... e senhor de uma casa de trinta mil cruzados derenda... e a meu pae, sobretudo, que se hade vangloriar de ter perdido um filho.... ao serviço d'El Rei... e por esse motivo reclamará alguma honra ou mercê... pela minha vida... Eis um pae... que amava ao seu primogenito !

Afflicto, arguiu-o severamente o monge :

— Snr. D. Francisco, taes dizeres não são os de um fidalgo portuguez e os de um catholico ! Vosso ferimento é mortal, preparai-vos para o mesmo traspasse heroico que muitos dos vossos parentes e antepassados tiveram.

Abandonnae essas ideias de maldade e peccado : nunca pode um pae desejar que os filhos lhe morram !

Quantos, de vossa casa, deram a vida pelo Rei e pela Igreja cujos ultimos momentos alliviou a serenidade com que souberam encarar a morte, alliando á bravura dos gentishomens a resignação dos christãos ?

— Filho, proseguiu o freire, lacrimajante, pede a Deus perdão e procura sahir deste mundo, a que já quasi não pertences mais, sem resentimento dos que te offenderam e até mesmo do causador de tua morte.

Surtiu a apostrophe immediato effeito :

— Confessai-me, Fr. José, rogou o pobre, já difficilmente falando... fiz muitos desatinos... mas o pouco senso... os vinte annos... não era tanta a maldade...

Peço a Deus perdão... remissão... Julga que me hade perdoar?

— Acho, declarou Fr. José resolutamente; teu sangue correu em defesa de Sua Igreja : arrepende-te sinceramente e confia, filho, em Sua inexgotavel misericordia.

Debruçara-se o religioso sobre o ferido, retirando-se os espectadores da dolorosa scena para voltar, pouco depois, quando o confessor terminara a formula da absolvição.

Intensos continuavam os gritos dos feridos e operados da coberta.

— Não vou só ! balbuciou D. Francisco, sorrindo vagamente.

Puzera-se o padre a recitar as orações dos agonisantes...

— Jorge, um ultimo pedido, exorou o moribundo, tão baixo que quasi se lhe não ouviam as palavras.

Não consintas que lancem... meu pobre corpo ao mar... faze com que o levem... para a Bahia... mais tarde... meu Pae... mandará buscalo... irei ficar... na igreja de Serpins... ao lado dos meus... com um lindo epitaphio... latino com certeza... isso lisongeará a meu pae... e de mim... talvez... falem... ainda algumas vezes.

Interrompera Fr. José as orações, ouvindo a supplica com dolorosa inquietação :

— Filho ! não te preocupem taes cousas...

— Perdão, Padre, absolvei-me...

Aqui jaz D. Francisco Xavier... de Vasconcellos da Camara... morgado de Louveira... morto aos vinte

annos.... no Brazil.... servindo a El Rei..... e á Santa Fé Catholica.... continuou, immediatamente, a delirar.

Meu pae hade envaidecer-se... muito... epitaphio pomposo... latino...

Meneou o freire tristemente a cabeça; pelas faces as lagrymas lhe rolavam; principiou a ungir o agonisante a quem a morte começava a acalmar.

Finda apiedosa cerimonia, retiraram-se todos, excepto o velho escudeiro que parecia estuporado.

— Pobre espirito! tão apegado a mundanidades, até em face da morte! lamentou Fr. José. Deus o tenha!

— Telo-á, Padre! redarguiu Lorena firmemente; era muito moço e irreflectido, bom no fundo, porém.

— Noite horrivel! Preciso de alguma calma para acudir aos miseros da coberta.

Em busca do ar fresco da noute, que lhes alliviasse os oppressos peitos, subiram ambos ao convez.

Mal haviam sahido da escotilha, attrahiu-os grande algazarra partida da proa, onde um grupo de individuos arrastava humana forma que se defendia com desespero, berrando de modo ensurdecador.

— Ao mar o tinhoso! o maldito calvino! vociferavam os autores dessa execução summaria.

A custo conseguiram, o freire e o official, que do pescoço da victima, semi-estrangulada, se desprendessem as mãos dos verdugos.

— Que é isso? inquiriu Lorena indignado. Lançar ao mar um prisioneiro?! um pobre velho?!

— Senhor capitão, justificou um dos executores, este flamengo é possesso, demoniaco...

Estando ao lado de um francez renegado, muito ferido e por nós salvo já quasi afogado — sujeito que, sentindo a morte vir-lhe e lembrando-se que fora filho da Santa Madre Igreja, pedira para se confessar —

e vendo que essa alma ia escapar ao seu patrão Satanaz, não é que, em vez de ficar calado — pois tivera a boa sorte de nem sequer apanhar um arranhão — o tal senhor predicante se põe a injuriar o homem e a dizer-lhe taes despropositos que o faz despachar o padre e afinal morrer com toda a impiedade? E tudo isso no meio de gritos de triumpho e de uma cantoria de desafio á nossa Santa Fé?!

Perdemos a paciencia arrastando-o aqui para lhe dar de beber uma pouca de agua salgada e recambialo ao inferno, de onde o soltou o demo.

Com este resfolego, recobrou o ministro o uso da fala, começando a insultar os algozes.

Dirigiu-lhe Fr. José a palavra, em hollandez :

— Nada lhe succederá, comtanto prometta, sob juramento, não espalhar os erros da heresia, enquanto estiver preso.

A espumar de ira fitou-o o predicante com um ar de absoluto desprezo e nauseamento :

— Eu!? dever a vida a um padre de Baal?! a um sacerdote de Moloch?! a um ministro da grande prostituta romana, da nova Babylonia?! Mil vezes a morte! Assassinaí-me idolatras! bandidos papistas!

— Infames egypcios! apostrophou em vehementissima objurgatoria e como possuido de loucura religiosa, perfidos e ferozes Philisteus! Assassinaí-me! Não temo a morte, adoradores dos idolos da grande meretriz das nações! Não temo a morte, pois sei que me hade reunir aos Santos do Senhor!

Hoje triumphastes, muito breve, porém, chegará o dia da vossa confusão perpetua e da ruina da Babylonia das sete collinas!

— Assassinaí-me, raça de Belial: incitou o ministro no paroxysmo da exaltação e num repto triumphal,

agora é tarde ! com o auxilio de Deus impedi que meu irmão se finasse na enganosa perfidia papista que, para a sua salvação, abjurara.

Querendo fazer calar o fanatico d'elle se acercava Fr. José, quando recebeu tremenda bofetada.

Aproveitando a confusão que o successo motivara, enfurecidos e entediados com o incomprehensivel aranzel, aos trambolhões arrastaram os soldados ao ministro calvinista.

— *Papistas ! Idolatras !* urrava elle, concentrando nestas palavras, unicas talvez que em hespanhol soubesse, toda a energia.

Ouviu-se o baque de um corpo á agua ; do marulho brando das vagas emergiram palavras de ameaça :

— Senhor ! vinga os teus martyres !

Voltando a si da surpresa daquelle rapido desenlace ainda procuraram Fr. José e Lorena salvar a victima de tal execução summaria ; debalde, explorou um escaler as immedições do navio.

— Isto era trabalho perdido, affiançava gravemente velho marinheiro, explicando o insuccesso das pesquisas. Pesava-lhe tanto a alma que foi direito ao fundo do inferno que o vomitara.

Na manhã seguinte, após a missa de corpo presente, com a assistencia de Oquendo e de toda a guarnição da capitanea, effectuou-se a encommendação dos corpos enfileirados no convez do *Santiago*.

Lá estava D. Francisco perfilado entre um grumete que parecia bocejar ,esboçando, ao mesmo tempo, gracioso sorriso, e o Padre Gusman, a quem a maruja quasi despira, na ancia de obter reliquias, com os olhos muito abertos, a contemplar placidamente o firmamento.

Vestira-o Matheus com todo o apuro e carinho; magnifico gibão de velludo negro occultava-lhe a hedionda chaga; penteado como se se preparasse para ir a um baile, conservava nas feições relativa serenidade, embora houvessem os olhos fixado a expressão de angustia com que se extinguiu.

— Pobresinho! não poderá descansar em Serpins, como tanto desejava, notou melancolicamente Lorena, que, com o coração partido, via dous taifeiros balançarem o corpo do amigo para o confiar ás ondas.

— *Requiem æternam dona eis Domine.....* proferiu Fr. José, a orar, extraordinariamente compungido.

— Amen! respondeu o brasileiro, occultando o rosto para que lhe não vissem as lagrymas abundantes.

— Morreu como um covarde! reflectiu Simão, lembrando-se, indignado, da fraqueza com que o misero traspassara.

CAPITULO XXV

INCERTEZA

Achando-se alguns dos seus navios quasi impossibilitados de navegar, tres dias empregou Oquendo nos reparos das avarias.

Ao *Prazeres Maior*, incapaz de seguir viagem, ordenou que voltasse á Bahia, transportando os feridos e os prisioneiros da batalha.

Entre elles se contava Alberto Van Diemen, o joven official hollandez, a quem Simão salvara da espada de D. Francisco.

Tivera o braço quebrado e rapidamente se restabelecia, angariando todas as sympathias, graças ás maneiras affaveis e á facilidade com que falava o portuguez.

Já no Brazil estivera ; aprisionado que fora numa refrega, algum tempo antes da restauração de 1625, demorara-se na Bahia um certo numero de mezes.

Tomada a disposição relativa aos invalidos e prisioneiros, velejou o General para o Norte, no desempenho da commissão que lhe fora marcada : effectuar o desembarque das tropas do reforço em Pernambuco, e seguir a comboiar a frota do Mexico.

A 21 de Setembro, aportavam as caravellas á Barra Grande, onde o Donatario de Pernambuco, Bagnuolo e o seu pequeno corpo de exercito baixaram á terra. Lorena, Fr. José e Simão de Gouveia acompanhavam a columna ; custara o General em consentir que o primeiro deixasse a esquadra, e só o fizera attendendo aos instantes rogos de Bagnuolo e do Donatario.

Á tardinha, do alto de um comoro, viam os tres amigos afastarem-se e depois sumir no horizonte as velas da frota, que proejava para o norte.

Internou-se a expedição, em demanda do arraial do Bom Jesus, onde o governador Mathias de Albuquerque fazia frente aos neerlandezes, bloqueados no Recife e em Olinda ; penosa caminhada atravez de grandes mattas e regiões desertas.

Á medida que se approximava do Arraial succediam-se os nucleos de população, villas e engenhos, onde se concentravam alguns milhares de pessoas afflictas e apprehensivas do futuro, receiosas das incursões dos invasores.

No Arraial, porém, mantinham-se animosos o povo e a guarnição.

Dous mezes permaneceu Lorena em Pernambuco, até que lhe permittissem regressar á Bahia.

Batendo-se sempre com verdadeiro heroismo, vivera omoço, no meio dos episodios diarios da activa guerra de escaramuças, que entre as duas parcialidades reinava, assediado pela obsessão do seu amor. O conhecimento do character da amante trazia-o em constante sobresalto ; ao mesmo tempo anciava, perdidamente, pela continuação daquelles poucos dias de intensa ventura, decorridos nas vespas de sua partida de São Salvador.

Afinal para alli pudera voltar, encontrando a cidade ainda mais deserta do que quando partira.

Reinstallado á rua dos Mercadores, fora, pela nou-tinha, no dia da chegada, inutilmente bater á porta da amada, não obstante encontrar-lhe a casa hermeticamente fechada.

— Passo inutil ! reflectiu furioso e desesperado. Para onde terá ido ? Custa-lhe tão pouco mover-se... Talvez para a Europa, novamente...

Daqui a alguns dias mandará chamar-me, acrescentou, a modo de consolo, embora não muito convencido do que, de si para si, affirmara.

Merencorio e desanimado, tornou á morada dos irmãos Barros, revoltado com a sua invencivel frouxidão.

Um dia escoou-se sem que a situação se alterasse ; á tarde do segundo verdadeiro abalo causou-lhe o apparecimento da personalidade antipathica de D. Giralda Hernandez, cujo aspecto carrancudo desagradavelmente o impressionou.

— Leonor ! perguntou-lhe ancioso.

— Vae bem... está em Itaperande... com o Snr. D. Fernando. Soube hontem da chegada de V. M^{ce}... e apresso-me em visitalo; seu procedimento, senhor capitão, continúa muito curioso... precisamos sempre ser as primeiras a tomar qualquer iniciativa...

— Perdão ! hontem e ante-hontem bati-lhes longamente á porta... ninguem appareceu... Entretanto, Leonor deve saber da minha estada aqui... que lhe escrevi, ha um mez... por intermedio de portador seguro...

— Pois não recebeu a carta, posso garantilo... V. M^{ce} o que devia ter feito era vir mais depressa... e desde muito.

— Cara D. Hernandez, ignora V. M^{ce} as cousas militares e por isso faz erroneas apreciações.

— Mas conheço, muito melhor do que V. M^{ce}, o co-

ração das mulheres... e o da Snra D. Leonor, sobretudo, repontou a *dueña*, insolente. A sua querida... esquece-se das cousas... tem repentões de paixão... cria quasi em seguida aborrecimentos profundos... creio que no mundo não ha mulher mais caprichosa e variavel... E V. M^{ce}, ausentando-se tres mezes a fio, corre grande riscos.

— Mas se a isso me vi forçado! retrucou o official, a custo disfarçando o enfado que lhe causavam taes recriminações.

— Pois garanto a V. M^{ce} que me deve um grande serviço; custei a retela aqui na Bahia. Nesta cidade é insupportavel viver-se. Com o pae ella não se entende... o Snr. D. Fernando... pouca gente sabe... mas é a pura verdade... não repito nenhum segredo de familia... seria incapaz de fazelo... está meio apatetado... pobre homem! nem sahe mais do engenho.

— Mas, ha pouco, veio á cidade, contaram-me.

Teve a velha pequeno sobresalto.

— Ah contaram-lhe? E'exacto. Assim foi... questão de negocios... compra de um grande lote de negros, creio.

— Ouvi falar que affiançara um official flamengo, prisioneiro da batalha naval.

— Com effeito... deu-se essa coincidencia com a sua estada aqui. Abonou o tal hollandez... um rapazola... que, de joelhos, lhe pedia a protecção... pobre diabo, já nosso conhecido, desde que os hereges outr'ora estiveram de posse da cidade... ficou preso alguns mezes, e D. Fernando até o levou a sestar em Itaperande... entendiam-se bem pois o flamengo é bom copo... muito rico, aliás, riquissimo, mas pessoa de minha especial aversão... avarento e brutal... um brutamonte.

E tomou agora liberdades immensas com o Snr. D. Fernando só pelo facto de beberem juntos! Chegou ao ponto de insultar-me! a mim que acompanho a familia ha vinte annos! « Boa fogueira merece esta velha bruxa », disse, com a maior insolencia,

Entendeu Lorena de boa politica manifestar-interessado por essa cultura da magia, que á *dueña* merecera a amavel referencia.

— Deixemos de lado o hollandez, que é bem pouco interessante. Ha muito desejo, Snra D. Hernandez, recorrer á sua sciencia para que se desvende o meu nebuloso futuro.

Exultou a harpia.

— Pois não! quando V. M^{ce} quizer! Estou inteiramente ás suas ordens... Iremos ter aos meus aposentos...

— Empenho-me em assistir...

— Por certo... ao lado do quarto, á direita da entrada, arrumei pequeno laboratorio, onde aliás não trabalho, desde annos, as occasiões são rarissimas... e tudo aqui é tão perigoso! Se V. M^{ce} não fosse um homem de honra... não me entrava alli, ah, isso não!

Note, porém, que nada de mal faço; apenas algumas combinações de cartas e outras pequenas sortes innocentes; nada de sobrenatural...

— Perfeitamente, só nos falta agora marcar dia e hora... hoje por exemplo.

— Hoje não! a boa hora já passou e depois não estando prevenida...

— Amanhã então...

— Optimo... amanhã; espero V. M^{ce} ás nove da noite. E depois de amanhã... encontrará Leonor mais amorosa do que nunca... desde ante-hontem, partiu, a

todo o galope, mensageiro meu para Itaperande e dezeseis leguas vencem-se com pequeno esforço.

Minutos depois retirava-se a *dueña*, atirando da porta gracioso beijo ao official.

— Como está o pobresinho! Como a ama! monologava na volta de casa. Felizmente a paixão cega-o... nada percebe!... Ah D. Leonor! queres escapar-me? O calvino ha de pagar tudo! ha de pagar-me!

CAPITULO XXVI

CATECHESE

— Tu me juras telo esquecido completamente? nunca mais nelle pensarás um segundo sequer? Conta-me que jamais fizeste caso de semelhante sujeito, e que o enxotaste, dizia soffregamente Alberto van Diemen a Leonor de Avila.

Sabes? voltei ao Brazil unicamente por tua causa; a esperança de te encontrar algum dia jamais me abandonou e foi sempre o mais forte alento de minha vida.

— Será bem verdade? motejou a moça, incredula.

— É preciso que agora recompenses um pouco esta affeição, tornou-lhe Alberto, sem lhe dar resposta ás duvidas. Não me deixes entregue a uma incerteza que me supplicia. Dize-me que nunca amaste áquelle individuo...

Seguiam os dous comprida alea de frondosas arvores, cujas franças se tocavam, coando-se o luar atravez da ramaria. Rompendo prolongada pausa, indagou Van Diemen :

— Quando haveremos de gozar inteira liberdade? Vamo-nos, quanto antes, para o Recife...

— Já?

— Quero prender-te para sempre, sem detença. Não me has de deixar nunca mais, nunca mais !

Mas não fazes o que te peço...

— Ainda quer mais, senhor flamengo, senhor herege! quando arrisco a vida ou, pelo menos, a maldição paterna...

— Teu pae amaldiçoar-te por minha causa? Elle que tanto me estima... ha de preferir talvez aquelle...

— Homem intoleravel! Lá vêm os eternos ciumes! Deixa o pobre, tão longe daqui e de mim...

— E tão desagradavel...

— Nunca te disse que me desagradasse... tanto assim... como pretendes... ou imaginas.

— Mas o meu amor conta-me que a mim preferes...

— Fatuo !

— Não é fatuidade e sim pura justiça; que direitos lhe assistem, sobre ti, se desde tempo te adoro...

Grave expressão melancolica ennuviou a physionomia do moço :

— Tu te lembras bem dos annos de meninice? da temporada deliciosa que aqui gozámos juntos... tinhas quinze annos e eu dezoito ; como fui feliz !... a melhor epocha da minha existencia, neste Itaperande se escoou... tu me prometteste esperar para nos casarmos... eramos noivos... mas eu não passava de uma creança; obrigaram-me a voltar para a Hollanda com os outros prisioneiros de D. Fadrique... disse-te que dentro em breve viria buscar-te... parti desesperado e vivia a indagar de quantos encontrava, se haviam estado na Bahia se te haviam visto... tudo isso inutilmente, já se vê a computar os dias. Quando, senhor de minha fortuna me preparava para regressar ao Brazil, fosse como fosse, soube per um judeu, do teu casamento... minha familia te contará quanto soffri... como desejei morrer... e co...

mo... durante dous annos não fiz senão desesperar-me.

— Meu pae... eu era uma menina.

— Teu pae! já te obedecia cegamente quando daqui me fui. Não te lembravas mais de mim, nem dos juramentos solemnes.....

— D. Cristobal era muito cortez, muito amavel, explicou Leonor sorrindo, embora extremamente constrangida; prometteu-me fazer tudo o que eu quizesse; viajariamos sempre pela Europa toda; continuar a viver na companhia de meu pae, inerte, e de minha tia, que me tyrannisava, era um supplicio. Precisava afastar-me... lancei mão do unico meio ao alcance... paguei-o com um anno de detestavel memoria.

— E quando ficaste livre, que te pozeste a percorrer o mundo, que te custava, ao menos, escrever-me. Se até estiveste na Hollanda!

— Tinha vergonha de ti... se me não procurasses, nunca daria um passo para o teu lado.

— Pois eu que jurava esquecer-te, passado algum tempo... de repente... não podia mais viver... embarquei na esquadra do almirante Pater, decidido a matar-me ou a ver-te... sabe Deus o que arrisquei para cahir prisioneiro dos teus compatriotas...

Emfim! tudo isso passou e já t'o contei innumeradas vezes; a sorte deu-me grande compensação. Tratemos agora de assumpto serio... Vamo-nos, quanto antes, para o Recife. Ah Deus meu! que felicidade quando definitivamente me achar contigo na Hollanda! Verás como é linda a minha terra!... num instante aprendes a lingua.

— Deus me livre! uma algaravia horrivel! Seria optimo se eu depois falasse como um franduno (1).

(1) Franduno era o nome dado, em Portugal, aos que, após longa permanencia em Flandres, falavam, ao voltar á patria, arrevezadamente

Riu-se o hollandez :

— Nem tanto, minha querida, naturalmente ha cousas mais bellas... tú por exemplo... mas ouve-me com attenção : precisamos daqui sahir, já e já.

— Em casa de meu pae estamos em perfeita segurança.

— Vivo em continuo sobresalto... se o governador entender dever encarcerar-me por qualquer motivo?... Seria muito mais sensato se partissemos... teu pae me alcança a liberdade, facilmente, posso pagar forte resgate, vou a Pernambuco, obtenho um navio emprestado e venho aportar a qualquer destas praias desertas que nos rodeiam... á espera de ti.

— E se eu fosse para a Europa? lá nos encontrariamos; em Paris, por exemplo.

— Não! que me escaparias, insistiu Alberto, num tom de profundo convencimento.

— Que dirão de mim? fugir com um herege, inimigo dos meus e da minha religião?

— Ah Leonor? para que assim falas? Bem sabes que estou prompto a ser o que quizeres.

— Admiraveis convicções...

— Todas se resumem na certeza de que és a mais bella e a mais amada mulher do universo.

— Não fora o empenho que faço em te salvar do mal, pensas acaso que me occuparia contigo? Acho interessante poder vangloriar-me de ter convertido um calvino fanatico! Será mesmo possivel que em cousa alguma creias?

— Creio que,és linda.

— Ah a heresia! a grande destruidora da Fé! E porque não crês, Alberto?

Impacientou-se o neerlandez, respondendo com extrema rudeza :

— Em que ? em quem ? nos teus padres romanos que abominam a minha nação, sectarios da hedionda dominação hespanhola ? nos ministros, energúmenos, grosseiros, insupportaveis com as suas estupidas questiunculas e controversias, admoestantes e não admoestantes, encarniçados e implacaveis inimigos uns dos outros, uma corja que por um triz provocou a ruina da Hollanda ? Se os hespanhoes não estivessem tão fracos... não lhes seria difficil aproveitar o ensejo. O sectarismo roubou a vida a muitos dos meus, entre outros a meu pobre pae, assiste-me, por isso, pleno direito de odialo.

— Pelo teu retrato os teus predicantes são peiores...

— São uns santos os teus padres ! Não sabes o que fizeram em Flandres !

— Infamias, querido. Não acredites nos teus autores que são uns descarados mentirosos e implacaveis inimigos do catholicismo.

— São cousas tão conhecidas, meu amor ! olha vou mostrar-te toda a minha imparcialidade. Vê a que ponto chegam os disparates dos pastores... da igreja *triumphante* de Hollanda... acrescentou o rapaz, num tom de profundo odio...

Pois não ouvi do famoso Bickbeier, um dos seus luminares, que no dia em que o romanismo desaparecer soarão as trombetas do Juizo Final, pois a humanidade estará inteiramente regenerada !

— Forte tolo !

— Espera ! por outro lado, como heide prestar attenção a certo frade bruxellez, meu conhecido, que me garantiu que Bickbeier tem, desde muito, lugar marcado no inferno, por causa dessa sua doutrina, como se o demonio perdesse o tempo a castigar idiotas da sua ordem !

— Como são fracos os teus argumentos ! tão exque-

sitos! criticou Leonor, contendo-se para não applicar malsonantes epithetos ás esdruxulas ponderações do hollandez. Convence-te que se o tal predicante não se arrepender das blasphemias e calumnias estará irremediavelmente perdido.

— Oxalá o acompanhe a recua de berradores que tanto nos amofinam na Hollanda, com as suas praticas sandias! Gente perversa, feroz! O sanguinario Mauricio de Nassau queria poupar a vida a meu pae e, no entanto, não o pôde, impellido pelo synodo dos seus ministros. Disse-lhe o mais ouvido desses homens implacaveis: « Queres salvar a Cornelio van Diemen? poupar a Datan e a Coré juntos? para depois termos novamente a conflagração de Israel? Pois bem, escolhe entre nós e elle! »

— Entretanto apesar desse sangue — e sangue do teu pae — persististe na heresia!

Ah se podesses assistir aos sermões de um capucho o famoso Fr. Celestino de Catania, que ouvi pregar em Napoles! Asseguro-te que lhe não resistirias duas horas, abandonando logo a tua religião calvina, luterana ou não sei bem qual... Como rebatia os erros dos teus ministros! com que logica esmagava a tua gentilha, meu querido! « Mente quanto puderes, Calvinino! Ainda não mentiste bastante, Luthero! Menti hereges, que é esse o vosso officio! »

— Ora! nesse gosto ouvi cousa mais divertida em Antuerpia, de outro capucho: a descripção do duello travado no inferno, entre as almas de Calvinino e Luthero, a disputarem o valimento de Satanaz.

— Devia ter sido interessante...

— E era de ver-se como o bom do pregador, que pelos modos, parecia antigo militar e espadachim, berava: « talho e revez! ah cachorro! já te estripo! —

meio talho ! é agora miseravel ! já me engoles meio palmo de ferro ! — quebra ! botonaço ! » ao explicar as manobras dos dous ferozes adversarios.

Acaso julgas que não sei o que vale essa sucia de berradores do pulpito, de falsificadores dos Evangelhos?

— Cala-te! Não insultes pessoas sagradas! o que me consola é que te retractarás, pois ainda hei de ver-te converso...

— Quem ? eu ? Eu converso ? Eu papista ? Eu, Alberto Van Diemen ? escarneceu o moço exaltando-se progressivamente. Olha, Leonor... não sei explicar...

Suffocava de furor o impetuoso rapaz :

— A ideia de me tornar papista... de aceitar a religião dos assassinos hespanhoes e italianos que devastaram a Hollanda... dos algozes, dos miseraveis que escravisavam a minha patria...escalda-me o sangue de tal modo... Pois não sabes que nós outros hollandezes dizemos : antes — mil vezes ! — turcos do que papistas !

Cerrava nervosamente os punhos, contemplando-o Leonor enternecida e presa de incondicional admiração.

Meio vexado da explosão, addiu o moço a rir :

— Deixemos de vez esses assumptos tão desagradaveis, minha querida. Nada lucramos discutindo-os. Só quero que me affirmes que nunca cessarás de amar-me; farei, em troca, o que quizeres, menos... converter-me ao papismo, isso nunca ! Seria uma traição !

— Porque has de ser um calvino tão fanatico ? segredou-lhe Leonor, dominada pela sua energia e insistindo brandamente.

Hesitou o batavo um momento :

— Não sou calvinista... nem lutherano...

— Serás acaso anabaptista ?

— Que ideia !

— Tudo é possível ! Eis a que levam as heresias !
Acabaste impio...

— Impio nunca ! retorquiui Alberto, inflammado. Minhas crenças são de uma pureza extrema, de uma elevação inatingivel, tanto fora do alcance da tua religião adulterada quanto do das seitas grosseiras que predominam na Hollanda. Os que amam a Deus e á Sua Verdade, acima de tudo, os verdadeiros christãos a ella se filiam.

— Quem te iniciou nessas cousas tão perfectas ?

— Um amigo, polaco, antigo companheiro de armas, e homem da maior virtude, abriu-me os olhos, ha tres annos, para a verdadeira Luz Divina...

— Ah ? Que revelação !

— Hoje, apesar das admoestações e até ameaças de meus superiores, instigados pelo ministros — que odeiam a nossa Igreja, dia a dia crescer extraordinariamente nas Provincias Unidas — por toda a parte, proclamo e propago o meu credo, o unico realmente christão, o unico inspirado... o unico que os Apostolos pregaram... Quando eu t'o revelar has de ver como é sublime...

Por tanto, minha querida, não sou calvino como me chamas !

— Com certeza, suspirou a moça, pertences a alguma seita ainda peor.

CAPITULO XXVII

REVELAÇÃO

— Dize-me, Alberto, porque não has de ler o livro que te dei hontem, uma obra admiravel que pulverisa todas as falsidades de tua religião ? perguntava Leonor ao joven hollandez, fitando-o amorosamente.

— Como hei de tomara serio o tal bacamarte, quando, logo ás primeiras linhas, aſiança que Calvino antes de traçar qualquer escripto fazia evocações diabolicas. Estupendo !

— Mas é a pura verdade ! E ninguem a discute. Luthero num frenesi contra o Demonio, que lhe negava qualquer pedido exorbitante, um tinteiro ao rosto.

Riu-se o batavo :

— Os papistas inverteram o facto completamente. Vendo-se perseguido pelo Diabo varejou-lhe Luthero o tinteiro ás ventas.

— Assim é facil explicar as cousas... tu só acreditas nos teus heresiarchas.

— Como tú nos teus autores... Queres ainda que eu preste attenção a um livro que affirma gravemente a

existencia de um culto secreto a Satanaz por parte de todos os reformados !

— Pois quem o escreveu foi um bohemio que conheceu de perto todas as cousas hereticas. Traduziram-no para o italiano e ultimamente para o hespanhol e o portuguez.

— Isso não quer dizer nada ! Se eu por exemplo fosse acreditar nas patranhas dos ministros acerca da tua igreja...

— Pois va lá ! E aquella gente da Allemanha que se reúne em conciliabulos, nos subterraneos, mascarada e alta noute, para decretar a morte deste ou daquelle ? Não será protestante ? e não adora ao Demonio ? Ousa negalo se fores capaz !

Irritou-se Van Diemen :

— Como podes crer em asneiras desse quilate, tu que és tão intelligente ?!

Passeavam os dous, unidos pela cintura, falando baixo ao ouvido.

— Basta de controversias ! pediu Alberto. Tratemos de nosso amor.

— Contaram-me, relatou Leonor, contemplando embevecida o bello e masculino rosto do neerlandez, que tu sosinho fizeste frente a todos os nossos quando se deu a abordagem do teu navio... És um heroe... não temias então a morte ?

— Muito ! se eu queria ver-te ! Como poderia pois não a receiar, se, morrendo, a ti perdia...

Desferiu a moça argentina risada :

— Exactamente o que alguém se não cansava em repetir-me. Com elle aprendeste o comprimento ?

— Não me toques nesse homem não quero que me fales em semelhante...

— No entanto lhe deves a vida...

Enfureceu-se o batavo :

— Eu lhe dever a vida?! Isso é uma inverdade absoluta, uma infame invenção! Quem impediu que me matassem foi um official portuguez, uma especie de alarve cavalheiresco... Porque me has de lembrar esse individuo execrado... que eu desejaria matar? Bem sei que no fundo, apesar de teus protestos, muito o amas.... e que não o esqueces...

Quando me lembro que lhe pertenceste... não sei quanto tempo... terminou, rilhando os dentes com furor.

— Não, não fui sua, balbuciava Leonor, totalmente subjugada por essas demonstrações de intenso ciúme e energia. Nunca... nunca...

— Alem de tudo é um covarde! Vi-o ao saltar no nosso desmantelado e quasi deserto *Prinz Wilhelm*; vinha cautelosamente, procurando abrigar-se atraz dos dous companheiros, o que me queria matar e o outro, a quem me rendi.

— Isso é injustiça.

— Dou-te a palavra.

— Pois entre os nossos passa por verdadeiro paladino.

— Heroe! heroe! repetia Van Diemen, ironicamente.

— Meu leão! chamava Leonor apaixonada. Porque não me ouves?

— Ah! não recomeces! Nunca, meu amor! prefiro até perder-te... nem que depois acabe a vida.

— Sou eu que te não posso perder... tu és meu... ouve... tenho uma grande confidencia a fazer-te..

— Sim! Faze-ma já...

Após alguns minutos de silencio e recolhimento, como se a promettida revelação lhe custasse enorme esforço, começou Leonor, muito baixo e de modo syncopado:

— Quando te propunha... que abjurasses... estava a experimentar-te... porque... não sou papista... como dizes... Quero ser agora o que determinares... porque te pertença inteiramente...

Cahiram aos braços um do outro, conservando-se unidos largo espaço, sem se falar ; torvos de paixão, os olhos se lhes embebiam em reciproca contemplação.

— Quanto te custa, querida, tão grande sacrificio !

— Não ! respondeu-lhe Leonor, com voz quasi inteiramente sumida, e aos arrancos, como quem faz infamante confissão. Não nasci na religião romana... que não era a de minha mãe...nem a dos meus parentes.....

— Tua mãe ? inquiriu Alberto, sorpreso.

— Sim, tornou-lhe ella, cada vez mais constringida e humilhada, quasi não a conheci... restam-me della... tenues reminiscencias... era muito pequena quando meu pae me trouxe para o Brazil.. talvez a tivesse deixado com quatro ou cinco annos... mas me lembro bem do intenso odio com que se referia á religião romana, aos padres, como os amaldiçoava constantemente com as maiores pragas... Tenho vaga ideia que meu avô morreu num auto de fé.

— Estará ainda viva ?

— Ignoro ; nem sei, de todo, onde habitavamos ; meu pae, por mais que lhe pedisse, e ainda peça, recusa terminantemente adiantar-me uma unica palavra a seu respeito. Declarou categoricamente « de mim nunca saberás cousa alguma ». É por isso que o desprezo e detesto ! A unica pessoa que me informava era a minha velha aia, que, aos oito annos, vi morrer. Muito pouco me contara ainda. Por ella soube da existencia de uma irmã, mais velha do que eu dous annos... e que vivia com minha avó. Como desejaria ter conhecido a minha pobre Mãe, que adoro, apesar de tudo ! Tambem,

quando me vi livre, jurei calcar aos pés essa maldita religião que ella abominava... Em Amsterdão frequentei sempre a synagoga e instrui-me com o sabio rabbino Moysés de Castro... aqui..... não tenho remedio senão ir á igreja.....

Quero, porém, acabar para sempre com esse constrangimento e professar o credo dos meus. Eisahi...

— Como és linda! e como te adoro! declarou-lhe o moço, pondo termo ás penosas e humilhantes confidencias.

CAPITULO XXVIII

DESENLACE

Ficara Lorena entregue a uma forte preocupação com a visita da *duenã*, cuja attitude cheia de reserva lhe parecia prenunciar novas complicações, de natureza ainda difficil de definir.

Passou o dia a rememorar as numerosas peripecias da sua accidentada aventura ; quanto episodio desagradavel e penoso, de permeio com os periodos de expansões e retrahimentos ; quanto incidente doloroso!

Dessa perscrutação de sentimentos adquiriu a convicção de que só havia uma norma a seguir : recuar definitivamente ante o primeiro obstaculo que se lhe antolhasse, cerrar os olhos ao passado e varrer da memoria a lembrança atormentadora da sereia. A chegada da hora prescripta pela dama de companhia desvaneceu-lhe, porém, as sensatas intenções.

Ao pisar no saguão da casa da rua da Palma não lhe deu a velha tempo de reflectir ; travando-lhe da mão levou-o a uma vasta sala do pavimento terreo, cuja porta cuidadosamente fechou :

— Fez V. M^{ce} muito bem cá vindo. Aqui nos acha-

mos em toda a segurança e liberdade. Aliás está a casa deserta... Temos de sobra tempo para conversar.

Vou satisfazer-lhe o pedido, mas antes ha de jurar-me que nada contará, a quem quer que seja, do que vir e ouvir.

Fez Lorena um signal de acquiescencia :

— Jure, senhor official ! insistiu a creada grave até conseguir o que desejava.

— Quero preparar uma pequena composição maravilhosa para o abrandamento dos corações rebeldes... É admiravel ! e applica-se perfeitamente ao nosso caso. Justamente Leonor anda queixosa...

— Queixosa ? como assim ?

— Ciumes talvez... tem um genio tão singular... ha duas semanas me disse que não supporta pessoas submissas... Alguem que ame e rasteje ante o objecto de seu amor... no homem, diz ella, tal feição inspira-lhe verdadeira repugnancia.....

Mas, como lhe contava, a minha composição é de effeito segurissimo ; opera por sympathia... sendo indispensavel, porém, que o interessado mandante esteja presente... Na Europa varias vezes a empreguei com o melhor dos resultados...

— Ah !?

— Pois não ! Uma nobre dama de Madrid, desesperada com a frieza de certo mancebo, conseguiu, graças a mim, modificar-lhe os sentimentos.

Puzera-se o official a passear pelo quarto, mostrando muito pouco interesse pela sessão a que devia assistir, embora receioso de magoar a *dueña*. Abrira distrahidamente uma gaveta.

— Tenho ahi verdadeiras preciosidades, jactou-se a discipula de *Monna* Eurydice ; este minusculo calice de *licorne*, que, em Cordova, custou um dinheirão, esta

pedra de *porco espim*, preciosissima dadiva de minha mestra, este *grazilho*, soberano contra a peçonha, esta *pedra bazar*, optima contra ataques e congestões, etc.

Repare bem neste *Agnus Dei*; vale muito dinheiro!

Pertenceu a um rico mourisco, christão novo, habil feiticeiro que por hypocrisia o usava; queimaram-no em Granada; veja que o fogo ennegreceu apenas os bordos da fazenda, sem conseguir consumila, pela força dos sortilegios do tal nigromante.

Tomara o moço uma bolsinha de velludo e a examinava, achando dentro, outra, minuscula, contendo um papelucho:

— Por favor, senhor capitão! não leia! preciso justamente empregar agora essa reza...

— D. Hernandez possui, provavelmente, objectos subtrahidos a igrejas.

— Pelo amor de Deus, meu senhor! não diga isso de forma alguma; não sou feiticeira, oh! que horror!. Nunca fiz maleficios nem delles entendo... Santo Deus de misericordia! como é que V. M^o pode pensar em semelhantes cousas? Só por me ver dona de alguns inoffensivos amuletos?

— Estava a brincar, cara D. Giralda. Que vem a ser este dente?

— É o de um cigano, *zahoria* de grande sciencia⁽¹⁾, que, em minha terra, morreu na forca por ter assassinado a mãe... Feiticeira, senhor capitão! se eu não o estimasse tanto... acho que nunca mais lhe diria uma unica palavra...

Minha arte é totalmente livre de mescla com o Canhoto... Alli está a mais evidente das provas... Na-

(1) O *zahoria* era um adivinho cigano que via na terra e no corpo humano .. Para ser *zahoria* o individuo precisava ter nascido na sexta feira santa e ter os olhos vermelhos.

quelle saquinho pendurado á porta encontram-se a ar-ruda, o azeviche e o diamante : todos os tres são afugentadores do Maligno ; mais adiante... á esquerda.. junto ao quadro do Snr. S. Braz, suspendi os principaes e mais fortes esconjuradores do mau olhado, quer humano, quer diabolico : cebolas ao lado de uma cauda de lobo, um collar de coral vermelho e um chifré de cabra.

— E aquellas folhas seccas ?

— Uns ramos de *baccharis* que os italianos chamam *quanto di Nostra Signora* ; quando seccos ao luar são estupendos contra a *jettatura* ; nunca devem, porém, apanhar um raio de sol e precisam ser colhidos á meia noute, no dia de Finados, se houver lua cheia.

Comprazia-se a bruxa em descrever o seu arsenal :

— Nada, porém, como este pedaço de couro da testa de uma hyena ; esta figa que é oca e contem um liquido, preparado pelo celebre Giovanni Bruloto, contra a qual não ha quebranto que prevaleça...

— Mas afinal ! em que consiste a sua sciencia ? indagou Lorena, aborrecido. Todas essas maniversias tão extranhas são, mais ou menos, diabolicas.

— Diabolicas ! redargui a magica indignada. E se eu contar a V. M^{cd} que tanto receio a feitiçaria e os feiticeiros que, pouco antes de para cá embarcar, fiz rezar em Lisboa uma missa de Santo Amador ?

O que estudei em Florença foi pura e simplesmente a arte de adivinhar, de prever os acontecimentos. Sei trabalhar com a agua, os espelhos, os numeros, etc., e, sobretudo, com as cartas, por diversos methodos, italiano, hespanhol, cigano.,. que é o melhor... E se disser que até aprendi na Hespanha o *zairagiah* dos arabes ?

Mas V. S. está mais que enfarado dos meus falatorios. Vou preparar-me e já volto.

Resignado a ter paciencia ficara Lorena só, a esquadrinhar os diversos cantos da sala, cheia de objectos curiosos e estramboticos, desde o quadro da entrada onde no meio de chammas azues se debatiam almas esbaforidas sahindo do purgatorio (1) até uma velha e esquesita espada enferrujada, especie de yatagan, suspensa da parede do fundo, e cuja guarda grande prego sustinha.

A um recanto armazenava empoadada prateleira numerosos frascos e bocaes, contendo ingredientes da pharmacopéa coetanea, ao lado de outros não rotulados, ou antes, designados por symbolos alchimicos.

O *Azeyte de neve e de ouro* alli figuravam ao par do *Oleo de viboras*, do *Unguentum Apostolorum*, da *Agua de boca damnada*, do *Zmirax* e do *Vinagre Agregatino*.

Apezar da singularidade desses nomes não se espantou o official tanto quanto encontrando um frasco de mercurio, o viu designado pelo vocabulo *Alcharith*, apenso a mysterioso symbolo que se compunha de uma circumferencia, sustendo, na parte inferior, pequena cruz de braços iguaes, a que encimava invertido omega.

— Que formidavel bateria de venenos tem esta megera! pensou, abrindo cuidadosamente uma caixa de pós amarellados, rotulada : *Lunaria minor*. Como seria proveitoso dar-se uma devassa neste antro...

Voltara a *dueña* com ar preocupado :

— As cartas acabam de annunciar-me maus presagios, avisou soturna. Lancei-as a primeira vez e sahi-me o seis de espadas a indicar trahição da pessoa amada ; deitei-as cinco vezes mais e sempre espadas a

(1) Taes estampas, muito populares em Portugal desde o seculo XVII, foram inventadas pelo devoto Luiz Alvares de Andrade († 1631) que tambem instituiu a procissão dos Passos da Graça e cuja vida tinha um unico fito : « despejar o purgatori », dizia.

apparecerem! De uma feita as tres damas de ouros, paus e espadas! amar muito sem conseguir amor! futuro trevososo! Notando a incredulidade com que Lorena acolhia os resultados da manipulação, alias concordantes com as suas apprehensões, apressou a cartomante :

— Vamos agora á composição. Esta sim é infallivel. Começou a adivinha a armar uma especie de altar onde collocou diversos objectos exquesitos, nominas e veronicas, pequenas e grotescas estatuas de santos, algumas das quaes pareciam verdadeiros fetiches, frascos desarrolhados que pelo aposento espalharam almiscarado cheiro, tudo isto a cercar quatro candelabros, munidos de velas de cera amarella, e um fogareiro cheio de carvões ardentes sobre o qual repousava pequeno vaso de bronze em forma de sino.

— *Almifadir! Aquarius! Marnuh!* dizia a velha ao effectuar a mistura de diversos ingredientes retirados gradualmente da prateleira, entre a recitação inintelligivel de formulas cabalisticas, de que emergiam termos de latim barbaro.

— Como tudo isto custa caro! commentou suspirando. Trouxe V. S. a sua espada?

Passou-lha Lorena, curioso por ver em que daria o bruxedo; continuava a magica a murmurar as suas rezas e a esfregar a lamina da arma numa superelevação da improvisada ara. Fervia a mistura, chiando ruidosamente e desprendendo fortes emanções ammoniacaes; ajoelhou-se a *dueña* ante o recipiente pedindo ao official que outro tanto fizesse.

— Isto é demais, recusou elle. Assisto perfeitamente, desta cadeira.

Mostrou-se a velha contrariada, mas não lhe respondeu, enfiando com extrema devoção uma serie de orações e levantando-se, de vez em quando, para agi-

tar os elementos da composição com roliça bagueta de madeira branca.

Algun minutos mais tarde, fez signal de que queria a espada dependurada á parede.

Deu-lha Lorena e ella, tomando um panno molhado em oleo, começou a untar as duas armas, mergulhando-lhes as pontas no liquido fervente.

Finda a operação depositou-as em cruz sobre o altare, novamente de joelhos, pronunciou, vagarosa, a ler num pergaminho, entre tropeços e syllabadas, velando-se-lhe a voz aos poucos, de modo a acabar *indistinctamente* :

— *Libera me ab inimicis meis! respice me, indignissimam servam tuam.....*

Concluido o latinorio poz-se de pé e fez nova invocação, em attitude grotesca quanto possivel :

— O' aço puro, ó espada santa que já te banhaste cinco vezes no sangue humano e a morte deste cinco vezes! Tu que te tingiste com o sangue de um levita, transubstancia a invencibilidade á tua gêmea! Amen!

Beijando fervorosamente as duas laminas passou-as a bruxa ao moço a murmurar :

— *Libera me ab inimicis meis! Aarbatal! Aarbatal!*
Repete filho!

Não annuindo o moço, franziu a physionomia e começou a enxugar as armas num estofo em que Lorena, indignado, reconheceu um corporal, certificando-se então de que a pequena superelevação do altar era produzida por uma pedra de ara, provavelmente roubada, como o corporal, a alguma igreja.

— Isto não passa de abominavel sacrilegio! pronunciou, arrancando violentamente a adaga. Que significa essa torpe comedia?

— Torpe comedia? repontou a mulher, furiosa. Fique sabendo V. M^{ca} que lhe dei uma arma invenci-

vel, communicando á sua espada as virtudes desta minha, pois saiba mais que serviu para matar cinco homens, inclusive um padre, e ainda : por minha ordem traspassaram-na onze vezes no corpo de um parricida enforcado.

— Que tenho eu com tudo isso ?

Muito se exaltou a velha com a interpeção :

— Que tem? Agora pergunto-lhe : que especie de homem é V. M^{ca}? que philtro está a perturbar-lhe as ideias e a comprehensão das cousas mais evidentes? Então ainda ignora o que todo o mundo já conhece... não percebe?... Pois ouça lá... Leonor, cansada das suas eternas lamurias, entregou-se ao flamengo... ao tal Alberto...

Attingira a aia ao paroxysmo do furor :

— E tambem ignora a sua estada na cidade, desde hontem á noutinha... que o Snr. D. Fernando chega amanhã para prestar a fiança do herege... que o tal individuo deve ir para a Europa á espera de Leonor? Bellas novidades, Snr. capitão

E V. M^{ca} na sua eterna ingenuidade, a julgar-se segurissimo... E não fora eu... sua dedicada e sincera amiga.

— Não fora a Snra. D. Giralda Hernandez, minha boa e dedicada amiga! chacoteou o official, nauseado com a scena e decidido a assanhar-lhe as iras.

As desastrosas noticias deixavam-no inexplicavelmente calmo.

Não lhe percebeu a *dueña* a intenção e enthusiasmada mudando o tom do tratamento :

— Amiga sim! vossa verdadeira amiga! percebi as manobras dos dous, e, graças a mim, ides vencer. Podeis agora matar o calvino; entreguei-vos invencivel espada; sejam quaes forem os sortilegios de que disponha todos se quebrarão ante o aço puro desta arma. Vamos, segui-me!

— Mds para que, D. Hernandez ? para assassinar o calvino ?

— Para o matar, sim ! Então não sois um homem de brio ? Tirai-lhe a vida, meu senhor, e Leonor será vossa, para sempre. Desses actos de violencia é que as ciganas e as filhas de ciganas apreciam... Para ellas não ha como brutalisalas... bater-lhes de riço... ameaçar cozelas ás facadas... demonstrar-lhes ciúmes de fera... Fizestes o contrario, apesar de todos os meus avisos ; eis ahi o resultado : enxotou-vos e tomou o hollandez, que lhe rilha os dentes de furor quando lhe fala nos antigos amantes e por quem está completamente subjugada ; tal qual como outr'óra, durante quasi um anno, se deixou dominar pelo miseravel Belchior, que á sua custa vivia, e lhe fazia scenas horriveis, chegando a lhe dar pancadas. E se se livrou desse demonio foi graças a mim ! pois que deante d'elle só sabia tremer. No fundo, creio, morria de amores pelo bruto. Infelizmente, porém, o Snr. capitão Lorena entende que hade tratar uma mulher... Bem ! cuidemos do essencial, de vossa conquista definitiva do coração de Leonor. Se agora lhe apparecerdes, de repente, e mardes o homem, exultará de orgulho e satisfação... Para uma cigana não ha espectáculo que tanto embriague... nem cousa que valha uma lucta feroz entre dous homens que a disputem... Experimentai... de um golpe a dominareis para sempre...

— Quer então a Snra Giralda, que eu, á trahição, commetta um assassinio ? proferiu Lorena, cada vez mais tranquilo.

— Assassinio, não ! Vingança ! Desforço legitimo !...

Ouvi-me bem, senhor capitão : nunca conseguireis arrancar do peito esse amor que tanto vos maltrata ; a vida será para vós contínuo tormento... conheço per-

feitamente essas cousas... a lembrança de uma paixão infeliz, de trinta annos atraz, ainda hoje me faz soffrer muito... podereis passar alguns dias, alguns mezes, um anno que seja, sob a acção do resentimento... mas depois... o amor vos voltará, mais forte, sempre mais forte, tão violento que vos converterá a existencia em verdadeiro inferno... eu sei o que são os homens de vossa tempera : heroes nos combates e timidos cordeiros ante a mulher amada... Custa-vos agora tomar uma decisão que vos parece indigna, baixa — embora não o seja de todo — quereis mostrar-vos superior aos sentimentos que vos sangram o coração, pretendeis suffocalos ; ouvi bem : ao vosso soffrimento de todos os instantes não alliviará o balsamo da vingança...

Estacara o moço ante a ardente peroração da velha, surpreso com esses argumentos, cuja verdade bem reconhecia.

Interpretando favoravelmente tal perplexidade, proseguiu a *dueña*, exaltadissima :

— E depois, senhor Jorge de Lorena, attendei que por vossa causa muito tenho padecido.

Sabendo o hollandez que eu era a vossa confidente, agarrou-me aqui, neste quarto, e espancou-me cruelmente, deu-me innumeradas vergastadas, esbofeteou-me.

E Leonor, minha filha querida, está de tal modo entregue ao herege que, por cima de tudo, ameaçou despedir-me, injuriando-me de modo atroz.

Faiscavam-lhe de odio os olhos :

— Mata-o, rouquejou, mata-o como um cão damnado ! Nada receies, és um leão e... a tua espada está benta com uma oração fortissima... desde o primeiro golpe o derribarás... não o poupes...

Emquanto luctares recitarei uma prece milagrosa

Fica sabendo ainda que os movimentos lhe ficarão pesados e pouco firmes : não lhe tivesse eu cozido, no forro do gibão, duas pennas do papo de uma coruja branca, morta á meia noute do dia d e São Bartholomeu com faca de prata...

E' agora a hora ! estão juntos... abraçados... a passear no jardim... vaes surprehendelos... mata-o fulminantemente... e não temas as consequencias... Atira-se lhe a carcassa á rua... como a de um bruto empestado... quem faz conta da vida de um flamengo, de um herege? Morreu? Lança-se lhe o corpo áo monturo.

Acompanhara Lorena a vingativa dama de companhia que, empunhando uma lanterna, sahira para o saguão, mais calma.

— Vou levar V. M^{ce} a certo lugar onde tudo assistirá, disse-lhe ella, semi-sorridente e como a prelibar a scena do encontro dos dous rivaes ; no momento que julgar opportuno saia do esconderijo e assalte, inexoravel, o calvino.

Parecia indeciso o official.

— Não ha perigo possivel, tranquilizou-o a *dueña*, attribuindo ao medo tal irresolução. Depressa, não ha muito tempo a perder ! Depressa, meu senhor ! Se não for hoje, nada mais se faz : amanhã chega o Snr. D. Fernando...

— Ah ! gritou a megera, subitamente, como se novo e forte argumento lhe acudira ; acima de tudo praticará V. M^{ce} um acto admiravel de caridade : imagine que hoje ouvi a conversa dos dous : propunha Leonor ao rascão tornar-se calvina !

Encaminhou-se Lorena para a porta da rua, dando volta á chave, operação que demorou certo tempo pelo estado de aperreamento da fechadura.

Após alguns instantes de estupefacção, percebendo a manobra, tentou a *dueña* deter-lhe o passo :

— Não te deixo sahir ! não foges, melro ! ameaçou, apoiando o corpo sobre o batente. Estás seguro, meu rico ! Tu és o meu leão e não te deixo sahir ! Agora has de te bater com o sujeito... quer queiras quer não !

Olha, se eu der um grito, não muito forte, elle apparecerá immediatamente e então...has de brigar ! Um terá de morrer...

Parecia allucinada, com a face contrahida, os olhos esbugalhados, a ranger os dentes como um animal feroz.

— Não tenhaes medo, senhor capitão, advertiu mudando de aspecto, ao notar certa quietação do moço produzida pela surpresa. Vingai-vos e vingai-me ! Lembrai-vos de que os dous, agora, estão aos braços um do outro...

— Se não me deixares passar.....

— Pois mata-me ! Soccorro ! Aqui d'El Rei ! Soccorro ! guinchou a mulher, com todas as forças.

Segurou-a Lorena e, dando-lhe um safanão, atirou-a ao solo ; desembaraçado do debil impecilho, pôde abrir a porta, sahindo á rua.

— Covarde ! Villão ! injuriava-o a velha, atravez de um postigo. Bem diz o flamengo que não passas de um immundo covarde ! que não tiveste animo de o enfrentar ! que te escondeste quando atraz de ti correu, a bordo do teu navio !

Estacara o apostrophado ante a saraivada de insultos.

— Imbecil ! eterno imbecil !

Vigliacco ! poltronaccio ! Ci ha mostrata la tua vigliaccheria ! La paura te agghiaccia il sangue nelle vene ! Sei un gagliofaccio ! Un disprezvole sfacciato ! Fuggi

codardo ! mentre il tuo rivale, il tuo sprezzante baccia la amica tua ! gritou-lhe a megera, por ultimo, num impulsivo movimento de inaudita colera (1).

Caminhando lentamente, recolheu Lorena á casa um tanto atordoado mas a sentir grande distensão de nervos e incipiente impressão de bem estar.

Ao deitar-se assignalou aquelle dia como o do desfecho absoluto da sua unica e atormentada aventura de amor, irreductivelinsomnia obrigou-o, porém, a recordar nas longas horas de vigilia da interminavel noute, todos os dolorosos vexames provocados pela longa escravisação áquella a quem tanto e tanto amara e agora, subitamente, lhe parecia tão degradada, polluida, prostituida... Acudiram-lhe persistentes as palavras da *dueña* acerca do seu amor.

— Acabado ! Morto !... uns mezes?... um anno ?

(1) Grandissimo poltrão ! Acabas de mostrar a covardia. Gela-te o medo o sangue nas veias ! Es um fanfarrão ! um ascoroso desbriado ! Foge covarde, enquanto o teu rival, o teu desprezador fica a beijar te a amante !

CAPITULO XXIX

O ARRAIAL

Desastroso correra o anno de 1632, para as armas luso-hespanholas.

Guiados pelo transfuga Calabar, haviam os hollandezes conseguido romper o bloqueio que quasi os obrigara a abandonar a conquista estendendo-se lhes o circulo de operações a uma vasta zona em que o saque e a devastação tinham sido exercidos com incrível ferocidade, apezar da resistencia tenaz, opposta por Mathias de Albuquerque e os seus heroicos guerreiros.

Assim pois, dia a dia, se acentuava no espirito dos pernambucanos o desanimo decorrente do insuccesso das operações militares, e, a despeito do horror que lhes inspiravam os invasores, tão diversos na lingua, nos costumes e sobretudo nas crenças religiosas, já se inclinavam alguns ante a ideia de uma accommodação com o regimen de liberdade e tolerancia religiosa acenado, em successivas proclamações, pelos governadores batavos.

O partido da guerra a todo o transe impunha, porém, o seu modo de pensar e ninguem, abertamente,

ousava alludir a um accordo com os conquistadores, desde que Mathias promettera a morte a quem com elles procurasse tratar.

Trouxera o alargamento das depredações neerlandezas verdadeiro exodo de refugiados ao Arraial do Bom Jesus, centro da resistencia nacional, a elle recolhendo centenas de familias, sahidas de seus lares ante a imminencia de assalto e roubo, ou já despojadas pelos inexoraveis mercenarios da Companhia das Indias Occidentaes.

Sob sinistros presagios entrara o anno de 1633; nos primeiros dias de Janeiro, viera a noticia da tomada do Rio Formoso, abater, ainda mais, os acabrunhados pernambucanos, embora muito lhes excitasse os sentimentos patrioticos o heroismo sem par com que Pedro de Albuquerque, e os seus vinte companheiros, haviam resistido aos seiscentos assaltantes do fortim.

Escasseavam, e muito, os recursos do Arraial, agora constantemente ameaçado pelos batavos.

No meio de calamitosas emergencias despontara o domingo de Ramos, ouvindo, dos pregadores, a população consternada do Bom Jesus, severas palavras vaticinadoras de novos e terriveis males, fortes castigos que o Ceu insatisfeito faria pesar sobre aquelle povo rebelde á penitencia.

Grande piedade, no emtanto, animava a maior parte dessa gente afflicta e perseguida; certo grupo se conservava arredo, porém, ás praticas religiosas, circumstancia essa que, sobremaneira, indignava os sacerdotes escandalizados.

Commentando recentes successos, discutia animada roda de officiaes, na manhã de Quinta Feira Maior.

— A meu vêr, explicava Estevam de Tavora, um dos mais valentes capitães de emboscada, todos os nossos

ultimos revezes provêm — exclusivamente — da vinda do Donatario de Pernambuco, e, sobretudo, desse maldito Bagnuolo, que, em tão má hora por cá appareceram. Maior peste não nos podia Castella remetter; antes houvessem chegado ao Recife cinco mil flamengos!

Desde que aqui se metteram tudo desandou. Quanta gente, e da melhor que tinhamos, já se não retirou de entre nós por causa dos insultos e insolencias da cafila do Donatario e do San Felice! E quanta já se não teria ido, não fora a amizade e o respeito dedicados ao senhor General? Como não devem os hollandezes saborear a sizania, que entre nós cada vez mais cresce?

— E o proprio Bagnuolo os traz bem informados asseverou um official.

— Isto é calumnia que se não deve repetir, contestou, frouxamente, alguém.

— Calumnia?! haverá neste acampamento quem ainda duvide da sua correspondencia com os chefes flamengos? Sob o pretexto de retribuição de presentes e finezas chegam-lhe, nos cestos de fructas, muitos e bellos florins de ouro de lei.

— Ouvi contar, acudiram, que, dia e noute, faz o tal Caetano, o seu creado de confiança, continúa guarda a uma grande canastra, pesada como um penedo (1).

É um trahidor, vendido aos inimigos!

— Não avançarei cousas tão graves, ponderou Tavora, mas indiscutível é que muito melhor fôra a permanencia, em Portugal, desse inutil e desasado Dona-

(1) Os primeiros passos de Bagnuolo em Pernambuco, levianos e imprudentes, tornaram-no suspeito de suborno aos hollandezes e lhe crearam, durante annos, fundas animadversões até que a sua herolca defesa da Bahia contra Mauricio de Nassau viesse angariar-lhe geral confluência e admiração como coroamento de uma serie de feitos em que se comprovara a sua lealdade a toda a prova.

tario ; ficasse ao lado da mulher, já que nem sequer conseguiu do Sogro, Governador do Reino, algumas centenas de bons soldados.

— Muito mais vale o Bagnuolo...

— Com effeito, graças aos talentos militares de tão illustre cabo de guerra, já perdemos Iguarassú, Itamaracá, a ilha e umas tantas boccas de fogo, de que fez presente aos seus bons amigos os flamengos.

— Italianos ! sentenciou um alferes, Deus nos livre delles !

— Italianos e hespanhoes, diga-o meu caro.

— Isso não, divergiu Estevam de Tavora. A proposição é injustissima... Nenhum de nós ousa contestar o valor do sargento-mór Lucio Orilla, por exemplo. O proprio Bagnuolo é um bravo, não ha duvida....

— Pois por mim, afianço-o com a maior intereza de espirito, desejaria ardentemente que todos os hespanhoes, italianos e napolitanos se bandeassem para o inimigo, como ha mezes o illustre discipulo de Spinola : o grande Spigliotti.....

— Que diabo farão os hollandezes com semelhante peça ?

— Dizem que escreveu do Recife, a não sei quem, satisfeltissimo ; ganha muito, tendo-lhe os flamengos dado serviço na guarnição da cidade.

— Eis ahi um exemplo que o nosso glorioso Giovanni Vincenzo di San Felice bem devia imitar, para proveito proprio e sobretudo nosso.

— Que te não ouçam ! enunciou alguém, que do grupo se acercara. Caro pagarias a intemperança do voto !

— Diga-me, Snr. Padre Manuel de Moraes, replicou viva e acrimoniosamente o advertido. Que distincções ou recompensas recebemos nós até hoje, nós que

desde o principio da guerra, tantas miserias e perigos temos supportado? e, no emtanto, nos vemos espezinhados, vilipendiados, cobertos de injurias e injustiças por esses recémvindos da Europa, que nada ainda fizeram, e tudo merecem e obtêm?

— Nada tambem mais justo ha! chasqueou o jesuita; os filhos da colonia não podem pretender aos favores a que os europeus têm direito.

— Porque?

— Porque? É boa! Porque não são europeus.

— Perdão, Padre! objectou alguém. Isso é verdadeira intriga. Na minha qualidade de reinol...

— Julgas acaso, meu caro alferes, retrucou irado o clerigo, que nós, os filhos desta terra, não estamos cansadissimos da tyrannia que nos domina?

Não fôra herege o hollandez e Sua Magestade Catholica experimentaria a fidelidade de seus subditos de Pernambuco!

— Aliás, reforçou Estevam de Tavora, de que nos serve, a nós portuguezes, combater os flamengos? Repellir um senhor para conservar o que já temos... tambem intruso... Isso de ser subdito de Hespanha..

— Cá por mim; não sei, declarou um official, mas a falar a verdade... quando os hespanhoes levam alguma boa esfrega rejubilo, mesmo quando com isso nós outros soffremos.

— E como se accomoda a vossa Fé Catholica? estругiu o vozeirão de Fr. José de Sant'Agueda que, seguido dos inseparaveis Jorge de Lorena e Simão de Gouveia á roda se incorporava.

— Ah, Padre! tambem só ella!

— Assim não pensa, Fr. José? interrogou o Padre Moraes sorrindo.

— Penso, respondeu gravemente o freire de Christo,

que a causa de nossas desgraças reside unicamente na impiedade.

Nesta Quinta Feira Maior muito pouca gente vejo guardar o respeito devido á santidade do dia, numeroso grupo de officiaes.... a discutir cousas humanas e malignas e... ainda mais...

— E um padre discorrendo sobre os mesmos assumptos, não é o que V. R. ia dizer? adiantou Moraes ironico.

— Então, hoje prega V. R. ! noticiou afouto Simão de Gouveia, procurando impedir que a conversa proseguisse naquelle terreno.

— E qual o thema? investigou curioso um dos presentes, a sorrir e piscando os olhos ao vizinho da direita.

— Ah meus amigos ! expandiu-se o religioso, com o entusiasmo que o agitava quando lhe tocavam na balda predilecta, hoje haveis de ouvir certas phrases de exordio, realmente... exquisitesas. *

Não me quero gabar, mas, desde já, afianço que, todos, ficareis estarecidos com a minha invenção.

— Pois aposto, senhor Padre, que não hade ser melhor do que aquelle sermão por V. R. proferido no dia de quarta feira de cinzas, do anno passado, na Bahia! Que lindo *conceito* (1) contraste vehemente e soberbo !

— Deveras ? inquiriu Fr. José, grato e sorridente.

— Tanto que lhe decorei o exordio : V. R. depois de haver encarado com a maxima arrogancia e insolencia a assembleia, desde o Governador até o ultimo dos peões bradou: *Vós todos que aqui estaes, sois os cavallos do Demonio* !... Levantou-se a assistencia, num movimento irreprimivel de indignação... ahi explicou

(1) Influenciados pelas extravagancias da oratoria sacra italiana muito apreciavam os pregadores dos seculos XVI e XVII provocar a surpresa pelo contraste violento dos argumentos e sua explanação.

V. R. num tom de immensa humildade : *E eu tambem o sou, meus irmãos; sim ! porque nós todos somos peccadores e Santo Agoslinho diz : Peccatori æqui diaboli sunt!*

— Perdão, interrompeu Moraes, melifluamente, a citação é de São João Chrysostomo.

Enrubescendo fortemente, rectificou Fr. José, muito estomagado :

— O lapso não foi meu e sim do narrador.

— Então perdoe-me mais esta vez, rogou o reparador, com um riso impertinente.

— Não ha motivo para desculpas. A emenda é muita justa para quem de cór sabe, não só as Escripturas como toda a obra dos Santos Padres.

— Mal e mal ! como quem estudou com o Padre Mestre Santa Maria, tambem professor de V. R...

Fr. José, que não apreciava discutir, tratou de passar a outros assumptos.

— Espero sobretudo, com a minha apostrophe, conseguir que alguns impenitentes se decidam....

— Qual será ? qual será ? procuravam averiguar os curiosos.

— Paciencia, meus amigos ! Haveis de ver !

— Mas qual ?

— Vereis ! vereis ! Nada de precipitações. Será cousa totalmente nova, tão inedita quanto impressionadora.

— Quem ouviu V. R. pronunciar o seu bello sermão de São Sebastião, no Rio de Janeiro, desde já avalia a belleza desse exordio, rematou, escarninho, o Padre Moraes.

Estava o freire, porem, de tal modo embevecido com a ideia do seu próximo triumpho oratorio que pouca attenção prestou á perfida referencia.

CAPITULO XXX

O SERMÃO

A espera do officio de Endoenças, enorme multidão apinhava a igreja do Arraial.

Militares e milicianos, ecclesiasticos, colonos com as suas familias, mulheres e creanças, escravos, negros e indios meio civilizados, comprimiam-se dentro do templo, formando a mais heterogenea das assembleas, em que, numa curiosa escala de vestuarios, a semi-nudez dos pretos e dos indigenas se contrapunha aos ricos trajos de algumas senhoras pernambucanas, resquícios daquelle luxo que outróra tanto excitara acerbas aggressões de pregadores e chronistas.

Tosca, muito tosca, ás pressas construida, constava a igreja de um grande telheiro onde, alem do altar-mór, havia duas aras lateraes, ornadas com as imagens que algumas pessoas piedosas tinham conseguido subtrahir á sanha dos calvinistas iconoclastas, por occasião da tomada de Olinda.

Fôra Lorena collocar-se ao pé do pulpito, impaciente por ouvir o tão annunciado exordio e receioso que elle não correspondesse ás esperanças do pregador ou motivasse desagradaveis reparos.

Assegurara-lhe este que a sua escolha causaria pasmo, contentando-se com explicar o motivo dessa estupefacção : a violencia dos contrastes, processo tão ao sabor da epoca.

Começara a cerimonia ; de joelhos, ante o altar mór, recitava o Vigario Geral, Gaspar Ferreira, os psalmos da penitencia, alternando com dous acolytos numa melopéa sombria e grandiosa, que a entrada de varios personagens grados perturbou um pouco, distrahindo a attenção dos que ouviam as angustiadas expressões do canticó davidico.

Principiara depois a missa, celebrada por um beneditino de cabellos niveos, tropego e vagaroso e cujos diacono e subdiacono eram dous outros religiosos.

Ao Evangelho, no meio de geral curiosidade, surgiu ao pulpito a marcial figura de Fr. José.

Persignando-se, contemplou durante largos momentos a multidão ; ao encontrar os olhares de Lorena, compoz a physionomia, cerrou o sobreceño e, concertada a garganta, deixou, com toda a lentidão, cahir do valente peito as estentóricas notas :

— *Christenen !*

God Almachtig, in zyne plotselinge slagen, herinnert, aan onze ellende en zwakheid, hoeveel de mensch, op de aarde, waard is ! (1)

Na assistencia aturdida, prestes a acreditar que o pregador enlouquecera subitamente, verdadeiro assombro provocaram estas insolitas phrases.

Com os olhos flammejantes, saboreava Fr. José a facil victoria :

— Oh prodigiosa casualidade ! Portentoso acaso ! Sahe-me dos labios, em palavras de uma lingua geral-

(1) Christãos ! Por meio de subitos golpes lembra Deus Omnipotente á nossa miseravel fraqueza quanto vale o homem na terra !

mente empregada para a blasphemia e o insulto a Nosso Senhor Jesus Christo, a Sua Mãe Santissima e aos Seus Santos, o argumento de um sermão destinado a catholicos ! E sahe-me insensivel, espontaneamente ! Qual a causa de tão prodigiosa coincidencia ?

· Será porque o aspecto desta congregação mais lembra rebelde conciliabulo de lutheranos ou damninho conventiculo de calvinistas do que uma assembléa de fieis da nossa Santa Madre Igreja ?

Sim ! porque se hoje houvesse batalha com os heresges quantos dos que neste arraial vivem, não iriam avolumar o numero dos subditos daquelle que, conforme nos ensinam as Sagradas Escripuras, dia e noute nos cerca, como um leão rugidor, á procura de carniça ?

Rugirá Satanaz de odio e desespero ao reconhecer a inefficacia dos seus meios de perversão de nossas almas ?

Não ! Sua voz, neste momento é o brado de alegria, com que, nas trevas, acolhe a chegada dos seus paladinos, os heresiarchas, o urro de jubilo que ribombou nos infernos quando por lá foram apparecendo Luthero e Calvino e a sua corja pestilenta de discipulos.

Nestas occasiões, como diz o psalmista, tanto range os dentes de alegre que quasi os desfaz em estilhas.

E qual o pretexto desse diabolico contentamento se não o espectaculo do nosso campo, baluarte da Igreja contra a heresia, tão sómente porque os invasores de Pernambuco não são de nossa raça nem falam a nossa lingua ?

— Emfim, irmãos. vivei como quizerdes ! proseguiu Fr. José, num energico gesto de quem se escusa a responsabilidades.

Vivei como viveis e atormentai depois aos pobres padres, quando alguma boa cutilada vos houver aberto a cabeça até aos miolos ou certo pelouro se vos tiver alojado no corpo, varando visceras e despedaçando ossos.

Então ahi gritae : Padre, acudi-me ! Padre, confessai-me depressa ! Não me deixeis morrer sem confissão, Padre !

E eis o pobre do padre, afflicto ao ultimo ponto, mal ouvindo a confissão de um para correr a outro, moribundo e apavorado com a visão da outra vida ; eilo procurando incutir o arrependimento a uns e a esperança a outros. Um supplicio !

Homens desprevenidos e temerarios que sois ! Sempre os mesmos !

O vanas hominum mentes (1) ! exclama um dos Santos Padres...

— Lucrecio ? contestou agudo timbre, indagando zombeteiramente, do seio da multidão.

Produzira o aparte grande reboliço, certo murmurio confuso em que se destacavam risos abafados.

Estiravam-se os pescoços, á procura do apartista ; a principio livido de indignação, enrubescera depois o pregador a ponto de parecer na imminencia de um insulto apoplectico.

Completo silencio se restabelecera no auditorio que esperava, ancioso, a replica do freire quando, do lado de fóra, subitamente reboou enorme vozeria :

— Os flamengos ! Os flamengos ! Ahi vêm os hereges ! Indescriptivel tumulto incontinenti se fez ; abandonavam os fieis a igreja, em tropel, procurando abrigar-se á sombra das fortificações do Arraial.

(1) O homens de espirito vão !

No meio da tremenda algazarra destacavam-se surdos ruidos de longinquoas detonações.

Em minutos ficara o templo deserto; pretenderam debalde algumas pessoas introduzir certa ordem entre os fugitivos; atroavam os ares o estridente alarido do mulheroio aterrado e os toques accelerados de cornetas e tambores, que, a postos, chamavam a guarnição do forte.

Dirigiram-se Lorena e Simão para o pulpito, onde, como alheio a tudo, Fr. José se conservava.

— Não foi outro o meu perfido contestante senão o Padre Moraes, affirmou-lhes o freire, exasperado.

— Disto não se trata agora; fujaamos quanto antes: daqui a alguns minutos talvez não haja mais tempo.

Na igreja entrara um soldado, esbaforido e semi desatinado, que se poz a relatar graves noticias: estava o Arraial prestes a ser assaltado por todas as forças dos batavos.

Ouviam-se fóra novos gritos de terror, dezenas de individuos passavam a correr, desvaireados, clamando misericordia.

A communicatividade do panico arrastou aos poucos que ainda se conservavam calmos: aproveitando o momento, Lorena, Simão e seus companheiros forçaram Fr. José a acompanhalos, abafando-lhe os irados protestos.

— Quem sabe se hoje me não encontro, cara a cara, com o tal flamengo que, em tão má hora, salvei das estoçadas de D. Francisco? lembrou Simão ao amigo.

Muito me agradaria poder reparar o mal feito...

— Deixa-o, pediu Lorena, extremamente constrangido e acanhado.

Vinte minutos maistarde, assomavam á porta da igreja alguns pelotões da vanguarda do coronel neerlandez

Lourenço Rembach, attonita contemplando a soldadesca o singular aspecto do templo deserto e dos sacerdotes que continuavam a celebrar a missa.

Titubeante, tremulo, como que vergando ao peso dos paramentos, com a sua debil e roufenha voz de septuagenario gaguejava o Canon o velho bento, como se nada de anormal houvesse perturbado o curso das ceremonias do officio de Endoenças.

CAPITULO XXXI

AO SERVIÇO DA COMPANHIA DAS ÍNDIAS

Parados á entrada, quiçá commovidos pela magestade da scena ou pela intrepidez dos protagonistas, deixavam-se ficar algumas dezenas de soldados da Companhia das Índias, curiosamente assistindo á missa.

Subito, porém, investiram portas a dentro, incitados por novo bando que chegara, e, approximando-se do officiante, começaram a insultalo e a lhe dar maus tratos, arrancando-lhe as vestes talaes, emquanto alguns outros depredadores profavam os toscos altares.

Cavalgando esqualido rossinante, no meio da igreja, proferia um dos invasores blasphemias a flux; ao pulpito subtra outro, fingindo arremedar os pregadores catholicos, num sermão obscenissimo recheiado de macarronico latim e applaudido com estrondosas gargalhadas.

— Wilhelm ! vai dizer missa, rapaz ! para que esses comedores de pão vejam como é que se faz, convidou o cavalleiro a um soldado.

— É o que pretendo, annuii o interpellado, que num instante se puzera nú, e, paramentando-se grotesca-

mente com os despojos dos celebrantes, caminhará para o altar.

— Bem se vê que o demonio andou no seminario. Vestiu-se tal qual estes patifes de tonsurados.

Divertia-se um francez com uma estatua da Virgem :

— Anda mulher! Grita « morra o Papa! » Olha que te ponho em cacos.

Continuavam os sacrilegios de toda a especie ; mostrando pequeno frasco contendo oleo, observou um dos saqueadores :

— Parece que, á missa, bebem os papistas azeite.

— Pois é optimo para os sapatos, avançou outro, derramando o liquido sobre o calçado.

Manietados, esperavam os dous religiosos que lhes dessem a morte; fechar os olhos ante o vandalico e sacrilego espetaculo era a unica resistencia que oppunham.

— Graças a Deus! murmurou o beneditino; tudo podem profanar, menos o Santissimo Sacramento do Altar. Pela furia que mostram, ha com certeza no meio delles algum renegado.

— Que estão ahí esses cães a resmungar? indagou um dos assaltantes. Olá, velho! tú que gostas do Deus pão, toma mais este pedaço!

Assim dizendo, procurava, ás punhadas, introduzir na bocca da victima uma codea de pão duro, que da mochila sacara.

— Deixa o velho, pediram-lhe. Está morrendo em pé.

— É isso! perdoa-se a essa canalhada de papistas e tonsurados e o resultado é a gente por ella ser devorada.

— Á saúde do Papa! propunha o soldado, que fazia de celebrante. O vinho é pouco, mas dos melhores!

— Não estará envenenado? Agora mesmo, pareceu-me ver um dos tonsurados fazer certo sortilegio.

Subito entrou na igreja um individuo de grande e desgrenhada guedelha ruiva, com ares de illuminado, que, ao ver ainda intactas, sobre os altares, algumas imagens furibundo esbravejou, em tom de cantico :

— « Os idolos das gentes não são senão prata e ouro, obras de mãos de homens ».

Interrompendo o psalmo, verberou, possesso de ira:

—O' homens de fé morta, reformadores de zelo apagado, ainda não queimastes, não reduzistes a pó e a cinzas as estatuas de Dagon e de Baal?! essas torpes e diabolicas invenções da Babylonia romana?!

— O Snr. ministro Tieghel, acatavam, com o maximo respeito, os increpados.

Enternecido com a presença do predicante a elle se abraçara um allemão, completamente embriagado, a urrar-lhe ao ouvido um psalmo lutherano.

Desvencilhando-se do amplexo, após violento debater, aprumou-se Tieghel e proferiu em tom inspirado :

— Israel! é assim que agradeces a victoria que o Senhor te concedeu?

Obedecendo ás instigações do predicante e rugindo imprecações, como se subitanea epilepsia os convulsionasse, atiraram-se os soldados sobre as imagens que, em minutos, reduziam a estilhas.

— Cospe aqui que escapas da morte, prometeu um dos mercenarios, apresentando ao velho benedictino pequena estatua de santo.

— Então não queres mesmo cuspir, trovejou, dando-lhe no nariz formidavel murro que ao chão o atirou sem sentidos, correndo-lhe o sangue aos golphões. Ao outro religioso haviam-n'o arrastado fóra da igreja: em detestavel portuguez, vehementemente o exhor-

tava Tieghel que abandonasse a malicia romana e o sacerdocio de Baal.

— Tenho grande curiosidade a satisfazer, exprimiui o velho soldado ruivo de physionomia patibular, que, durante alguns instantes, celebrara o simulacro de missa. Serão com effeito os pés dos tonsurados como os do demonio? Assim, pelo menos, muita gente conta.

— E' tão facil! tornaram-lhe. Descalça o frade e verás...

Ajoelhando-se, começou o curioso a puxar, com tanta brutalidade, o pé do monge que lhe fez recobrar os sentidos.

Interveio um sargento, impacientado :

— Não é que o traste do velho está de novo a rosnar? Isto assim não acaba, Diedrich! espera um pouco; vou fazer um serviço rapido!

Descarregando com a alabarda dous tremendos golpes nas pernas da victima, decepou-lha a direita, á altura do joelho, levantando-a para lhe tirar o sapato.

— Que perna dura! secca como um pedaço de pau!

Antes fosse este diabo franciscano ou capucho, que, com as suas sandalias, me poupava tamanho esforço.

Provocara a reflexão gostosas risadas.

Descalço o pé, notaram os verdugos que nelle nada havia de anormal.

— Vejam como mente o sargento Codd; ainda ha dias teve a audacia de affiançar-me que os pés dos tonsurados são como os dos bodes, garantindo havelo visto muitas vezes, relatou o executor do beneditino.

— Meu caro, convence-te que isto é a pura verdade, sustentou outro homem, com o aspecto de inspirado. E tambem, de uma vez para sempre, que, graças a um pacto com Satanaz, podem os tonsurados mudar, á

vontade, a forma dos pés; a natural, porem, é como a dos bodes.

Só na noute de Natal é que quem os surprehender descalços lhes descobre a verdadeira feição das chancas.

— Imbecil! retrucou-lhe Diedrich. Como é que se pode acreditar em caraminholas desta ordem?

Querem conhecer a minha opinião, franca e simplesmente? Pois lá vai: os pastores pouco mais valem do que os padres papistas: talvez até sejam estes mais valentes.

— Que absurdo!

— Cala-te, animal! Sou capaz de apostar vinte florins contra um, como Tieghel não aguentaria a decima parte do que esta velha carcassa de frade supportou. Não fora o culto secreto que os papistas tem pelo diabo que é quem lhes impõe a adoração dos idolos, conforme tantas vezes pregava o ministro de minha terra — esse sim era um verdadeiro santo! — eu seria muito homem de me tornar papista e até tonsurado!

— Tu! ah! ah! ah! é boa! Um borracho, devasso, assassino, ladrão.....

— Eu sim! repara com o tal padre, a quem Wilhelm cortou a perna, não gemeu uma só vez; parece que ainda por cima o abençoou.

— A benção de um fradel rangeu Wilhelm, cuspindo de nojo. Estou perdido! Acabou-se me a sorte no jogo e em amores.

Falando, porem, em assumptos serios, de que nos serve arriscar o pello no assalto ás igrejas do Brazil, mais pobres que o santo varão Job? Esta, por exemplo, que pocilga!...

— Ainda ao menos se todas fossem como as da Bahia...

— Grande cousa, com effeito! Uns mosteiros mise-

raveis, vergonhosamente pobres! O que nos valeu um pouco foi a pandega com a fradalhada.

O meu pobre primo Adriano, que era um gaiatão, quanto nos divertiu com a descripção do processo que applicou a dous dos taes frades : felos engulir, a titulo de purgativo, os proprios dentes, mettidos para dentro, com o auxilio de monumentaes murros ! Pobresinho ! acabou tão mal! os hespanhoes o enforcaram... quando fomos expulsos da Bahia.

Revivendo alegres momentos, narrou o bandido :

— Cousa impagavel foia gritaria que um dos masmarros fez, quando levámos o cavallo do tenente Evers a beber agua na pia da igreja! E as ameaças do velho, que urrava como uma fera enjaulada, vendo-nos degolar o idolo de mulher do altar grande! Uma troça estupenda! E a gente a malhar a torto e a direito, com vontade!

— Nenhum de vocês jamais viu, nem verá, o que eu presenciei, vangloriou-se o feroz Wilhelm.

Ora falar em conventos do Brazil! aqui só ha immundos pardieiros de frades, tão arrebetados quanto os mais famintos ratos de sachristia do mundo inteiro, pobres diabos que só tem agua para beber !

Falem-me da Allemanha, da Bohemia, sobretudo ! Alli sim, vale a pena! que, de dous em dous passos, se encontram mosteiros, immensos e riquissimos! com uns vinhos ! que vinhos ! que vinhos !

Ah bom tempo que não voltará! em que eu andava, com o grande Mansfeld, a pelear com os papistas. Aquillo é que era uma boa escola de formação de soldados. Quanto incidente divertido!

Certa vez, na Franconia, parámos perto de um convento de mulheres; prohibira o general, expressamente, que as visitassemos...

— As freiras em geral tinham maus vinhos, observou um beberrão. Os dominicanos de Waldkirch, esses sim! que adega! Quando me lembro de certo johannisberg sinto os olhos rasos e a guela secca...

— Bem! Bem! cala-te! intimou Wilhelm, impaciencado com a interrupção.

O meu capitão, bellissima pessoa, mais tarde assasinado pelos papistas de Wallenstein, estava louco por ver as tenras avesinhas engaioladas no convento.

Mas com Mansfeld não se brincava e, para não arriscar a pelle, teve de inventar um plano; inculcando-se secretamente papista mandou pedir hospedagem á abbadessa, promettendo protegela. Cahiú a velhota na esparrela e aceitou a offerta do official, que levou para o mosteiro, no seu sequito, trinta rapazes, alegres como poucos e bem dispostos a um bom divertimento.

Apenas nos enxergaram as raparigas comprehendiram o logro e correram para a igreja, aterradas, pondo-se a rezar umas cantorias tetricas e chorosas.

Nós, tambem, enchemos a nave, esguelando-nos com umas boas cantigas anti-papistas. Dei o signal com a nossa alegre « ó Papa vem beber á kermesse », entoando os allemães o seu eterno *Wein, weib und gesang* (1).

Pouco depois, chegou o rabequista que ajustaramos e fomos então, com toda a delicadeza, convidar as meninas para a dansa. Principiou o baile, que gritos soltavam as coitadinhas! uma cousa impagavel! como choravam e pediam pelo amor de Deus que as deixassemos! Deliciosa patuscada!

(1) Vinho, mulheres e musica, celebre cantiga bacchica allemã do tempo da Reforma.

Mas ahí é que houve o diabo : de repente, quando a festa começava a animar-se, surgiu o *rittmeister* von Greile, a mandado de Mansfeld, a quem, no auge do desespero, recorrera o mulhierio e não lhes conto nada: foi um horror !

Não tivera tal fé de officio e não sei como escapara o nosso capitão. Quanto a nós, apanhámos rijamente; couberam-me quinze chibatadas e eu já era primeiro soldado antigo, em vespas de promoção a *speisade*.

É por isso que não posso ver frade ou freira que me não acuda terrivel impeto de lhe saltar ao gasete.

— E frade não morre assim tão facilmente, garantiu um soldado. Só se estiver desprevenido.

Lembro-me na Bohemia de um, já muito velho e derreado, que, após cincoenta pranchadas — e das boas — estava perfeitamente fresco. Admirado com o caso, o nosso sargento revistou-o, tirando-lhe, de sob o habito, uma especie de saquinho onde havia certas invocações diabolicas; pois fiquem sabendo que, apenas lhe tomaram o tal bruxedo, entrou o masmarro em agonia. Casos destes, houve-os e muitos !

— Casos em contrario, vi-os ás dezenas, riu-se Wilhelm sinistramente, e casos em que tomei parte.

Assisti a muito tonsurado ficar sem fala, pouco depois de começar a dansa... Emfim ! essas superstições são tão estupidas que nem é bom nellas falar. Vocês são uns idiotas em acreditar em taes asneiras.

Esqueci-me de contar que, não obstante o triste final da nossa historia com as freiras, ainda assim pude tirar, de um idolo da igreja do convento, um grande pedaço de magnifico velludo, que deu lindo vestido para a amiguinha que eu então sustentava.

Ah bons tempos ! quantas riquezas me escorreram

pelos dedos, quando o nosso exercito atravessou a Bohemia, a Baviera, a Alsacia, tudo levando a ferro e fogo !

Ah não fora eu mãos abertas como sou ! ah mulheres, mulheres ! quanto me custastes !

Hoje poderia possuir regular fortunasinha e honradamente viver em minha terra, a cultivar tulipas, como qualquer burguez negociante de Amsterdão. Em vez dessa boa vida tenho que andar, como animal bravo, a correr pelos mattos do Brazil atraz de negros, indios e portuguezes, e sempre sem vinho !

Isso não é vida ! Como me arrependo da minha falta de juizo !

Tambem, já jurei, heide sahir rico da America ; os portuguezes terão de dar-me as camisas e o couro até, se preciso fôr.

— Para fóra ! todos ! ordenou, á porta da igreja, imperiosa voz, obedecendo os soldados, apressadamente, ao energico mando.

Aspero, poz-se um joven cavalleiro a interrogar ao sargento, apontando um dos religiosos, estendido no chão, de bruços :

— Que significa esta debandada ? Quem assassinou aquelle homem ?

— Não creio que tenha morrido, senhor capitão, explicou Wilhelm, respeitoso. Parece-me apenas que tomou algumas chibatadas ou pranchadas.

— Não queria gritar « Morra o Papa ! » allegou um soldado.

— Quem os trouxe aqui ? proseguiu o official furioso. Como é que se separaram da columna ?

— Viemos com o tenente de V. S.

— Ah ! Shoutman ! aceitou o moço com o maior desprezo. E onde está elle ?

— Numa daquellas casas... alli... a trezentos passos...

— Bebedo... completou o sargento, de modo atrevido.

— Cuidado com Van Diemen ! recommendou-lhe um camarada. É uma fera !

— Sargento, ameaçou Van Diemen, a gaguejar de co-lera, eu deveria, pela desobediencia e banditismo, mandar encostar-te áquella parede e metter-te dez balas no corpo ; não ! para faccinoras da tua laia seria demais, não mereces mais que a forca. Reune a companhia e já ; logo ajustaremos contas...

— Senhor capitão, invocou um veterano, releve algumas faltas a estes homens, pelo muito que aqui tem soffrido, longe da patria e sujeitos a privações de toda a especie ; esta campanha que estamos pelejando é horrivel...

Alem de tudo, qual o bom reformado que, após tantos maus tratos, pode ter paciencia com esses malditos padres papistas, implacaveis inimigos da igreja de Deus ?

— Logo falaremos, perimiu o official, já disse... Acaso pensam vocês que me rebaixe a commandar covardes assassinos e ladrões ? Felizmente posso allegar que ha tres dias, apenas, tenho esta companhia.

Nesse interim apparecera, cada vez mais agitada, a exotica personalidade do ministro Tieghel.

Avistando ao official foi-lhe logo desfechando, sem tirtre nem guarte, e no seu mais apurado estylo apocalypticico, uma saraivada de apostrophes e insultos, que entre ambos denunciava rixa velha :

— Babylonio que te intrometteste entre os eleitos Vibora alliada ao grande dragão vermelho ! Que vens fazer aqui, salamandra ? Que machinação tenebrosa contra a igreja de Deus te preocupa ?

Olha, Alberto Van Diemen, tú és peor do que os prelatistas, os erastianos e os antinomianistas ; se fosses adepto das horriveis heresias de Arminio serias melhor ; chego mesmo a affirmar que tão ruim te não achara se professasses a idolatria dos papistas !

Contentou-se o aggreddido, como resposta, em mostrar ao aggressor risonha physionomia. Passara-lhe a colera, como por encanto.

Enfurecido com essa flagrante demonstração de pouco caso, vociferou o predicante :

— Relapso ! apostata ! renegado ! lobo vermelho, fardo da terra ! Impio sectario do satanico Lelio Socinio, o grande reprobó italiano ! Eis o que tu és : atheu ! atheu !

— Isto é injustiça, motejou o injuriado.

— Atheu ! atheu, sim ! e tua gente, tua corja, tua canalha de correligionarios se compara aos touros furiosos de Bazan ; os maleficios que os quatro demonios atados ao grande rio Euphrates hão de fazer, no fim do mundo, serão menos consideraveis que os da tua infame seita.

— Ainda bem ! assim, quando escaparem os quatro demonios, ninguem lhes admirará as façanhas...

Fóra de si, poz-se o pastor a urrar :

— Discipulo de Socinio !... candidato a Tophet ! como todos os que seguem as horrendas doutrinas do heresiarcha de Sienna (1) !

Aliás, não era para menos, pois pertences á semente damninha de Cornelio Van Diemen. A vibora teve a cabeça esmagada, mas deixou filhotes que precisam ser exterminados.

(1) O socinianismo propagara-se com enorme rapidez nos Paizes Baixos, apezar da vehementissima opposição dos gomaristas recém-vencedores dos arminianistas.

— Está bem, interrompeu o ameaçado ; basta de sandices e dá-te por feliz que te não corte a cara com este chicote, por falares de meu pobre pai que tu e os teus assassinastes. Não comprehendes o que dizes é o que te vale, senão pagarias os insultos. Ganha o teu dinheiro e deixa-te de zelo hypocrita.

Confessa : aqui ninguem nos ouve ; tu não acreditas nas patacoadas que, por dever de officio, andas a impingir ! Anda lá, confessa, dou-te cem florins se o fizeres...

Voltando-se para o sargento, reiterou-lhe o official :

— Reune a tua gente e incorpora-te ao batalhão do major Huyghens. Conversaremos depois...

Pondo o cavallo a marchar, e a largo passo, deixara Van Diemen ao predicante entalado, e suffocando de indignação e furor.

— Estás mal parado, disse então Diedrich a Wilhelm. E o que te salvou agora, ainda, foi não ter o capitão entrado na Igreja. Imagina se encontra o frade sem perna ! ai deti ! já estavas, neste momento, enforcado pela certa. Lembra-te de Jacob Hast, por muito menos, por elle fuzilado em Iguarassú, apezar dos rogos de officiaes graduados. E o que pede, alcança ! Não sei onde conseguiu tanta influencia ! Será graças á fortuna da familia?

— É um infame trahidor ! desabafou o sargento, roxo de furor e transido de medo. Não viste como o ministro lhe chamou nas ventas : papista ! idolatra ! e não sei mais quanta cousa. Tenho certeza de que secretamente é papista ; converteu-o a amiga, a tal brasileira. Já me deve dez açoutes ; breve m'os pagará.

— Pois agora, meu velho, dá-te por muito feliz se escapares só com algumas dezenas de beijos do calabrote.

— Sim! uivou Wilhelm, com camaradas como tú, que tudo denunciavam aos superiores !

Inesperadamente aggreindo o propheta de suas calamidades subjugou-o o bandido, e, assentando-lhe os joelhos sobre os hombros, afoutamente poz-se a procurar o punhal á cinta, para lho embeber, entre as espaldas.

— A mais ninguem trahirás, rugia, a cavallo sobre o contendor, que na terra se espolinhava.

Como, porem, demorasse em sacar a arma, acudiram alguns dos camaradas que, a custo, conseguiram tiralo de sobre a victima.

Levantara-se esta, livida de terror, estarrecida com a rapidez da scena em que quasi deixara a vida.

Tomando o arcabuz, e proferindo sanguinarias imprecações, afastou-se Wilhelm dos subordinados, e perdeu-se entre as moutas da varzea.

CAPITULO XXXII

O ASSALTO

A noticia da aproximação do inimigo panico terror causava á população do Arraial do Bom Jesus ; impetuosamente se espalhavam, em gritos, pelo povoado homens e mulheres, allucinados, com isso augmentando a perturbação das tropas.

Ordenara Mathias de Albuquerque o immediato fechamento das portas da fortaleza, embora muita gente ainda, em altos brados, de fóra, pedisse asylo.

Graças á energia do General serenou o tumulto, movendo-se a guarnição a esperar, nas trincheiras, o embate dos assaltantes.

Umás após outras, chegavam as más noticias ; do engenho de Francisco de Brito fugira, com grandes perdas, e após ligeira escaramuça, uma companhia de emboscadas, falando os dispersos em cinco, oito ou dez mil homens, que a tanto computavam o inimigo.

Haviam os hollandezes sahido do Recife, com o total de forças disponiveis, dividido em tres columnas.

— Lembremos bem a todos os nossos o que se deve esperar desses adversarios ferozes de quem nunca recebemos quartel ! Ainda ha cinco dias, assassinaram ao

pobre D. Manuel de Eça que já se tinha rendido, recordava Mathias.

— Agora mesmo, acabam de informar-me que os italianos de Hortensio Ricci foram degolados, corroborava Duarte de Albuquerque ao irmão.

A todos os pontos levava o general o reconforto da sua presença, exhortando soldados e capitães a cumprir o dever; preso pela gotta a uma cadeira, nem por isso deixava Bagnuolo de o coadjuvar nessa emergencia perigosa, fazendo-se transportar de um lado para outro das fortificações.

Percebia-se, das trincheiras, o incendio ateado nas casas, que os malaventurados italianos de Ricci haviam procurado defender, quando, na Varzea, desembocaram as primeiras linhas das columnas invasoras, e, pouco depois, todo o exercito, dous a tres milhares de homens, cujas armaduras e capacetes resplandeciam ao sol do estio, sob as bandeiras tricolores das Provincias Unidas.

Ao flanco esquerdo do exercito, marchava numeroso esquadrão de cavallaria, em cujo centro se destacava o general, rodeado de garboso estado-maior e a examinar, com um oculo de alcance, as fortificações inimigas.

— Infamia! profligava Fr. José. Nem o dia de Quinta Feira Maior respeitarem! Com certeza isso é obra do Calabar! Mas que belleza de formatura! expendeu, dando largas á admiração pelas cousas militares.

Era, com effeito, magnifico o aspecto daquelles regimentos, sobretudo o da cavallaria.

Verdadeiro espirito de temeridade parecia animalos; enganado pelas informações de Calabar contaria o Coronel Rembach que os portuguezes se rendessem sem oppor resistencia, apavorados ante o bellico apparatus

dos adversarios, ou desprevenidos, graças á santidade do dia ?

Certo é que, sem dar um só disparo, se detiveram os batalhões neerlandezes á distancia de tiro de mosquete, das boccas de fogo inimigas.

— Soprem as cordas ! Fogo á primeira voz ! ordenaram, simultaneamente, capitães e condestaveis, em toda a extensão das trincheiras, ás linhas de mosqueiros e ás guarnições das peças.

Acompanhando formidavel surriada de mosquetaria, subitamente se despejou, dos canhões do Arraial, verdadeiro furacão de metralha.

Aos brados de surpresa e confusão dos alvejados, responderam freneticas aclamações dos portuguezes, continuando as baterias a vomitar continuo vendaval de morte.

Dissipando-se a fumaça, viram os defensores do Bom Jesus quão avultadas haviam sido as perdas do inimigo ; grande desordem lavrava em suas fileiras, sobretudo no estado maior do Coronel Rembach.

Atropeladamente, batiam os hollandezes em retirada, debaixo dos clamores de triumpho dos vencedores que continuavam a lhes lançar novas descargas de fuzilaria e artilheria.

Mathias de Albuquerque, e a sua roda, commentavam a tão rapida quanto inesperada victoria.

— É de crer que tenham perdido algum personagem de vulto. Talvez até o proprio general.

Fr. José exultava :

— Eis ahi uma dessas occasiões em que, de modo inilludivel, se revela a Divina Providencia. O facto de desferirmos tão facil e tremendo golpe no poder dos hereges não é senão o castigo da abominavel profanação do dia de hoje.

— Naturalmente foram inspirados pelo mestiço, emittiu Mathias.

— Aproveitemos esta occasião unica, Snr. General ! Saíamos com todas as nossas forças que aniquilaremos os calvinos, supplicou Lorena, ardentemente. Hoje Pernambuco se liberta ! Vêde como se dispersam e fogem ! Podemos exterminalos !

— Uma sortida ! Uma sortida ! reclamavam de todos os lados. Se lhes cahimos em cima estão perdidos. Têm muita gente no chão, e correm aterrados...

— Acaba-se hoje a guerra, prognosticou Lorena. Marchemos com todas as forças, afim de impedir que passem de novo o Capiberibe ; d'aqui a pouco, com a maré enchente, já não poderão fazelo e então não escapará viva alma !

Um trovão de applausos acolheu a audaz proposta.

— O nosso pobre Lorena está voltando ao que era, observou Fr. José a Simão... Sahiu da apathia em que, ha um anno, vive.

— A arrastar o fardo da vida... e a offercelo em vão em troca de alguma bala ou de alguma cutilada, como até agora tem feito.

— Graças a Deus ! está curado... O mau sonho se dissipa...

Embora inclinado á ideia da necessidade de uma sortida em massa, ponderou Mathias :

— Não é prudente empenharmos todas as nossas forças numa só cartada. Parece-me que as companhias da Varzea dispoem de meios sufficientes para causar enormes danos ao inimigo.

— Não se trata mais de os batermos e sim de os aniquilar totalmente ! expendeu o official, cada vez mais inflammado.

Mathias, que sentia dezenas de olhares chammejantes

cravados nos seus, enxergava em todos os rostos a anxiedade pela annuencia á projectada sortida ; contemporisar seria provocar a indisciplina, tão exaltados estavam os animos.

— Perdemos precioso tempo, Snr. General, e unicamente por causa de V. S, ousou dizer impetuosamente um mancebo.

Carregado por quatro soldados, numa cadeira, aproximava-se Bagnuolo. Visivel movimento de antipathia, senão de hostilidade, acolheu-o.

Sem lhe prestar attenção, começou o cabo italiano com vehemencia :

— Snr. General ! acudi com a maxima rapidez, que o meu estado de invalidez presente permittia, para impedir que V. S. consinta na sortida geral. É uma insania ! Os hollandezes têm, á rectaguarda, grandes contingentes de reservas. Sahiram do Recife côm, pelo menos, cinco mil homens, garantiram-me os capitães Domingos Bezerra e Estevam Alvares, que os enfrentaram no Paraná Mirim ; ora, aqui appareceram, quando muito, dous mil da vanguarda ; os demais estão emboscados em diversos pontos.

— Não tem um unico soldado mais, alem dos que até cá chegaram, affirmou Estevam de Tavora.

— Cale-se ! ordenou-lhe Bagnuolo. O que os flamengos fizeram não passa de vulgarissimo estratagema, que apenas lhes custou um pouco mais do que contavam, talvez, e só pode embaçar aos inexperientes nas cousas da guerra. Suppunham perder cincoenta ou cem homens ; matamos-lhes o dobro ou o triplo ; arrisquemo-nos, porém, a sahir das fortificações, que, fatalmente, cahimos no laço. Assisti a identico ardil em Flandres, quando o Conde de La Fuente defendia o forte de Schencken.

— Snr. Conde de Bagnuolo, disse o Donatario arrebatado, V. S. reflecte, neste momento, como um homem que, ha oito dias, está entrevado pela gotta, a soffrer insupportaveis dores.

Enrubesceu o Conde, fortemente, tanto mais quanto percebera em todas as physionomias o vivo prazer causado pela apostrophe.

— V. S. com o seu prestigio de cabo de guerra... respondeu abespinhado.

— Tudo arriscaria ! sobretudo se acerca das minhas intenções pairassem duvidas...

Intensa alegria illuminou o rosto dos ouvintes; afflicto com a feição que ia tomando a controversia, interveio Mathias, reprehendendo ao irmão :

— Se não estevesse fora de ti, mandaria que te retirasses. Tudo o que o Conde adduz é o fructo de procedentes e abalisadas ponderações. Quem, como elle, serviu em grandes campanhas, sob as ordens de illustres generaes e conhece todos os recursos da estrategia...

Interrompeu-o Bagnuolo, com dignidade:

— A' insinuação cruel que me foi feita — quando não me posso mover, é bom que se o note — respondo concitando a V. S., Snr. General, que mande trancar todas as portas e que a ninguem, sob pena do arcabuz, deixe sahir. Não nos entreguemos, de pés e mãos atadas a quem nos arma tão grosseiro laço ! nem queira V. S. assumir a responsabilidade terrivel a que se abalança, a de fazer cahir o principal baluarte da nossa resistencia.

Parecia o Conde conseguir o intento ; aceitara o General o alvitre dictado pela prudencia, apesar do borborinho que dentre os officiaes se levantara, murmurio em que sobresahiam as vozes de covarde e covardia.

— Ha ou não ha sortida ? interpellou Duarte de Albuquerque ao irmão. Será possível que se deixe perder uma occasião como esta ? só pelos temores do Snr. Conde de Bagnuolo ? Emquanto aqui estivemos a discutir, os flamengos, provavelmente, tiveram tempo de reformar as linhas.

— Mais um motivo para que se abandone, de vez, tão imprudente ideia, replicou Bagnuolo, tenaz.

— Mais um, tambem, para que El Rei agradeça a. V. M^{te} o beneficio prestado, com a eternisação de uma campanha que hoje poderia ter findado...

— Para os defensores de Pernambuco...

Temendo que do estado de exacerbamento de animos proviesse algum desacato ao general napolitano, determinou Mathias :

— Agora com effeito, não devemos mais pensar em sortida. É tarde...

Rebellou-se a assistencia contra o veredicto, em gritos indignados. Adeantando-se, annunciou Lorena :

— Vou reunir a minha companhia e tentar perseguir os hollandezes, Snr. General. Ao voltar fará V. S. de mim o que quizer.

Essas palavras electrizaram os circumstantes ; apezar de novos conselhos, instancias e até ameaças de Bagnuolo não pôde Mathias soffrear os capitães de emboscada que, com enthusiastico jubilo, reuniam os commandados, partindo em demanda da rectaguarda batava.

Pela porta principal das fortificações por onde, minutos antes, passara Lorena com a sua gente entrava compacta mó de populares, acclamando avelhantada matrona, carregada em charola e parecendo muito pouco satisfeita com a manifestação, pois procurava desvencilhar-se dos admiradores.

Completava o cortejo um homem montado em pello num burro, com a cara voltada para a cauda da alimaria, e sustido por dous alentados marmanjos.

— Que será isso? informou-se Mathias, surpreso e curioso.

— Viva a Jeronyma Mendes! Viva a nossa padeira!

Veio essa allusão ao conhecido episodio de Aljubarrota esclarecer o pretexto do triumpho.

— Temos então uma heroína?

— E das mais respeitaveis, Snr. General! asseverou um dos manifestantes. Dizem que quando os flamengos tomaram a ponte, depois de ter degolado os italianos, a Jeronyma matou dous que lhe entraram em casa, ás machadadas, ao passo que o marido, o barbeiro, se escondia sob uma cama.

Continuavam os applausos:

— Viva a Jeronyma! Fóra o barbeiro! Fóra o maricas do barbeiro!

— Vamos trocar-lhe as calças por saias! aventou estridente timbre feminino.

Freneticas adhesões alcançou a ideia, e, instantes depois, apesar dos rogos e protestos do pobre figaro, haviam-lhe passado uma anagua, o que provocava o mais grotesco dos contrastes, graças á exuberancia de seiva capillar, em virtude da qual a natureza o dotara com formidavel e magnifica barba negra.

A Mathias e seu sequito se achegara a onda popular, prorompendo em estrondosa ovação.

— Viva o Snr. General! acclamavam em todos os tons e de todos os lados, com o maximo esforço dos peitos entumescidos.

— Morra o *Banhólo*! ensaiou, de repente, uma mulher.

— Morra o covarde! Morra o trahidor! Fóra o vil-

lão ! ajuntaram outras, a alguns passos do Conde, que empallidecera muito.

Deu-se então verdadeiro desencadeamento de insultos e apodos :

— Trahidor ! Aleivoso ! Covarde ! Vendido aos he reges ! Quanto te pagaram ? Cobraste caro ao menos ?

Bagnuolo, muito pallido, encarava as megeras furibundas, que faziam menção de lhe atirar lama e pedras.

Ordenara Mathias de Albuquerque que as dispersassem.

— Deixae-as que gritem, Snr. General, aconselhou San Felice levantando os hombros. Gritem, á vontade ! Attrahira o tumulto a um franciscano, de ascetica figura.

— Que vem a ser isto ? admoestou rudemente. Será este por acaso o modo de agradecer a Deus tão estrondosa victoria ? e tambem o de catholicos guardarem a tarde de Quinta Feira Santa ?

Produziu a apostrophe immediato effeito, afastando-se a túrba no maior silencio.

CAPITULO XXXIII

A PERSEGUIÇÃO

Á testa de uns cem homens, Lorena e Simão de Gouveia eram dos mais ardorosos a perseguir os holandezes, que, debandados e possuidos de panico, se espalhavam pela Varzea do Capiberibe, em todas as direcções; breve attingiam a igreja onde a furia se lhes redobrou á vista das profanações do templo e do assassinio do velho beneditino.

— Não ha quartel ! A ninguem se poupa ! era o brado geral.

Ao bando se ajuntaram diversos cavalleiros, e não tardou que alguns retardatarios, das columnas atacantes, fossem acoissados; muitos delles, sentindo-se em perigo, chegavam, no auge da precipitação e do desespero, a lançar ao solo as armas, para redobrar de velocidade na fuga.

— Perdão ! perdão ! repetiam gutturaes vozes teutonicas, asperas gargantas slavicas, pronunciando as duas syllabas portuguezas.

— Não ha perdão ! lembravam os chefes, e os soldados, ao lhes ouvirem a inexoravel senha, justiçaavam

os supplicantes, alguns dos quaes rojados á terra, com as mãos alçadas, para pedir a vida.

Dentre os fugitivos, mais atemorizados que os holandezes, corriam vertiginosamente varios negros e indios, certos de tremendo castigo, premio da defecção, se fossem aprisionados.

Intensa, communicava-se a todos a embriaguez do sangue; sentiam-se os dous amigos arrastados pelo appetite da carnificina quasi tanto, talvez, quanto os broncos soldados, a quem o desenfreamento da selvageria estampavamos rostos reflexos deloucura, em contraste manifesto com a feroz impassibilidade dos indios alliados.

Tomados de vertigem, dos labios lhes cahiam incisivas ordens :

— Matem ! Acabem com todos ! Não poupem a ninguém ! Matem !

E assim se cumpriam as implacaveis determinações; tombavam os fugitivos que, rendendo-se, esperavam commover os detentores, ou, quando alcançados, imploravam misericordia, desesperadamente.

Augmentavam, cada vez mais, a desordem e a grita dos holandezes; uma turbamulta desvairada, era o que restava do magnifico exercito que se apresentara ante as trincheiras do Arraial, e agora, na maior confusão, procurava transpor o Capiberibe.

Lorena, cuja tropa se avolumava constantemente, estremeceu de jubilo, lembrando-se da batalha que se ia ferir com os retardatarios, e já dispunha a sua gente para a refrega, quando bem ordenada columna surgiu inopinadamente, assaltando os perseguidores.

Foi rude o embate, cedendo os portuguezes.

Lorena e Simão, lado a lado, combatiam.

Subito, muito surpreso, chamou este a attenção ao amigo :

— Vê! quem commanda os flamengos é o mulato que, na Bahia, quasi assassinou a D. Francisco.

— Calabar! não é outro. O companheiro do Padre Moraes!

Com effeito, um mameluco herculeo, montado em possante cavallo, incitava os hollandezes ao combate, com violentas vozes de mando, conseguindo suste-
r o choque dos adversarios e proteger a passagem do rio pelos fugitivos da sua parcialidade. -

Sempre em ordem, retirou-se a columna hollandeza, pausadamente, até desaparecer aos olhos do inimigo a quem inculcava verdadeiro respeito.

Furioso, reformara Lorena a sua companhia, preparando-se para seguir ao encalço do mestiço, quando lhe appareceram uns soldados trazendo prisioneiros, entre os quaes, o algoz do beneditino, o sargento Wilhelm, a fazer enorme berreiro, e a clamar por misericordia, em todos os tons.

— Snr. capitão Lorena... disse alguém.

— Lorena? repetiu, ancioso, o faccinora, em cujas patibulares feições, decompostas pelo terror, veio luzir um raio de alegria e esperança.

— Senhor capitão Jorge de Lorena?! chamou a seu turno, pronunciando muito mal o portuguez.

— Que queres? respondeu-lhe o official, em flamengo.

— Salve-me a vida, senhor capitão! eu posso contar a V. Ex^{cia} muitas cousas... acerca do capitão Alberto Van Diemen e de D. *Eleonora*.

Perturbara-se o moço com a inesperada confidencia.

— Sei que o nome de V. Ex^{cia} é Jorge de Lorena, continuou o sicario com extraordinaria rapidez, como receiando não ter tempo para expor as razões que lhe deviam salvar a vida.

Muito ouvi repetirem esse nome : Jorge de Lorena... no meu serviço de ordenança do capitão... depois, promoveram-me a sargento.

Sei tambem que, em tempo, teve V. Ex^{cia} muito amor á mulher que elle foi buscar, á Bahia, num navio cedido pelo conselho. Tudo isso era muito conhecido, no Recife ; lembro-me do capitão Spigliotti referir-se, por vezes, a V. Ex^{cia} e á paixão inspirada pela tal sujeita.

Van Diemen e ella brigavam dia e noute... questões de ciumes... e lá vinha o nome de V. Ex^{cia} á baila,.... como elle é muito violento quem pagava as favas era eu... bofetadas, levei-as sem conta, injustamente...

E elle amava a sujeita loucamente... é incrível como a amava e quanto padeceu !... porque cá entre nós, a rapariga é bonita... mas não passa de uma perdida... para mim não servia.... que me arriscava a virar o juizo... mulheres dessas, livre-me Deus !

Bem fez V. Ex^{cia} enxotando-a.. ah ! ah !

Ria-se o bandido, contrafeita e nervosamente, torturado pela horrorosa inquietação que o dominava.

— Como fez bem ! Como V. Ex^{cia} andou sensatamente ! Sujeitas dessa ordem só por dias... posso relatar certo facto, que commigo se deu...

— Basta ! deteve-o Lorena nauseado..

Recomeçara Wilhelm a tremer, batendo os queixos num movimento irreprimivel.

— Ouça-me, V. Ex^{cia}... que se não hade desgostar, supplicou, fazendo repugnante visagem.

Um bello dia partiu ella para a Europa... deixando o amigo de tal modo triste e abatido que a todos inspirava dó. Contou-me um camarada que passava as noutes em claro, passeando de um lado para outro, falando e gemendo... até parecia prestes a perder a razão...

— Depois, continuou o mercenario, notando que o

interlocutor lhe bebia as palavras, ficou muito severo, muito cruel, não nos poupando os castigos.

Ainda ultimamente... quando tomámos Iguarassú mandou fuzilar o meu melhor amigo. E tem uma influencia, ninguem lhe recusa cousa alguma! Exigiu do coronel van Ceulen a morte do misero... matou-o por questões de nonada.

Ha uns oito dias, segundo parece, recebeu alguma carta; certo é que ficou alegre, muito alegre... Hoje, porém...

Estacara perplexo o sicario; Lorena continuava mudo e sombrio, com o coração apertado, lembrando-se do pesadello de outr'ora.

— V. Ex^{cia} me garante a vida? perguntou o prisioneiro, já um tanto confiante.

— Porque?

— Livrei-o do seu inimigo, do seu rival, confidenciou o miseravel, esboçando hediondo sorriso com pretenções á graciosidade. Tinhamos antigas contas que liquidar... ainda hoje... de modo que... gabo-me de optima pontaria... ao encontralo... não erro uma andorinha a voar... Assim me vinguei... tendo occasião de tambem vingar a V. Ex^{cia}.

— Então o assassinaste? articulou Lorena.

— V. Ex^{cia} comprehende, retorqui-lhe o faccinora, apprehensivo quanto possivel... um militar... esbofetado... açoutado... um antigo soldado de Mansfeld... vendo o seu melhor amigo, victima de clamorosa injustiça... fusilado por uma ninharia! Afinal a gente com o ser soldado não perde o brio... tambem... assim como... o sentimento da amizade...

V. Ex^{cia}, com certeza, assim pensa do mesmo modo.

— Então conseguiste assassinato? insistiu Lorena, displicente.

— É mentira, Snr. capitão! Tudo isso é mentira! contestou alguêm.

Era o soldado Diedrich quem falava, aproveitando a occasião para vingar-se e perder quem escapara de o matar.

— Deu-lhe Wilhelm dous tiros por traz de um monte de pedras. Vi-o perfeitamente; feriu-o apenas, porém, que o avistei depois, dirigindo-se ao posto occupado pelo Major Calabar.

Alvarmente sorria o denegador, bronco e boçal tarimeiro, certo de que o portuguez não deixaria de condemnar o sargento, agora que o informara da verdade.

— Elle mente... exclamava Wilhelm no maior desespero, esverdinhado de terror... odeia-me e está inventando... logo ao primeiro tiro derrubei o homem.

— Tu não mataste o capitão! o que eu disse é a pura verdade.

— Tu é que és um covarde assassino, degolaste hoje uma velha e uma creança de peito!

— Ah bandido! não mintas, não inventes! Snr. capitão foi elle quem cortou a perna do velho padre...

— Sim? E a mulher pejada a quem, ha dias, estripaste?

— Excellencia, tudo é mentira! Elle sim! tem feito horrores! Perto de Goyana pregou um portuguez pelos pés numa grande taboa para obrigalo a dar-lhe dinheiro... Não podendo salvar-se quer perder-me!

— Matem estes dous homens! ordenou Lorena.

— A vida! Snr. capitão, a vida! quivavam espavoridos os sentenciados, lançando-se de joelhos.

— Deixae-me a vida! Serei o vosso escravo!

— Fazei de mim o que quizerdes! mettei-me numa prisão escura e horrivel...

— Para sempre... num banco de galés! A vida! A vida!

— A vida, pela amor de Deus!

Apressadamente retirara-se o official, para não ouvir as supplicas e os guinchos dos dous miseraveis, que os indios de Camarão, ajudados por alguns brancos, arrastavam, prelibando as delicias de uma execução requintadamente cruel.

A' lembrança do rival ferido pelo arcabuz do sargento, insensivel e generoso sentimento se lhe infiltrou n'alma ao pensar que o joven hollandez, afoutamente quiçá, procurara a morte para se libertar de uma tortura contínua e cruciante.

Alguem vinha, em desapoderado galope, procuralo:

— Snr. capitão! Soccorro e quanto antes! a meia milha daqui algum dos nossos estão em via de completa perdição. Quem sabe até se já não será tarde?

— Quem os commanda?

— O tenente Simão de Gouveia. Teve a imprudencia de, com um punhado de homens, atacar grande bando de flamengos.

Cinco minutos mais tarde, seguido de vinte ou trinta soldados que a custo reunira, e guiado pelo estafeta, partia Lorena, a toda a pressa, em auxilio do amigo.

CAPITULO XXXIV

EPILOGO

Galgara a pequena tropa a margem direita do Capi-beribe, quando, inesperadamente, após o brado forte de *Vuur!* (1) partiu, de traz de uma mouta, cerrada descarga de fuzilaria, surgindo, então, avultado troço de inimigos.

Esmagados, graças á enorme desproporção numerica e ao imprevisto do impetuoso assalto, dispersaram-se os aggedidos, apesar do heroismo com que resistiram ao embate. Debalde, procurou Lorena levar a melhor os adversarios, praticando actos da mais prodigiosa bravura; tres vezes investiu com os batavos, tentando abrir caminho; repelliram-no estes, inflammados com a certeza da victoria.

Vendo-se perdido, se não fugisse, fez da montaria vivo escudo, e, decepando com um sabraço a mão do inimigo que lhe colhera as redeas do cavallo, conseguiu romper verdadeiro circulo de ferro; já, a largo trote, principava a correr, quando um disparo de mosquete o attingiu em cheio, ferindo-o gravemente na coxa direita e no baixo ventre.

(1) Fogo !

Espavorida com a detonação, puzera-se lhe a montaria a galopar, arrastando-o sēmi desmaiado.

Tomando por estreita vereda parara o animal num pequeno bosque, sob frondosas arvores. Enorme quantidade de sangue perdera Lorena, obrigando-o violenta vertigem a descavalgar.

Desceu, quasi rolou, da sella; e, deitando-se, tranquilamente poz-se á espera da morte, resignado, a orar com todo o fervor.

A lembrança de que nenhum rosto amigo lhe fitaria os derradeiros transes fello sorrir amargamente; ninguém lhe recolheria a confissão suprema! Ia morrer sem sacramentos! pensava, beijando com desespero pequeno crucifixo, sacado de sob o gibão. Fôra D. Francisco mais feliz! Ah o bom Fr. José! porque não acudia ao amigo?

Não tardou que a mente se lhe tresviasse na rapida rememoração da existencia, com os seus dissabores e desillusões, os curtos momentos de felicidade, os dias de batalha, a larga estada na prisão hollandeza; e ainda, á ultima hora, acudiu-lhe a lembrança do sem blante venusto, por cuja causa tanto se lhe annuviára a vida.

Afastada immediatamente a dolorosa visão, fixou-se lhe a memoria nos quadros da infancia: já descendo as encostas do Castello, para galgar o littoral, onde apontavam as ruas, surgia a cidade de São Sebastião, em face do assombroso panorama guanabarino, dourado pelo sol do occaso e sob um firmamento de azul immaculo e triumphal.

E era do adro da velha igreja jesuitica que elle contemplava o assombroso conjuncto: eternamente condemnados á immobibilidade, jaziam os gigantes a quem a natureza, a modo de intransponivel muralha,

encarregara de conter as erosões oceanicas, impedindo que estripassem o continente; um delles, o que entrelaçava o formidavel Pão de Assucar e o immenso penhasco de Santa Cruz, vencido pela furia das vagas, tombara e desapparecera; larga brecha abrira, então, o elemento victorioso no compacto massiço das terras, até que, acudindo outros titans, pudera a montanha cingir e refrear o mar.

Pelo dorso de quasi todos os colossos alastrava a floresta, cerrado manto que do gaio de Santa Thereza ao garrafado Corcovado, do verde negro da Jurujuba ao anilado da Tijuca, ao violaceo da longinqua Serra do Mar e ao ferrete dos recortados Orgãos, apresentava innumerous tons e matizes aureolados pelo astro dos tropicos.

De entre a matta emergiam enormes massas graniticas, pardo-escuras e lisas, blocos inteiriços, cyclopicos obeliscos, immensos pedaços de muralhas com milhares de pés a prumo, desde o conico Pão de Assucar e o megalithico paredão da Urca até a gigantesca plataforma da Gavea e o atarracado pylono, que, no tope do Corcovado, coroava o giboso monte, com o negrume dos seus penedos.

Já agora se lhe arredara da retina a estupenda paizagem fluminense: tomando á direita do Collegio da Companhia fora ter ao amplo largo de São Sebastião, penetrando na antiga e acaçapada casa paterna.

Uma a uma se abeiravam as physionomias dos Paes, dos Irmãos.... terna e tristemente sorria-lhe a velha Mãe, enxugando as lagrymas que lhe arrancara a separação determinada pelo marido, quando este entregara o filho adolescente a El Rei para que o empregasse no seu serviço... visitou-o tambem a meiga e linda Luiza Paes, cuja affeição esquecera...

Do lethargo despertou-o forte estrupido de cavallos ; approximava-se numerosa escolta, a cuja frente vinha um mestiço.

Nelle reconheceu o moribundo a impassivel mascara de Calabar, e, num supremo arranco de forças, procurou soerguer o corpo e sacar da espada.

Ao perceber um homem estendido no caminho adiantara-se o transfuga.

— Trahidor! infame... balbuciou Lorena.

Calabar sorriu e fitando-o declamou, em tom de mofa e desprezo :

— Trahidor! Trahidor!

Interrompeu-o a chegada de novos cavalleiros.

— Olá Calabar! que estás ahi a fazer? interpellou-o jovialmente um delles, num forte sotaque germanico. Pensavamos que tivesses cahido ás mãos de teus patriocios, o que, entre parenthesis, seria o mais justo dos decretos do Destino.

Levantou o mameluco os hombros com desdem, estendendo os labios para o ponto onde o official jazia.

— Que é? quem é? perguntaram-lhe.

— O capitão Lorena, mortalmente ferido.

— Hein? como? Jorge de Lorena? interrogou alguém apressuradamente, com a voz embargada pela commoção.

— Exactamente; Jorge de Lorena.

— Ah! louvado seja Deus! louvado o meu santo patrono! Extraordinaria occurrencia! Ah! Ah! Ah! Até que afinal, meus amigos! Posso dizer com o poeta: *Tandem aliquando advenit vindictæ tempus!* (1)

Mas estará morto? acrescentou o curioso, apprehensivo.

(1) Afinal soou a hora da vingança.

— Não ! apenas malferido.

Apeando do cavallo, proferiu o informado, num tom de feroz alegria :

— Então, amigo, que é isso ? estás em vespervas da grande viagem, hein ? Felizardo ! Vae libertar-se do fardo da vida. Bem diz o philosopho : *Fortunate vector Charontis scaphæ!* (1). Partes cedo ! tanta vontade de morrer, assim ? podias esperar um pouco... vinte cinco ou trinta annos... hein ?

Arregalando os olhos, empanados pela approximação da morte, procurava a victima comprehender os remoques.

— É isso meu caro ! a existencia é uma carga bem pesada. Não o descobriste ; já o proclamavam os antigos, ha muitissimos seculos. Comprehende-se perfeitamente o teu caso, tal carga era demasiada.

— O que porem não comprehendo, continuou o algoz, ao perceber que o paciente se esforçava para lhe entender as palavras, é que te deixasses levar a tal desespero da vida... e porque ? por quem ? por amor a uma rameira das mais reles.... a tal Leonor de Avila, como por aqui, ou antes como na Bahia lhe chamam, pois, para mim, é e será sempre *La Juana, La Juanita*, a desbragada cortezã, a comica hespanhola do meu amigo Cortebuoni, o borracho, a mesma *Juana* ou Leonor, como quizerem, do nosso Alberto Van Diemen, que na Italia se improvisou artista... e não passava de detestavel pataqueira.

Reanimaram-se os olhos do moribundo. Exultou o sicario com o mudo protesto :

— Ainda bem ! percebeu a cousa ! E está furioso !

Duvidas ? Ora pois ! vi a *Juana* dezenas de vezes em

(1) Feliz passageiro da barca de Charonte !

Palermo e a Sra. Leonor outras tantas no Recife, em companhia do seu quinquagesimo amado, o joven e gracioso Alberto. Acaso não achas que uma possa ser a outra?

Oh demonio ! este bandido tem vida de passarinho ! Parece que já não está em si ! Ainda falta, canalha ! Ainda falta !

Agora isto é commigo ! liquidação de velhas contas ! Pois então pensas que se esbofetea impunemente um gentilhomem ? Toma ! ahi vae o troco !

Cahira o cruel aos pontapés no rosto do agonisante.

Revoltaram-se os circumstantes que, surpresos, ouviam as curiosas revelações.

— Miseravel ! apostropharam-no. Bater num cadaver !

— Cadaver não ! Ainda está vivo. Pois este homem esbofetea-me traiçoeiramente, calca-me aos pés, toca-me no rosto com a ponta das botas, faz-me jurar solenne e inexoravel vingança — fosse onde e quando fosse — e, chegado o momento, acaso querem os amigos que abandone tão legitimo e natural desaggravo ! quando até hoje ensejo algum jamais se apresentara ? Nunca consegui chamalo a combate leal em campo raso... sempre fugiu. Não ! hei de dar-lhe ainda alguns pontapés nas ventas...

Ia o rancoroso inimigo proseguir na satisfação da vingança, quando Calabar, fazendo o cavallo mover-se, atirou-lhe simultaneamente o monosyllabo... Não ! e tremendo bracejo, que o estendeu por terra, estatelado, na mais ridicula das posturas.

Levantou-se, livido de colera e vexame, no meio das risadas de allivio e prazer, provocadas pelo acto do maineluco ; densa nuvem de odio turvou-lhe a visão durante segundos ; levou a mão á cinta procurando a

pistola ; era tão impressionadoramente forte, porem, o aspecto do mestiço, verdadeiro hercules centauro, que mais sensato achou, após subitanea reflexão, adiar qualquer tentativa de desforço.

— Ora Major ! sujeito grosseiro ! quando é que este homem se civilizará um pouco ? se até com os intimos faz dessas graças brutaes e totalmente descabidas !

— Bandido ! deixou alguém escapar.

— Cada qual se vinga como pode, justificou-se o insultado ; conforme os meios que a sorte lhe proporciona. Ora este sujeito nunca aceitou os meus desafios para um duello regular.....

Reconheço que não sei perdoar, applicando-se-me o conceito ciceroniano : *injuriarum persequentissimus...* (1), etc.

— Nobres modos de exercer a vindicta !

— Se tivesses algum vestigio de instrucção, meu caro, saberias que os gregos collocavam o amor á vingança entre os mais elevados attributos dos deuses immortaes, e que esses personagens pregavam constantemente, aos miseros humanos, as mais repugnantes e desleaes peças, utilizando-se de todos os recursos da omnipotencia para a obtenção de ferozes represalias de futilissimos agravos. Mas não passas de um imbecil e não quero perder tempo com imbecis...

Notando que a loquela acirrava a expressão de asco e indignação, que em todas as physionomias se acendera, poz-se o miseravel a deblaterar.

— Ora vocês ! trastes escolhidos a dedo, dispostos a commetter todos os delictos imaginaveis e inimaginaveis ! bandidos cobertos de infamias e crimes, pretenderem arvorar-se em moralistas !

(1) Incansavel no desforço das injurias.

Uma corja capaz de traficar com a vida dos paes e a honra das mães ter a audacia de censurar-me ! Querem saber, sicarios empedernidos, o que de mim dizia... a opinião formulada a meu respeito... segundo tantas vezes repetiu... em rodas illustres... o grande Spinola, Ambrosio, marquez de Spinola, o Annibal genovéz, o maior, o primeiro general do seculo, vencedor de Mauricio de Nassau, principe de vocês outros ? Ouçam bem : *Spigliotti è mansueto come un agnellino.....*

Ah ia-me esquecendo de que falo a uns cretinos. Ignaros... preciso traduzir.

— Immundo mentiroso ! retorquiu-lhe Calabar. Cozarde !

— É como lhes dizia ! continuou Spigliotti, vertiginosamente verboso e fingindo não ter ouvido os insultos. *Injuriarum persequentissimus !* Eis o que sou !

Para a obtenção da vingança applico todas as minhas admiraveis qualidades de intelligencia e imaginação, como acabam de ver. O portuguez morreu com o choque da nova que lhe desfechei acerca da sua adorada Juana. Com que requinte de perversidade pude vingarme, hein ? Estou satisfeitissimo !

— Ah então inventaste a historia ? indagou alguém.

— Francamente, nada inventei. Apenas tive a occasião de observar que a Leonor do nosso amigo Van Diemen e deste infame Lorena e a Juana de quem já te contei a historia, são uma e unica pessoa, embora isso pareça inverosimil.

Se formam duas mulheres é tal a semelhança entre ambas — tão espantosa — que uma não pode ser senão a duplicata diabolica da outra, o que é muito possivel, aliás.

Emfim isso pouco importa : o que conta é que caucei ao scelerado do portuguez dolorosissimo abalo.

— Que, em outra occasião, não te atreverias a lhe dar.....

— E' o que pensas! Para me vingarsou capaz de tudo.

Messire Pierre Chaperon, gentilhomen francez de grandes e nobilissimas qualidades e oriundo de alta linhagem, que conheci em Roma, repetiu-me varias vezes caracteristico proverbio de sua terra : quem não é amigo de *vengeance*, vingança, é canalha, villão : *sale vengeance... torpe canalha*. Estão admirados com o meu saber, hein ? Tantas linguas e tão diversas!

Com effeito : *soy uno de los portentos de nuestro siglo, tan fertil en ingenios colossales !*

Falam tanto no admiravel Chrichtonio⁽¹⁾! e eu?! aos sete annos principiei a verter para versos latinos o *Orlando Furioso*; aos dez lia Plutarco, Thucydides *et reliqua*, como se o meu idioma materno fora o heleno.

Isso não é nada porem : tive de aprender o reles portuguez — oh lingua miseravel ! — *hablo español, caramba ! la lengua de mis lindas amantes, las bellas andalusas, las hermosas madrileñas... je parle aussi le français, messieurs... j'ai été à Paris le chéri, le mignon des dames de la Cour...*

Vocês não comprehendem isto, sucia de flamengos e allemães, comilões e beberrões, corja de barbaros descendentes dos selvagens que Tacito...

— Bem ! cala-te já ! intimou-lhe Calabar, asperamente.

— Basta mesmo ! estou deitando perolas a porcos, grande Sertorio, illustre Coriolano da ~~America~~ America...

(1) Escossez que viveu no seculo XVI, assassinado aos 25 annos, após haver agombrado a todos com o seu polyglotismo, a sua pasmosa erudição e o talento para diversas artes. Chamavam-lhe o « admiravel Crichton ».

— Que estás ahí a resmungar ?

— Cousas do teu patricio Camões, o zarolho, de que nunca ouviste falar, meu querido Catilina, quero dizer, Calabar.

Toca a recolher amigos! É tarde como o diabo e basta, tambem, de arriscar o pello, que hoje escapámos de boa ; sorte como a que tivemos não nos volta. Aqui corremos o grave perigo da pestilencia que a carcassa podre, e fedorenta, deste portuguez pode transmittir. E não é que o cão ainda estrebucha! Folego de gato! ou antes, restos da viperina peçonha !

Repellindo, com um gesto de impaciencia, o convite que lhe faziam os companheiros para que os acompanhasse, deixou-se o mameluco só, adernado sobre o sellim, na contemplação curiosa do moribundo, attento a observar-lhe as diversas manifestações de cessação da vida.

Já não dava elle signal de existencia, nem mais se fazia ouvir o tropel dos cavallos, quando Calabar, voltando a si da prolongada scismaria, esporeou o ginete, desaparecendo pela estreita vereda que a melancolia do crepusculo ensombrava.

INDICE

CAPITULO		Paginas
	I. — Os Arruadores .	1
—	II. — Incidente Imprevisto.	15
—	III. — O Duello	29
—	IV. — A Chegada	36
—	V. — Confidencias .	50
—	VI. — O <i>Te Deum</i>	63
—	VII. — Agradavel Encontro .	75
—	VIII. — A Taberna.	84
—	IX. — O Thersito	103
—	X. — Rixa .	120
—	XI. — Os Physicos.	136
—	XII. — O Recado.	145
—	XIII. — A <i>Dueña</i>	152
—	XIV. — A Entrevista .	158
—	XV. — Nova Entrevista	167
—	XVI. — O Quarto de Prima	172
—	XVII. — <i>Væ Portugaliz !</i>	188
—	XVIII. — Os Sebastianistas	197
—	XIX. — O Encoberto.	210
—	XX. — <i>Super Flumina Babylonis</i>	227
—	XXI. — Imminencia de Combate	242
—	XXII. — A Batalha .	255
—	XXIII. — Noite de Peleja	262

	Paginas
CAPITULO XXIV. — D. Francisco da Camara.	275
— XXV. — Incerteza	283
— XXVI. — Catechese	289
— XXVII. — Revelação	297
— XXVIII. — Desenlace	302
— XXIX. — O Arraial.	315
— XXX. — O Sermão	322
— XXXI. — Ao Serviço da Companhia das Indias	328
— XXXII. — O Assalto	341
— XXXIII. — A Perseguição.	350
— XXXIV. — Epilogo	357
Indice.	367

NOTA

Havendo este volume sido composto por typographos que, de todo, não conhecem o portuguez, contribuiu tal circumstancia para que se avolumassem os erros e descuidos da impressão, sobretudo no tocante à acentuação e pontuação. O leitor indulgente os desculpare attendendo ao facto acima apontado.
